

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**CLAYTON DA SILVA GUERREIRO**

**A GIRA DO “RETETÉ”:  
UMA ANÁLISE DAS DISPUTAS SOBRE O  
“PENTECOSTALISMO LEGÍTIMO”**

**GUARULHOS**

**2016**

**CLAYTON DA SILVA GUERREIRO**

**A GIRA DO “RETETÉ”:  
UMA ANÁLISE DAS DISPUTAS SOBRE O  
“PENTECOSTALISMO LEGÍTIMO”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

**Orientadora:** Profa. Dra. Melvina Afra Mendes de Araújo.

**GUARULHOS**

**2016**

Guerreiro, Clayton da Silva.

A gira do “reteté”: Uma análise das disputas sobre o “pentecostalismo legítimo”/ Clayton da Silva Guerreiro. – Guarulhos, 2016.  
211 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2016.

Orientadora: Dra. Melvina Afra Mendes de Araújo.

Título em inglês: The gira of “reteté”: an analysis of disputes about the “legitimate pentecostalism”.

1. Pentecostalismo 2. Reteté. 4. Celebrai. 4. Sociologia da crítica

I. Orientadora: Araújo, Melvina Afra Mendes de. II. A gira do “reteté”: Uma análise das disputas sobre o “pentecostalismo legítimo”

**Clayton da Silva Guerreiro**

**A gira do “reteté”:  
Uma análise das disputas sobre o “pentecostalismo legítimo”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

**Orientadora:** Profa. Dra. Melvina Afra Mendes de Araújo.

Aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Presidente: Profa. Dra. Melvina Afra Mendes de Araújo

Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

---

Titular: Profa. Dra. Paula Montero

Universidade de São Paulo - USP

---

Titular: Prof. Dr. Ronaldo Almeida

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

*Aos meus pais,  
Joel e Alzira.*

*A minhas irmãs,  
Joelma e Thays.*

*A Sheila,  
companheira e melhor amiga.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dando o dom da vida...

Aos meus pais Joel e Alzira, agradeço pelo amor, pelo apoio e pelos ensinamentos, que guardo com carinho em meu coração. As minhas irmãs Joelma e Thays, melhores amigas da vida inteira. Nosso amor é incondicional. As minhas pequenas Julia e Michelly, por alegrarem a minha vida. Aos meus familiares, principalmente tia Miriam, tia Sara e tio Zeca, pelo acolhimento e pelo apoio aos meus estudos, em distintos momentos da minha vida.

Aos amigos: Carlos Eduardo, Vinício e Anastácia, irmãos que a vida me deu. Sou grato a Rilda (também pela ajuda nas traduções), Sidney Jones, Martinha, Mauro, Edivaldo, Idauro, Rovaniildo, Pedro, Maurício, Diuh, Cláudio, Larissa e Vinícius.

Agradeço a minha orientadora Melvina Araújo, por entender que essa pesquisa poderia ter futuro e por tantas outras oportunidades que me deu. Sua leitura crítica e precisa tem me ajudado a crescer. Obrigado por acreditar no meu trabalho.

A professora Paula Montero e aos professores Ronaldo Almeida e César Assis Silva, por participarem do exame de qualificação, com comentários preciosos, e por aceitarem participar da defesa.

Aos queridos colegas do Grupo de Estudos sobre Mediação e Alteridade (GEMA): Aramis Silva, Sabrina Almeida, Lilian Sales, Leonardo Siqueira Antonio, Thiago Fijos, Eva Scheliga, Iracema Dulley, Luiz Henrique Passador. Mais recentemente, Madalina Florescu, Adriana Villalón, Andréa Peres e Nicolas Bragaia. A todos agradeço pela ajuda, pelas indicações, pelos comentários, pelos bons papos, risadas e refeições compartilhadas. Agradeço especialmente a Rodrigo Domenech e Alessandra Guerra, pela parceria, por compartilharem alegrias e angústias de um desafio como esse. Sucesso para vocês! Também aos colegas do Núcleo de Estudos de Religiões, Política e Espaço Público (NUPRE).

Aos funcionários do CEBRAP e do PPGCS, pelo apoio institucional, especialmente a Daniela Gonçalves.

Aos professores e professoras do PPGCS-UNIFESP.

Aos colegas de turma no PPGCS-UNIFESP e aos companheiros da Revista Pensata. Obrigado pelas trocas de experiências.

Aos funcionários do CEMP: Isael de Araújo, Flavianne Vaz e Vera Garcez, por me ajudarem na coleta dos dados nos periódicos assembleianos. Aos frequentadores do *Vigilhão da Celebrai*, por conversarem comigo e me falarem de sua fé.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), por me conceder bolsa para a realização desta pesquisa (processo nº: 2013/23216-9).

Por fim, um agradecimento especial a minha amada Sheila. Pelo incentivo, por me mostrar o melhor lado da vida e me ensinar a ser feliz. Os melhores dias da minha vida têm sido ao teu lado. Sou grato por tudo o que você é e tem feito por mim!

*[...] se consideramos que o sociólogo é o único capaz de dizer aos atores a “verdade” de sua condição, nessa Sociologia, o sujeito desaparece. Ora, um pouco no espírito da Sociologia e da Antropologia da resistência, a capacidade crítica não pertence somente aos sociólogos; ao contrário, ela está bem distribuída entre os atores sociais.*

Luc Boltanski

## RESUMO

Esta dissertação tem o objetivo de analisar as disputas entre fiéis e pastores evangélicos acerca do que seria o “pentecostalismo legítimo”, tomando como ponto de partida as discordâncias entre eles sobre as práticas pentecostais conhecidas como “reteté”. Considerando as vigílias como espaços privilegiados para a ocorrência destes ritos, caracterizados principalmente por manifestações corporais peculiares, o trabalho parte de uma descrição etnográfica do evento *Vigilhão da Celebrai*. Para além da etnografia realizada, serão apresentadas as disputas pela legitimidade entre alguns fiéis, considerando uma *performance* realizada em uma dessas celebrações e publicada na internet, além do debate envolvendo pastores pentecostais sobre as gesticulações que podem ser tidas como verdadeiramente evangélicas. Ressalte-se que, neste caso, as críticas e justificações envolvidas dizem respeito, sobretudo, às supostas semelhanças do “reteté” com espetáculos de diversão ou com cultos das religiões afro-brasileiras. Outrossim, a análise privilegia os discursos dos atores que participam das disputas, buscando perceber as referências ao que seria um princípio superior comum compartilhado por eles, denominado neste trabalho como *princípio da pureza e da diferença*.

Palavras-chave: Pentecostalismo; Reteté; *Celebrai*; Sociologia da crítica.

## ABSTRACT

This thesis aims to analyze the disputes between believers and evangelical pastors about what would be the “legitimate pentecostalism”, and it takes as starting point the disagreement between them about what are pentecostal practices known as “reteté”. We shall considerate the vigils as privileged spaces for the occurrence of these rites, mainly characterized by peculiar physical manifestations the work of an ethnographic description of the event *Vigilhão da Celebrai*. In addition to the ethnography held, disputes the legitimacy of some of the faithful will be presented considering a *performance* held in one of these celebrations and published on the Internet in addition to the debate involving pentecostal pastors about the gestures that can be seen as truly evangelical. It should be noted that in this case, customer reviews and justifications involved relate primarily to alleged similarities “reteté” to fun performances or services of african-brazilian religions. Furthermore, the analysis focuses on the actors’ speeches of the involved in disputes, seeking to realize the references to what would be a common higher principle shared by them called this work as a *principle of purity and difference*.

Keywords: Pentecostalism; Reteté; *Celebrai*; Sociology of critique.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: “Evolução pentecostal” .....	17
Figura 2: “Crente orando às 3:00” .....	19
Figura 3: Cartaz de divulgação do <i>Vigilhão da Celebrai</i> .....	31
Figura 4: Chegada da aparelhagem de som à Quadra da Grande Rio .....	31
Figura 5: Arrumação da quadra da Grande Rio .....	32
Figura 6: Consagração da quadra da Grande Rio .....	32
Figura 7: Decoração da quadra da Grande Rio .....	36
Figura 8: Palco da quadra da Grande Rio .....	37
Figura 9: Banheiro “outros” na quadra da Grande Rio .....	37
Figura 10: Bispo Edinaldo Silva (pastor da AD Família), Joel da Celebrai, Missionária Neide Rodrigues e Pr. Paulo Roberto – Assembleia de Deus da Família .....	40
Figura 11: Proposta comercial para show de Aline Barros .....	50
Figura 12: Abílio Santana e Soraya Carvalho .....	55
Figura 13: Fiéis do “reteté” .....	70
Figura 14: Fiéis “marchando com o varão” .....	70
Figura 15: Fiel dançando no “reteté” .....	79
Figura 16: Marcos trajando roupão e dançando no reteté .....	82
Figura 17: Marcos encostado no palco da quadra da Grande Rio .....	83
Figura 18: Leandra Nascimento e esposo .....	108
Figura 19: Fachada da AD Família .....	111
Figura 20: Nave do templo da AD Família .....	112
Figura 21: Idoso participando do “reteté” .....	122
Figura 22: Comentários sobre a comparação entre “reteté” e Candomblé .....	124
Figura 23: Fiel rodando no “reteté” .....	124
Figura 24: Imagem da Pombagira .....	133
Figura 25: Leandra Nascimento com as mãos na cintura .....	137
Figura 26: “Aqui em Feira de Santana pronta para o culto” .....	138
Figura 27: Acessórios de Leandra Nascimento .....	139
Figura 28: Roupas e acessórios de Leandra Nascimento. ....	140
Figura 29: Apresentação de Leandra Nascimento .....	141
Figura 30: Pombagira Cigana .....	143
Figura 31: Pombagira Cigana Najara .....	143
Figura 32: Fiel vestida com o “roupão” no <i>Vigilhão da Celebrai</i> .....	145

Figura 33: Fiel trajando um “véu” no <i>Vigilhão da Celebrai</i> .....	146
Figura 34: Rapaz trajando “roupão” .....	146
Figura 35: Circular interna da diretoria da IPDA (p. 1) .....	164
Figura 36: Circular interna da diretoria da IPDA (p. 2) .....	165
Figura 37: Ana Paula Valadão engatinhando no palco .....	171
Figura 38: Fiéis imitando animais em Toronto .....	172
Figura 39: Marco Feliciano, Moser e cultos mediúnicos .....	174
Figura 40: Edir Macedo criticando os cultos do “cai cai” .....	179
Figura 41: Malafaia respondendo à Edir Macedo no Programa Vitória em Cristo .....	194

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AD- Assembleia de Deus

ADUD- Assembleia de Deus dos Últimos Dias

ADVEC- Assembleia de Deus Vitória em Cristo

CAVE- Centro Audiovisual Evangélico

CCB- Congregação Cristã do Brasil

CDHM- Comissão de Direitos Humanos e Minorias

CEMP- Centro de Estudos do Movimento Pentecostal

CEPIB- Central Evangélica de Pregadores Itinerantes do Brasil

CGADB- Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil

CIM- Congresso Internacional de Missões

CPAD- Casa Publicadora das Assembleias de Deus

EBD- Escola Bíblica Dominical

GMUH- Gideões Missionários da Última Hora

GSPM- Groupe de Sociologie Politique et Morale

IBL- Igreja Batista da Lagoinha

IIGD- Igreja Internacional da Graça de Deus

IPDA- Igreja Pentecostal Deus é Amor

IURD- Igreja Universal do Reino de Deus

MP- Ministério Público

MPC- Mocidade Para Cristo

MPBR- Música Popular Brasileira Religiosa

PDT- Partido Democrático Trabalhista

PR- Partido da República

PSC- Partido Social Cristão

PSDB- Partido da Social Democracia Brasileira

PROS- Partido Republicano da Ordem Social

RENAS- Rede Evangélica Nacional de Ação Social

SEPAL- Serviço de Evangelização para a América Latina

VPC- Vencedores por Cristo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
Questões preliminares: vigílias pentecostais e o “pentecostalismo legítimo” .....	15
Algumas considerações sobre o trabalho de campo .....	23
Inspirações teóricas e apresentação dos capítulos .....	25
<b>CAPÍTULO 1 - <i>Vigilhão da Celebrai</i>: Disputas, corinhos de fogo e “reteté” .....</b>	<b>30</b>
1.1 A consagração da quadra: quando a vigília toma o espaço do samba .....	30
1.2 O início da vigília.....	38
1.3 “Estão brigando só por causa da cadeira”: disputas por visibilidade no vigilhão .....	43
1.4 As “celebridades” da <i>Celebrai</i> .....	49
1.5 Abílio <i>versus</i> Leandra: um caso exemplar de disputa .....	53
1.6 Dos hinos sacros ao surgimento dos corinhos .....	61
1.7 Os pentecostais colocam “fogo” nos corinhos e dançam no “reteté” .....	69
1.8 Moral e conflitos .....	84
1.9 O discurso da feitiçaria .....	89
<b>CAPÍTULO 2 - Entre críticas e justificações: o caso de Leandra Nascimento .....</b>	<b>106</b>
2.1 Missionária Leandra, a esposa do varão .....	106
2.2 O discurso performático e a performance do discurso.....	111
2.3 Do “circo” à “macumba” pentecostal: sobre categorias acusatórias e justificações.....	116
2.4 Espírito Santo ou Pombagira: gestos, roupas e voz .....	131
<b>CAPÍTULO 3 - “Aqui têm desavenças”: as disputas de líderes pentecostais pela definição do “pentecostalismo legítimo” .....</b>	<b>152</b>
3.1 As disputas históricas dos pentecostais por legitimidade .....	152
3.2 As disputas sobre o “reteté” continuam .....	161
3.3 Bispos iurdianos contra pastores assembleianos.....	166
3.4 “Qual a diferença?”: as críticas do bispo Macedo ao pentecostalismo .....	167
3.5 “Aqui vai a resposta pra ele”: Marco Feliciano entra na disputa.....	180
3.6. “Então quer dizer que você é macumba também?”: o discurso de Malafaia.....	187
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>198</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>201</b>

## INTRODUÇÃO

### **Questões preliminares: vigílias pentecostais e o “pentecostalismo legítimo”**

Esta dissertação tem como questão a disputa pela definição do “pentecostalismo legítimo”, entre alguns evangélicos, tendo como ponto de partida as discussões sobre a legitimidade do “reteté”, prática ritual observada em certas igrejas pentecostais, principalmente a Assembleia de Deus, e pequenas igrejas oriundas desta denominação.

Inicialmente, ressalto que, para estes atores, o “evangelho” é a “única e verdadeira religião” e, portanto, todas as demais seriam falsas, ou seja, corruptelas da verdade. Também é possível afirmar que, entre eles, a disputa pela definição das características do “pentecostalismo legítimo” relaciona-se com a capacidade de definir os limites de práticas religiosas autênticas.

A definição do que seria o “pentecostalismo legítimo” é uma questão ampla, que possui inúmeros contornos, pois a busca pela legitimação de si e a tentativa de deslegitimação do outro envolve práticas, falas, conceitos teológicos e a operacionalização de diversas categorias. Para tornar viável esta pesquisa, delimito meu objeto de observação em torno das disputas sobre as práticas rituais pentecostais chamadas de “reteté” e as desavenças em torno do significado destes rituais, quais sejam, os desacordos de certos atores sobre a legitimidade destas práticas como parte de uma religião “verdadeiramente evangélica”.

Sobre o “reteté”, ressalto que se trata de uma nomenclatura de origem desconhecida, que identifica os ritos e os participantes dos mesmos, e que será tomada neste trabalho como uma categoria “nativa”. O termo “reteté” parece ter sido difundido em fins dos anos 1990 e início dos 2000, tendo sido popularizado a partir das pregações de pastores pentecostais famosos, pregadores profissionais ou, na linguagem pentecostal, pregadores itinerantes. Uma das maneiras mais pertinentes de divulgação do termo são, certamente, os vídeos de pregações realizadas em diversos eventos, sobretudo no congresso Gideões Missionários da Última Hora (GMUH), promovido anualmente na cidade de Camboriú (SC) que, por cerca de uma semana, agrega milhares de fiéis, cantores e pregadores. Um dos pregadores de “Camboriú” que se utiliza do termo “reteté” é Marco Feliciano<sup>1</sup>, pastor da Catedral do Avivamento, em Orlandia, interior de São Paulo, e atual deputado federal pelo PSC-SP.

---

<sup>1</sup> Feliciano será um dos principais personagens das disputas que procuraremos analisar no capítulo 3.

Há diferentes hipóteses para a origem<sup>2</sup> do termo “reteté”. Há os que procuram explicações linguísticas e até mesmo uma suposta etimologia de idiomas africanos. Encontrei, inclusive, críticos do “reteté” que afirmaram tratar-se de um ritual africano levado para Portugal em meados do século XX e que, por isso, seria um rito de feitiçaria. No entanto, estas explicações parecem não fazer muito sentido e não possuem evidências consistentes. Existem ainda os que consideram que o termo seria uma alusão à batida dos pés dos fiéis no decorrer dos cultos, pressuposto que parece fazer algum sentido.

Porém, de acordo com o pastor assembleiano *Ciro Sanches Zibordi* (2007), crítico destes rituais, o vocábulo “reteté” teria surgido mesmo através de brincadeiras entre os próprios pentecostais, numa alusão à *glossolalia* ou “línguas estranhas”, como são designadas as palavras aparentemente ininteligíveis e marcadas por repetições silábicas proferidas por eles durante seus rituais. Seja como for, as duas últimas hipóteses parecem mais plausíveis. Outras designações, ou categorias “nativas”, ainda podem ser utilizadas para denominarem estes rituais, quais sejam, “repleplé”, “reprepré”, “mistério”, “manto”, “marcha com o varão”, “canela de fogo”, “sapatinho de fogo”, “sapato de fogo” e uma série de outras expressões que designam os rituais e os próprios atores que participam deles.

Em uma página da rede social *Facebook*, chamada “Eu sou do Reteté, dos Mantos e dos Mistérios”, encontrei a seguinte descrição:

Reteté, Mantos e Mistérios são ações simbólicas de Deus no mundo físico que representam ações de poder no mundo espiritual. Deus sempre se utilizou de figuras nas suas mensagens, parábolas, simbologias, figuras, etc. É isso também que está por trás do Reteté. Agora, eu preciso tá bem com Deus prá ser usado e ele funcionar. Porque, senão, eu só me exercitei!<sup>3</sup>

Alguns fiéis pentecostais que participam desta página, defendem que certas manifestações do “reteté” não deveriam ser publicadas, pois são mistérios, ou seja, são manifestações que só poderiam ser entendidas por Deus e pelas pessoas que as experimentam. Além disso, entendem que as gesticulações que eles realizam indicam que há uma evolução no pentecostalismo, pois, para eles, simbolizariam manifestações mais contundentes do fogo pentecostal, já que, segundo essas concepções, quanto maior o fogo pentecostal, mais evidentes seriam suas manifestações.

---

<sup>2</sup> Não tenho, obviamente, a intenção de explicar estes rituais tentando descobrir suas origens. Nesse sentido, estou de acordo com Marc Bloch em sua crítica ao “ídolo das origens”, quando o autor afirma que não se pode entender “origens” como “um começo que se explica” ou que seja suficiente para se explicar algo (2001: 56, 57).

<sup>3</sup> Página do *Facebook*: “Eu sou do Reteté, dos Mantos e dos Mistérios”.



Figura 1: Quadro da “evolução pentecostal”

Fonte: Página do *Facebook* “Eu sou do Reteté, dos Mantos e dos Mistérios”

Durante as reuniões do “reteté”, ocorrem as costumeiras orações, apresentações musicais, leituras bíblicas e pregações pentecostais. Misturam-se, assim, os sons de instrumentos musicais, amplificados pela potente aparelhagem de som, com os gritos dos cantores e pregadores e os brados dos crentes, que demonstrariam a presença divina entre eles.

Além destas manifestações, existem certos movimentos corporais que indicariam tratar-se de um culto do “reteté”. Nas vigílias, é possível observar fiéis pulando, correndo, levantando as mãos, mas também marchando, caindo no chão, tremendo, gesticulando com os braços, através de movimentos circulares, e rodopiando no espaço de culto. Em alguns casos, há os que imitam animais e que explicam esta prática a partir da noção “nativa” da unção, que seria uma capacitação especial outorgada pelo Espírito Santo para que se realize alguma coisa. Desta maneira, é possível notar a “unção da águia”, quando o fiel corre com os braços abertos, e a “unção do leão”, quando os crentes se ajoelham e engatinham. Além disso, há aqueles que, ao falarem em línguas, imitam sons diversos e giram os braços de forma frenética, o que é denominado, em tom de brincadeira (talvez pejorativa), entre os evangélicos, como “unção do karatê”, “unção do aviãozinho” ou “unção do helicóptero”. Existem, ainda, aqueles que “caem pelo poder de Deus” e outros que sorriem efusivamente, dizendo terem recebido a “unção do riso”. As práticas do riso não são observadas com tanta frequência nos cultos do “reteté” e há os que afirmam que, junto com as quedas, elas teriam sido importadas da América do Norte para o Brasil, em meados da década de 1990. Apesar disso, é possível encontrar referências a risos e quedas durante os cultos nos primórdios<sup>4</sup> do pentecostalismo no Brasil.

<sup>4</sup> Conforme relatos no diário de um dos fundadores das Assembleias de Deus no Brasil, o missionário sueco Gunnar Vingren (Vingren, 2000: 63, 67, 79, 130 e 131).

De acordo com o que me informou Moisés, um estudante de 16 anos de idade que conheci em uma vigília, as gesticulações teriam como propósito o louvor a Deus e o combate aos “espíritos malignos”, geralmente associados às entidades afro-brasileiras. Desse modo, seria o Espírito Santo ou os anjos<sup>5</sup>, por vezes cognominados como “varão” ou “varão de fogo”, que estariam se apossando dos corpos destes fiéis e não as entidades afro-brasileiras, como afirmam os opositores do “reteté”.

Além destas gesticulações, uma característica bastante comum nos cultos do “reteté” é a presença de uma musicalidade marcante. Refiro-me neste caso, à execução dos chamados “corinhos de fogo”, pois no momento em que eles estão sendo cantados é que se observam as manifestações corporais mais intensas nos eventos. Este tipo de prática pode ser notada em diversas igrejas pentecostais, sobretudo em templos localizados nas periferias das grandes cidades brasileiras, onde se concentra a maioria das igrejas pentecostais<sup>6</sup>.

Nestas igrejas, ocorrem reuniões variadas como cultos de libertação, campanhas especiais, congressos, consagrações e vigílias. As celebrações litúrgicas que ocorrem em igrejas pentecostais e recebem esta designação se iniciam no fim da noite e “se estendem pela madrugada adentro”, em igrejas, montes e matas (Ricci, 2007: 58). O hábito de fazer vigílias é uma prática de longa duração no interior do pentecostalismo. Já no princípio do movimento pentecostal no Brasil, desde a década de 1910, ocorriam cultos nas madrugadas<sup>7</sup>, nos quais se privilegiavam as orações e a busca pelas manifestações do Espírito Santo, certamente o ente que recebe mais atenção dos pentecostais. A concepção de que a vigília seria um momento especial para a manifestação do poder divino ficou, então, cristalizada no imaginário dos crentes pentecostais, que também cultivavam o hábito de fazer orações individuais em suas casas no período da madrugada. Segundo a letra de uma canção pentecostal, gravada na década de 1990 pela cantora Andréa Fontes, seria melhor orar neste período, porque “de madrugada a fila é menor”. De acordo com a música, este seria o horário que muitos crentes estariam dormindo e

---

<sup>5</sup> Nos cultos pentecostais podem ocorrer as manifestações de vários entes espirituais. Aparecem anjos, às vezes nomeados por Miguel e Gabriel, e demônios, ocasionalmente chamados pelos nomes das entidades afro-brasileiras. A trindade cristã geralmente se faz representar pelo Espírito Santo que assume o lugar central nos ritos, posto que cabe a ele a função de preencher o “vaso”, se apossando totalmente dele e, por vezes, tomando-lhe os sentidos.

<sup>6</sup> Cabe lembrar que o fenômeno de alastramento do pentecostalismo por estas regiões é explicado por Clara Mafra (2009). Segundo a autora, estas igrejas são compostas por pessoas que, vindo do êxodo rural, concentram-se nas regiões afastadas dos centros das grandes cidades. Em meio a esta mudança de conjuntura, o catolicismo perde terreno e o pentecostalismo ganha, então, novos adeptos, no vácuo deixado pela Igreja Católica, que perde força simbólica, diante das reivindicações dos pentecostais de intermediarem a relação entre as pessoas e o transcendente.

<sup>7</sup> Vingren conta em seu diário que, após um tempo afastado da igreja, teria retornado em uma vigília de Ano Novo, em 1896 (Vingren, 2000: 19). Já no Brasil, no início da década de 1910, ele relata que as vigílias assembleianas eram semanais (Vingren, 2000: 59). Também há referências às vigílias no jornal assembleiano Mensageiro da Paz, na edição de 01/03/1931.

poucos estariam com a “face no pó”. Portanto, orar de madrugada seria a forma mais rápida de conseguir alcançar “bênçãos”.



Figura 2: “Crente orando às 3:00”

Fonte: página do *Facebook* “Eu sou do Reteté, dos Mantos e dos Mistérios

No decorrer da pesquisa, passei a frequentar uma vigília pentecostal, na condição de observador participante. Trata-se do evento conhecido como *Vigilhão da Celebrai*, um conclave promovido pela gravadora evangélica *Celebrai*, na cidade fluminense de Duque de Caxias e, eventualmente, em outras cidades do Rio de Janeiro, como São José do Vale do Rio Preto.

A celebração conta com o apoio e participação de diversas igrejas pentecostais, sobretudo igrejas Assembleias de Deus e diversas igrejas [neo]pentecostais independentes, dentre as quais, Assembleia de Deus Família, Assembleia de Deus Mananciais de Vida, Assembleia de Deus Pentecostal Garagem de Fogo, Assembleia de Deus Ministério Vivendo a Arca, Assembleia de Deus Missionária. Estas igrejas estão situadas em diversas localidades do Rio de Janeiro, mas também em outros estados, como São Paulo, Minas Gerais e até mesmo no Distrito Federal. Seus pastores e fiéis costumam realizar diversas caravanas que se deslocam até a cidade caxiense para participarem dos vigilhões. O evento recebe esta designação por reunir um grande número<sup>8</sup> de pessoas em templos evangélicos e locais públicos, como praças, parques de exposição e quadras de escolas de samba, com a apresentação de diversos cantores e pregadores pentecostais, sobre os quais farei menção mais adiante.

Considerando a importância das pessoas que conduzem estes rituais, mas também dos fiéis que deles participam, procurei acompanhá-los pelas redes sociais, dando especial atenção

---

<sup>8</sup> O número de participantes no *Vigilhão da Celebrai* varia de acordo com as edições. No que tange às vigílias, estimo um número mínimo de 400 pessoas e, considerando a capacidade máxima da quadra do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos da Grande Rio, local onde acontecem os eventos mais importantes, é possível estimar a presença de 7.000 fiéis em uma madrugada.

às postagens de notícias, textos e vídeos com as *performances* dos participantes destas vigílias, em blogs e sites.

Vale ressaltar que quando trato de *performance* me refiro ao que foi proposto por Esther Jean Langdon (2006: 163). Segundo ela, a noção de *performance* “surge nas interfaces de estudos do ritual, do teatro e da interação social” e possui uma longa trajetória nos estudos antropológicos, desde os anos 1970. A autora aponta cinco qualidades inter-relacionadas nas abordagens sobre *performance*, que seriam: experiência em relevo; participação expectante; experiência multissensorial; engajamento corporal, sensorial e emocional; significado emergente. Interesse-me, sobretudo, pela segunda, terceira e quarta qualidades apontadas pela autora. Ao tratar da “participação expectante”, a autora enfatiza a “participação plena de todos os presentes no evento para criar a experiência” e as interações entre os participantes, que formariam uma força retórica capaz de transformar suas experiências. Sobre a “experiência multissensorial”, enfatiza-se a recepção simultânea de ritmos, luzes, cheiros, música, sons e movimento corporal, que formariam uma “experiência emotiva, expressiva e sensorial”.

Tais *performances* podem ser observadas sobejamente nas vigílias pentecostais que ocorrem nas periferias do Rio de Janeiro, mas o *Vigilhão da Celebrai* é um dos locais mais importantes para o encontro dos fiéis do “reteté”. Nesse sentido, ressalto que, dentre as inúmeras igrejas que praticam o “reteté”, optei por enfatizar o *Vigilhão da Celebrai* por entender que se trata de um evento no qual as manifestações do “reteté” são privilegiadas e incentivadas e, por isso, há um grande número de pessoas que se expressa desta forma.<sup>9</sup> Esta afirmação pode ser confirmada pela empolgação de algumas pessoas com as quais conversei durante a pesquisa. Aqui, cito os nomes de Márcia<sup>10</sup>, Pedro, Moisés, Marcos, Ana e Carlos, frequentadores do *Vigilhão da Celebrai*. Márcia é membro da Igreja Assembleia de Deus Ministério Deus do Impossível, localizada em Duque de Caxias. A fiel, que tem 29 anos de idade e trabalha como operadora de telemarketing, também se apresenta como missionária e afirma que “prega a palavra de Deus”. Em nossa conversa, a perguntei sobre as críticas às vigílias e aos cultos do “reteté” e ela me respondeu que tais críticas são mais direcionadas às vigílias pois “é onde, na maioria das vezes, vemos estes fatos”. Ao justificar sua opção por

---

<sup>9</sup> Cabe ressaltar que, além da *Celebrai*, existem inúmeras vigílias em pequenas igrejas do Rio de Janeiro nas quais se privilegia o “reteté” e há eventos, como cultos, vigílias e consagrações, bastante conhecidos e frequentados pelos crentes do “reteté”. Cito como exemplo a “Vigília da Vitória Total”, da Assembleia de Deus em Madureira, dirigida pelo Pastor Samuelzinho; Igreja Obra da Restauração no Portão de Ferro; “Poço dos Profetas”, dirigida pelo pastor Danielzinho; Vigília na Assembleia de Deus Garagem do Fogo, do pastor Wellington Jr. Filho do Fogo, além de outras vigílias dirigidas por Jorginho de Xerém; Em São Gonçalo, “Mega Vigília Team Spiritual Fighter”, liderada pelo Apóstolo Franc Lima.

<sup>10</sup> Todos os nomes dos meus entrevistados são fictícios.

frequentar os viglhões, a missionária exaltou as manifestações ocorridas nas vigílias. Em sua fala, ela expressou seu apreço pelo evento e me disse que poderia atestar a “presença real de Deus nos trabalhos dos viglhões”.

A entrevista que a repórter da *Celebrai*, Missionária Soraya Carvalho<sup>11</sup>, realizou com a cantora e pastora pentecostal Flordelis, cantora contratada da gravadora gospel *Mk Music*, mas que é presença constante nos viglhões, também confirma esta percepção:

**Soraya:** Flor, vamos falar de vigília, porque eu sei que você gosta de vigília. Porque vigília tem o povo do reteté.

**Flordelis:** Vigília é coisa do manto. Vigília você pode extravasar, pode dar lugar, pode marchar, pular, dar glória com vontade. Eu sou canela de fogo.

**Soraya:** Tem diferencial de vigília pra vigília? De estado pra estado? O que você tem observado?

**Flordelis:** Olha, a essência da vigília não pode faltar... o reteté. As críticas e as zombarias... Este movimento que estão tentando abafar os vasos e os profetas estão atingindo sim. Os vasos estão meio retraídos em alguns lugares que nós vamos. Não dão mais lugar, não marcham mais na terra, não falam em línguas, não rodopiam no poder. Então estar aqui na *Celebrai*... Eu vi o movimento. O povo pula, o povo marcha, o povo entra no poder. É no reteté. O povo não pode dar lugar às críticas, o povo tem que dar lugar. E aqui, com certeza, isso acontece e muito.

Considerarei, portanto, que o *Viglhão da Celebrai* é um espaço em que se privilegia e se espera as manifestações rituais do “reteté”. Nesse sentido, parece que, como afirma Flordelis, se não existirem tais manifestações, a vigília foi fraca, pois faltou a “essência” do evento: o “reteté”. O “reteté”, portanto, pode ser entendido como um ritual que ocorre no interior de diversas igrejas e denominações e que é visto pelos pentecostais que apreciam este tipo de culto como um momento especial, no qual se experimentaria de forma mais intensa as manifestações dos poderes divinos.

Trato do Viglhão como um ritual por entender que é possível identificar neste evento uma série de atos repetitivos e certa ordem, que incluem expressões verbais, gesticulações, postura corporal, que denotam um caráter religioso, pois supõem o envolvimento e a ação de poderes sobrenaturais, sobretudo, por meio da presença de seres angelicais, do Espírito Santo e do próprio Jesus Cristo, os quais se comunicam, atuam e possuem os crentes do “reteté” que, individual ou coletivamente, oferecem seus corpos como locais de culto. Esta previsibilidade,

---

<sup>11</sup> Além do ritual, durante a vigília, a missionária Soraya Carvalho faz pequenas entrevistas com os cantores, que também foram publicadas no DVD oficial da *Celebrai* e nas redes sociais.

por meio da repetição de ações e de certa ordenação dos fatos que ocorrem nas vigílias, além das manifestações coletivas observadas na *Celebrai* são, a meu ver, elementos suficientes para que se considere tratar-se de um ritual, sem que se exclua a capacidade de improviso dos fiéis e dos condutores destes ritos. O tema do improviso em cultos pentecostais, aliás, é abordado por autores como Gedeon Freire de Alencar (2012), Valdevino de Albuquerque Jr. (2014) e Maxwell Fajardo (2015). Albuquerque Jr. (2014), em diálogo com Paul Alexander, procura demonstrar que liberdade gestual e alvedrio verbal são elementos importantes nestes rituais. Desse modo, gestos, falas e músicas são constantemente improvisadas e, como diz o autor, improviso não é sinônimo de desorganização (2014: 77). Alencar, por sua vez, considera que, em algumas ADs, os líderes suprimem esta capacidade improvisadora, pois o improviso poderia ser perigoso, indicando, inclusive, contestação política. Entretanto, os improvisos no culto do “reteté” em nada indicam tratar-se de uma contestação política.

Se não é desorganização e não se trata de contestação política, o que é? Para o fiel pentecostal, trata-se da ação do Espírito Santo, que direciona cultos, vigílias e “faz como quer e do jeito que quer”. Segundo os tais, ele é o poder que estaria por trás dos pulos, giros, tremedeiras, quedas, risos e gritos de aleluias, glória de Deus e línguas estranhas.

Por outro lado, seus críticos apontam que o Espírito Santo não seria responsável por nenhuma dessas atitudes, que poderiam ser explicadas pela “carnalidade” e “meninice” dos crentes ou pela ação do Diabo. Dessa forma, os que criticam o “reteté” se servem de diversos dispositivos argumentativos, no intuito de excluírem o “reteté” do quadro de manifestações autenticamente evangélicas, pois, segundo eles, tais manifestações seriam semelhantes a outros eventos, tidos por impertinentes, como shows, espetáculos teatrais circenses e carnavalescos, ou mesmo similares aos rituais das religiões afro-brasileiras, o que é negado pelos pentecostais que procuram se diferenciar tanto destes espetáculos quanto das religiões aos quais eles são acusados de imitar, conforme a discussão que será mostrada no segundo e terceiro capítulos.

Observo ainda que tomar o vigilhão como um ritual não implica desconsiderar outros aspectos que estão envolvidos neste tipo de evento. Trata-se de compreender que, na *Celebrai*, o aspecto religioso não exclui o lúdico, o comercial, o político e o “cultural”, dentre outros. Assim sendo, considerar o *Vigilhão da Celebrai* como um rito não exclui o tratamento do evento como um negócio, uma festa, uma celebração ou mesmo uma “balada”<sup>12</sup>, haja vista o clima de “show”, o jogo de luzes, a música e as danças que se observam na *Celebrai*.

---

<sup>12</sup> Agradeço ao Prof. Ronaldo Almeida por estas e outras tantas observações.

## **Algumas considerações sobre o trabalho de campo**

Minhas idas aos vigilhões, como pesquisador, foram motivadas por uma expectativa inicial: observar as alusões aos símbolos das religiões afro-brasileiras naqueles eventos e perceber como estes eram manipulados naquele contexto. As observações destes rituais estavam inseridas no quadro do desenvolvimento de um projeto de pesquisa que, inicialmente, teria como questão a produção de alteridades e como objetivo a análise dos esforços empreendidos por fiéis pentecostais ligados ao “reteté” para se diferenciarem de pessoas ligadas às religiões afro-brasileiras. Tomei como hipótese que certos grupos pentecostais, reunidos em rituais da Baixada Fluminense, esforçavam-se para rechaçar uma suposta semelhança com cultos afro-brasileiros, por meio do apontamento de sinais diacríticos, com vistas à construção de uma determinada identidade pentecostal.

Assim sendo, de antemão, considerei que a suposta semelhança dos movimentos corporais executados naquelas celebrações e as alusões às religiões afro-brasileiras poderia ser explicada pelas “adesões” de integrantes dos cultos mediúnicos ao pentecostalismo. Minha expectativa era notar (e anotar) o máximo de referências possíveis e traçar um paralelo entre o que ocorria nos rituais de religiões como Umbanda e Candomblé e os cultos do “reteté”, supondo que a maioria dos crentes pentecostais do “reteté” seriam oriundos destas religiões e que haveria um ilimitado número de referências sobre as religiões de matriz africana nos cultos pentecostais que eu comecei a frequentar com interesses de pesquisa. Estas referências, de fato, existiam (e continuam a existir), tanto nas falas dos pastores e cantores quanto nas músicas executadas. Entretanto, com o desenvolvimento do trabalho de campo, passei a perceber que elas eram menos frequentes do que eu havia pensando anteriormente.

Na medida em que o trabalho de campo ia se desenvolvendo, comecei a olhar para outros aspectos que considerei que deveria seguir, como as disputas internas entre os fiéis e pastores do “reteté”, julgando que tais questões também poderiam ser relevantes para a pesquisa que eu estava desenvolvendo. Dessa maneira, passei a compreender que aqueles eventos deveriam ser entendidos como mais do que meras “cópias de religiões afro-brasileiras”, argumento bastante utilizado pelos críticos do “reteté”. Ademais, após as críticas e leituras iniciais aos manuscritos desta dissertação, a questão principal que orienta este trabalho começou a emergir, qual seja, a

disputa, entre evangélicos, pela definição do que seria o “pentecostalismo legítimo”, a partir das observações e críticas aos rituais do “reteté”<sup>13</sup>.

Minha primeira experiência em um evento promovido pela *Celebrai* ocorreu depois de eu já ter assistido alguns vídeos da vigília pela internet e, de alguma forma, já ter algum contato com os rituais do “reteté” em virtude de ser de família pentecostal, de conhecer, de alguma maneira, certas práticas rituais dos pentecostais e ter alguma ciência de algumas das tensões envolvendo diversas matizes do protestantismo no tocante às manifestações do “reteté”.

Portanto, apesar de eu já ter um relativo conhecimento acerca das disputas de que tratam este trabalho, não se pode afirmar, categoricamente, que ser oriundo do meio pentecostal me desse algum tipo de vantagem nesta pesquisa. Isso porque já havia alguns anos que eu não frequentava cultos pentecostais e não via, pessoalmente, esse tipo de ritual. Outrossim, nos tempos que frequentei as ADs com meus pais, tais manifestações não me pareciam tão efusivas como se mostram nos dias atuais. Obviamente que eu teria explicações a fazer sobre tais manifestações, mesmo naquela época, mas elas certamente seriam distintas das que eu pretendo fornecer ao leitor atualmente, principalmente por causa da forma como estou olhando para este tipo de manifestação.

Assim sendo, pode-se dizer que minha condição no campo era marcada pela ambiguidade, pois, ao mesmo tempo que eu julgava conhecer, relativamente, as práticas rituais pentecostais, agora eu estava em uma posição bastante diferente do tempo em que, desde minha infância até a adolescência, participei de igrejas pentecostais. Ao voltar a frequentar cultos pentecostais, eu deveria estar presente na condição de um cientista social em formação e minha maneira de olhar, ver e sentir deveria estar orientada por uma questão teórica.

Nesse sentido, vale mencionar o trabalho de Pierre Bourdieu em sua aldeia natal, na província de Béarn, sudoeste da França (Bourdieu, 2003 e 2005; Wacquant, 2006). Ao realizar pesquisas entre os camponeses, na pequena aldeia da qual era oriundo, o sociólogo francês se viu diante de um desafio metodológico que inclui, respectivamente, o envolvimento emocional com o objeto de estudo, a subjetividade, presente em qualquer pesquisa e, ao mesmo tempo, a tarefa de estranhar o que lhe era bastante familiar. Em outras palavras, o autor teve “objetivar a relação subjetiva” com seu objeto de pesquisa (Bourdieu, 2003; Wacquant, 2006). De acordo com Bourdieu, ao comentar sua experiência neste campo de pesquisa, “o retorno às origens faz-se acompanhar de um retorno, embora controlado, do que fora recalcado” (2005: 90). Ao

---

<sup>13</sup> Tal questão começou a se delinear a partir das observações da Profa. Paula Montero, por ocasião do exame de qualificação, a quem agradeço.

retornar às origens, portanto, Bourdieu teve de desnaturalizar seu olhar sobre um lugar que, de certa forma, e, em outras condições, já era conhecido dele, sendo necessário um processo de desconstrução do que lhe era familiar.

Assim como Bourdieu, Marylin Strathern, ao tratar do trabalho do antropólogo em contextos relativamente conhecidos, problematiza a questão da reflexividade no trabalho antropológico. Ao fazer isso, a autora põe em discussão o sentido da expressão “estar em casa”, advertindo que esta máxima pode estar acompanhada de dois pressupostos, comumente levantados: em primeiro lugar, pode-se afirmar que trabalhar em ambientes conhecidos poderia dar ao antropólogo um melhor entendimento do que se estivesse em outro contexto; depois, pode-se supor que as sistematizações do trabalho antropológico não revelam nada além do que já se sabia anteriormente, tornando-se um conjunto de “mistificações desnecessárias” (Strathern, 2014: 135).

Do mesmo modo que os autores acima citados, mesmo que eu tivesse em um ambiente relativamente conhecido, não poderia dizer que eu estivesse totalmente “em casa” e, mesmo que me sentisse assim, seria preciso fazer um esforço de “desnaturalização” de um objeto que me parecia óbvio e familiar.

### **Inspirações teóricas e apresentação dos capítulos**

Para operacionalizar esta pesquisa, atentando principalmente para as disputas em torno do “pentecostalismo legítimo”, para as críticas que os participantes dos rituais do “reteté” recebem e para as respostas que apresentam frente a essas críticas, me servirei de algumas proposições fornecidas pela chamada “sociologia da crítica”. Ainda que outros autores não sejam desprezados no decorrer deste trabalho, me deterei, sobretudo, nos conceitos de Luc Boltanski e Laurent Thévenot (1991). Tais formulações teóricas são concomitantes à produção de pesquisas realizadas no âmbito do *Groupe de Sociologie Politique et Morale* (GSPM), sediado na *École des Hautes Études em Sciences Sociales* e fundado, em 1985, por Boltanski, Thévenot e Michael Pollak (Cefai, 2009; Boltanski, 2014).

Cabe ressaltar que as elaborações da “sociologia da crítica” vão de encontro a alguns supostos da “sociologia crítica”, conforme encontrada em Pierre Bourdieu, de quem Boltanski foi assistente. Segundo Luiz Fernando Duarte (1996: 2), as críticas feitas pelos integrantes do GSPM supõem que as teorias semelhantes às de Bourdieu desqualificariam os sujeitos sociais, pois fariam destes atores meros “fantoques de suas determinações sociológicas”. Para Boltanski

e Thévenot, a “sociologia crítica” apresentaria alguns problemas, sobretudo no que concerne à sua falta de habilidade para compreender as operações críticas realizadas pelos atores. De acordo com Frédéric Vandenbergue (2006: 320), Boltanski e Thévenot “criticam a teoria crítica pela arrogância epistemológica e normativa” e, ao romperem com este modelo explicativo, buscam “reconstruir a gramática dos atos de justificação da qual os atores dão prova quando denunciam uma injustiça”. Eles sugerem, então, que o sociólogo abandone, pelo menos temporariamente, sua postura crítica em prol da compreensão de certos princípios normativos que dariam base para as atividades críticas empreendidas por pessoas comuns nas mais diversas situações nas quais elas se envolvem cotidianamente (Boltanski e Thévenot, 1999).

Robin Celikates, ao analisar as proposições teóricas do GSPM, considera que este grupo procurou romper com determinadas abordagens sociológicas objetivistas que compreenderiam os atores sociais como “idiotas desprovidos de juízo”. Esta expressão, ainda que possa parecer um tanto pesada, tem por intuito criticar os modelos de análise sociológica que, porventura, desconsiderem a capacidade crítica e reflexiva dos agentes (Celikates, 2012: 30).

Em contrapartida, Boltanski e seu grupo propõem perceber os atores como capazes de se distanciarem de uma situação e refletirem criticamente sobre ela. Segundo eles, esta capacidade deve ser tomada como um suposto para a compreensão da forma como os membros de uma sociedade complexa realizam críticas e questionamentos, discutem entre si ou conseguem entrar em acordo (Boltanski e Thévenot, 1991).

Desse modo, é possível afirmar que, de acordo com os expoentes da sociologia da crítica, ao se envolverem em desacordos em torno de determinados assuntos e ao serem questionados sobre suas práticas, escolhas e preferências, os atores sociais, dotados de capacidade crítica e reflexiva (Boltanski e Thévenot, 1991; Boltanski, 2014), procuram responder aos seus críticos, justificando suas ações (Boltanski, 1990). Este tipo de proposição teórico-metodológica implica em compreender os atores como capazes de fazerem interpretações sobre os seus próprios mundos. Por isso, seria importante levar a sério o que eles dizem. Nesse sentido, as considerações destes atores seriam tão relevantes quanto as formulações teóricas elaboradas por cientistas sociais. Para Celikates, a proposta simples, porém desafiadora, de seguir os atores ordinários, estaria mantida e seria mais pertinente do que em outras teorias. Em diálogo com Bruno Latour, Boltanski e Thévenot, Celikates considera que estes autores pretendem que os atores não sejam compreendidos como “meros informantes produzindo dados adicionais, mas sim como sociólogos leigos produzindo interpretações e

explicações do que estão fazendo” e “que [estas explicações] não são nem um pouco menos sofisticadas do que aquelas de seus colegas profissionais” (Celikates, 2012: 37).

Diante desses pressupostos, Boltanski e Thévenot elaboraram um quadro analítico no qual procuraram observar os atores, dando enfoque às críticas que eles fazem ou às justificações que dão às suas práticas, sempre tomando como suposto sua capacidade crítica e reflexiva. Além disso, os autores entendem que, quando os atores disputam sobre a *grandeza*<sup>14</sup> de uma determinada pessoa ou objeto, a partir de um *momento crítico*<sup>15</sup>, se constituiriam em situações sob requisito de justificação, nas quais são solicitadas *provas*<sup>16</sup> acerca desta *grandeza* e sobre a legitimidade de suas críticas e justificações, submetidos a princípios que seriam reconhecidos como relativos ao bem comum, que eles chamam de *princípio superior comum*<sup>17</sup> (ou princípio de equivalência), que auxilie a esclarecer o que os que estão em disputa têm em comum (Boltanski e Thévenot, 1999: 5).

Destarte, das proposições teóricas de Boltanski, Thévenot e dos demais propositores da “sociologia da crítica” me servirei, principalmente, dos conceitos de *momento crítico*, *grandeza*, *prova* e *princípio superior comum*, os quais estão relacionados, de modo geral, à forma como as pessoas criticam e/ou justificam, publicamente, determinadas práticas no mundo social.

Tomando os dados que coletei no *Vigilhão da Celebrai*, por meio de observação participante e aqueles coletados no mundo virtual buscarei realizar uma análise que privilegie as disputas entre os pentecostais, os quais, tomando o “reteté” e as religiões afro-brasileiras como pontos de referência, concorrem entre si pela possibilidade de definirem os limites do que entendem por “pentecostalismo legítimo”, submetidos ao que chamarei de *princípio da pureza e da diferença*, ou seja, o imperativo pentecostal de “não se contaminar com as coisas do mundo”, já que “crente tem que ser diferente”. Ao fazer isso, proponho a ideia de que tal princípio traduz a noção pentecostal de que o “pentecostalismo verdadeiro”, assim como seus fiéis, deveria ser imaculado, no que tange às questões morais e rituais, a fim de se diferenciar e se destacar das demais religiões. Isto porque tenho observado que tanto os que criticam quanto os que justificam os discursos e práticas do “reteté” o fazem tendo como ponto de referência

---

<sup>14</sup> Para Boltanski e Thévenot (1999: 8), em momentos de disputa sobre o que seria “justo”, os atores acabam por discordar a respeito da *grandeza* ou importância dos seres que se encontram presentes na situação.

<sup>15</sup> Segundo Boltanski e Thévenot (1999: 13), o “momento crítico é precisamente o momento em que uma discordância acerca do estado de grandeza das pessoas se manifesta”.

<sup>16</sup> As *provas* ou *testes de realidade* são utilizados nos momentos de incerteza e permitem finalizar disputas, a partir de referentes estáveis, como coisas, objetos e dispositivos (Boltanski, 1999: 14).

<sup>17</sup> Refere-se a um determinado princípio que, estabelecido por meio de acordos ou convenções, coordena as ações dos atores (Boltanski e Thévenot, 1991).

estas noções. Assim, o “pentecostalismo legítimo” seria aquele que consegue se diferenciar das demais religiões, demonstrando que, ao contrário das outras, seria “puro”, “autêntico” ou “verdadeiro”, dentre outras categorias que são operadas na gramática que está posta nestas disputas.

Assim, em um nível mais restrito, lançarei meu olhar para o *Vigilhão da Celebrai* e, em um nível mais amplo, observarei as disputas entre os fiéis e pastores evangélicos sobre a legitimidade do “reteté”. Portanto, esta análise será concernente ao escopo de definição do que seria o “pentecostalismo legítimo” e da legitimidade dos argumentos e dos atores que participam destes rituais pentecostais.

No primeiro capítulo desta dissertação, procurarei descrever e analisar os vigilhões promovidos pela *Celebrai*. Para tanto me servirei dos dados colhidos durante o trabalho de campo, como entrevistas e material fotográfico, e destacarei, aqui, os principais dispositivos mobilizados nestes rituais, quais sejam, as músicas, as pregações, as danças e diversas expressões gestuais que podem observadas durante os cultos do “reteté”. Ao fazer esta descrição, procurarei demonstrar que as acusações e disputas por visibilidade e autoridade entre pastores e líderes são próprias do pentecostalismo, sendo possível observá-las também nos rituais.

O capítulo seguinte tratará das disputas ocorridas sobre os rituais do “reteté”, tomando como caso exemplar um momento específico do *Vigilhão da Celebrai*, cuja protagonista é a missionária Leandra Nascimento. Serão analisadas tanto as críticas que lhes são dirigidas como as justificações oferecidas por ela e por seus seguidores, principalmente a partir das postagens de vídeos com as *performances* de Leandra na internet. Tais disputas emergem das críticas feitas aos fiéis do “reteté” de que estes estariam pregando um “falso evangelho”, especialmente em função de um possível caráter de entretenimento atribuído aos eventos da *Celebrai* e de uma suposta semelhança dos seus rituais com aqueles observados em religiões afro-brasileiras. Por um lado, pretendo analisar os discursos produzidos pelos críticos destes rituais, os quais procuram desqualificar os cultos do “reteté” como “verdadeiramente evangélicos”, elaborando, para isso, categorias de acusação, tais como “circo gospel” e “macumba pentecostal”. Por outro, me esforço para analisar as justificações que estes pentecostais dão às suas ações, em resposta aos seus críticos. Como no capítulo anterior, me servirei de dados colhidos na pesquisa de campo, mas também me servirei de dados coletados no mundo virtual, como postagens de vídeos feitas por Leandra, pela *Celebrai* ou mesmo por seus críticos, além de comentários contra ou a favor das *performances* da missionária.

No último capítulo, me esforçarei para demonstrar as disputas pela capacidade de definição do que seria o “pentecostalismo legítimo”, envolvendo pastores e líderes de diversas denominações sobre os rituais do “reteté”. Pretendo me ater principalmente às disputas que envolvem pastores pentecostais do Brasil. No que concerne às disputas ocorridas no pentecostalismo clássico, faço breves alusões a algumas fontes históricas, como jornais das ADs, que demonstram que os pentecostais assembleianos já disputavam sobre a legitimidade de suas práticas religiosas desde os primeiros tempos do pentecostalismo no Brasil. Mais recentemente, analisarei artigos em jornais, livros, artigos e blogs produzidos por pastores pentecostais ligados à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), órgão que reúne a maior parte das igrejas ADs brasileiras, dentre os quais destaco os nomes de Elienai Cabral, Ciro Sanches Zibordi, Geremias do Couto e Isael de Araújo.

Finalmente, atentarei para as discussões entre líderes pentecostais, fartamente divulgadas pelas redes sociais, envolvendo o bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), e seus auxiliares que, em 2011, desferiram pesadas críticas contra fiéis pentecostais que praticam o “reteté”, que ele chama de “espírito do cai cai”. No polo oposto ao de Macedo, estão Silas Malafaia, pastor presidente da Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC), e Marco Feliciano, deputado federal e pastor da Assembleia de Deus Ministério Catedral do Avivamento, ambos defensores da liberdade de manifestação ritual. Cabe enfatizar que, embora Macedo e seus opositores não utilizem o termo “reteté” é a esta prática que eles estão se referindo, conforme buscarei demonstrar, ao longo do terceiro capítulo.

## CAPÍTULO 1

### *Vigilhão da Celebrai:*

#### **Disputas, corinhos de fogo e “reteté”**

Neste capítulo apresentarei uma descrição etnográfica do *Vigilhão da Celebrai*, por considerar que se trata de um evento pentecostal que privilegia as manifestações do “reteté”. Desse modo, procurarei situar o leitor em um contexto específico, tentando priorizar a descrição destas práticas e buscando explicitar as disputas que ocorrem nesses rituais. Em outras palavras, isto será feito a partir da descrição do que foi observado no decorrer da realização de trabalho de campo junto a uma vigília do “reteté”, ressaltando elementos que podem estar envolvidos nas disputas sobre a definição do que seria o “pentecostalismo legítimo”.

#### **1.1 A consagração da quadra: quando a vigília toma o espaço do samba**

Os preparativos para o *Vigilhão da Celebrai* começam dias ou meses antes do evento e são comandados pelo evangelista assembleiano Joel da Celebrai, dono da gravadora *Celebrai Music*, organizador e dirigente da vigília. É ele quem escolhe o local de realização do evento, convida os cantores, negocia as participações, define os horários em que cada um irá se apresentar e coordena a organização espacial no local onde a celebração será realizada.

O esforço de preparação para a vigília e o tempo que a antecede varia de acordo com o porte dos eventos, que podem ocorrer em igrejas, como a Igreja Assembleia de Deus da Família, em Duque de Caxias (RJ), ou em certos locais públicos, como o Parque de Exposições de São José do Vale do Rio Preto (RJ) e a quadra da Escola de Samba do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos da Grande Rio. Os eventos nas igrejas ou em parques de exposição parecem receber menor atenção, sendo divulgados pela internet com um pequeno tempo de antecedência, cerca de um ou dois meses antes, enquanto que as vigílias realizadas na quadra da Grande Rio são divulgadas com mais antecedência e com maior ênfase.



Figura 3: Cartaz de divulgação do Vigilhão da Celebrai  
 Fonte: Página do Facebook da Celebrai

Além disso, as vigílias na quadra supõem um nível de preparação maior, já se esperando as dificuldades que poderiam ser encontradas em um evento que, além de ser de maior porte, será realizado em um local que exigiria preparativos “espirituais”, através de orações e consagrações.

Na data em que são realizados os vigilhões, os preparativos se iniciam desde cedo. Durante o dia, ocorre a montagem da estrutura do evento. Nesta etapa de preparação, uma equipe é contratada para dar conta do som, dos instrumentos musicais e da iluminação, enquanto outro grupo se ocupa da montagem das cadeiras e do palco. O trabalho, que é feito sob a supervisão de Joel, parece ser muito profissional e de primeira qualidade, pois, como dizem os evangélicos, se é “para o Senhor tem que ser o melhor”.



Figura 4: Chegada da aparelhagem de som à quadra da Grande Rio  
 Fonte: Página de Joel da Celebrai no Instagram



Figura 5: Arrumação da quadra da Grande Rio  
Fonte: Página de Joel da Celebrai no *Instagram*

Além de toda a estrutura física, o aprestamento inclui uma preocupação com os preparativos espirituais. Nos dias anteriores ao evento são realizadas várias reuniões de oração e minivigílias em prol do vigilhão. Há uma equipe, comandada pela missionária Neide Rodrigues, uma típica “mulher de oração” assembleiana que dirige os eventos da *Celebrai* juntamente com Joel, que ora insistentemente em prol da vigília e de seus participantes, nos dias anteriores ao evento.

Essas minivigílias e orações teriam, segundo os atores em questão, por finalidade proteger os fiéis do perigo que os “espíritos contrários” possam representar. Nesse sentido, cabe observar que é comum, dentre os pentecostais, a ideia de que é preciso estar sempre vigilante ou estar sempre “ligado com Deus” para que não se corra o risco de ser atingido pelas “artimanhas” ou “setas” de Satanás, que estaria sempre realizando armadilhas para que os eventos promovidos pela *Celebrai* não sejam bem-sucedidos.



Figura 6: Consagração da quadra da Grande Rio  
Fonte: Página de Joel da Celebrai no *Facebook*

A máxima bíblica de que o Diabo andaria em derredor dos crentes<sup>18</sup>, cercando-os e procurando tragá-los é, certamente, levada a sério pela equipe da *Celebrai* e também pelos fiéis. Ora, os pentecostais também realizam eventos em outros locais, que não sejam templos evangélicos, mas não demonstram tanta preocupação quanto a que é demonstrada em relação à quadra da escola de samba.

Toda esta preocupação parece estar ligada ao fato de a vigília ser realizada em um espaço que, comumente, é considerado pelos fiéis como “profano” e que possui bastante ligação com religiões afro-brasileiras, através do samba.

A relação entre samba e religiões de matriz africana, aliás, foi abordada de forma bastante interessante por autores como Roberto Moura (1983) e Mônica Pimenta Velloso (1990). Ambos demonstram a constituição histórica do samba na cidade do Rio de Janeiro e o papel das tias baianas neste processo de afirmação do ritmo brasileiro, lembrando que estas senhoras dariam origem às alas das baianas nas escolas de samba. Velloso aponta que, antes do surgimento das escolas, as casas das tias baianas reuniam atividades diversas, como Candomblé, samba, culinária e blocos carnavalescos. A partir dos terreiros, que funcionavam como residência e local de culto, se articulavam as celebrações, as quais não estavam circunscritas ao dualismo profano *versus* religioso. A autora ainda cita uma entrevista com D. Zica, uma das principais personagens do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, apontando o papel fundamental das tias baianas Tomásia e Fé, as quais saíam vestidas de baiana, à frente de seus blocos carnavalescos, liderando seus “filhos de santo”.

Rita Amaral e Vágner Silva (2006) também abordam a relação entre o samba e as religiões de matriz africana e demonstram, inclusive, que muitos dos sambistas costumavam levar seus sambas aos terreiros para serem consagrados pelas mães de santo. Os autores ainda reafirmam o argumento acima, lembrando que o samba se constituía, historicamente, em diálogo com as religiões dos descendentes de africanos e exemplificam isto com diversas canções, dentre as quais uma escrita por Sinhô, na década de 1925:

**Na Pavuna  
(Compositor: Sinhô)**

Na Pavuna, Na Pavuna  
Tem um samba, que só dá gente reiúna  
O malandro que só canta com harmonia  
Quando está metido em samba de arrelia  
Faz batuque assim no seu tamborim

---

<sup>18</sup> Cf. o texto bíblico de I Pedro, capítulo 5, versículo 8.

Com o seu time enfezando o batedor  
E grita a negrada vem pra batucada  
Que de samba na Pavuna tem doutor  
Na Pavuna tem escola para o samba  
Quem não passa pela escola não é bamba

Na Pavuna tem canjerê também  
Tem macumba, tem mandinga e candomblé  
Gente da Pavuna só nasce turuna  
É por isso que lá não nasce “mulhé”

Como é possível notar na letra da música, samba e religião estão diretamente relacionados, pois, além do ritmo musical, o bairro do subúrbio carioca agregaria “mandinga”, “macumba” e “candomblé”. Outrossim, Amaral e Silva (2006) apontam que, a partir dos anos 1960, surgiriam diversas músicas com alusões às religiões de matriz africana, constituindo um vasto repertório, que os autores consideram como uma “pedagogia das religiões afro-brasileiras”. Dentre os mais importantes propagadores destas canções são citados Martinho da Vila, cujo nome artístico é uma alusão à Escola de Samba Vila Isabel, Clara Nunes<sup>19</sup>, Maria Bethânia, João Bosco, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gal Costa, Aldir Blanc, Carlinhos Brown, Adriana Calcanhoto, Zeca Baleiro, Rita Ribeiro, Chico César e Marisa Monte, artista com forte ligação com o Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela, dentre outros.

Os fiéis do “reteté” podem não ter ciência destas relações históricas, mas entendem que o carnaval<sup>20</sup> é uma festa profana e sabem das ligações entre o samba e as religiões afro e, por isso, tomam certas precauções para não se misturarem com estas religiões. Para não serem pegos de surpresa por algum “espírito maligno” que, por um acaso, pudesse rondar a quadra da Grande Rio, realizam estratégias de preparação e “purificação” do espaço da escola de samba. Ademais, o ritual de preparação, anteriormente ao evento, poderia indicar uma espécie de prevenção contra as críticas que recebem por realizarem vigília na quadra. Para os antagonistas do “reteté”, cujos argumentos são os mais variados possíveis, fazer um evento evangélico na quadra poderia ser um indício de que estes cultos não seriam “verdadeiramente evangélicos”. Segundo Joel da Celebrai, existiriam algumas pessoas que o teriam criticado por realizar a

---

<sup>19</sup> Esta cantora talvez seja um dos maiores exemplos acerca da ligação do samba com religiões como Umbanda e Candomblé. As letras das canções de Clara Nunes estão repletas de alusões à mitologia afro-brasileira e aos rituais destas religiões, como demonstra Rachel Rua Baptista Bakke (2007).

<sup>20</sup> Por esse motivo, tradicionalmente, as igrejas evangélicas aproveitam o período do carnaval para realizar retiros e acampamentos, a fim de manter os crentes afastados do “mundanismo da festa da carne”. Contudo, Magali Cunha (2004: 211) ressalta que algumas igrejas, nos anos 1990, passaram a realizar campanhas evangelísticas no carnaval, surgindo, assim, os blocos carnavalescos evangélicos no Rio de Janeiro, como Mocidade Dependente para Deus, da Comunidade da Zona Sul, e Bloco Cara de Leão, do Projeto Vida Nova de Irajá, que é filiado à Federação dos Blocos Carnavalescos do Estado do Rio de Janeiro. Além dessas agremiações, há inúmeras iniciativas semelhantes em outros estados brasileiros.

vigília em uma quadra de Escola de Samba, mas isto não o impediria de continuar a realizar os eventos. O dono da gravadora rechaça os argumentos de seus opositores, utilizando os seguintes termos:

Faço vigília no monte, faço vigília na quadra, faço até no **centro de Umbanda** [grifo meu]. Eu quero é adorar a Deus. Não importa onde eu vou adorar. E aqui é onde Deus tocou no coração de alguém e fez abrir essa porta pra estar reunindo o povo de Deus. Porque eu já tive a oportunidade de chegar em uma igreja, pastor. Aqui vocês sabem disso. E pedi pra realizar a vigília e ele disse assim: só se você me pagar tanto. Eu disse: mas eu não faço vigília pra isso, eu não gosto nem de pedir oferta. É Deus que toca no coração e a pessoa abençoa. Eu faço por amor e essa vigília tem um propósito. Num é no oba-oba, num é qualquer coisa (Joel da Celebrai).

Diante das críticas que recebe, Joel ressalta sua preocupação em “preparar o ambiente” e afirma que além das inúmeras reuniões de oração para combaterem o que eles consideram como forças malignas, são feitas orações em redor e dentro da quadra, consagrando aquele local.

Pela manhã, nós consagramos esta quadra, derramamos azeite aqui dentro. Por essas ruas aí, ó. Esse ambiente aqui tá totalmente propício para adoração. Não se preocupe com nada. Está preparado só pra você adorar (Joel da Celebrai).

A fala de Joel funciona, nesse sentido, como uma maneira de justificar suas ações, pois enquanto seus críticos procuram apontar uma possível falta de legitimidade da vigília em decorrência do local onde ela seria feita, o evangelista se justifica dizendo que, para ele, não importa qual seria o lugar, mas sim as práticas que nele seriam realizadas. Ademais, o dono da *Celebrai* deixa bem claro que mesmo entre seus pares, teria recebido resistência, pois algum pastor, que ele não cita o nome, teria cobrado um aluguel para a realização do evento. Fica evidente, portanto, que o interlocutor teria solicitado algum valor financeiro a Joel, o que não seria compatível com o “desinteresse” dele em promover a vigília, afinal ele sustenta que a realização do evento tem o “amor” como motivação<sup>21</sup>. Por fim, ele argumentou que os crentes poderiam ficar despreocupados, deveriam somente preocupar-se em “adorar”, isto é, em participarem do ritual, pois o trabalho de purificação da quadra já havia sido realizado anteriormente.

Nas conversas com meus informantes, alguns deles, inicialmente, me disseram que não

---

<sup>21</sup> Observo que, aqui, Joel utiliza-se de dois princípios bastante caros aos evangélicos: amor e adoração. Ao dizer para seus ouvintes que a vigília é feita por amor, o dono da *Celebrai* está, assim, prevenindo-se contra quaisquer argumentos que possam associar a realização da vigília à interesses financeiros.

se sentiam incomodados por estarem participando de uma vigília em quadra de escola de samba, mas, apesar disso, ressaltam os perigos que correm com o “Diabo rondando” suas vidas. Um desses entrevistados é Pedro, dezenove anos de idade, com sete meses de “convertido”, ajudante de obras e morador de Volta Redonda (RJ) que me disse que “A Grande Rio é um lugar público”. Em suas palavras: “Aqui a gente não veio adorar ao inimigo, mas a Deus”.

Assim, de um lado, alguns fiéis parecem acreditar que aquele é um local neutro<sup>22</sup>, sem caráter religioso, como na fala de Pedro. De outro, a ideia de que não foram à quadra para prestar adoração do “inimigo”, parece indicar o temor de realizar culto em um local que poderia estar comprometido com a atuação dele.

Depois da preparação feita durante o dia, é hora de começar a celebração dos pentecostais. As vigílias geralmente se iniciam por volta das 22h. Em uma das ocasiões em que estive na quadra da Grande Rio, encontrei algumas pessoas da organização da vigília e fiéis que também chegavam para a celebração daquela madrugada. Entreguei 1kg de alimento não perecível, que seria o “ingresso” não obrigatório para o evento, mas observei que poucas pessoas levavam os mantimentos. Lembro que, durante o transcurso da madrugada, o recolhimento dos alimentos foi considerado como uma “obra social” realizada pelo *Vigilhão da Celebrai*. Após entrar, tomei assento em um local no qual eu pudesse observar mais de perto a plataforma, do lado esquerdo do público que assistia.

Apesar da preparação, o ambiente continuava decorado especificamente para a realização de eventos ligados ao mundo do samba. Assim, foi possível perceber, ao redor de toda a quadra, sobretudo nos camarotes, inscrições como o patrocínio da cerveja Antarctica, acompanhada do slogan “Boa do Samba” e frases de incentivo aos sambistas, como “amor”, “garra”, “ação”, “união” e “superação”, relacionados à disputa da escola no carnaval carioca.



Figura 7: Decoração da quadra da Grande Rio  
Fonte: Foto de Clayton Guerreiro, abril de 2015

---

<sup>22</sup> A prática de realizar eventos religiosos em locais de grande porte é comum, entre os evangélicos, quando se espera que o espaço do templo não irá comportar o número de pessoas aguardadas. Locais como estádios de futebol, ginásios, parques e grandes praças são constantemente utilizados.

Esta decoração original da escola de samba não é aceita passivamente por todos os evangélicos. Certa vez, presenciei na internet críticas tecidas a Joel, por ele realizar a vigília em um espaço com propagandas de bebidas alcoólicas e imagens e símbolos relacionados ao mundo do samba. Diante disso, alguns dos críticos chegaram ao ponto de sugerir que as marcas e logotipos fossem cobertos com panos, plásticos ou algo do gênero, a fim de sublimar tais símbolos.



Figura 8: Palco da quadra da Grande Rio  
Fonte: Foto de Clayton Guerreiro, abril de 2015

Além do mais, notei do lado esquerdo, para quem está em frente ao palco, a presença de três banheiros, um masculino, outro feminino e um terceiro, com a designação “outros”, decorado com um arco-íris, provavelmente para atender à população LGBT.



Figura 9: Banheiro “outros” na quadra da Grande Rio  
Fonte: Foto de Clayton Guerreiro, abril de 2015

Tais símbolos certamente não se fariam presentes em igrejas evangélicas, mas em uma escola de samba, mesmo em um culto pentecostal, era possível observá-los. Curioso é que, algum tempo depois, eu ouviria, na vigília, músicas condenando a ingestão de bebidas alcoólicas e a homossexualidade.

Ainda no que tange ao arranjo do espaço físico no auditório, observei que no palco, havia cerca de cem cadeiras, reservadas para os cantores e pastores convidados. Ao fundo, tinha um grande painel anunciando a vigília. A quadra ia sendo transformada em auditório e a maioria dos fiéis se assentaria nas cadeiras espalhadas no local. Durante a vigília, a ocupação do lugar acontecia aos poucos. Ao chegarem à quadra (ou à igreja), a maioria dos fiéis se ajoelhava e fazia preces individuais. Sorridentes, os primeiros a chegar procuraram se acomodar o mais próximo possível da plataforma onde se instalariam os cantores e pastores, as estrelas do evento. Alguns desses fiéis guardavam lugar para os amigos que chegariam mais tarde. Devido ao grande número de horas que seriam passadas na quadra, presenciei uma senhora que trouxe, inclusive, uma cadeira de praia para esticar os pés. Observei que outros traziam seus próprios alimentos para ingeri-los no decorrer da madrugada e muitos deles portavam garrafas de café para amenizar o sono durante a vigília. Alguns traziam seus filhos e até mesmo bebês para o vigilhão, sendo possível observar diversos infantes dormindo durante a madrugada, nas cadeiras ou nos carrinhos de bebê, mesmo com os altíssimos decibéis produzidos por cantos e gritos pentecostais. Os que não conseguiram encontrar lugar ficaram em pé, espremidos pelos corredores e cantos do local.

Enquanto os fiéis se acomodavam, os sonoplastas e os músicos faziam os últimos ajustes na aparelhagem de som e nos instrumentos musicais, fundamentais para o ritmo da vigília. Depois de algum tempo, o grupo de músicos e cantores da *Celebrai* passou a entoar canções conhecidas no meio evangélico como “louvores” ou “cânticos congregacionais”. Profissionais de foto e filmagem regulavam seus aparelhos com o objetivo de extraírem as melhores imagens e *performances* dos condutores do evento, as quais, posteriormente, seriam comercializadas pela *Celebrai Music* e divulgadas nas redes sociais.

## **1.2 O início da vigília**

As músicas entoadas pela banda da *Celebrai*, formada por músicos e cantores contratados da empresa, preparam o clima para o início da vigília. As conversas entre os fiéis diminuem na medida em que os músicos “passam o som” e começam a tocar os “louvores”.

No início das vigílias, sempre existem orações realizadas por Neide e Joel, que, ao assumir o microfone, fala das expectativas para o evento, explicando o tema da vigília e o propósito daquela madrugada, já que, em geral, as edições da vigília são organizadas tematicamente. Nas 24 edições<sup>23</sup> do *Vigilhão da Celebrai*, algumas delas foram realizadas com temas específicos, dentre os quais: “mulheres”, “profética”, “gratidão” e “jovem pentecostal”.

Os propósitos das reuniões, embora anunciados por Joel, deveriam, hipoteticamente, ser lembrados durante todo o roteiro do evento. Todavia, nem sempre isto ocorre, o que demonstra que a previsibilidade do evento não é absoluta. A imprevisibilidade é uma característica não apenas das vigílias, mas que marca os cultos pentecostais. Isso ocorre em virtude de uma concepção presente entre os pentecostais, segundo a qual a existência de uma regularidade absoluta significaria a supressão da presença do Espírito Santo, que deveria ser o condutor dos cultos. Cabe lembrar que, para os pentecostais, a atuação do Espírito Santo é sempre um “elemento” ou “fator surpresa”, como observou Fajardo (2015: 211). É ele quem garante a “imprevisibilidade” pois, segundo o autor, o êxtase que ele produz no culto é capaz de “desmontar” a estrutura litúrgica pré-estabelecida”, alterando a programação. Quando se reconhece que o Espírito está “operando”, a “desordem” acaba recebendo a “chancela divina”, pois no culto pentecostal, a “desordem” faz parte da essência do culto (Fajardo, 2015: 212)

Por sua vez, Albuquerque Júnior (2014), embasado em Rolim (1985), classifica certas manifestações performáticas dos pentecostais como “anárquicas”, enquanto Fajardo aponta que as estruturas litúrgicas previamente determinadas podem ser dissolvidas pelo “fator surpresa” da atuação do Espírito Santo” (Fajardo, 2015: 211, 212).

Alencar (2010: 92), baseado em Corten, ressalta que o culto pentecostal assembleiano, de fato, possibilita a “intervenção anárquica” dos fiéis, através da “glorificação a Deus”, mas de resto, tudo seguiria determinado pela liderança. O autor considera, portanto, que a ideia de que o Espírito Santo guiaria o culto sublima os interditos estabelecidos pelos líderes pentecostais. Segundo Alencar, há décadas as coisas têm transcorrido desta forma e nem mesmo o Espírito Santo têm se atrevido a mudar a estrutura litúrgica assembleiana.

Os avisos iniciais de Joel também incluem certa preocupação com a organização do ritual, advertindo aos seus ouvintes de que deveria haver uma suposta ordem durante o culto, sendo permitido que os fiéis “glorifiquem”, gritem, cantem, batam palmas, pulem, rodem, mas não conversem entre si, exceto quando são solicitados pelos condutores do evento a dizerem

---

<sup>23</sup> Quando esta dissertação estava sendo concluída, tomei ciência do 25º *Vigilhão da Celebrai*, que será realizado em 19/03/2016.

frases tais como “que bom que você veio”, “você é um vitorioso” e tantas outras que funcionam como uma forma de os fiéis interagirem, mas que podem gerar algum constrangimento, principalmente quando se está ao lado de uma pessoa que você nunca viu na vida. Joel também os adverte a não andarem no espaço de culto e a não atenderem o celular, o que na prática não é seguido. A tensão entre dar toda a atenção aos condutores do evento e interagir com outros fiéis ou utilizar aparelhos eletrônicos parece constante durante a vigília. Na edição de 11 de abril de 2015, enquanto Neide Rodrigues fazia uma de suas orações, animando o público presente, se virou para os pastores que estavam na plataforma e os advertiu sobre o uso de celulares, de fotos e acesso a redes sociais<sup>24</sup> durante o culto, dirigindo-se diretamente a um deles e dizendo “pastor, sai do WhatsApp”. Após virar-se novamente para o auditório, Neide lançou diversas “indiretas”, dizendo para os pastores que, na hora em que eles estão de posse do microfone, gostam que seus companheiros de plataforma lhes deem atenção, mas na hora das pregações dos outros, ficam desatentos.

Após as advertências iniciais são executados dois ou três hinos da Harpa Cristã<sup>25</sup>, assim como ocorre na maioria das ADs brasileiras. Segue-se a “leitura oficial”, na qual uma passagem bíblica é lida, geralmente pelo pastor da igreja onde se realiza a vigília, quando for o caso, ou pelo pastor Paulo Roberto, presidente da Assembleia de Deus 25 de Agosto (Duque de Caxias), da qual Joel da Celebrai é membro.



Figura 10: bispo Edinaldo Silva (pastor da AD Família), Joel da Celebrai, missionária Neide Rodrigues e pastor Paulo Roberto (da esquerda para direita)  
Fonte: Foto de Clayton Guerreiro, dezembro de 2014

<sup>24</sup> Diante dessas declarações, também há que se considerar a importância das redes sociais como um meio de divulgação das apresentações dos cantores e pastores. Muitas vezes, eles acabam acompanhando a repercussão de suas *performances* no evento em tempo real e se comunicando com seus pares por meio das redes sociais enquanto estão na vigília. Em outra ocasião, após o término de sua pregação, presenciei um pastor, na parte externa do templo, conversando com seus amigos sobre a repercussão de sua pregação na *Celebrai*. Um de seus colegas o informou que já havia postado o vídeo de sua pregação na rede social *Facebook* e que este já tinha recebido algumas “curtidas” e sido compartilhado, recebendo a aprovação do jovem pregador.

<sup>25</sup> Hinário oficial das Assembleias de Deus no Brasil.

Após os instantes iniciais, seguem-se diversas pregações e apresentações musicais, intermediadas pelas orações realizadas. Habitualmente, participam da vigília cerca de 3 a 6 pregadores, que incluem o pregador oficial, usualmente um nome mais famoso entre os pentecostais, e outros menos conhecidos, que fazem suas “saudações”, espécies de pregação menos extensa. As falas dos pregadores oficiais das vigílias, em geral, podem durar de 1 a 2 horas, enquanto as “saudações” duram cerca de meia hora.

Neste ponto, lembro que na maioria das igrejas pentecostais, além dos pastores e pregadores pertencentes às igrejas locais, as pregações podem ser realizadas por pessoas da própria igreja ou por outras, convidadas para esse fim, surgindo a classe dos “pregadores itinerantes”<sup>26</sup>. Tornando-se conhecido, o pregador passa, então, a ser convidado por várias igrejas para os eventos mais importantes (Fajardo, 2015: 235). Desse modo, no meio pentecostal, a função do “pregador itinerante” parece assumir, cada vez mais, um viés profissional, pois é comum que os pregadores combinem previamente qual será a “oferta” recebida por eles pelo serviço religioso prestado. Em geral, quanto maior for a fama do pregador, maior será a “oferta” recebida. Em alguns casos, esses “preletores” fornecem CD’s e DVD’s com suas pregações às igrejas que os convidaram, a fim de que tais materiais sejam repassados aos fiéis para custear suas participações naquele evento.

Nesse sentido, pregar no vigilhão parece surgir como uma excelente oportunidade de se tornar conhecido e “fazer agenda”, isto é, conseguir bons contatos a fim de garantir convites para os próximos eventos. Obviamente que os pregadores negam isso de forma veemente, no decorrer de suas pregações, mas o fato de este assunto ser comentado diversas vezes em suas falas nos dá um indício bastante substancial de que pregar na *Celebrai*, considerada por muitos pentecostais como a maior vigília do Rio de Janeiro e uma das maiores do Brasil, passa a ser uma forma eficaz de ganhar visibilidade. Não poucas vezes Joel tem repetido que procura dar espaço aos novos pregadores que surgem no meio pentecostal e assim os auxilia a alavancarem suas carreiras ministeriais.

Vale lembrar que, na *Celebrai* já se apresentaram alguns dos pregadores mais conhecidos entre os pentecostais brasileiros. Destacam-se, entre os que já pregaram na *Celebrai* os nomes de Elson de Assis, Paulo Marcelo, Adeildo Costa, Abílio Santana, Helena Raquel, Anderson do Carmo e Marco Feliciano. Estes pregadores, em geral, possuem suas agendas lotadas e se apresentam em congressos, conferências, cultos e vigílias em todo o Brasil e no

---

<sup>26</sup> Marco Feliciano fundou a Central Evangélica de Pregadores Itinerantes do Brasil – CEPIB. Disponível em: <http://marcofeliciano2010.com.br/biografia/>. Acesso em 14/12/2015.

exterior. Seus cachês alcançam somas consideráveis e, embora o assunto seja um tanto quanto nebuloso e as informações sejam, de certa forma, sigilosas, muitos deles chegam a ganhar dois, três e até cinco mil reais por uma pregação. A forma como o valor auferido será arrecadado varia conforme o acordo feito com o dirigente do culto ou com o pastor da igreja. Enquanto os que ainda estão em início de carreira costumam gravar CDs e, principalmente, DVDs com suas pregações, deixando o material como responsabilidade dos promotores do evento, os mais famosos combinam a “oferta” previamente, além de venderem seus materiais. Em algumas igrejas ou eventos, a responsabilidade da arrecadação da oferta pode ser dividida com o próprio pregador que, em certas ocasiões, se responsabiliza em fazer os pedidos de oferta após suas pregações.

Em contrapartida, quando são convidados a falarem em algum evento, os jovens pregadores pentecostais parecem não se importar tanto com o cachê quanto os mais famosos, os quais fazem exigências, como passagens de avião para si e seus assessores, e hotéis de primeira categoria. Os que estão começando, contentam-se em se apresentarem em eventos de grande porte, pois isso pode significar a projeção no cenário nacional. Como os pregadores costumam dizer em suas pregações, incentivando os fiéis que os ouvem, espera-se pelo dia em que “Deus irá soprar seus nomes no Brasil”.

Os mais famosos geralmente realizam suas pregações na segunda parte da vigília, no meio da madrugada, quando há uma maior concentração de pessoas. Os mais jovens e menos conhecidos são os primeiros a pregar. Um dos aspectos que caracteriza estes pregadores, a maioria do Rio de Janeiro, é o fato de que, em algumas de suas pregações, eles ressaltam que, anteriormente, eram moradores de comunidades cariocas, como Jacaré, Jacarezinho, Para-Pedro, Complexo do Lins e Cidade de Deus. Muitos deles são ex-trafficantes e incrementam suas pregações com testemunhos de “conversão” ao pentecostalismo, geralmente através de experiências traumáticas em meio à guerra do tráfico no Rio de Janeiro, fazendo com que parte do público se identifique com suas pregações, já que se trata de uma realidade bastante próxima do que eles vivenciam<sup>27</sup>. Dessa maneira, eles se tornam referências para os que ainda não alcançaram estas posições. Exemplo disso me foi dado por Pedro, que me disse ter trabalhado em boca de fumo, e ter sido “viciado em maconha e cigarro”, até ter sua vida mudada, por meio da “conversão”. Antes disso, ele me contou que passou por algumas dificuldades para se firmar na igreja, pois enquanto esteve preso, teria prometido frequentar a igreja quando fosse solto.

---

<sup>27</sup> Sobre a conversão de ex-trafficantes ao pentecostalismo, ver: Christina Vital da Cunha (2008 e 2009); Patrícia Birman e Carly Machado (2012).

Após sair da cadeia, não cumpriu a promessa e, por causa disso, teria machucado sua mão, sendo compelido a passar a frequentar a igreja para pagar o “voto”. Agora, ele espera se tornar também um pregador e “ganhar as almas”, inclusive daqueles que estão nas bocas de fumo.

### **1.3 “Estão brigando só por causa da cadeira”: disputas por visibilidade no viglão**

Na quadra da Grande Rio, o espaço é preenchido por milhares de cadeiras alugadas especialmente para o evento. Dali a alguns minutos, ou mesmo horas, todos os assentos serão preenchidos, restando os corredores para as pessoas se acomodarem de pé. O excesso de pessoas no mesmo local, mesmo que se trate de um espaço bastante considerável, pode gerar algumas tensões e disputas. Os fiéis que chegam ao evento tentam se posicionar nos melhores lugares, a fim de assistirem ao evento mais de perto. No que concerne aos cantores, pregadores e pastores, a busca por uma melhor posição não está relacionada apenas ao conforto, mas sim à busca por visibilidade. Neste caso, parece haver disputas por causa de “cadeiras” que estejam situadas em melhores posições, ou seja, mais próximas de pastores e/ou pregadores responsáveis pela condução do evento. Assim sendo, a “cadeira” disputada não se limita a um objeto físico, mas diz respeito a disputas em torno de visibilidade e/ou posição no interior do segmento analisado.

Nos cultos pentecostais, embora isto jamais seja admitido, os melhores lugares são reservados às pessoas consideradas mais importantes. Desse modo, assentar-se em um lugar de honra torna-se, assim, o símbolo do prestígio que determinada pessoa adquiriu naquele espaço.

No início do evento, a plataforma principal estava vazia e passou a ser ocupada no decorrer da madrugada pelos cantores e pastores. Um olhar mais atento ao que se passa nos bastidores da vigília, entretanto, torna perceptíveis as disputas por visibilidade e um interesse indisfarçável por estar em evidência.

A plataforma da quadra, que no decorrer do ano é utilizada para as apresentações da escola de samba e ocupada por percursionistas, baianas, passistas, velha guarda, mestre-sala, porta-bandeira e intérpretes, agora passa a ser o local onde os “homens e mulheres de Deus” com maior prestígio estarão assentados e regerão a vigília do “reteté”, devidamente acompanhados pelo Espírito Santo, durante toda a madrugada.

Durante as vigílias, presenciei momentos constrangedores em relação à ocupação dos melhores lugares e da plataforma principal. Em uma delas, Joel revelou incidentes entre os obreiros, voluntários das igrejas que apoiam a vigília, responsáveis pelo controle de acesso à plataforma principal, e algumas pessoas que queriam assentar-se nos lugares de destaque. Pelo

que o presidente da *Celebrai* explicou, algumas pessoas estariam se apresentando como pastores e mostrando suas “credenciais de ministros do evangelho”, solicitando o acesso àquele local. Ao serem orientados pelos obreiros, que faziam o papel de seguranças, de que a entrada não seria possível, visto que os assentos principais estavam reservados previamente para os convidados, tais “ministros” questionaram os que lhes tentavam “barrar”. Após contar este fato, ele se dirigiu a um menino que estava no palco e pediu para ele se retirar. Confesso que fiquei um pouco constrangido com aquela situação, mas o mesmo não parecia não estar acontecendo com as pessoas que estavam ao meu redor, possivelmente acostumadas com esses fatos.

Talvez se eu perguntasse a algum dos presentes se eles gostariam de estar em visibilidade, ele diria que não, pois, afinal, o discurso é de que todos os presentes estão ali para “adorar a Deus”, entretanto, não é isso que se observa: é patente que a busca por visibilidade tem como motivação o alcance de prestígio entre os pentecostais.

Ciro Sanches Zibordi, pregador e escritor assembleiano, porém crítico ferrenho dos cultos do “reteté”, descreveu estas disputas ao escrever uma história fictícia em seu livro, denominado “Mais erros que os pregadores devem evitar”:

Estamos na cidade de Reteté da Glória, onde ocorre anualmente um grandioso e tradicional congresso. Pessoas não param de chegar. Pregadores e cantores disputam lugares junto à tribuna, pois — como diz um ditado — quem não é visto não é lembrado. E nada melhor do que o grande Congresso de Reteté para promover ilustres quase desconhecidos e enriquecer ainda mais o currículo dos famosos... (Zibordi, 2007: 12)

Ao ler esta descrição, de acordo com o que tenho visto durante o trabalho de campo, as semelhanças com os congressos e vigílias pentecostais parecem não ser meras coincidências. Ajuntamentos que aglomeram multidões de crentes existem aos montes no Brasil<sup>28</sup> e, nestes eventos, como tenho enfatizado, busca-se visibilidade, embora nenhum pregador admita isso e acuse seus concorrentes de fazê-lo. Além disso, Zibordi aponta, como pastor pentecostal e crítico deste tipo de postura, que há, por parte dos menos conhecidos, uma busca pela ascensão e, pelos mais famosos, um interesse em se manterem no topo da carreira de pregador.

A expectativa de falar para um grande público e conseguir visibilidade deixa transparecer algumas situações interessantes, revelando certa concorrência entre os que farão uso da palavra. Percebi que raramente os pregadores chegam sozinhos ao vigilhão. Alguns deles se fazem acompanhar de suas esposas e muitos chegam com um grupo de pessoas. Na

---

<sup>28</sup> O Congresso dos Gideões Missionários da Última Hora (GMUH), em Camboriú (SC) é o mais famoso deles. Para uma análise deste evento, ver Ferreira (2014).

plataforma principal, é possível observar como se dão as disputas pelo destaque na vigília, tanto pelas reações dos que estão na plataforma quanto nas próprias prédicas, em que se observa um jogo de acusações e “indiretas” entre os pregadores. Quando as alusões, durante as pregações, são elogiosas, os demais pregadores são citados nominalmente. Contudo, quando ocorrem críticas, isto se dá em forma de insinuações, mesmo que em algumas ocasiões fique claro para os ouvintes para quem as críticas são direcionadas.

Sendo assim, as disputas entre os pregadores são uma constante no decorrer da vigília. Durante as celebrações, diversos pregadores vociferam contra seus opositores, sem citar nomes. Nestas vigílias, ouvi pastores dizerem que alguns pregadores “perderam o temor de Deus”, que “vão aos cultos apenas para aparecer”, “pensam ser celebridades” e até que alguns “usam o dinheiro da oferta para gastar com cocaína e com prostitutas”. No limite, os que demonstram um comportamento desaprovado pela maioria, perdem visibilidade e a autoridade para falar.

Um exemplo destas críticas e “indiretas” pode ser observado na fala do pastor Clézio Araújo, em uma de suas pregações no interior do evento “Um dia com Deus”. Em seu discurso, mesmo sem citar nomes, Clézio fez um paralelo entre seus opositores e as “cobras” relatadas no texto bíblico de atos dos apóstolos:

Cobra não gosta de fogo [...]. Discretamente, dá uma olhadinha pro lado e vê se tu não tá do lado de uma cobrinha [...] Falem o que quiserem, nós somos do manto mesmo. Falem o que quiser, eu não abro mão do Xereguedé de Jeová [...] Só pregando são 11 anos. O que você encontra de travadores de fogo... [pausa] Gente que pede esboço pra ver. Já riscaram tópico meu. Você prega esse, prega esse. Esse aqui não. Nós, pregadores, estamos sofrendo uma pressão muito grande por parte de gente grande, por parte de cantores pra amenizarmos nossas palavras, pegarmos leve nas nossas mensagens. Porque a gente tem que entender que todo mundo é pecador, que todo mundo falha, que todo mundo erra [referindo-se às falas dos que pressionariam os pregadores para amenizarem o tom das pregações]. Você não sabe a pressão que a gente sofre no Brasil porque quem prega antes só tá dizendo: olha a bênção, olha a vitória. Quem prega depois só tá dizendo para o povo: Deus tá feliz com vocês. Tá feliz coisa nenhuma! Raça de mercenário, raça de ganhadores de dinheiro, que só quer falar o que você gosta pra ficar bem com você. Eu não sou comprometido com nada e nem com ninguém. O que Deus botar na minha boca eu falo. Sai daqui sua cobra! [gritos] É diferente dessa raça de sem vergonha, pilantra, safado que peca todo dia, que peca toda hora. Canta aqui e vai para o motel da esquina. Prega aqui e vai adulterar lá fora (Clézio Araújo).

Chamo a atenção do leitor para as críticas generalizadas de Clézio Araújo, em referência aos seus pares que seriam “travadores de fogo”, isto é, críticos dos cultos do “reteté”, e em resposta ao que ele entende como uma “censura” às pregações mais radicais. Vale lembrar que alguns pentecostais entendem que quanto mais crítico for o tom da “mensagem”, mais inspirada ela

seria por Deus, decorrendo-se daí a criação de categorias que designam a mensagem mais “dura”, como a “cajadada”, uma referência ao cajado utilizado pelo pastor para guiar o rebanho, e a “exortação”. Entre os pentecostais, é corrente a ideia de que os pregadores mais ríspidos em suas falas seriam os mais “comprometidos” em transmitirem a “mensagem divina” e que estes seriam mais fiéis, pois procurariam transmitir a mensagem sem modificações, tal “como receberam de Deus”. Desse modo, Clézio entende que amenizar o tom da pregação e compreender que “todos são pecadores” seria tergiversar e não exercer a função de “profeta”. Segundo ele, os que têm pregações elogiosas estariam apenas interessados em auferir lucros com suas pregações e, ao contrário dos que teriam mensagens mais rígidas, seriam uma “raça de sem vergonha, pilantra, safado”, cujos atributos morais - algo que, teoricamente, é muito importante para os pentecostais - não seriam condizentes com as funções que exercem.

Nesse jogo de disputas, críticas e acusações, ter uma rede de apoio e amizades influentes parece ser bastante importante, pois ajuda a dar legitimidade ou a deslegitimar as falas de seus pares (e concorrentes). Como afirmei anteriormente, os acompanhantes dos pregadores, integrantes destas redes de amizade, são colocados em evidência durante a pregação, sendo citados constantemente por seus amigos que estão de posse da palavra. Ao fazer alguma afirmação, um pregador se vira para um conhecido seu e diz: “não, é pastor [citando o nome do referido pregador]?” Ao mesmo tempo, os que acompanham os pregadores da vigília parecem dar uma espécie de “apoio moral” aos seus amigos, balançando as cabeças positivamente, pondo-se de pé ou sorrindo durante a pregação, em sinal de aprovação a alguma frase de efeito lançada pelo pregador. Nos bastidores, quando um determinado preletor não pode comparecer a um evento, indica seus amigos que, portanto, se beneficiam destas amizades. Assim, se fazer presente em um grande evento, mesmo que ele não se apresente naquela noite, é importante para costurar alianças e se fazer conhecido naquela rede.

Os pregadores se tornam conhecidos quando realizam pregações consideradas mais eloquentes ou “ungidas” e quando conseguem mobilizar o público presente. Assim, é importante que sua pregação surta o efeito desejado, isto é, que o público que o ouve, esteja constantemente animado, embora esta intenção seja negada com veemência, pois o discurso “oficial” é que os pregadores são apenas meros instrumentos para pregação da palavra de Deus e que caberia ao “Espírito Santo agir como quer”. Na prática, entretanto, a prédica é considerada bem sucedida quando o pregador pentecostal recebe o retorno dos fiéis, por meio dos gritos de “aleluias”, “glória a Deus” e de “línguas estranhas”. Assim sendo, a indicação de que o pregador “levantou a tampa da chaleira”, ou seja, conseguiu animar os fiéis e levantar seu público, se dá

através dos gritos dos crentes e do barulho. Caso isso não ocorra, está sinalizado que o pregador não foi bem sucedido em sua pregação, já que a pregação é considerada “ungida” quando os crentes respondem ao pregador com o maior barulho possível. Nesse sentido, pregar com unção é garantir uma melhor posição ou, em outras palavras, conseguir o assento na cadeira. Tal perspectiva é apontada nas músicas entoadas na *Celebrai*:

**Por causa da cadeira**  
**(Intérprete: André da Carruagem)**

Meu Deus que briga dentro da igreja  
Estão brigando só por causa da cadeira  
Até os meus amigos querem ver meu fim  
Cavaram uma cova diante de mim

Pode o poço tomar  
Mas a ferramenta ninguém vai tirar  
Quem me chamou foi Deus e ninguém vai tirar

Naldinho Fogo Puro, cantor pentecostal ainda pouco conhecido em eventos pentecostais, canta, em uma de suas músicas, que “estão de olho na cadeira acolchoada”, isto é, aquela reservada aos principais líderes pentecostais. Anderson do Carmo, esposo de Flordelis, também explicita estas divergências internas entre pregadores, ao aconselhar seus ouvintes:

Você pode ter poder, fogo, glória, mas o mais apagadinho, que é melhor do que você naquilo que você faz, vai tomar a tua cadeira. Não estou dizendo que é o caso aqui, mas estou dizendo para o povo entender. Tem gente sentado aqui que não era pra estar aqui. Está aqui por quê? Porque fez algo que não nos ensinaram a fazer. O que, pastor? Tomem as faculdades. Se especializem naquilo que vocês fazem. Vocês são pregadores? Se formem em teologia, estudem a Bíblia. Vocês são cantores? Entrem pra uma aula de canto [...] Tomem as câmaras municipais, tomem a câmara estadual. Vamos parar de ser bobos (Anderson do Carmo).

As músicas de André e Naldinho e a fala de Anderson são exemplares no sentido de demonstrar a existência de uma disputa pelas posições de destaque entre os pentecostais, isto é, a ocorrência de uma “briga por causa da cadeira” que, embora, tente ser sublimada nos atos públicos de cordialidade entre os condutores dos rituais, transparece em suas falas e, sobretudo, atitudes. Há que se ressaltar ainda que a fala de Anderson demonstra uma preocupação com a “profissionalização do ministério”. Nesse sentido, o conselho para estudar, se preparar e, assim galgar posições tanto nas igrejas como em outras esferas remete à discussão cada vez mais atual sobre a relação entre religião e espaço público e a presença de atores que comumente são ligados ao universo religioso, mas que acabam transitando em outras esferas. Um exemplo bastante

evidente, neste caso, é o de Marco Feliciano, que além de exercer a função de pregador, inclusive na *Celebrai*, atua como deputado federal.

Dentre os autores que se propuseram a estudar a relação entre religião e espaço público, destaco os trabalhos de Eva Scheliga (2010) e Paula Montero (2006, 2009 e 2012)<sup>29</sup>. A primeira autora realiza uma interessante análise sobre a IURD e a Rede Nacional de Assistências Social (RENAS). A RENAS é uma rede protestante de assistência social que reúne diversas organizações, que agregam agentes que, a despeito de sua origem religiosa, são bem treinados profissionalmente e atuam na sociedade civil, exercendo influência política ou, nos termos usados por Scheliga (2010), procuram realizar uma “incidência política”. Montero, ao analisar a atuação destes agentes e considerar trabalhos como os de Scheliga, pontua que

No processo de ampliação das competências do religioso as próprias organizações se modificaram de tal modo que, em alguns casos, torna-se difícil distinguir se estamos diante de um arranjo religioso, ou de um arranjo empresarial, acadêmico ou propriamente político (2012: 173).

Nesse sentido, a fala de Anderson se encaixa no que foi afirmado por Montero quando analisou a questão da busca pela especialização profissional, por parte de atores religiosos, como uma forma de alcançar visibilidade.

Ademais, quando me refiro especificamente ao caso do evento promovido pela *Celebrai*, é difícil apontar que se trata de um empreendimento exclusivamente religioso, visto que outros aspectos, como político, empresarial e cultural, também estariam presentes. Para além dos motivos religiosos, que o organizador da vigília sempre busca ressaltar, a *Celebrai* não deixa de ser um empreendimento que envolve outras questões, como os aspectos financeiro e político. Durante a realização do evento, Joel lembra algumas vezes o alto custo que teria um evento deste porte e vende os produtos de sua empresa, como CDs, DVDs e camisetas. Nos cartazes dos eventos, são divulgados alguns logotipos de empresas, que patrocinam o vigilhão.

Ademais, em todas as vigílias da *Celebrai* é possível encontrar algum político presente. Os mais frequentes são Francisco Floriano (PR-RJ), pastor da Igreja Mundial do Poder de Deus e deputado federal, e Mazinho<sup>30</sup> vereador da cidade de Duque de Caxias, eleito pelo PDT, tratado no vigilhão como um “amigo do evangelho”, forma como os evangélicos classificam os

---

<sup>29</sup> Outros autores, como José Casanova (1994), Emerson Giumbelli (2008), Joanildo Burity (2008) e Jacqueline Teixeira (2012) também fazem interessantes discussões sobre a presença da religião no espaço público e discutem a atuação dos agentes religiosos na esfera pública.

<sup>30</sup> O vereador Mazinho recebe apoio de diversos pastores caxienses e, em épocas que antecedem eleições, costuma fazer reuniões para selar alianças com pastores de diversas denominações e receber a “unção da vitória”, como ele explicita em seu blog. Disponível em: <http://mazinhoatitude.blogspot.com.br/>. Acesso em: 09/09/2015.

que são simpatizantes à sua fé, mas que ainda não se “converteram”. Ambos os políticos provavelmente dão algum tipo de suporte ao evento e, não raramente, são colocados em visibilidade, recebendo a “oportunidade”<sup>31</sup> de falarem ao público por alguns minutos ou, em outras ocasiões, são convidados a fazerem ou receberem orações.

#### 1.4 As “celebridades” da *Celebrai*

##### **Não sou celebridade (Intérprete: Muro de Fogo)**

Me perguntaram quem sou eu  
Querem saber de onde foi que eu saí  
Estão pensando que foi muito fácil  
Pra eu chegar até aqui

Me olham e dizem que eu não estou preparado  
Me olham e julgam o meu jeito de adorar  
Mas só Deus sabe o que fiz no anonimato  
Quando ninguém estava vendo eu chorar  
Eu vivi no deserto, senti o frio e calor  
Renunciei minhas vontades, pelo chamado do senhor  
Só Deus sabe o que eu passei, para chegar até aqui  
Por isso irmão não me critique  
Pergunte a Deus sobre mim

**Eu não sou artista (não sou)**  
**Não sou celebridade (não, não)** [grifo meu]  
Não sou o melhor nem o mais certo  
Eu sou a voz que clama no deserto  
Eu sou a voz que clama no deserto  
Eu sou a voz que clama no deserto  
Eu não sou o melhor nem o mais certo  
Eu sou a voz que clama no deserto

Importa que ele cresça que ele apareça  
Aqui tudo é dele eu sei o meu lugar  
Não sou celebridade quem brilha aqui é ele então pode passar  
Passa Jesus, passa Jesus, passa Jesus, passa Jesus  
Passa Jesus, passa Jesus passa Jesus aqui pode passar

A música entoada possivelmente reflete a opinião dos diversos cantores, duplas e grupos musicais que se apresentam no Vigilhão. A maioria deles, pertencente ao *cast* da *Celebrai*, rejeita a classificação como “artista” ou “celebridade”.

---

<sup>31</sup> Expressão “nativa” que designa o momento no qual alguém faz uso da palavra nos cultos.

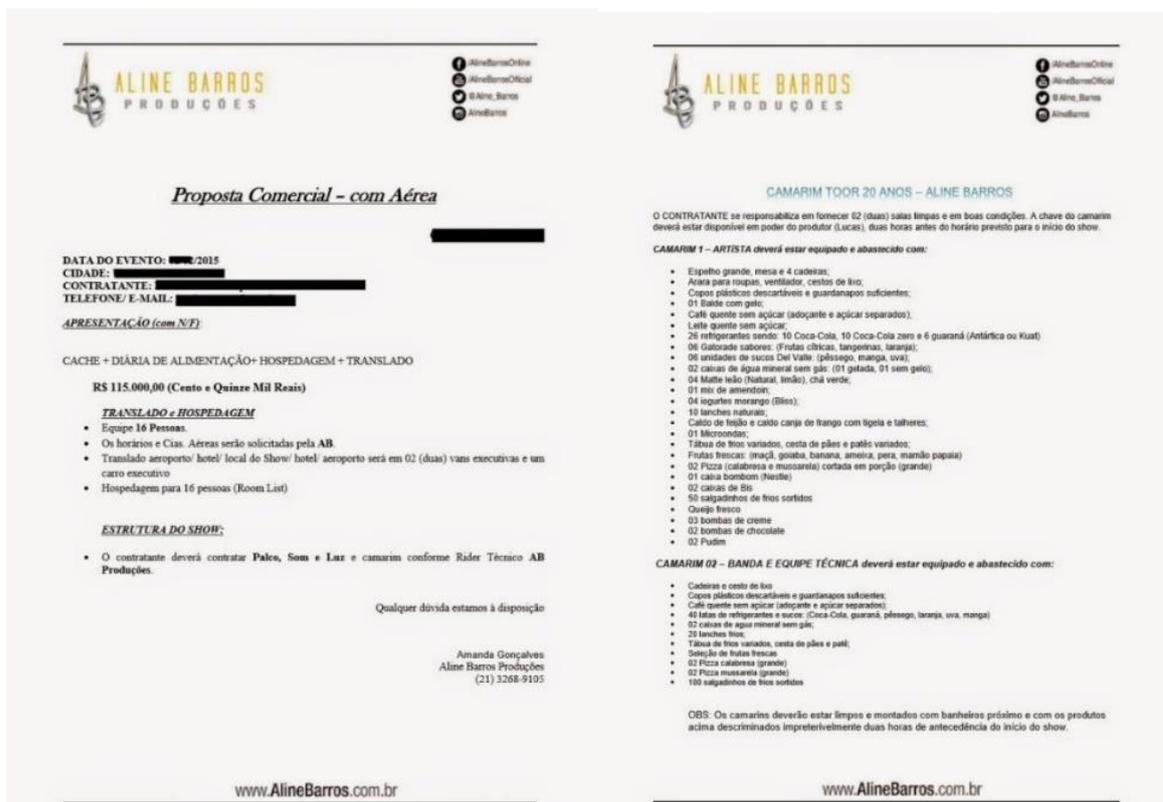


Figura 11: Proposta comercial para show de Aline Barros

Fonte: <http://www.ofuxicogospel.com/2015/01/confira-o-cache-da-aline-barros-cantora.html>

O contrato acima foi publicado por vários sites evangélicos, inclusive por uma página que possui o sugestivo nome de “O fuxico gospel”, e é um exemplo de que os cantores do meio *gospel*, embora se proclamem como “adoradores”, muitas vezes possuem tratamento semelhante aos dispensados às celebridades do mercado “secular”. Afinal, há muitos artistas do mercado da música brasileira que não recebem como cachê o valor de R\$ 115.000,00 (cento e quinze mil reais) e que, segundo o contrato apresentado no site de fofocas evangélicas, não fazem as exigências que seriam feitas pela cantora e pastora Aline Barros para suas apresentações.

Aliás, é possível afirmar que praticamente todos os cantores do meio *gospel* não se considerariam como celebridades, ou seja, como uma pessoa de importância e destaque, reconhecida pelas outras, mas, na medida em que se tornam ricos e famosos, parecem, cada vez mais, serem tratados como tais. Como afirma Cunha, durante os shows, eles se portam como tais, jogando beijos e acenando para os fãs, mas, quando recebem aplausos, agem de acordo com o “politicamente correto”, dizendo que as manifestações de louvor deveriam ser dadas a Deus (2004: 219). Quando surgem os aplausos e gritos dos fãs, os cantores do mundo *gospel* levantam a mão direita aos céus, como o dedo indicador em riste, direcionando a “glória para o

Senhor” e dizendo que “toda glória tem que ser para ele”, mas não hesitam em receber os lucros advindos de seus trabalhos, afinal, “o trabalhador é digno de seu salário”, lembram alguns deles aludindo à máxima bíblica.

Os contratados da *Celebrai* parecem estar muito longe de receberem cachês iguais aos de Aline Barros ou de alcançarem o *status* desta pastora ou das inúmeras estrelas do meio *gospel*, entretanto, alguns deles já conseguem alcançar algum reconhecimento. No momento em que esta pesquisa estava sendo realizada, faziam parte do *cast* da *Celebrai* os seguintes cantores e grupos musicais: Ministério Ardendo em Fogo, Ministério Fogo no Pé, Alex Gomes, Zé Carlos, Marta Valéria, Família Wesley, Rejanne Fogo Puro, Petter e Neylma, Wellington Júnior Filho do Fogo, Cristiane Medeiros, Muro de Fogo, Amanda D’Campos, Martinha, Giovanni Brasa Viva, Mirian Santos, Marilene Santiago, Georgete Rocha, André da Carruagem e Leandra Nascimento. Além destes nomes, participam das vigílias cantores conhecidos no meio pentecostal como Lauriete<sup>32</sup>, Noemi Nonato<sup>33</sup>, e amigos de Joel, não necessariamente contratados da *Celebrai*, mas que são frequentes nos eventos, tais como Jorginho de Xerém, Reprepré<sup>34</sup> de Jeová, Thiago Negrão, Elaine Martins e Nívea Silva, ambas ligadas à Igreja Assembleia de Deus dos Últimos Dias (ADUD), do pastor Marcos Pereira da Silva<sup>35</sup>, além da pastora Ana Lúcia, dentre outros.

Sobre Ana Lúcia, menciono o fato de ela ter se tornado relativamente conhecida dentre os evangélicos por ter participado do Programa Esquenta, apresentado por Regina Casé, na Rede Globo de Televisão.<sup>36</sup> Naquela ocasião, vários religiosos participaram do programa, como o Padre Renato, o Rabino Nilton Bonder e fiéis de religiões afro-brasileiras caracterizadas como “baianas”. Além da execução do ritual da lavagem do palco do “Esquenta”, por parte das “baianas”, ao som da música “Oferendas”, interpretada por Arlindo Cruz e Teresa Cristina, a pastora apresentou a canção “Vem comigo dando glória”. Diante disto, Ana Lúcia passou a ser criticada por diversos evangélicos que a acusavam de estar compactuando com o “sincretismo religioso”.

Todavia, conversando com um frequentador do vigilhão, percebi que, entre os fiéis do “reteté”, a pastora é bastante admirada, sendo vista como um exemplo do que “Deus pode fazer”

---

<sup>32</sup> Ex-deputada federal pelo PSC-ES, casada com o senador Magno Malta (PR-ES), também cantor e antigo vocalista da banda de pagode *gospel* *Tempero do mundo*.

<sup>33</sup> A cantora divide o seu tempo entre os púlpitos e o mandato como vereadora na cidade de São Paulo pelo PROS.

<sup>34</sup> Grafia utilizada no CD do grupo e no material de divulgação da *Celebrai*.

<sup>35</sup> Para uma análise sobre a atuação do pastor Marcos Pereira da Silva e da ADUD, ver Patrícia Birman e Carly Machado (2012).

<sup>36</sup> Disponível em: <http://extra.globo.com/tv-e-lazer/pastora-da-baixada-ana-lucia-elogiada-por-regina-case-no-esquenta-3529173.html>

com uma pessoa, projetando-a no cenário evangélico e secular. Em uma vigília na AD Família, quando eu estava em pé, na parte de trás do templo, fui abordado por Carlos, um rapaz de cerca de vinte anos de idade, que começou a conversar comigo, expressando sua admiração pelos cantores que conduziam os rituais, tais como a pastora Ana Lúcia. Sem que eu fizesse muitas perguntas, ele me disse que compunha, junto com outros amigos, um grupo musical especializado em corinhos de fogo, sobre os quais falarei mais adiante, e que desejava ter apenas uma oportunidade na *Celebrai*, pois considerava que, se assim fosse, ele e seus companheiros de grupo poderiam se tornar conhecidos e fazer sucesso no meio pentecostal. No meio da conversa, me identifiquei como pesquisador, deixando claro que estava ali para realizar um trabalho de pesquisa de campo. Entretanto, parece que não fui suficientemente claro, o que fez Carlos pensar que eu seria um empresário da música *gospel*. Empolgado, chamou os demais amigos, apresentando-me a eles. Ressaltando seu interesse em cantar na *Celebrai*, me perguntou se eu conhecia Joel e se eu poderia ajudá-los, intermediando uma possível apresentação do grupo em que ele cantava. Respondi que não, que ele havia entendido errado e que eu não era um empresário, mas sim um pesquisador. No meio de nossa conversa, a cantora Ana Lúcia passou por nós. Os jovens pediram licença e se dirigiram a ela, solicitando uma fotografia com a pastora. Ela respondeu afirmativamente, mas ressaltou que eles deveriam esperar que ela voltasse do toalete. Neste momento, embora eles tivessem decepcionados com o mal-entendido em relação à minha função, se mostraram animados em relação à possibilidade de tirarem uma fotografia com uma pessoa que, para eles, seria um exemplo a ser seguido e voltaram a ressaltar a admiração em relação aos cantores da *Celebrai*.

Além deste episódio, no decorrer do trabalho de campo, tenho percebido cada vez mais a importância destes cantores tanto na condução dos rituais quanto pelo fato de eles serem vistos como responsáveis pelas intermediações entre os poderes divinos e os fiéis, que concorrem aos vigilhões ávidos por experimentarem tais manifestações. Embora muitos dos cantores do vigilhão não sejam tão conhecidos no meio evangélico, conseguem alcançar um público relativamente fiel, que passa a conhecê-los, sobretudo, pela divulgação de seus trabalhos em sites e redes sociais.

O Ministério Ardendo em Fogo, por exemplo, tem um público cativo. O primeiro projeto do grupo pela *Celebrai*, composto por CD e DVD, possui mais de 2 milhões de visualizações no site *YouTube*. Em tempos de crise da indústria fonográfica, o grupo conseguiu atingir a considerável marca de 80 mil cópias vendidas, com recebimento de discos de ouro e

de platina, de acordo com informação do site oficial da *Celebrai*<sup>37</sup>. Em geral, o “Ardendo” se apresenta no vigilhão no meio da madrugada, vindo de outros cultos e vigílias. Conquanto o grupo seja composto de três pessoas – pastora Gilene e seus filhos Raquel e Thiago - há toda uma estrutura que os cerca. Quando chegam ao evento, são acompanhados dos músicos da banda e de algumas pessoas que os assessoram, identificados por uma camiseta preta que, na parte da frente, é identificada com a logomarca do grupo e, na parte de trás, com a expressão “STAFF”. Enquanto isso, alguns fãs da banda de corinho de fogo tentam conseguir um autógrafo ou, principalmente, uma *selfie* com os membros do grupo. Assim sendo, talvez seja difícil não os perceber como uma “celebridade” da *Celebrai*.

Outro ponto interessante, no que tange às apresentações do “Ardendo em Fogo”, são as teatralizações de suas músicas. Suas canções são feitas em forma de diálogo entre personagens bíblicos, rememorando histórias e mitos que remetem a um universo relativamente conhecido entre os evangélicos. Ao se apresentarem, eles geralmente chamam outros cantores e pregadores convidados para participarem da música e interrompem as letras das canções com expressões e palavras conhecidas entre os evangélicos o que, a meu ver, parece gerar um impacto maior no público presente, que se vê envolto na história cantada por eles. Mas, as participações especiais de seus colegas, em algumas ocasiões, podem causar algum constrangimento. Os convidados, às vezes, se mostram surpresos com o convite improvisado. Ainda assim, aceitam participar, mas não conseguem disfarçar o acanhamento relativo à situação inesperada que enfrentam, além de que, muitas vezes, têm de representar personagens bíblicos cuja reputação não é das melhores.

Além dos cantores, é perfeitamente possível considerar que os pregadores acabam se tornando “celebridades” das vigílias pentecostais, como tentarei demonstrar no próximo item.

### **1.5 Abílio versus Leandra: um caso exemplar de disputa**

O sucesso junto ao público, porém, pode causar algum desconforto entre os próprios cantores e pregadores, como num episódio que presenciei no *Vigilhão da Celebrai*. Naquela madrugada haviam sido convidados cinco pregadores: Anderson Costa, Maurinho, Eduardo Gonçalves, Leandra Nascimento e Abílio Santana. As pregações dos três primeiros foram bastante aplaudidas e tiveram características distintas. Anderson Costa destacava-se por sua *performance* teatral, quase caricatural, dos pregadores pentecostais do “reteté”. O ponto alto de

---

<sup>37</sup> Disponível em: <http://www.celebraimusic.com.br/portfolio-item/ardendo-em-fogo/>. Acesso em 28/12/2015.

sua “mensagem” foi o testemunho de conversão, ao contar que era um ex-traficante, que se livrou da morte por causa das orações de sua irmã, em meio a troca de tiros em comunidades do Rio de Janeiro. Segundo ele, não teria medo de contar seu testemunho e relatar episódios que ocorreram quando ele atuava no tráfico de drogas, pois estaria protegido por Deus.

Maurinho parece ter se destacado pela simpatia e pelas piadas que contava enquanto pregava. Eduardo Gonçalves, por sua vez, era mais comedido em suas gesticulações, mas sua retórica chamava a atenção. Eloquente, com um vocabulário diferenciado em relação aos demais, ele contou uma história bíblica que parece ter cativado os ouvintes. Eduardo é de uma família de pregadores. Sua irmã, a assembleiana Helena Raquel, é uma das pregadoras pentecostais mais conhecidas no Brasil, sendo constantemente convidada para congressos de mulheres, jovens e vigílias. Sua esposa, a missionária Camila Barros, também já pregou na *Celebrai* e parece seguir a carreira da cunhada mais famosa. Com efeito, Eduardo parece ter se destacado entre os demais naquele evento o que, dali a alguns minutos, iria ficar evidente nas “indiretas” lançadas nas pregações posteriores.

No meio da madrugada, Abílio Santana, o pregador oficial, subiu à plataforma da Grande Rio. Acompanhado de outros pregadores, como Amadeu Vieira e Alex Torquato, e de mais algumas pessoas, Abílio foi cumprimentado por Joel e pelos demais. Tratado como uma celebridade pentecostal, tomou seu assento nas acolchoadas cadeiras centrais da plataforma, na fileira da frente, local reservado ao pregador principal da vigília.

Antes de sua pregação, seria a vez da missionária Leandra Nascimento, personagem central do segundo capítulo desta dissertação. Apesar de já ter assistido a muitos cultos pentecostais, confesso que nunca tinha visto uma recepção como a que foi feita a Leandra, exceto em eventos que os evangélicos consideram como “show”. Quando teve sua “oportunidade”, a missionária foi ovacionada pelo público presente que, em uníssono, gritava seu nome. Ao fundo, sentado na parte central do púlpito, estava Abílio que, enquanto não esteve de posse do microfone, parecia não fazer questão de esconder sua indiferença em relação ao que estava ocorrendo à sua volta. Aliás, a postura do pregador pentecostal parecia proposital, como se quisesse demonstrar certa superioridade diante dos demais. Mesmo diante dos gritos dos pregadores e dos cantores, o pregador baiano não esboçou as reações comuns aos pentecostais, como gritos de “Aleluia” e “Glória a Deus” ou levantar de mãos.



Figura 12: Abílio Santana e Soraya Carvalho  
Fonte: DVD *Vigilhão da Celebrai*

Durante boa parte do tempo, Abílio esteve trocando palavras com os pregadores que o acompanhavam ou visualizando o telefone celular. Outras vezes, esteve imóvel, com as mãos no queixo, com a Bíblia aberta, como se quisesse conferir a pregação que ouvia. Noutros momentos, ajustava a gravata e olhava para o relógio, como se fizesse questão de demonstrar que o que acontecia ao seu redor não o agradava.

Enquanto Leandra pregava, essa postura esteve ainda mais evidente e o pastor parecia visivelmente incomodado com o que estava ouvindo. Isso porque, a pregação de Leandra talvez possa ter sido interpretada como uma alusão à certos episódios envolvendo Abílio Santana, sobretudo no que concerne à relação com o pastor Cesino Bernardino, pastor da AD em Cambuí (SC) e presidente do Gideões Missionários da Última Hora (GMUH), com o qual teve alguns desentendimentos no passado, conforme tentarei demonstrar mais adiante.

Naquela ocasião, a pregadora baseou sua fala na história de Mefibosete, personagem bíblico “aleijado de ambos os pés” que, antes de ser conduzido à presença do Rei Davi teria passado alguns anos na cidade de Lo-Debar. Ao interpretarem este texto e o aplicarem aos seus ouvintes, a maioria dos pregadores pentecostais salienta o retorno do filho de Jônatas de Lo-Debar, um lugar que eles entendem como amaldiçoado, para “comer pão na mesa do rei”. Leandra, entretanto, interpretou o texto de maneira diferente dos demais e ressaltou que as pessoas que ali estavam deveriam se lembrar de seu passado e não deveriam se esquecer de onde vieram. Tal interpretação parece ter incomodado enormemente Abílio Santana, que demonstrou seu descontentamento através de “indiretas” quando esteve de posse do microfone.

O texto, conforme foi interpretado pela cantora, tornou-se, então, um ponto de disputa entre ambos e seu suposto significado camuflava a disputa pelo lugar da fala, entre os concorrentes.<sup>38</sup> A leitura de Leandra, quando dá um aspecto positivo à Lo-Debar, foge à

---

<sup>38</sup> No que concerne às disputas em torno dos significados textuais, dois historiadores nos oferecem algumas explicações interessantes. Roger Chartier (1997) entende que os leitores podem participar da construção da

interpretação que a maioria dos pregadores pentecostais dá a esse texto, já que consideram este lugar negativamente. Em geral, diz-se que a pessoa deve se esquecer de Lo-Debar, que seria a representação do fracasso, da derrota e do tempo em que o crente vivia no “mundo”, mas, discordando desta interpretação, como uma leitura avessa aos seus pares, a pregadora afirmou que seus ouvintes não devem se esquecer de onde vieram. Em sua interpretação, Lo-Debar poderia não ser entendida como protótipo do mundo, mas o começo de uma jornada.

Não é possível afirmar se o pastor tomou a fala de Leandra como uma indireta em relação a sua própria história, mas o fato é que, em outra pregação, o pastor assembleiano relatou que, há algum tempo atrás, passara por um episódio de violência em que fora alvejado com um tiro na perna na saída de um banco em Salvador (BA) e, como consequência, teve de ficar “50 dias em cima da cama” e andar de cadeira de rodas. Naquele período, a relação entre Abílio Santana e Cesino Bernardino estava estremecida, pois o pregador criticara o pastor catarinense por causa da amizade que este gozava com os católicos. Segundo disse o próprio Abílio, ele teria ficado nove anos sem pregar no GMUH e dito “inverdades” sobre Cesino.

Há, inclusive, um vídeo em que, pregando no Congresso Internacional de Missões (CIM), organizado pelo Ministério Flordelis, em São Gonçalo, Abílio Santana proferiu uma “profecia” para Anderson do Carmo, pastor e organizador daquele congresso, dizendo que “o endereço de missões no Brasil estaria mudando”, ou seja, de que o CIM iria crescer e se sobrepujar ao GMUH. Naquela ocasião, antes de “profetizar” para seu amigo, Abílio estava argumentando que Deus havia chamado os pregadores para serem “pescadores”, referindo-se à evangelização. Contudo, existiriam aqueles que, ao invés de pescadores, tornaram-se “peixeiros”, isto é, pregadores não comprometidos com o trabalho evangelístico. Segundo ele, houve um momento de sua vida, tempo em que teria ganhado muito dinheiro com suas pregações<sup>39</sup>, que ele mesmo havia se tornado um “peixeiro”. Para exemplificar sua postura de outrora, Abílio rememorou uma de suas pregações no GMUH (sem citá-lo, mas nomeando como um “congresso de missões muito grande” e “invejado por todos”), em que, quando iria falar contra a “idolatria” dos católicos a Nossa Senhora da Aparecida, fora interrompido pelo

---

significação dos textos, que não, necessariamente, se restringem às intenções de seus autores. Já Robert Darnton (1992: 218) considera a existência de uma tensão entre a coerção do texto sobre o leitor e a liberdade que o leitor tem em relação ao texto. Assim sendo, pressupõe considerarmos que um texto pode se tornar um dispositivo gerador de discórdia entre seus diferentes leitores.

<sup>39</sup> Para ilustrar o acúmulo de dinheiro com suas pregações, ele relatou suas inúmeras viagens pelo mundo, especialmente ao continente europeu e aos Estados Unidos. Nas palavras de Abílio: “Eu peguei tanto dinheiro que fiquei maluco, fiquei doido”. Ele contou, entretanto, que após uma experiência espiritual na Itália, teria retornado ao Brasil e passado a investir seus ganhos na evangelização através do rádio, deixando de ser “peixeiro” para se voltar a ser um “pescador”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=KPM16\\_Flbg](https://www.youtube.com/watch?v=KPM16_Flbg). Acesso em: 02/01/2016.

presidente daquele evento que o orientara a não falar mal de “Aparecida”, porque os católicos seriam amigos dos organizadores do congresso.<sup>40</sup> Todavia, na ocasião em que Abílio perdera os movimentos das pernas, Cesino teria orado por ele, durante um telefonema, fazendo com que ele recobrasse os movimentos de seu calcanhar direito.<sup>41</sup>

Até o presente momento, a profecia de Abílio sobre o congresso organizado por Anderson do Carmo e Flordelis parece não ter se cumprido. O GMUH continua sendo o maior e mais famoso congresso pentecostal brasileiro e, como bem observou Alencar, permanece como “um caso especial de marketing” (2012: 224), se expandindo, por meio de franquias, para vários locais do Brasil. Estar fora dos Gideões significaria, portanto, perder visibilidade. Sendo assim, Abílio voltaria a pregar nos Gideões em Camboriú tendo, inclusive, pedido perdão publicamente ao presidente daquela igreja, antes de uma de suas pregações, em decorrência das “inverdades”<sup>42</sup> que ele teria dito.

Tendo esta história como pano de fundo, ao falar do personagem sem os movimentos das pernas e virar-se com o dedo em riste para seus companheiros de “púlpito”, dizendo que eles deveriam ser menos soberbos e se lembrar de onde vieram, Leandra poderia estar se referindo à postura de Abílio e aos episódios enfrentados por ele.

Desta terra eu não me lembro mais. Pra esse lugar eu não volto mais. Interessante que quando você estava quebrado de pernas quem te deu guarita foi Lo-Debar. Quando você não tinha mesa de príncipe pra sentar, quem te deu guarita foi Lo-Debar [...]. Tu tava quebrado, rapaz. Cê tava na lona. Você tava jogado e foi Lo-Debar que te acolheu. Existe um Maquir na tua vida que está lá em Lo-Debar dizendo: “Ei, camarada, hoje você senta em cima, mas olha pra quem tá embaixo” (Leandra Nascimento).

Após dizer tais palavras, a pregadora começou a cantar e dizer palavras de ordem, criticando alguém que seria “metido” e “soberbo” e “não olha pra ninguém”. Enquanto isso, Abílio continuava de cabeça baixa, lendo a Bíblia. Percebendo a indiferença, Leandra se virou para trás e disse: “Escuta que eu já vou finalizar porque eu quero ter a honra de ver o pastor Abílio Santana pregar. Honrado dá honra, né? [sorriso irônico]”. Virando-se para Eduardo Gonçalves, que estava sentado ao lado de Abílio Santana e é menos conhecido de que seu colega de púlpito, Leandra diz: “pastor Eduardo [Gonçalves], pra mim, hoje no momento, o senhor é um dos melhores pregadores desse Brasil. A palavra que tu trouxe aqui é difícil até pregar

---

<sup>40</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ky3mFjl0Bmw>. Acesso em 02/01/2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Kpm16\\_FIbg](https://www.youtube.com/watch?v=Kpm16_FIbg). Acesso em 02/01/2016.

<sup>41</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zrj8T-bBwaE>. Acesso em: 04/01/2016.

<sup>42</sup> Termo usado pelo próprio Abílio.

depois de você”. Nesse momento, percebia-se o clima de constrangimento e de certo silêncio na *Celebrai*. Ora, parecia estar tudo mais ou menos programado para que a estrela da madrugada fosse Abílio, conhecido internacionalmente e convidado especial daquela noite e a fala de Leandra provavelmente foi entendida como uma contestação desta situação.

Após a pregação de Leandra, que procurou respeitar rigorosamente o tempo determinado por seu “patrão”, Joel, seria a vez de Abílio pregar. Já estávamos no meio da madrugada e, como pregador oficial, o pastor teria todo o tempo que precisasse, mas insistia em dizer que seria breve. Antes de iniciar oficialmente a pregação, que geralmente começa a “valer” após a leitura bíblica, Abílio demorou mais de vinte minutos. Durante este tempo contou piadas, fez os agradecimentos usuais e quis ganhar a simpatia do público presente. Daí por diante, sua fala se estendeu por cerca de duas horas. Ao contrário dos outros quatro pregadores, menos conhecidos do que ele, Abílio Santana pareceu não empolgar tanto seu público. Sua fala, mais cadenciada, parecia não fazer muito efeito na plateia que, àquela altura, demonstrava estar um pouco fatigada. No meio de sua prédica, ele queria demonstrar que estava seguro de que conseguiria alcançar o resultado esperado, ou seja, levantar o público presente. Em mais de uma ocasião, ele disse que se as pessoas pensavam que a vigília iria terminar daquele jeito, isto é, desanimada, estariam enganadas. Do contrário, todos poderiam estar seguros de que, ao término de sua pregação, o poder divino iria baixar novamente na *Celebrai*.

Ao final da extensa pregação, Abílio recorreu a um recurso comum utilizado pelos pregadores pentecostais para animarem os rituais. Muitos deles, após a pregação, chamam um cantor com uma música mais envolvente, enquanto ele ora ou grita palavras de ordem e de incentivo à ação do Espírito Santo. Dessa maneira, mesmo que a pregação não tenha chamado tanto a atenção do público, a *performance* do cantor irá contribuir para que a “mensagem” seja encerrada com uma espécie de clímax.

Ao término da fala de Abílio, Jorginho de Xerém assumiu o microfone. Jorginho é um cantor assembleiano bastante conhecido entre os pentecostais do “reteté”, que se destaca por conta de sua atuação como “profeta”, dirigindo cultos, consagrações e vigílias, já tendo sido contratado da gravadora *Mk Music*. Presença constante em grandes vigílias em todo o Brasil, o cantor caxiense é conhecido por suas previsões sobre o futuro e pela *performance* espalhafatosa. Seus movimentos corporais são pouco sutis, ocasionando, inclusive, a quebra de microfones. Suas apresentações são sempre muito aplaudidas e, de fato, animam o público. Quando se apresentou, solicitou a todos os presentes que levantassem as mãos e passou a dizer para o auditório: “Eu profetizo que hoje ainda, entre meio-dia e quatro da tarde, tu vai receber o

milagre lá na tua casa”. Posteriormente, entregou uma nova “revelação”, dirigindo-se ao público: “Se prepara porque amanhã de manhã, segunda-feira, tu vai amanhecer com a vitória na mão e os teus vizinhos vão comentar a tua vitória”. Em seguida, Jorginho se virou para um rapaz que estava na plataforma e disse para ele: “Abre a mão. Tu vai ser pregador igual a Abílio. Quando ele te tocar, tu vai ser levado num carro de fogo”. Abílio, então, abraçou o rapaz e derrubou-o sobre o assoalho da plataforma principal. Esta prática, como veremos no capítulo 3, é bastante semelhante ao que fazem alguns pregadores canadenses e estadunidenses que praticam a transferência de “unção”. Alguns pentecostais acreditam que, quando alguém é dotado de uma “unção especial”, ou seja, quando ele possui uma capacidade extraordinária para operar no mundo espiritual, também é possível transferir este poder para outra pessoa, a fim de que ela também seja capacitada a operar com a mesma desenvoltura de quem lhe outorgou a “unção”.<sup>43</sup>

Após este fato, Jorginho se virou para a pastora Gilene, uma das integrantes do Ministério Ardendo em Fogo. Em uma “profecia” com tom sinistro, disse para ela: “Tu tá ferida, sabia? Tu tá ferida, tu tá ferida”. Dirigindo-se a Abílio ele continuou: “Ela tá ferida, pastor. Pastor, ela tá ferida”. Novamente olhando para a pastora Gigi, como ela é conhecida entre os cantores, ele disse: “A sepultura foi fechada. Outra coisa: vai ter um velório na casa dela. Vai ter velório na casa dela”. Dizendo isso, ele a abraça e ela cai ao chão, sendo amparada por três pessoas. Em seguida, enquanto a música toca, ele se volta para um rapaz e diz: “Vem cá, Leandro. Prepara porque você vai sair do Brasil por um tempo”. Quando Jorginho colocou a mão sobre sua cabeça, ele caiu. Enquanto isso, percebi, ao fundo, que Gilene estava sentada, com uma expressão de angústia, e rodeada por três ou quatro pessoas que a abanavam com um leque, indicando que ela poderia estar com algum mal-estar por conta da profecia repentina. Logo depois, Jorginho se virou para o público e disse: “Levanta a mão. Eu vou contar até três, tu vai pular e segurar a chave da vitória. Pega a chave”. Naquele momento, a quadra da *Celebrai* foi absolutamente “tomada”, como dizem os pentecostais. Muitos deles pulavam, outros gritavam e falavam em línguas estranhas. Após isso, Jorginho empurrou algumas pessoas. Algumas delas caíram. Ao término do *play back* da música, ele vaticinou, falando em primeira pessoa, como se fosse o próprio Deus falando:

---

<sup>43</sup> Este tipo de prática lembra, de certa forma, o que James G. Frazer denominou como “magia contagiosa”, um dos princípios lógicos relacionado à “magia simpática”. Sua compreensão é a que de que este tipo de magia se caracteriza pela comunicação e refere-se à crença de que certas coisas quando entram em contato, mesmo depois de separadas “conservam uma relação de simpatia” (1982: 105).

Eu, o Senhor, digo assim para minha igreja. Eu vou dar um grande livramento para o povo que está aqui nesse lugar. Vai haver no Rio de Janeiro uma guerra como nunca houve, mas os fiéis eu vou guardar. Se preparem, está vindo aí água e sangue, sangue e água. Vai ter muita morte, vai ter muito pranto, mas onde tiver um adorador fiel, a morte não vai entrar (Jorginho de Xerém).

Após isso, Jorginho encerrou sua apresentação. Àquela altura, a pastora Gilene já tinha sido amparada e retirada do local por seus assessores.

Ao escrever estas linhas e relembrar do episódio me interessei por saber se poderia ter ocorrido algum fato que pudesse ser relacionado à profecia de Jorginho. Ora, falar em violência no Rio de Janeiro, atualmente, parece redundante. Profetizar um panorama sombrio, neste aspecto, parece ser um tanto óbvio, principalmente por se tratar de um estado marcado por inúmeros conflitos relacionados, sobretudo, à chamada “guerra contra o tráfico”. Assim, tocar neste assunto, é tratar de algo bastante conhecido de muitos dos presentes ao vigilhão, realidade esta que se torna uma angústia para muitos dos que vivem em comunidades periféricas, como é o caso da maioria dos frequentadores das igrejas pentecostais.

Contudo, busquei me informar sobre algo mais específico. Considerando que a profecia foi lançada em abril de 2014, descobri que em agosto do mesmo ano, a família da pastora Gilene passou por uma situação traumática. Seu neto, filho de Thiago, havia nascido com problemas de saúde e faleceu, após alguns dias hospitalizado.

Não consegui descobrir, com precisão, se alguém ligou o fato ocorrido com a família da pastora à profecia liberada na quadra da Grande Rio. Porém, caso algum crente do “reteté” se lembre disso, não tenhamos dúvida de que a *grandeza* de Jorginho, enquanto profeta, irá ser reforçada. De fato, Jorginho ousou se dirigir a uma pessoa conhecida tratando de um possível acontecimento ligado à morte em sua família. Ora, ele não é o primeiro nem será o último profeta pentecostal a dizer que “Deus está fechando a sepultura” ou que vai haver “velório na casa” de determinada pessoa, pois este tipo de “revelação” é algo corriqueiro em igrejas pentecostais. Todavia, dirigir-se a alguém conhecido parece exigir certa ousadia e confiabilidade no que se diz.

Com efeito, a apresentação de Jorginho possibilitou um encerramento apoteótico à pregação de Abílio, o pregador retomou, então, o microfone e, no fim de sua fala, quando muitas pessoas já haviam deixado a quadra da Grande Rio, fez pedido de ofertas.

Os fatos que descrevi, quais sejam, as disputas pelos melhores assentos no decorrer dos rituais, as indiretas lançadas entre os pastores e pregadores, como no exemplo da tensão envolvendo as apresentações de Leandra e Abílio, as respostas do público às *performances* dos

pregadores evidenciam um jogo de disputas pelo lugar da fala e pela capacidade de manipular poderes sobrenaturais. Além disso, nas *performances* de Abílio e Jorginho, ficou notória a importância da música para o andamento dos cultos do “reteté”.

## 1.6 Dos hinos sacros ao surgimento dos corinhos

Afirmar que não há religião sem música talvez seja redundante. Todavia, ressalto que, em algumas religiões, a música parece ser mais importante do que em outras. No caso das igrejas cristãs, é preciso lembrar que no culto católico, por exemplo, a centralidade está na eucaristia (Dolghie, 2007: 89). Entre os protestantes, repete-se que a “parte mais importante” do culto é a pregação (Dolghie, 2007: 91, 173). No “reteté”, conquanto as pregações ocupem um bom espaço de tempo nas vigílias, as execuções dos corinhos de fogo são, certamente, os momentos mais celebrados, pois são nestes instantes que se observam manifestações mais inflamadas. Contudo, antes de tratar propriamente dos corinhos de fogo, julgo ser adequado fazer uma nova digressão para situar o leitor no contexto da musicalidade evangélica, apontando que a musicalidade protestante no Brasil fora caracterizada, durante algum tempo, pela execução de hinos tradicionais com uma roupagem mais clássica, os quais eram reunidos em coletâneas chamadas de hinários.

De acordo com Antonio Gouvêa Mendonça (1995), Jacqueline Zirolto Dolghie (2007) e Érica de Campos Vicentini (2007), o primeiro hinário protestante organizado no Brasil foi o “Salmos e Hinos”, em 1861. Esta coletânea continha 18 salmos e 32 hinos e fora elaborada pelo casal Robert Reid Kalley e Sarah Poulton Kalley, fundadores do congregacionalismo brasileiro<sup>44</sup>. Baseados neste hinário, surgiram outros, como o “Cantor Cristão”, da Igreja Batista, e a “Harpa Cristã”, das ADs.

Fajardo afirma que a Harpa Cristã está conectada à “memória coletiva da denominação”, pois os hinos cantados cumpriram a função de preservar as ideias dos primeiros assembleianos no Brasil (Fajardo, 2015: 143), argumento semelhante ao de Denise Cordeiro de Souza Frederico (1998), para a qual a formação desses hinários contribuiu para que as identidades das denominações protestantes fossem mais ou menos delineadas.

Já Alencar interpreta a oficialização de um hinário nas ADs como uma “típica oficialização de uma elite culta, conservadora, com pretensão de controle” (Alencar, 2012:

---

<sup>44</sup> Dentre os autores que escreveram sobre o casal Kalley, destaco os nomes do historiador Lyndon Santos (1995), William Forsyth (2006), Douglas Nassif Cardoso (2001 e 2005).

252). Leitor crítico da história assembleiana, ele procura reforçar seu argumento, lembrando que dois dos maiores autores dos hinos da Harpa Cristã, Paulo Leivas Macalão e Emílio Conde, eram de “classe alta, ricos, letrados e falantes de alguns idiomas” (Alencar, 2012: 252). O autor ainda faz uma comparação com o pentecostalismo dos EUA e com a situação dos nordestinos, onde o pentecostalismo brasileiro se propagou de forma mais intensa, inicialmente. Segundo ele, os repentes nordestinos e a *black music* dos estadunidenses seriam músicas perigosas aos interesses dos que tinham o domínio das igrejas, pois possuiriam um “componente político de denúncia social da condição em que os negros/nordestinos viviam/vivem, produzindo envolvimento social e alteração política” (Alencar, 2012: 252). Ao ver deste autor, no culto pentecostal haveria total liberdade para falar, possibilitando a homens e mulheres a liberdade de expressarem a própria fé em diversos lugares, superando o espaço físico dos templos, como casas, feiras, cadeias e esquinas. Em contrapartida, não haveria liberdade para a movimentação do corpo, ao cantar. Desse modo, o “cântico absolutamente regrado, metrificado e solene”, que seria uma característica da Harpa Cristã, teria o intuito de controlar o corpo e, por isso, seria obrigatório (Alencar, 2012: 252). O autor considera o controle do corpo como “algo grave no meio pentecostal” e entende que a relação entre corpo e música seria um indício tanto da influência como da distância “cultural” do protestantismo e dos cultos afro no Brasil (Alencar, 2012: 252).

Milton Rodrigues de Souza Junior faz uma análise bastante minuciosa acerca da Harpa Cristã e conclui que os ritmos preponderantes no hinário pentecostal são a marcha, que ocupa 58,6% dos hinos, e a valsa, que corresponde a 37,3% da totalidade das músicas da Harpa. Souza Junior ainda lembra que a maioria dos hinos da Harpa deve ser executada no andamento *Andante*, o que, segundo ele, relaciona-se com um estilo de música agradável e contagiante, que seria “induzidor de reações inconscientes nos indivíduos que o executam ou que o ouvem”, que poderia ser uma simples marcação da música com a ponta dos pés ou “uma empolgante manifestação corporal, quase como uma marcha ou uma dança, numa demonstração de envolvimento intenso unindo música e sentimento, ritmo e fé” (Souza Junior, 2011: 144, 145). Ora, fica patente que Souza Junior possui uma visão mais positiva sobre o uso de um hinário na musicalidade pentecostal, enquanto Alencar é bastante crítico em relação a isso, pois, para ele, este tipo de artifício não seria mais do que uma forma de controle dos corpos.

Muitas das músicas dos hinários eram europeias e estadunidenses, pois, segundo Guilherme Kerr Neto (1995) e Vicentini (2007), tinha-se a ideia de que a música cristã de qualidade seria estrangeira. Circulava, entre os protestantes, a ideia de que tais canções seriam

sagradas, daí a noção evangélica de uma música “sacra”, que seriam os “hinos”, em oposição às demais músicas, tidas como “mundanas”. Esta lógica, que perdurou durante boa parte do século XX, levava imediatamente à concepção de que determinados ritmos, como samba, forró e rock, seriam diabólicos. Assim, os hinos não deveriam ser compostos tendo tais ritmos como base. Aliás, vale lembrar que, até os dias atuais, ainda prevalece uma visão dualista entre alguns evangélicos de que música e hino seriam opostos. Segundo esta concepção, os crentes não devem ouvir “música do mundo”, mas apenas “louvores” a Deus, isto é, músicas cantadas por artistas ligados ao mercado gospel.

De acordo com Lima (1991), Cunha (2004), Vicentini (2007) e Dolghie (2007), o repertório ditado pelos hinários introduzidos pelos missionários protestantes no século XIX perdurou entre os evangélicos até, mais ou menos, os anos 1950. Naquele momento, surgiram os “corinhos”, que passaram a ser usados pelas organizações paraeclesiais<sup>45</sup>, como *Palavra da Vida*, *Jovens da Verdade (JV)*, *Serviço de Evangelização para a América Latina (SEPAL)* e *Mocidade para Cristo (MPC)*, principalmente nos retiros, congressos e acampamentos geralmente voltados para o público jovem (Cunha, 2004; Dolghie, 2007; Vicentini, 2007). Uma das características dos primeiros corinhos cantados nas igrejas protestantes era o fato de eles serem curtos, repetitivos e executados com ritmos mais animados, o que facilitava a memorização (Dolghie, 2007). Além disso, tinham um tom emocionalista e eram de cunho conversionista (Maraschin, 1983; Faustini, 1996; Cunha, 2004; Dolghie, 2007; Vicentini, 2007). De acordo com Magali Cunha (2004), enquanto os pentecostais compunham músicas mais relacionadas com as raízes nacionais, no ritmo sertanejo, por exemplo, as organizações paraeclesiais “produziam versões em português de cânticos populares estadunidenses”<sup>46</sup>, em ritmos como marchas e baladas românticas (Cunha, 2004: 124), embora com um tom mais alegre e marcado ritmicamente (Dolghie, 2007: 205). O corinho, citado por Cunha e Dolghie, dá a ideia da simplicidade das letras que eram cantadas:

**Santo Espírito  
(autor desconhecido)**

Santo Espírito enche a minha vida  
Pois com Cristo eu quero brilhar

---

<sup>45</sup> Instituições que começaram a surgir no início do XIX, nos Estados Unidos, e se caracterizam por não terem placas denominacionais, apesar de cooperarem com as igrejas. Estão incluídas nesta classificação as sociedades bíblicas, organizações de educação ou de missões (Hadden, 1999).

<sup>46</sup> Dolghie trata do surgimento do movimento MPBR – Música Popular Brasileira Religiosa, que procurou introduzir elementos e “valores nacionais na música protestante brasileira”, como uma espécie de resistência aos padrões estrangeiros (Dolghie, 2007: 211).

Santo Espírito enche a minha vida  
Usa-me as almas a salvar

Aleluia, aleluia  
Aleluia dou ao Cristo Rei  
Aleluia, aleluia  
Aleluia dou ao Rei, Rei, Rei

Nestes encontros, a necessidade de “santificação” para os jovens era cantada e pregada. Ressaltava-se a importância de se cultivar a piedade pessoal, a negação de práticas tidas como profanas, como fumar, beber, dançar, manter a “pureza” sexual, “evitando carícias mais íntimas antes do casamento”, além de boas práticas no universo estudantil, como não colar, e na própria família, mantendo a obediência aos pais (Cunha, 2004: 125).

De acordo com Vicentini, a nomenclatura “corinho”, no diminutivo, poderia indicar, para alguns, a “simplificação em termos linguísticos e melódicos”, mas para outros seria um indício da “degeneração do estilo musical” (Vicentini, 2007: 35). Fato é que, desde aquela época, os corinhos geravam muita polêmica entre os evangélicos e eram alvos de críticas. Sobre o tema, Fajardo cita o artigo irônico do intelectual assembleiano Joanyr de Oliveira, datado de 1969:

Já vimos crente, no templo de Deus, a saltar – de viola em punho – promovendo verdadeiro espetáculo mundano. (E alguns, não sabemos como, ainda conseguiam exclamar “Aleluias” e “Glórias a Deus”). Pastores sorriam do púlpito, os crentes se contorciam de rir (a Casa do Senhor de transmudava em circo...), e o inexperiente irmãozinho pulava, virava-se, apresentava o “show”. Todos riam. E você, Música Profana, como a dizer: “Caem como patinhos, é a minha vitória sobre as músicas espirituais...Eu é que estou com tudo...” Com tudo, com todos, menos com este seu interlocutor, Música Profana! Nós orávamos cabisbaixo, ferido, entristecido, sem entender! “Que Deus tenha misericórdia de sua Igreja!” [...] Você, hábil como é, comparece com vários nomes e com todos eles vem subindo nos púlpitos – e eles que são sagrados, feitos para a missão de ganhar almas para Cristo...Até a eles já se estenderam os tentáculos do seu reino, hein, Música Profana? Samba, sambacação, valsa, “fox”, balada, “rancheiras” e outros ritmos “caipiras” e da chamada “Jovem Guarda”!... Que versatilidade, hein! Você é como a hidra de Lerna, da mitologia grega: possui várias cabeças e com todas elas semeia a destruição (Oliveira apud Fajardo 2015: 219)

Durante a década de 1970, começaram a surgir grupos “rebeldes” no cenário da música evangélica, composto por jovens que ousavam questionar as regulações musicais impostas pelos líderes denominacionais. Com isto, quero lembrar que algumas igrejas locais não

aceitavam a execução de determinados ritmos e instrumentos musicais, como violão<sup>47</sup>, e muito menos as guitarras elétricas e instrumentos de percussão, como as baterias. Fazem parte desta época grupos como Vencedores por Cristo (VPC) e Elos. O álbum *De vento em popa*, lançado pela Missão Vencedores por Cristo, pode ser considerado um marco, neste aspecto, visto que neste *Long Player* (LP) foram gravadas músicas em ritmo de samba e bossa nova (Vicentini, 2007: 36, 37). Tais grupos compunham canções um pouco mais elaboradas que os corinhos, com letras mais extensas e melodias mais trabalhadas (Cunha, 2004: 229). A estas músicas, Doghie denomina como “cânticos” (2007: 208).

O grupo *Rebanhão*, integrado por alguns nomes pioneiros do gospel nacional como Pedro Braconot, Carlinhos Félix e Janires, já falecido, rompeu a década de 1980, sendo considerada como a banda precursora do rock *gospel* no Brasil (Cunha, 2004; Dolghie, 2007) e inovando em uma musicalidade que incluía ritmos brasileiros, como o chorinho, por exemplo. Intensificavam-se os eventos criados especificamente para execuções musicais, os chamados “Louvorzões”, que se constituíam em uma atração para a mocidade evangélica (Cunha, 2004, Vicentini, 2007). Obviamente que as resistências eram inúmeras e as críticas pesadas, pois a introdução de determinados ritmos nos templos evangélicos seriam o indício de que o “mundo estaria entrando na igreja” e, se atualmente os pentecostais mudaram - como já apontava Ricardo Mariano (2005) em sua dissertação de mestrado -, em plena década de 1980 as disputas sobre a musicalidade evangélica eram inúmeras. Uma igreja que aceitasse determinados ritmos musicais, como samba, choro ou rock, seria considerada “mundana” e, portanto, não verdadeira. Dizia-se que, assim, o “mundo estaria entrando na igreja”.

Ainda durante a década de 1980 e início dos anos 1990 começaram a surgir outros grupos musicais que faziam sucesso com o rock e o pop, como Oficina G3, Resgate, Catedral, Novo Som e Katsbarneia. A música gospel começava a se profissionalizar e os cantores se tornavam artistas, faziam shows e cobravam cachês para cantar nas igrejas. Passaram a assinar contratos com gravadoras<sup>48</sup> que, dentro de pouco tempo, se destacariam no cenário nacional, como *Mk Music* (primeiramente denominada *MK Publicitá*), pertencente ao deputado federal e

---

<sup>47</sup> Cunha (2004: 124), em consonância com Sandro Baggio (1997), afirma que o primeiro cantor evangélico a utilizar o violão como instrumento litúrgico foi o batista Luiz de Carvalho. Dolghie (2007: 205) ressalta o uso dos violões concomitantemente à inserção dos corinhos nos encontros de jovens.

<sup>48</sup> Vicentini, baseada no trabalho de Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1961) e na tese de Eduardo Vicente (2001), faz um resumo histórico acerca das gravações evangélicas no Brasil, desde o começo do século XX. A autora cita diversas outras gravadoras, tais como *a Voz da Profecia* (atualmente *Novo Tempo*), *VPC Produção e Distribuição*, *Favoritos Evangélicos*, *Deus é Amor*, *Recanto dos Evangélicos*, *Boas Novas*, que se tornaria a *Bom Pastor*. Além das citadas por ela, cito a *Som e Louvores* e *União Evangélica*. Eduardo Vicente (2001) identificou que, nos anos 1980, existiam aproximadamente 40 gravadoras evangélicas no Brasil.

membro da igreja batista, Arolde de Oliveira e *Line Records*, empresa do grupo do mandatário de IURD, bispo Edir Macedo. Em São Paulo, nos anos 1990, surgiria, com destaque, a *Gospel Records*, de propriedade dos líderes da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, o apóstolo Estevam Hernandes e sua esposa, a “bispa” Sônia Hernandes. Esta gravadora seria uma das pioneiras na introdução de ritmos como rock, soul, jazz, samba, pagode e rap<sup>49</sup> na música evangélica brasileira (Cunha, 2004: 141).

Todas estas gravadoras tinham a possibilidade de divulgarem estes artistas por meio das estações de rádio FM<sup>50</sup> que, em alguns casos, pertenciam ao mesmo grupo empresarial e se tornavam fortes concorrentes. Antes dessas empresas, em 1986, Francisco Silva, ex-deputado federal, fundava a rádio evangélica *Melodia*<sup>51</sup>, uma das primeiras rádios FM do gênero no Brasil. Em 1998, foi fundada a *El Shadday*, pertencente à Arolde Oliveira. No ano de 1995, Edir Macedo comprou a FM 105, rádio de sucesso no *dial* carioca e, em 1998, integrou suas emissoras na *Rede Aleluia* que, atualmente, contaria com cerca de 80 emissoras. Estas empresas passaram a promover grandes eventos de música gospel e os “shows gospel” se constituíam em uma opção de diversão para os jovens evangélicos. No Rio de Janeiro, certos locais, como a Quinta da Boa Vista, no bairro de São Cristóvão, atraíam milhares de jovens que, à revelia da proibição dos pastores mais conservadores, rumavam em massa para aqueles locais a fim de louvarem e se divertirem.

Portanto, eram introduzidas novas categorias e recentes formas de culto, coincidindo com a multiplicação das igrejas pentecostais e com o surgimento das igrejas do tipo “comunidade evangélica” e dos chamados “ministérios de louvor”, que substituíam a execução dos “hinos sacros”<sup>52</sup> pelos “louvores” e pelos “corinhos” que, não necessariamente, eram de

---

<sup>49</sup> Sobre Rap Gospel, ver Regina Novaes (1999, 2003 e 2012); acerca da *Black Music Gospel*, ver Márcia Leitão Pinheiro (2007).

<sup>50</sup> De acordo com Vicentini (2007), na época da escrita de sua tese, existiriam cerca de 500 rádios evangélicas no Brasil. A autora afirma, com base no trabalho de Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1961), que a primeira irradiação evangélica no Brasil teria ocorrido em 1929, por meio da pregação do pastor luterano Rodolfo Hasse. No mesmo ano, alguns cultos dominicais da Igreja Metodista do Catete (RJ) passaram a ser transmitidos na Rádio Club e Rádio Educadora. Em 1955, a Rádio Tupi passou a transmitir as pregações do pastor Manoel de Melo, no programa *A Voz do Brasil Para Cristo*. De acordo com ela, a Rádio TransMundial seria uma das mais antigas emissoras de rádio evangélica no Brasil, cujas primeiras transmissões remetem ao ano de 1964. Leonildo Silveira Campos comenta sobre a fundação do Centro Audiovisual Evangélico (Cave), que tinha o objetivo de auxiliar as igrejas protestantes históricas na propaganda religiosa (Campos, 2004: 153).

<sup>51</sup> Francisco Silva foi um dos principais promotores da carreira política do atual presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha. Antes de sua candidatura à Câmara dos Deputados, Cunha tinha diversas entradas na programação da Melodia, prestando “serviços de utilidade pública”. Seu programa ficou conhecido entre os evangélicos, por meio do slogan “Afinal de contas, o povo merece respeito”. Além de Cunha, a rádio foi bastante utilizada pelo ex-governador do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho, ex-aliado de Silva.

<sup>52</sup> De acordo com Fajardo, um dos argumentos para a substituição da Harpa Cristã seria a linguagem empregada nas letras dos hinos, com termos rebuscados, característicos dos anos 1930 e 1940, alheio ao “vocabulário cotidiano dos crentes” (2015: 216).

“fogo”. Os hinários impressos, vendidos pelas editoras evangélicas, foram substituídos pelas transparências escritas ou digitadas e projetadas nas paredes dos templos ou em telas para esse fim. Os pastores mais conservadores continuavam resistentes. A CPAD, editora proprietária dos direitos de comercialização da Harpa Cristã<sup>53</sup>, lançou um livro chamado “A mensagem oculta do Rock”, de autoria de Jefferson Magno da Costa, Claudionor de Andrade, Gilberto Moreira e Jeremias do Couto, procurando demonstrar aos jovens que eles deveriam se afastar deste tipo de música. Alguns pastores se especializaram em demonstrar, em palestras, a influência diabólica em determinados ritmos musicais. Em tom sinistro e ameaçador, estes palestrantes abusavam da técnica de rodar os antigos LPs de “trás pra frente”, buscando no som desses discos possíveis falas do Diabo e mensagens subliminares, que também poderiam estar presentes nas capas dos álbuns, por meio de fotos ou gravuras supostamente demoníacas. As letras das músicas não passavam despercebidas e artistas como Raul Seixas, Xuxa e Roberto Carlos, dentre outros, eram demonizados, por conta de supostas propagandas do Diabo em suas canções. Algumas das canções destes artistas eram citadas constantemente com o objetivo de comprovar a ação do demônio na inspiração para suas composições. A música infantil *Ilariê*, que fez bastante sucesso na voz de Xuxa Meneghel, era citada como um louvor ao demônio. Sobre Roberto Carlos, os pastores citavam diversos versos de músicas. Uma delas, *Jesus Cristo*, era interpretada como se o autor da música, influenciado por Satanás, estivesse fazendo um desafio a Jesus. Outras músicas de Roberto Carlos também eram vistas como obras do demônio, tais como *As flores do Jardim de nossa Casa* (1969), *120, 150, 200 km por hora* (1970), *Traumas* (1971) e *A montanha* (1972). Segundo os que se especializavam neste tipo de técnica, a música *A guerra dos meninos*, gravada em 1980, quando tocada de trás para frente teria frases assustadoras como “Eu sou o demônio”. A música *Eu nasci há dez mil anos atrás*, de Raul Seixas é um dos exemplos mais comuns deste tipo de concepção. Eis alguns versos da canção:

**Eu nasci há dez mil anos atrás  
(Intérprete: Raul Seixas)**

Um dia, numa rua da cidade  
Eu vi um velhinho  
Sentado na calçada  
Com uma cuia de esmola  
E uma viola na mão  
O povo parou para ouvir  
Ele agradeceu as moedas  
E cantou essa música

---

<sup>53</sup> Disponível em: <http://www.cpad.com.br/busca/todo-o-site?ft=HARPA%20CRIST%C3%83>. Acesso em 14/11/2015.

Que contava uma história  
Que era mais ou menos assim:

Eu nasci!  
Há dez mil'anos atrás  
E não tem nada nesse mundo  
Que eu não saiba demais...(2x)

Eu vi Cristo ser crucificado  
O amor nascer e ser assassinado  
Eu vi as bruxas pegando fogo  
Pra pagarem seus pecados  
Eu vi!...

Eu vi Moisés  
Cruzar o Mar Vermelho  
Vi Maomé  
Cair na terra de joelhos  
Eu vi Pedro negar Cristo  
Por três vezes  
Diante do espelho  
Eu vi!...

Eu nasci! (Eu nasci!)  
Há dez mil anos atrás  
(Eu nasci há 10 mil anos!)  
E não tem nada nesse mundo  
Que eu não saiba demais...(2x)

Eu vi as velas  
Se acenderem para o Papa  
Vi Babilônia  
Ser riscada no mapa  
Vi Conde Drácula  
Sugando sangue novo  
E se escondendo atrás da capa  
[...]

Eu vi o sangue  
Que corria da montanha  
Quando Hitler  
Chamou toda Alemanha  
Vi o soldado  
Que sonhava com a amada  
Numa cama de campanha  
Eu li!  
Ei li os símbolos  
Sagrados de umbanda  
Eu fui criança pra  
Poder dançar ciranda  
Quando todos  
Praguejavam contra o frio  
Eu fiz a cama na varanda...

De acordo com esses “especialistas” na identificação do demônio, as inúmeras referências às históricas bíblicas e a longevidade do personagem principal da canção indicariam que a música contaria a história do próprio Satã, que teria influenciado Raul Seixas a compor uma música em sua homenagem. Ademais, a música *Rock do Diabo* é constantemente citada por esses pregadores para reforçarem a influência do demônio nas canções de Raul Seixas:

**Rock do Diabo**  
**(Intérprete: Raul Seixas)**

O Diabo é o pai do rock!  
O Diabo é o pai do rock!  
Então é very good rock!  
O Diabo é o pai do rock  
Enquanto Freud explica  
O Diabo dá os toque...

A demonização de músicas e ritmos “seculares” acabou contribuindo para o fortalecimento do mercado da música *gospel* que cresceria de forma substancial nos anos 1990 e 2000. Ainda hoje as músicas “do mundo”, em grande parte, são demonizadas pelos evangélicos. Quanto ao ritmo, ainda se discute quais deles seriam pertinentes, embora haja uma abertura cada vez maior à variedade de ritmos e estilos.

Além da substituição gradativa dos hinários<sup>54</sup> pelos “hinos avulsos” e pelos corinhos cantados, gravados e comercializados por cantores e, a partir da década de 1980, pelas comunidades evangélicas, como Comunidade da Graça (SP), Comunidade Evangélica de Goiânia (GO) e Comunidade Evangélica da Vila da Penha (RJ), da Zona Sul (RJ) e de Nilópolis (RJ), que substituíam os conjuntos de louvor formados nos anos anteriores (Cunha, 2004: 171), certos grupos pentecostais passavam, cada vez mais, a incluir uma nova forma de música em seus cultos: os corinhos de fogo.

### **1.7 Os pentecostais colocam “fogo” nos corinhos e dançam no “reteté”**

Nas vigílias do “reteté”, as músicas são elementos indispensáveis, pois são elas que, de certa forma, determinam o ritmo do culto. Caso haja uma música mais lenta, o que é raro nos vigilhões, o ritmo do evento tende a se tornar mais arrastado. Quando as músicas são executadas em ritmos mais velozes, há um dinamismo maior no andamento dos rituais, o que pode ser

---

<sup>54</sup> Algumas igrejas históricas e ADs ainda utilizam os hinários em seus cultos, embora com menor frequência do que antes do surgimento dos corinhos.

notado nos movimentos corporais dos fiéis, que bailam no compasso das músicas tocadas e cantadas.



Figura 13: Fiéis do “reteté”

Fonte: Foto de Clayton Guerreiro, dezembro de 2014



Figura 14: Fiéis “marchando com o varão”

Fonte: Foto de Clayton Guerreiro, dezembro de 2014

Cabe lembrar que, no *Vigilhão da Celebrai*, são executadas canções evangélicas de diversos estilos. Todavia, é perceptível que as respostas do público às canções com ritmos mais lentos, como as chamadas “músicas de adoração”, são distintas daquelas que são dadas diante da execução dos corinhos de fogo. O ritmo musical, portanto, é fundamental para o balanço dos corpos na dança com o “varão”. Durante a execução de uma de suas canções, presenciei o cantor Alex Gomes virar-se para o músico que o acompanhava na bateria e dizer: “Velocidade, varão. Não pode parar”.

No “reteté” se dança (e muito!) no balanço dos corinhos de fogo. Ao toque dos instrumentos musicais e ao som das letras dos corinhos, os fiéis dançam e se balançam. Dentre

milhares de pessoas reunidas, é raro e, talvez, quase impossível, observar alguém que não se balance. Em outra apresentação na *Celebrai*, ouvi a cantora Deise do Vale, cuja música entoada não era um corinho de fogo<sup>55</sup>, empolgada com o clima de comoção que tomou conta da quadra da Grande Rio no momento de sua apresentação, improvisar uma letra que dizia:

Ainda bem que ele está gravando isso aqui  
Porque nem eu estou acreditando no que Deus está fazendo aqui

Eu fiquei com medo porque não tinha nenhum corinho de fogo  
Mas eu vejo a vitória de Jesus chegando sobre este povo

Não é corinho de fogo  
Mas Jesus tá derramando alegria e vitória pra esse povo

Portanto, a cantora, ao considerar que o que estava acontecendo seria maior do que suas expectativas, demonstra, primeiramente, a força de uma *performance* que gerou uma empolgação no público, o que, certamente, fez com que ela atribuísse o que aconteceu à uma ação divina. Depois, a cantiga indica a importância dos corinhos de fogo para a dinâmica da vigília e demonstra que a seleção dos corinhos é proposital, na medida em que estes cânticos contribuem para que a “vitória” e a “alegria” cheguem. Para Deise, a reação efusiva do público, sem que ela tivesse cantado um corinho de fogo, indicava uma situação especial.

Assim, como os corinhos que começaram a ser cantados nos anos 1950 e 1960, os corinhos de fogo também são curtos, repetitivos e mexem com a emoção dos que os cantam. Entretanto, Albuquerque Júnior (2014) considera que este tipo de música é peculiar e distinta dos corinhos que originalmente eram entoados nas igrejas evangélicas, pois nos corinhos de fogo também seria possível identificar “toques da musicalidade das religiões de matriz africana”, que seria reflexo do “trânsito simbólico-cultural da religiosidade brasileira” (Albuquerque Júnior, 2014: 53). Apesar desta afirmação, é possível observar que os corinhos de fogo são executados nas vigílias em ritmos bastante variados, como o forró, o xote, o baião, o coco, o samba, o axé e o pagode baiano, ou seja, são os ritmos brasileiros que embalam os fiéis em suas danças e demais movimentos corporais. Durante os ritos, os corinhos de fogo embalam os fiéis que se movimentam no “reteté” ao som das guitarras, teclados, baterias, pandeiros, atabaques, dentre outros instrumentos musicais. Para eles, o importante é sentir a

---

<sup>55</sup> Deise apresentou uma canção entoada com roupagem pentecostal, conforme as cantadas por cantoras pentecostais mais conhecidas como Cassiane, Lauriete e Elaine de Jesus. Tais canções tem por característica iniciarem um ritmo mais lento, como uma balada. Porém, na medida em que a canção avança, ganha um ritmo mais intenso, marcada pelo ápice das frases triunfalistas ou de promessa de recebimento do “poder pentecostal”, tais como a frase cantada por Deise do Vale: “Se prepare para sentir esse lugar tremer e abalar de tanto poder”.

presença do “varão de fogo” - os anjos presentes nos cultos pentecostais - que dança com o fiel, possuindo-o ou acompanhando-o no compasso frenético do ritual-show.

Tal afirmação contrasta com as críticas de cientistas da religião ligados ao protestantismo acerca da postura “contracultural” que estaria expressa na pequena contribuição dos evangélicos para a “cultura” brasileira. Alencar (2005) defende a hipótese de que “protestantismo tupiniquim” refletiria a sociedade brasileira, na medida em que nele estariam jungidas várias influências “culturais”. Ao mesmo tempo, o autor questiona a capacidade do protestantismo brasileiro de produzir “cultura”. Para ele, o protestantismo brasileiro teria mantido uma “cara anglo-saxônica ou de *american way of life*” (Alencar, 2005: 77), buscando sua identidade em solo estrangeiro. Em contrapartida, o neopentecostalismo seria distinto de um tipo de protestantismo que se assenta sobre bases “culturais” estrangeiras, pois apresenta práticas “culturais” modernas. Embora minha análise se distancie do entendimento dos dois autores concernente à compreensão de “cultura” como uma entidade discreta e autocontida, concordo com ambos quando distinguem o que é produzido pelos pentecostais, atualmente, com ritmos mais brasileiros, dos cânticos protestantes baseados nos hinários, influenciados pelos estadunidenses e europeus.

Albuquerque Júnior (2014) apontou, ainda, que a música é um elemento fundamental para os cultos pentecostais. Segundo ele, a música dá o recado nos cultos pentecostais, em que “hinos e corinhos” rejeitariam a superfície destas celebrações, dando-lhes uma dinâmica peculiar. Todavia, o autor vai mais além e afirma que “essa dinâmica nucleada pela música no culto pentecostal não tem o caráter de entretenimento, típico da musicalidade secular” (2014: 50). De acordo com ele, “música também é culto” e, por isso, não haveria um caráter de diversão nos rituais pentecostais estudados por ele. Por um lado, concordo com este autor no que se refere à afirmação de que, de fato, a música confere uma dinâmica própria aos ritos pentecostais. Por outro, quando esta análise é aplicada ao escopo dos viglhões, não seria adequado afirmarmos, de forma taxativa, que as músicas entoadas nas vigílias não propiciam um momento de entretenimento. Aliás, esta discussão está posta na introdução deste trabalho, quando trato do *Vigilhão da Celebrai* como um ritual, mas, ao mesmo tempo, não excluo o caráter de diversão deste evento, considerando que nele estão imbricados elementos religiosos e de divertimento. Mesmo tentando não tomar partido nas discussões dos “nativos” sobre a (i)legitimidade de se ter um culto no qual as pessoas se divertem<sup>56</sup>, observei que as vigílias

---

<sup>56</sup> Waldney de Souza Rodrigues Costa (2015), ao tratar do lazer entre jovens evangélicos, se apoia em proposições de Weber. De acordo com ele, a ética protestante e a necessidade de santificação trouxeram implicações sobre a vida do fiel, afetando inclusive a forma como ele lida com as diversões (2015: 178, 179). Segundo Costa, os jovens

promovidas pela *Celebrai* parecem ter um elemento de diversão. Afinal, muitos jovens trocam as baladas e o lazer noturno por uma noite de vigília. O clima do local, as luzes, as danças, os sorrisos, as trocas de olhares, os contatos e amizades feitas entre os jovens evidenciariam que também há um caráter “de balada” em algumas das vigílias de que participei. Do contrário, não fariam sentido as advertências, nas pregações e orações, sobre pessoas que participariam dos ritos e, ao saírem do local, iriam praticar as mesmas coisas que lá são condenadas, como o sexo fora do casamento monogâmico e heterossexual, a frequência a motéis, o uso de drogas lícitas e/ou ilícitas e as danças para fins de diversão em locais não evangélicos. Afinal, tais práticas estariam em desacordo com o que se prega na *Celebrai*. Agindo assim, estes jovens jamais poderiam alcançar o progresso na “vida espiritual” e, conseqüentemente, não teriam cumpridas as “promessas” que geralmente recebem, por meio de profecias e revelações, de que se tornariam pessoas importantes no meio eclesiástico.

O aspecto mais importante a ser ressaltado nos rituais do “reteté” talvez seja a maneira como esses pentecostais fazem uso de seus corpos durante os rituais. Tais gesticulações podem ser notadas nas *performances* dos pregadores e dos cantores e nas gestualidades dos fiéis durante as vigílias que tenho observado.

No que concerne aos pregadores destes rituais, não se pode dizer que a forma como atuam seja submetida a uma padronização tão fixa, como se observa em certas igrejas neopentecostais, como na IURD, em que fica evidente que a fala e as gesticulações de seus pastores exorcistas parecem seguir um padrão quase repetitivo. Contudo, durante o *Vigilhão da Celebrai*, parece haver uma sequência lógica e algumas semelhanças entre a forma com que os pregadores falam e gesticulam. Apesar de não se exigir treinamento dos pregadores pentecostais em seminários teológicos, seu preparo fica por conta da “observação de gestos, entonação de voz e dinâmica própria de pregadores mais experientes” (Fajardo, 2015: 234). Geralmente, eles fazem as leituras bíblicas e começam suas falas em um ritmo mais lento, explicando os trechos da Bíblia que leram. Na medida em que os argumentos vão sendo desenvolvidos, o tom de voz começa a se alterar, as gesticulações começam a ficar mais intensas e pastores que sempre participam da *Celebrai*, como Bruno Marques, Artur Gadelha, Rogério Barros, Clézio Araújo, Amilton Júnior, Anderson Costa, dentre outros, começam a gritar e, por meio de chavões pentecostais, animam seus ouvintes. Todos eles interagem diretamente com o público, por meio de gritos, incitando-os a se manifestarem gestualmente. É comum que estes pregadores profiram

---

crentes não são avessos ao lazer, mas têm como especificidade os imperativos da moderação e a distinção com os “não crentes” (2015: 239).

frases como “Abra a sua boca e dê glória”, “Vou parar de pregar! Vai você daí e dá um minuto de glória”, “Tira o pé do chão, sacode a poeira e abra a sua boca, misturando glória a Deus com aleluia e língua estranha”, “Tira o pé do chão e pisa na cabeça da serpente”, “Levante a sua mão e glorifica!”, “Tem vaso aí? Cadê você?”, “Bate palma pra Jesus. E se é pra ele tem que ser mais forte”, “Abra as suas mãos, porque vou profetizar”, “Vire-se para a pessoa do teu lado e diga pra ela: ‘hoje vai ser a melhor madrugada da tua vida, porque hoje a tua vitória vai chegar’”, “Segure na mão da pessoa que está do teu lado” e “Pode pular, pode rodar, pode gritar, mas faça alguma coisa pelo amor de Deus!”, “Tem crente que ainda não deu um glória. Tá com a língua podre. Mas vai brasa aí. Dá um glória!”, “Vai dar glória ou vai ficar com essa cara de desviado?”, “Quebra tudo!”, “Quebra, quebra...”, “Pegou, pegou, pegou...”, “Voou tudo, terra!”, “Levanta a mão e faz barulho aí...”, “Pula com os dois pés, abre as mãos! Recebe!”, “Algo sobrenatural vai começar a acontecer nos quatro cantos deste ginásio. Bolas de fogo vão começar a queimar”, “Comece a receber poder! Abre a boca, abre a boca, abre a boca!”, “Abre a boca e faz aquele barulho que o Diabo não gosta”, “Eu tô maluco, irmão. Eu tô possuído irmão. Tô doido. A glória de Deus está aqui”, “O manto da glória de Deus desceu no ginásio”.

Alguns deles têm frases prontas, que acabam se tornando as marcas registradas de suas pregações. Bruno Marques, pastor assembleiano de Teresópolis (RJ), que tem se apresentado regularmente na *Celebrai*, costuma se dirigir aos seus ouvintes, misturando chavões pentecostais com gírias cariocas, ordenando a coreografia dos fiéis: “Mão direita para cima, mão esquerda para cima e faz aquele barulho pra deixar o Diabo boladão”. Marco Feliciano costuma fazer uma oração padrão no início de suas pregações, solicitando oito seres angelicais para que o acompanhem durante sua prédica. Nos momentos iniciais da pregação, aparece uma série de chavões que incentivam gritos e gestualidades, como “tirar o pé do chão”. Para Feliciano, os crentes que não gritam durante a pregação teriam “boca de aço e língua de concreto” e precisariam ser queimados com o fogo pentecostal.

Ao ouvir frases como estas, a maioria do público responde positivamente e, num primeiro momento, gesticula de acordo com o que foi pedido pelos que estão de posse da palavra, seguindo-se gritos e gesticulações espontâneas, que podem ser individuais ou coletivas.

Além das pregações, os corinhos são fundamentais no incentivo às gesticulações. Os próprios pregadores se servem das músicas entoadas visto que, em muitas pregações há um fundo musical, gravado em *play back* ou executado através da banda da *Celebrai*, cujo ritmo é modificado em consonância com a fala do pregador.

Outrossim, as letras dos corinhos também incitam as efusivas manifestações gestuais peculiares do “reteté”. Para exemplificar, vale citar um corinho de Netto Paz:

**Reteté**  
**(Intérprete: Netto Paz)**

Pode me chamar de louco  
De maluco o que quiser  
Eu quero entrar no fogo  
Eu quero entrar no reteté

No reteté, no reteté, no reteté, no reteté  
Eu quero entrar no fogo  
Eu quero entrar no reteté  
No reteté, no reteté, no reteté, no reteté  
Eu quero entrar no fogo  
Eu quero entrar no reteté

Domingo na igreja eu começo a orar  
Deus manda fogo lá do céu e eu começo a glorificar  
Levanto do meu banco e jogo as minhas mãos pro céu  
Dou glória Deus, minha vitória hoje tem sabor de mel

Todo mundo fica olhando, me chamando de maluco  
Está doido da cabeça está faltando um parafuso  
Lugar que era geladeira agora virou uma fornalha  
Deus mandou fogo do céu estou sentindo a sua glória

Pode me chamar de louco  
De maluco o que quiser  
Eu quero entrar no fogo  
Eu quero entrar no reteté

No reteté, no reteté, no reteté, no reteté  
Eu quero entrar no fogo  
Eu quero entrar no reteté  
No reteté, no reteté, no reteté, no reteté  
Eu quero entrar no fogo  
Eu quero entrar no reteté

A música homônima, entoada pela banda gospel Quatro por um, embora não seja um corinho de fogo, também pode nos dar uma dimensão aproximada da valorização do “reteté” nas vigílias:

**Reteté**  
**(Intérprete: Quatro por um)**

Era sexta-feira, dez horas da noite  
Quando começou a vigília no galpão  
Tinha tanto jovem,  
Quase que perdi a conta

Muita alegria e um só coração

Era uma reunião pra buscar poder  
Eu só não sabia o que ia acontecer  
Não importava se era homem  
Ou se era mulher  
O importante é  
Que a galera era do reteté

Fogo, estou cheio de poder  
Fogo, tudo pode acontecer  
Fogo, que desce no altar  
Fogo não consigo mais parar

Tinha muita unção,  
Era só vitória  
Era um pula-pula,  
Muita gente dando glória  
Tinha gente cantando,  
Tinha gente chorando  
Sendo batizada com Espírito Santo  
Era uma reunião...

Flordelis, uma das cantoras pentecostais mais celebradas no momento, presença constante nos vigiões, também declara sua empolgação com o “reteté”

**Eu sou canela de fogo  
(Intérprete: Flordelis)**

Eu sou canela de fogo  
Reteté de Jeová  
Estou nadando no azeite<sup>57</sup>  
Não consigo parar

Tô envolvido na glória  
Tô envolvido no manto  
Estou andando em brasas eu não estou suportando  
O rolo está descendo, enchendo este lugar  
Tem labaredas de fogo, em todo, em todo lugar

É labareda, é labareda de fogo  
É labareda, é labareda de fogo  
É labareda, é labareda de fogo  
É fogo santo, fogo puro, é por isso que eu não mudo  
Não paro de adorar

Jesus entrou aqui não veio para brincar  
Veio para decidir histórias vão mudar  
Deus vai entrar na tua vida  
Vai restaurar o teu lar

---

<sup>57</sup> Expressão que indica o recebimento da unção do Espírito Santo.

Sabe aquela enfermidade  
Hoje o meu Deus vai curar  
Vai libertar o teu filho das drogas e da prisão  
Sabe aquele teu marido  
Vai marchar com o varão  
Sabe aquela tua filha que vive na perdição  
Ela vai virar a líder do grupo de oração  
Sabe aquela feiticeira que tentou contra você  
Deus vai entrar na peleja ela vai é se converter

Eu sou canela de fogo  
Reteté de Jeová  
Estou nadando no azeite  
Não consigo parar  
Eu sou canela de fogo  
Reteté de Jeová  
Estou nadando no azeite  
Não consigo parar

Jesus entrou aqui não veio para brincar  
Veio para decidir histórias vão mudar  
Deus vai entrar na tua vida  
Vai restaurar o teu lar  
Sabe aquela enfermidade  
Hoje o meu Deus vai curar  
Vai libertar o teu filho das drogas e da prisão  
Sabe aquele teu marido  
Vai marchar com o varão  
Sabe aquela tua filha que vive na perdição  
Ela vai virar a líder do grupo de oração  
Sabe aquela feiticeira que tentou contra você  
Deus vai entrar na peleja ela vai é se converter

É labareda, é labareda de fogo  
É labareda, é labareda de fogo  
É labareda, é labareda de fogo  
É fogo santo, fogo puro, é por isso que eu não mudo  
Não paro de adorar

É labareda, é labareda de fogo  
É labareda, é labareda de fogo  
É labareda, é labareda de fogo  
É fogo santo, fogo puro, é por isso que eu não mudo  
Não paro de adorar

É labareda, é labareda de fogo  
É labareda, é labareda de fogo  
É labareda, é labareda de fogo  
É fogo santo, fogo puro, é por isso que eu não mudo  
Não paro de adorar

Outro corinho, entoado por Rejane Fogo Puro, refere-se aos movimentos da marcha com o varão e dos rodopios, quando os crentes entram no “reteté” e mesmo que a coreografia da

música de Rejane seja ensaiada, pode-se dizer que, ao menos, incentiva os participantes dos rituais, a iniciarem suas danças no “reteté” até que elas se tornem espontâneas:

**Jericó vai cair**  
**(Intérprete: Rejane Fogo Puro)**

Foi pra Jericó cair que Israel marchou  
Foi pra Jericó cair que Israel marchou  
Vai marchando, vai marchando em nome do Senhor

E vai marchando, vai marchando  
vai tocando o pandeiro  
Para Jericó cair tem que marchar primeiro

Mas pra Jericó cair você tem que marchar  
Mas pra Jericó cair você tem que marchar  
Então levante agora e comece a dar lugar  
Se coloque de pé comece a dar lugar

Vai dando glória, dando glória misturado com aleluia  
E deixa que essa barreira Jeová derrubar

Dá a primeira volta (3x)  
Creia na vitória

Dá a segunda volta (3x)  
Tá vindo a vitória

Vai dando a terceira volta  
Tá vindo a vitória

Vai dando a quarta volta  
Tá vindo a vitória

Vai dando a quinta volta  
Tá vindo a vitória

Vai dando a sexta volta  
Tá vindo a vitória

Vai marchando, vai marchando e dando a sétima volta  
Tá chegando a vitória

No momento em que a música é entoada, os fiéis repetem os movimentos, sugeridos pela canção. Assim, quando a música fala de marcha, os crentes marcham, e quando Rejane sugere dar “voltas”, os fiéis giram sobre seu próprio eixo, como se tivessem vivenciando o episódio bíblico sugerido no corinho. Quando a música é entoada, é possível notar pessoas rodando, pulando, colocando as mãos nos ombros e se balançando, outros com as mãos sobre

a cabeça – decerto, acreditando que, enquanto praticam o “reteté”, estão conseguindo a “vitória que foram buscar” na vigília.



Figura 15: Fiel dançando no “reteté”  
Fonte: Fotos de Clayton Guerreiro, abril de 2015

Os cantores e pregadores são, de certo modo, modelos que os fiéis admiram e nos quais procuram se espelhar. É comum, portanto, que a maneira como os pregadores e cantores gesticulam se reflita diretamente nas reações da plateia que eles têm diante de si<sup>58</sup>.

Acredito que as apresentações do cantor Zé Carlos são exemplares, nesse aspecto. Durante suas “oportunidades”, ele alterna a execução dos corinhos de fogo com gritos, glossolalia e uma forma impressionante de “rodar”, em decorrência da velocidade com que ele o faz, sendo sucedido por uma boa parte dos fiéis que se encontram presentes. Após o término de uma música cantada por ele, Joel da Celebrai passou a tecer elogios aos cantores de sua gravadora. Naquele momento, Zé Carlos, vestido com paletó e gravata, ainda estava ao lado, com um lenço na mão direita, secando o suor do rosto, quando foi novamente “tomado”, levantando as duas mãos e girando, enquanto seu paletó se abriu como uma espécie de capa. O ritmo deveras veloz de seus rodopios era alternado com movimentos com as mãos, cotovelos arqueados, como se estivesse abraçando alguém. Naquele momento, conquanto Joel estivesse de posse do microfone, todas as atenções ainda continuavam voltadas para o cantor. Muitos gritos de aleluia, glória a Deus e glossolalia. Até mesmo Abílio Santana que, como falei, tinha uma postura mais comedida quando não estava pregando, levantou uma das mãos, indicando

---

<sup>58</sup> Marcel Mauss (2003), ao abordar o tema das técnicas corporais, isto é, às maneiras como os seres humanos utilizam seus corpos, afirma que os indivíduos assimilam os movimentos corporais que os outros executam diante dele. Tal assimilação aconteceria no transcorrer do processo de socialização e poderia, igualmente, estar associada aos atos mágicos e religiosos, como parece ser o caso em estudo. Ademais, o autor considera que as técnicas têm maior eficácia quando são transmitidas através das tradições e por pessoas com maior autoridade, como parece ser o caso dos cantores e pastores que conduzem as vigílias.

aprovar a *performance* do cantor. No fim do giro, Zé Carlos levantou uma das mãos, abaixando a outra, até que o movimento diminuiu e ele abaixou as duas mãos, passando a girar lentamente, tremendo e falando em línguas. No fim, deu dois ou três passos para frente e para o lado, encerrando a *performance*.

Nesse mesmo dia, Zé Carlos concedeu uma entrevista à Soraya Carvalho. A repórter-missionária exaltou os movimentos executados por ele durante sua apresentação, revelando, inclusive, uma brincadeira realizada nos bastidores da *Celebrai*, de que o cantor entrevistado seria considerado, entre eles, como o “piãozinho de Jesus” ou “piãozinho Celebrai”

**Soraya:** Eu estava conversando com o Zé Calor há pouco sobre a forma como Deus usa ele, e ele falou que isso é desde criança, né verdade?

**Zé Carlos:** É, na verdade eu venho acompanhando desde muito pequeno, círculo de oração, acompanhando os trabalhos das ADs, muito envolvido com irmã de oração. Acabamos recebendo essa dádiva aí. Essa manifestação de Deus em nós. Isto não é o batismo em si, é uma manifestação.

**Soraya:** Manifestação do piãozinho Celebrai.

**Zé Carlos:** Você me batizou, tá batizado.

**Soraya:** Batizei, tá batizado.

Para o cantor da *Celebrai*, a habilidade que recebeu para executar tais movimentos seria resultado de suas participações em cultos pentecostais desde a infância. Em suas palavras, isso seria uma “dádiva” de Deus, correspondente ao que os pentecostais chamam de “dom” ou “unção”, que indica, na gramática deles, uma capacidade sobrenatural para a realização de algum fenômeno, como o poder de curar, de libertar ou de fazer com que alguém fale em línguas, pule ou rodopie, no caso dos crentes do “reteté”.

Pedro, um de meus interlocutores na *Celebrai*, também relacionou as manifestações corporais dos crentes com os “dons”, dizendo que existiriam os dons “de cura”, “de maravilha”, “de profecia”, “de amor ao próximo” e o “dom da visão”. Segundo ele, quando alguém “está no mistério Deus mostra os pecados”, enfatizando que o principal deles seria o de “adultério”, para que os falsos profetas, que seriam em grande número, não enganem os crentes. O rapaz acredita piamente que Deus poderia revelar qualquer pecado, seja ele “grande ou pequeno”, disse ele, me lembrando dos corinhos de fogo que aludem ao tema. Além disso, Pedro relacionou os movimentos corporais com o “dom de línguas”. De acordo com ele, ser batizado

com o Espírito Santo é diferente de falar em línguas<sup>59</sup>, mas Deus usaria mais os que falam em línguas. Além disso, ele lamentou não ser “batizado em línguas”, pois, segundo ele, em outro culto, no momento em que um pregador chamou as pessoas à frente para falar em línguas ele “estava desligado”, ou seja, não estava atento ao que estava acontecendo ao seu redor.

Mesmo que os meus interlocutores entendam os movimentos corporais do “reteté” como um “dom”, é possível considerar que se trata de uma educação do corpo. Uso este termo no sentido dado por Mauss (2003), compreendendo que se trata da execução de determinados movimentos, mais ou menos padronizados. Faço esta afirmação, pois, embora existam certas variações nos movimentos corporais executados entre os crentes do “reteté”, há uma relativa padronização desses movimentos, o que me permite sugerir, a partir da fala de Zé Carlos, que ele teria presenciado movimentos semelhantes aos que ele executa durante sua vida, por esta ser uma prática comum nas igrejas ADs em que tais práticas são permitidas.

Sendo assim, é bastante provável que alguns destes crentes também tenham recebido a mesma “dádiva” a que Zé Carlos se referiu naquela madrugada. Em outros termos, tomando as concepções de Mauss (2003), alguns crentes podem ter sido educados ou podem ter imitado os movimentos corporais executados diante deles a partir da prestigiada *performance* de Zé Carlos.

Pelo que tenho observado na pesquisa de campo, existem formas distintas de posseção do Espírito Santo nos adeptos do “reteté”. Em muitas ocasiões, os transes dos crentes me impressionaram. Muitos deles rodopiavam com os olhos fechados e transitavam pelo espaço de culto por muito tempo, sem encostarem nas cadeiras, nas paredes ou nas outras pessoas que estavam participando das celebrações. Uma dessas pessoas era Marcos, amigo de Pedro. Achei curioso o fato de ele utilizar um roupão comprido, de cor marrom e o perguntei o porquê daquela roupa. Segundo ele, aquela forma de se vestir foi uma instrução direta do próprio Deus, por meio do Espírito Santo, como um sinal de humilhação e seria utilizada nos cultos para que ele se “envolvesse no mistério”, outra maneira como os pentecostais se referem ao “reteté”. Mesmo com os olhos fechados, ele parecia saber por onde passar e na medida em que rodava, transitava pelos corredores. Marcos me explicou que estava sendo orientado pela voz do Espírito Santo para agir daquela forma e quando lhe perguntei se ele tinha contato direto com o Espírito Santo e como ele conseguia saber que voz era aquela, Marcos me disse que sim, que tinha certeza, pois a “voz do Espírito Santo era como a voz de muitas águas”. Ele ainda me explicou que reconhece que é “usado” de maneira diferente e que por isso algumas pessoas estranham seus

---

<sup>59</sup> O que vai de encontro às concepções dos pentecostais clássicos, para os quais o batismo com o Espírito Santo seria evidenciado pelo falar em línguas.

movimentos. Sem dúvida, isto não o incomodava, porque para ele, seria mais importante ouvir a “voz do Espírito” do que as de seus críticos.

Em alguns momentos, ele se dirigia à parte da frente do palco e encostava na placa fixada na parede do palco. Talvez estivesse se refazendo do esforço corporal de que demanda o “reteté”, mas é possível que ele também estivesse ali recebendo alguma “unção”, por meio do contato com o espaço físico onde estavam os “ungidos de Deus”.



Figura 16: Marcos trajando roupão e dançando no “reteté”  
Fonte: Fotos de Clayton Guerreiro, abril de 2015



Figura 17: Marcos encostado no palco da quadra da Grande Rio  
Fonte: Foto de Clayton Guerreiro, abril de 2015

Assim como Marcos, milhares de outros pentecostais dizem ser guiados pelo Espírito Santo em suas danças e movimentos corporais diversos. Em contrapartida, seus críticos rejeitam suas práticas e desferem diversas acusações contra eles. Segundo alguns deles, estas não seriam práticas “espirituais”, mas os crentes do “reteté” estariam dançando “na carne”. Aliás, o “estar na carne” é uma forma de marcar diferença em relação à prática oposta, a de “dançar no Espírito”. Aqui reside uma diferença fundamental entre ambas, pois, segundo Cunha (2004) e Dolghe (2007), em consonância com a análise de Rubem Alves (1979), os protestantes brasileiros teriam uma resistência às danças, embasados na ideia de que elas remetem ao desejo sexual. Cunha é ainda mais incisiva, ao afirmar que, na concepção protestante, a dança seria “uma versão simbólica do ato sexual”, por isso, “praticá-la seria ceder à tentação que perverte o corpo do crente”, daí os evangélicos evitarem usar o termo “dança em seus cultos, substituindo-os pela palavra ‘coreografia’” (Cunha, 2004: 208, 209). A autora defende, então, que a “cultura gospel” teria sido responsável por demolir esta barreira, ao inserir a dança no contexto dos cultos e introduzir esta “expressão corporal como entretenimento”.

Exemplos desta nova realidade são as festas voltadas para o público evangélico jovem. A Renascer em Cristo foi pioneira na realização destes eventos, com a promoção da festa *Gospel Night*, sendo seguida por outras igrejas. Surgiram barzinhos para evangélicos, nos quais, apesar do nome, não se vende nem se pode consumir bebidas alcoólicas ou cigarros (Cunha, 2004: 208, 209).

As danças realizadas no vigilhão parecem seguir a concepção de alguns pentecostais de que é adequado “dançar no Espírito”, quando não haveria diversão, e sim “adoração” e “batalha espiritual”. O oposto, dançar para fins de divertimento, seria satisfazer os desejos “da carne”.

Por isso, os crentes do “reteté” ressaltam que, apesar de usarem seus corpos, não dançam “na carne”, mas “no Espírito”.

## 1.8 Moral e conflitos

É impossível dar conta da enorme produção de corinhos entre os pentecostais do “reteté”. Trata-se de um universo amplo de produção musical que se intensifica, inventando-se com uma velocidade tão grande quanto a capacidade do pentecostalismo de se multiplicar. Faço a escolha, entretanto, de analisar algumas dessas canções entoadas no *Vigilhão da Celebrai*, de forma a colocar os leitores desta pesquisa a par do que ocorre em uma vigília do “reteté”.

Deve-se considerar que estas cantigas são caracterizadas pelo improviso e pela adaptabilidade de histórias bíblicas, casos pessoais, situações cotidianas diversas e até mesmo músicas “mundanas”, improvisando-se canções que parecem fazer sentido para os fiéis que celebram junto com as “celebridades” da *Celebrai*.

De acordo com Albuquerque Júnior (2014), os corinhos de fogo teriam como característica a capacidade de expressarem os mitos bíblicos, na medida em que atualizam passagens e histórias contadas no texto sagrado dos cristãos. Para ele, os corinhos comunicam crenças e reproduzem um universo simbólico, que poderia ser percebido no exemplo que dei anteriormente. No entanto, em minha análise, faço a opção teórico-metodológica por atentar mais para as práticas e discursos dos atores do que, necessariamente, tentar compreender o que eles pensam ou creem, como se quisesse recuperar cosmologias, mas apoiado nas proposições da teoria da justificação, buscarei tratar principalmente das críticas e justificações morais dadas pelos atores às suas ações (Boltanski e Thevenot, 1991, 1999; Boltanski, 2002). Mantereí, assim, um foco analítico que privilegie o repertório prático-discursivo destes atores, atentando para o que está explicitado nos corinhos e buscando delimitar minha análise ao que tenho percebido no campo de pesquisa explorado por mim.

Primeiramente, é possível notar que os corinhos de fogo expressam uma forte ênfase no que chamarei de “moralidade pentecostal”. Entre as músicas gravadas pela *Celebrai* e executadas nos vigilhões, muitas se referem a estas práticas e a um padrão de moralidade, cujos valores são tidos como absolutos, e que pode ser entendida como uma maneira destes atores de se diferenciarem das demais pessoas, haja vista que, segundo eles, o “crente tem que ser diferente”.

Durante o trabalho de campo, pude notar que diversas músicas condenam práticas tidas pelos pastores, cantores e fiéis como pecaminosas. Vejamos algumas letras das músicas que falam de tais práticas.

**Crente disfarçado**  
(Intérprete: Wellington Jr. Filho do Fogo)

Diz que é do manto, diz que é de peleja,  
Mas tá fazendo até fofoca na igreja

Diz que é do manto, que é mulher de oração,  
Mas usa a língua pra falar mal dos irmãos.

Diz que é do manto, diz que é do mistério,  
Mas tá escondido no pecado do adultério.

Diz que é do manto, diz que vai pro céu,  
Mas Deus te viu no quartinho do motel.

A capa vai cair, a capa vai cair,  
Deus vai revelar a tua vida hoje aqui

A capa vai cair, a capa vai cair,  
Deus vai revelar o teu Pecado hoje aqui

Diz que é do manto, diz que é de peleja,  
Quando acaba o culto toma um copo de cerveja

Diz que é do manto, diz que é de atitude,  
Quando chega em casa canta a irmã no *Facebook*

Diz que é do manto, diz que ele é vaso,  
Quando dá lugar é com jeitinho afeminado

Diz que é do manto, diz que é pregador,  
Mas não obedece a palavra do Senhor

A capa vai cair, a capa vai cair,  
Deus vai revelar a tua vida hoje aqui

A capa vai cair, a capa vai cair,  
Deus vai revelar o teu Pecado hoje aqui

Assim, embalados pelos movimentos da dança, os fiéis são instados a manterem uma vida de “santidade” que, na perspectiva desses grupos, está relacionada a não realizarem práticas como adultério, divórcio, idas a motéis, sexo fora do casamento e homossexualidade. Nestes corinhos, também estão implícitas a proibição de outras práticas, tais como ingestão de bebidas alcoólicas, uso de tabaco, frequências às quadras de escolas de samba (para eventos ligados ao carnaval), shows e diversões. Para eles, a perpetuação dessas práticas demonstra a

incoerência entre estar envolvido no “mistério pentecostal”, ou seja, fazer parte dos ritos do “reteté”, e viver “em pecado”, que neste caso remete à quebra de regras morais que denominam como cristãs. Cabe lembrar que certas pregações reforçam severamente a importância da manutenção de interditos morais nas vidas dos fiéis e pregadores. Nesse sentido, os corinhos de fogo vão ao encontro dos discursos proferidos nas vigílias.

Além deste aspecto, ressalto que os corinhos de fogo produzidos e entoados na *Celebrai* se caracterizam pela ênfase nos conflitos interpessoais vivenciados pelos fiéis. Trata-se de conflitos que podem envolver o cotidiano dos crentes com seus familiares, amigos e vizinhos, mas também as disputas em ambientes religiosos.

**A roda vai girar**  
**(Intérprete: Thiago Negrão)**

Entra na minha vida pra bisbilhotar  
Fala mal de mim e quer me caluniar  
Anda por aí querendo me difamar  
Mas Jesus já me falou que a roda vai girar

A roda vai girar  
A roda vai girar  
Quem tá em cima vai pra baixo  
A roda vai girar  
A roda vai girar  
A roda vai girar  
E quem te humilhou o meu Deus vai exaltar

Ano de 2012 foi meu sofrimento  
Mas 2013 chegou meu momento  
Ano 2012 foi meu sofrimento  
Mas 2013 chegou meu momento

Enquanto eu estava no anonimato  
Você não falava comigo  
Eu passava pela rua tu me desprezava  
Só porque eu não era conhecido  
Eu estava na fila do mercado  
Tu me olhou de em cima em baixo e me ignorou  
E agora que Deus assoprou meu nome  
Tu foi o primeiro a me dá paz do senhor

Tu foi o primeiro a me dá paz do senhor  
Tu foi o primeiro a me dá paz do senhor  
Tu foi o primeiro a me dá paz do senhor  
Tu foi o primeiro a me dá paz do senhor  
Mas é melhor você me tratar bem  
Porque meu Deus pode te exaltar também  
Mas é melhor você me tratar bem  
Porque meu Deus pode te exaltar também

Como se pode perceber, a cantiga aborda temas como “calúnia”, “difamação” e disputas pessoais em relação à hierarquia em ambientes religiosos. Parece notório, portanto, que alcançar uma posição nos ambientes eclesiais é também conseguir um *status* social, haja vista que muitas igrejas frequentadas pelos fiéis estão localizadas nas próprias comunidades em que residem e transitam no dia a dia. A história relatada pelo corinho indica que o personagem principal se coloca como desprezado e sem reconhecimento, em decorrência do anonimato. Entretanto, espera-se uma “exaltação”, ou seja, um reconhecimento traduzido na esperança dos pentecostais de que “Deus sobre seus nomes”, fazendo-os conhecidos pelas funções que eles exercem, seja como cantores ou pregadores. O corinho abaixo possui um teor semelhante a este:

**Arão e Miriã**  
**(Intérprete: Thiago Negrão)**

Oh, invejoso, deixa meu irmão  
A vara floresceu foi na mão de Arão  
Oh, invejosa, deixa minha irmã  
Toca o tamborim agora, Miriã

Qual foi o motivo da tua lepra?  
Porque que tu parou de tocar tamborim?  
Qual foi o motivo do teu pecado?  
Você ficou invejoso quando foi, Caim?

Quando meu Deus fala, é pra consertar  
Não é pra um perder nem outro ganhar  
Quando há dupla honra, ele te dá  
É pra quem está caído você levantar

Eu não vim aqui pra ser melhor do que ninguém  
Vim adorar ao Deus que você tem  
Fica me olhando com olhar reparador  
Tá dentro da igreja, mas se esconde do pastor

Fuma um cigarro, bebe uma cerveja e quando pega o microfone  
Ainda pensa que é estrela

Mostra o teu caráter, desce e reconhece  
Mostra o teu caráter, desce e reconhece  
A cada pedra que tu taca é um degrau que me aparece  
Arranca sua capa, crente fariseu  
Falar de mim é fácil quero ver você ser eu

Eu quero ver, eu quero ver você ser eu  
Passando pela prova é dando glória a Deus  
Eu quero ver, eu quero ver ser eu

Sua calúnia e sua difamação está juntando a chegada da exaltação  
Sua calúnia e sua difamação está juntando a chegada da exaltação

Continue tacar pedra quem quiser  
Porque sua pedrada não abalou a minha fé

Sua pedrada não abalou a minha fé  
Sua pedrada não abalou a minha fé  
Sua pedrada não abalou a minha fé  
Continue a tacar pedra quem quiser

Essa pedra que tu está atacando  
O meu castelo estou quase terminando  
A sua pedra trouxe prova e humilhação  
Você me ajudou porque chegou a minha exaltação

Você me ajudou porque chegou a minha exaltação  
Você me ajudou porque chegou a minha exaltação  
Você me ajudou porque chegou a minha exaltação  
Você me ajudou porque chegou a minha exaltação

Eu quero ver, eu quero ver você ser eu  
passando pela prova é dando glória a Deus

Ao recorrer às histórias bíblicas, os intérpretes do corinho de fogo esperam aplicar o que foi vivido pelos personagens às situações experimentadas pelos crentes que cantam seus cotidianos, permeados por conflitos sociais e disputas internas ou externas às igrejas. Com efeito, nas vigílias do “reteté”, é possível afirmar que se trata de um jogo de acusações e contra-acusações, em que o “outro” é sempre o caluniador que contribui para que o “humilhado” se torne “exaltado”, isto é, consiga uma posição melhor do que a que ele se encontra, tanto na igreja quanto na sociedade.

Ao tratar da possibilidade de ascenderem socialmente, os corinhos acabam retratando o contexto social vivenciado por estes atores, o que fica evidente no corinho seguinte:

**O teu milagre vai virar notícia  
(Intérprete: Thiago Negrão)**

É na goteira do telhado é na farinha da panela  
Pega essa varoa e casa com ela  
É do trabalho para casa ele é trabalhador,  
Pega esse varão, varoa, e dar valor.

Abre a sapata e prepara o radier  
Deus tá preparando uma benção pra você  
Se liga meu amigo no que eu vou profetizar  
De casa alugada você não vai mais morar

O *buffet* completo  
Tu já começou a pagar  
O teu casamento

Vai dar o que falar  
O teu milagre  
Vai virar notícia  
Pode colocar mais 700 na tua lista

Eram só 500  
Mas Jesus já aumentou  
Isso é manto  
Cala a boca falador  
Sua lua de mel  
Vai ser lá em Paris  
Você não acreditou  
Mas foi assim que meu Deus quis

Embora o pentecostalismo consiga, cada vez mais, arrebanhar fiéis de diversas camadas sociais alcançando, inclusive, um grande número de fiéis na classe média<sup>60</sup>, ainda parece ser entre os mais pobres que este tipo de culto consegue o maior número de crentes. Para estes, a possibilidade de ascensão social é simbolizada pela construção da casa própria, ao preparar sua fundação, em substituição à condição menos favorável de conviver com “goteira no telhado” ou com pouca “farinha na panela”. Do mesmo modo, organizar uma festa de casamento para 500 ou 700 convidados e realizar uma lua de mel em Paris pode ser visto como um sinal de aprovação divina na vida do crente.

Dessa maneira, em conformidade com que demonstrou Albuquerque Júnior (2014), os corinhos de fogo, não parecem escapar a esta constituição atual do pentecostalismo e às influências da teologia da prosperidade, associada ao neopentecostalismo. Assim, alguns compositores e cantores assumem tais concepções e as propagam através de suas letras. A “lua de mel em Paris”, da qual Negrão fala em sua letra, demonstra, portanto, que os pentecostais da atualidade parecem não ver problema em buscar a prosperidade e, ao mesmo tempo, dançar no “reteté”, jungindo concepções de diferentes vertentes do pentecostalismo.

## **1.9 O discurso da feitiçaria**

Os pentecostais do “reteté” se servem de uma forma relativamente comum de se traduzir os conflitos sociais: as acusações de feitiçaria. Isto pode ser visto tanto nas pregações realizadas pelos pastores e missionários quanto nas letras dos corinhos de fogo. Aliás, vale lembrar que, de acordo com Patrícia Birman (2009), ao pesquisar o tema da feitiçaria em comunidades do

---

<sup>60</sup> Exemplo disso são as igrejas orientadas para um público de classe média, como Renascer em Cristo (Siepierski, 2001), Batista da Lagoinha (Pereira, 2011) e Bola de Neve (Maranhão F°, 2013).

Rio de Janeiro, os pentecostais seriam os maiores responsáveis pelas acusações de feitiçaria nos dias atuais, ao associarem-na a seus concorrentes, os integrantes das religiões afro-brasileiras.

Os pentecostais do “reteté” salientam bastante esta questão e é possível dizer que a feitiçaria é parte importante do repertório prático-discursivo desses rituais. Refiro-me, neste caso, a um conjunto de expressões, termos, práticas e discursos que remetem às disputas em torno do tema da feitiçaria - tais como as citações de que a “macumbeira perdeu”, as revelações que aludem aos “trabalhos de feitiçaria” que estariam sendo desfeitos e a noção de que a prática do “reteté” tem como objetivo combater a “macumba”- tema que tem sido tratado por diversos autores, dentre os quais destacam-se Mary Douglas (1999), Evans-Pritchard (2005) e Peter Geschiere (2006).<sup>61</sup>

Nas práticas e discursos dos crentes do “reteté” as ideias sobre feitiço e sobre os responsáveis pelas causas do malefício advindo da feitiçaria se fazem presentes constantemente. Como já disse, os fiéis fazem inúmeras referências às práticas de feitiçaria, sendo possível afirmar que, entre eles, as alusões ao tema ocorrem de dois modos distintos, mas não necessariamente excludentes. Em uma primeira alusão ao feitiço, parece ocorrer o que chamarei de “feitiçaria cotidiana”, que se inscreve em uma dinâmica relacionada com os contatos diários dos crentes do “reteté”, sejam eles na família, na vizinhança, no local de trabalho ou na igreja<sup>62</sup>.

Na abertura de uma das vigílias de que participei, Paulo Roberto, o pastor de Joel, orava combatendo alguns espíritos, dentre os quais os “do namoro”, “do adultério”, “da fornicação”, “da inveja” e “da fofoca”. Ao se referir a um espírito da inveja e da fofoca, por exemplo, parece haver uma indeterminação relativa, em relação ao autor de tais atos, pois ainda que a inveja e a fofoca possam ser consideradas próprias dos seres humanos, os crentes acreditam que o Diabo poderia motivá-los a sentirem e a agirem de tais modos. Como se pode observar nos corinhos que seguem, nem sempre se sabe quem é o responsável pelo feitiço, mas os pentecostais do “reteté” compreendem que a pessoa que desejou o mal fora motivada por algum “espírito

---

<sup>61</sup> Douglas escreve a partir dos dados recolhidos entre os Lele, da atual República Democrática do Congo e deixa claro seu incômodo com o tema, sua descrença na feitiçaria e sua posição em favor dos que são acusados de tais atos (1999:8). Evans-Pritchard (2005), afirmou que entre os Azande haveria um “idioma de bruxaria” (2005: 72), que seria utilizado para explicar diversos infortúnios relativos ao cotidiano dos que pertenciam àquela sociedade. Já Geschiere aponta que, entre os seus pesquisados, em Camarões, circulava um “discurso da feitiçaria”. Esse discurso, carregado de ambiguidade moral, daria ao tema da feitiçaria um potencial dinâmico, que impediria a realização de classificações, tal como realizada por antropólogos pertencentes ao estrutural-funcionalismo (2006: 32). O autor ainda argumenta sobre a elasticidade do “discurso da feitiçaria” e sua capacidade de capturar elementos externos ao contexto no qual ele está inserido.

<sup>62</sup> Cabe lembrar que, para os autores que se dedicaram ao estudo da feitiçaria, tais como Evans-Pritchard (2006) e Geschiere (2006), entre outros, as acusações de feitiçaria recaem sempre sobre pessoas com as quais as vítimas se relacionam.

maligno” a agir desta forma. Pode-se dizer, então, que o culpado pela feitiçaria existe, mas, em algumas ocasiões, não pode ser determinado, a não ser que a pessoa que realizou o feitiço seja revelada. Quando a pessoa é identificada, não é nomeada, mas as atitudes diante de quem ela deseja o mal são apontadas:

**Não vai conseguir**  
**(Intérprete: Thiago Negrão)**

Estão querendo ver a tua queda  
Estão querendo ir no teu velório  
Mas o varão de fogo mandou eu te dizer  
Levantaram uma calúnia pra destruir você

Mas não vai conseguir, não vai conseguir  
O inimigo se levanta pra cair

Estão querendo entulhar seus poços  
Estão querendo atrapalhar seu negócio  
Mas uma coisa eu quero lhe falar  
A porta que Deus abre homem não pode fechar

A porta que Deus abre homem não pode fechar  
A porta que Deus abre homem não pode fechar  
Não pode fechar, não pode fechar  
A porta que Deus abre homem não pode fechar

Estão querendo ver o teu sofrimento  
Estão querendo destruir teu casamento  
Mas uma coisa vou profetizar  
Aquilo que Deus une homem não vai separar

Aquilo que Deus une homem não vai separar  
Aquilo que Deus une homem não vai separar  
Aquilo que Deus une homem não vai separar

Este ano de 2013 será o ano da superação  
O coveiro vai perder o emprego  
E crente que te humilhou vai sentar na tua mesa  
Quem te criticou vai sentar a tua mesa  
E se julgou pela aparência vai sentar a tua mesa  
Vai beber teu guaraná e no final tem sobremesa

Quem te difamou vai sentar na tua mesa  
Quem te caluniou vai sentar na tua mesa  
Quem te julgou pela aparência vai sentar a tua mesa  
Vai beber teu guaraná e no final tem sobremesa

**Hoje essa cobra vai se converter**  
**(Intérprete: Muro de Fogo)**

Estava tudo preparado na mente do inimigo  
A força estava armada para me ver destruído  
Mas meu Deus desceu na terra pra peleja  
Quem preparou a força morreu em meu lugar

Olha cuidado fofoqueiro que quer me matar  
Com a sua própria língua tu vai se engasgar  
Meu Deus desceu o manto da revelação  
E a tua capa hoje vai cair no chão

Senta na mesa e come contigo  
Bate no teu ombro e diz que é teu amigo  
Mas quando você vira as costas ele quer te vender  
Hoje essa cobra vai se converter

O tema da inveja perpassa os corinhos de fogo acima transcritos. Neles a inveja é apontada como a responsável pelos infortúnios sofridos pelo “crente”. Pelo que se pode notar nos corinhos, o outro “invejoso” está sempre pronto a lançar calúnias, fazer fofocas e criticar aquele a quem inveja. Em alguns casos, o objetivo do “invejoso” é fazer com que o outro caia ou seja destruído.

Este é um tema que não se restringe ao meio evangélico em foco, mas parece ser bem mais extenso, tendo em vista ter sido tratado por diversos autores que se dedicaram à análise das chamadas “religiões populares”<sup>63</sup>, dentre os quais poder-se-ia citar Alba Zaluar (1980), Carlos Rodrigues Brandão (1985, 1986 e 1987), Raymundo Maués (1995), Melvina Araújo (2002), Patrícia Brandão Couto (2003), Núbia Gomes e Edimilson Pereira (2004), Patrícia Costa (2006), Haudrey Germiniani Calvelli (2011) e Talita Viana Neves (2014), que discutem a presença de tais concepções no interior do que se costumou chamar de catolicismo popular, e Paula Montero (1985), na Umbanda.

Zaluar (1980), Brandão (1985, 1986 e 1987), Araújo (2002), Gomes e Pereira (2004) e Calvelli (2011) abordam o trabalho de agentes especializados, como curadores e benzedeiros, em contraposição ao poder da inveja, do olho gordo e do feitiço, que seriam capazes de desorganizar a vida de uma pessoa ou até mesmo de matá-la. Maués (1995) trata destes temas entre os que praticam o catolicismo popular e a pajelança, indicando o cruzamento de noções “cristãs”, “kardecistas” e populares concernente às doenças, à presença de espíritos e a relação deles com morte (Maués, 1995). Couto (2003), Costa (2006) e Neves (2014) discutem sobre a presença de concepções sobre feitiçaria nas Congadas.

---

<sup>63</sup> Cecília Mariz (1999: 38) considera que “o neopentecostalismo e o pentecostalismo não estariam rompendo com a religiosidade popular brasileira, mas seriam uma continuidade desta”.

Já Paula Montero (1985) prioriza a análise da Umbanda e aponta que, entre os frequentadores desta religião, existe um processo chamado de “demanda”, que se resumiria aos trabalhos realizados contra alguém, mas se relaciona com vibrações mentais realizadas por alguma pessoa movida por “ciúmes, inveja, ambição, vaidade” (Montero, 1985: 244).

Como já foi afirmado acima, tais temas estão muito presentes nos corinhos de fogo, como em um deles, no qual a pastora Amanda d’Campos deixa um “recado” para seus inimigos invisíveis:

**Mesa preparada**  
**(Intérprete: Amanda D’Campos)**

Sentou na minha mesa, depois me traiu  
Pensa que eu não sei, mas Jeová revelou  
Eu vou pagar com o bem, não vou pagar com o mal,  
sabe por quê? Porque a minha atitude é Celestial

Sentou na minha mesa e depois me traiu  
Pensou que ia passar disperso, mas os olhos de Deus  
São como chama de fogo e Jeová te viu

De todo bem que eu fiz para te oferecer,  
Você foi lá na sinagoga tentar me vender  
De todo bem que eu fiz para te oferecer  
Você foi lá na sinagoga tentar me vender

Pode me vender e falar mal de mim,  
Eu não tenho culpa se meu Deus me usa assim

Trinta moedas de prata só pra me matar,  
Mas ao terceiro dia eu vou ressuscitar,  
Eu vou vencer a morte eu vou é triunfar,  
Quem guerreia a minha guerra é o Senhor Jeová

Aquele que na mesa comigo  
Pôs sua mão te digo que no coração tem traição (2x)

Senta nessa mesa e coma desse pão  
Senta nessa mesa e coma desse pão  
Senta nessa mesa e coma desse pão  
Tem mesa preparada para meus irmãos

Ele é valente na peleja, pode acreditar  
Quem guerreia a minha guerra é o Senhor Jeová

Pode me vender e falar mal de mim  
Pode me vender  
Pode me vender  
Pode me vender e falar mal de mim  
Eu não tenho culpa se meu Deus me usa assim

Senta nessa mesa e coma desse Pão  
Tem Mesa Preparada para meus irmãos

Não Adianta você me invejar  
Não Adianta você me caluniar  
Não Adianta você falar mal de mim.  
Eu não tenho culpa se meu Deus me usa assim

Senta nessa mesa e coma desse pão  
Senta nessa mesa e coma desse pão  
Senta nessa mesa e coma desse pão  
Tem mesa preparada para meus irmãos

No fim, a música relata que quem se constituía como um potencial objeto de intenções negativas, acaba se tornando um vitorioso que, com a ajuda divina, supera todas estas dificuldades e passa a oferecer uma festa, no sentido literal ou simbólico, e convida seu inimigo em potencial para participar dela. Esta atitude poderia ser interpretada de dois modos. Por um lado, poderia ser associada ao “sentimento cristão” de se perdoar a quem lhe desejou o mal. Por outro, sentar-se à mesa com um inimigo, o “Judas” tipificado na cantiga, oferecendo-lhe uma refeição, poderia ser entendido como uma forma de ostentar uma situação de prosperidade diante de quem queria que o infortúnio lhe sobreviesse. Esta seria uma maneira de quem foi alvo da traição demonstrar que, apesar do mal sofrido, se tornou uma pessoa “vitoriosa”.

Enquanto cantam, pregam e dançam, os integrantes do culto do “reteté” consideram que também estão combatendo os feitiços lançados contra eles. Vale lembrar que nem sempre a categoria “feitiço” é dita, mas o “discurso da feitiçaria”<sup>64</sup> está sempre presente. Neste modelo de feitiço, portanto, estariam imbricados os temas da inveja, da fofoca, da maledicência, da calúnia, da traição, do mau-olhado e da difamação.

Em contrapartida, há um segundo tipo de “feitiçaria”: a macumba, presente no *Vigilhão da Celebrai*. Neste modelo de “feitiço”, os autores seriam sempre os integrantes de religiões afro-brasileiras, como pode ser notado no corinho abaixo:

**Foi revelado**  
**(Intérprete: Wellington Jr. Filho do Fogo)**

Deixa Deus te tomar neste mistério,  
Foi revelado macumba no cemitério

Deixa Deus te tomar neste mistério,  
Foi revelado macumba no cemitério

---

<sup>64</sup> Termo que tomo por empréstimo de Geschiere (2006) para pensar, sobretudo, na dinâmica, na elasticidade e na ambiguidade moral que perpassam as falas sobre feitiçaria.

Deixa Deus te tomar neste mistério,  
foi revelado macumba no cemitério

É no dum, dum, dum  
É no xá, tá, tá  
É na marcha desse anjo que o varão vai te tomar

É no dum, dum, dum  
É no xá, tá, tá  
É na marcha desse anjo que o varão vai te tomar

É no dum, dum, dum  
É no xá, tá, tá  
É na marcha desse anjo que o varão vai te tomar

Tem anjo na porta, tem anjo no altar,  
Tem anjo na igreja, tem anjo em todo lugar

Deixa Deus te tomar neste mistério,  
Tem um anjo em cima deste ministério

Deixa Deus te tomar neste mistério,  
Tem um anjo em cima deste ministério

Trabalhos mais antigos, como os de Nina Rodrigues (2006) e João do Rio (2006), apontam a existência de uma crença generalizada na feitiçaria no Brasil desde há muito, associando o “feitiço” aos descendentes de africanos. Mais recentemente, Yvonne Maggie (1992), Emerson Giumbelli (2003), Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer (2004), Luís Couceiro (2008) e Paula Montero (1985 e 2012), dentre outros autores, têm apontado que as acusações de feitiçaria contra os integrantes das religiões de matriz africana se mostravam intensas, tanto na segunda metade do século XIX como na primeira metade do XX. O “medo do feitiço” faria com que boa parte da sociedade tivesse uma atitude ambígua para com as religiões de referência africana, pois, ao mesmo tempo em que se acusavam os descendentes de africanos de serem responsáveis pelos males advindos do “feitiço” (Maggie, 1992; Giumbelli, 2003), como doenças e mortes, existia a noção de que estas pessoas seriam responsáveis pelo combate aos malefícios, desfazendo os “feitiços” (Couceiro, 2008). As próprias autoridades da época agiam com o intuito de combater os “feiticeiros” (Maggie, 1992; Giumbelli, 2003, Schritzmeyer, 2004 e Montero, 2012), pois se tinha a ideia de que os “africanismos rudes” teriam sempre o propósito de “perturbar as idéias” e “alterar o estado nervoso”, provocando males à coletividade (Giumbelli 2003: 257). Em consonância com o que propuseram estes autores, entendo que este tipo de prática discursiva é resultado de uma construção histórica e que as associações destas

religiões com o “feitiço” são produzidas com base em um conjunto de dispositivos discursivos disponíveis aos atores, nas diversas situações de disputas públicas nas quais eles se envolvem.

Nas igrejas do “reteté” não se “guerreia” contra religiões afro-brasileiras através de sessões de exorcismo voltadas para o combate à Umbanda, ao Candomblé, suas entidades e seus símbolos, assim como ocorre na IURD e é demonstrado por autores como Luís Eduardo Soares (1993), Ari Pedro Oro (1997), Bruno Reinhardt (2006) e Ronaldo Almeida (2009). Embora não existam reuniões específicas para tal e o tema seja menos frequente do que na IURD, este combate acontece nos cultos do “reteté”. É possível notar a “guerra” contra o afro-brasileiro nas falas dos pregadores e dirigentes. Nestas pregações, os integrantes de religiões afro-brasileiras são chamados de “feiticeiros” e “macumbeiros”, dentre outros termos associados a algo negativo. Em uma pregação na quadra da Grande Rio, Valdemir Menezes estava empolgado, a ponto de dizer aos seus ouvintes que as pessoas não se incomodavam com o “reteté”, nem com o fato dos crentes subirem o monte para orar ou com o “terno bonito” que eles usavam, mas com o “crescimento” deles. Ao argumentar sobre a vitória dos crentes sobre seus “inimigos”, ele dizia:

Pastor, eu moro em um lugar que quem manda lá são os vaga... [pausa], são os meninos. Pastor, eu moro em um lugar que quem manda lá é a macumbeira [grifo meu]. Não tem problema. O milagre encontrou teu endereço (Valdemir Menezes).

Prosseguindo em sua fala, o pastor afirmou que haveria oposições da Pombagira, do Tranca-Rua e de outros “demônios” para que o crente não vença. Entretanto, baseado em concepções triunfalistas, comuns a muitos pregadores pentecostais da atualidade, ele afirma que o crente que o ouvia iria alcançar a “vitória” de qualquer jeito. Também observei a pastora Patrícia, uma das “mulheres de oração” que dão suporte a Joel da Celebrai, fazer alusões às entidades de religiões afro-brasileiras. Orando, ela pedia: “destrói as Pombagiras, os Tranca-Rua, os Zé Pilintra”<sup>65</sup>.

Estas referências também ocorrem durante as apresentações dos cantores. Entre uma música e outra, alguns deles combatem, discursivamente, o “feitiço”, como fez Eliane Silva, ao afirmar que “toda macumba [iria] cair por terra em nome de Jesus”. Cristiane Medeiros, contratada da *Celebrai*, enquanto cantava e incentivava seus fiéis a pisarem na “brasa” e no “fogo”, dizia: “enquanto você está pisando aí, ó, Deus está desmanchando trabalhos contra tua

---

<sup>65</sup> Prandi (2001), Luiz Assunção (2010) e Silva (2012) denominam estas entidades como exus e discutem sua demonização.

vida. Eu profetizo que enquanto você está pisando na brasa, Deus está desmanchando trabalho de feitiçaria agora”.

Outro exemplo semelhante foi a apresentação de Deise do Vale. Ao cantar uma música de seu repertório, a cantora substituiu os termos da gravação original de sua canção, mudando versos e frases e, em lugar de palavras como “demônio”, originalmente gravada, a cantora citava “Exu Caveira” e “Zé Pilintra”, que ela dizia ser um “negócio” que estaria dentro de algumas pessoas ou de seus familiares, causando doenças, vício de cigarro, bebida e drogas ilícitas. De acordo com ela, as entidades deveriam “cair”, serem “queimadas” e postas “para correr”.

Além disso, os cantores do “reteté” cantam e expulsam “feitiços” e “macumbas” nas letras de seus corinhos.

**O fogo vai pegar  
(Intérprete: Melvin)**

Por que o fogo,  
O fogo vai pegar agora,  
Se você glorificar,  
O morto ele vai ressuscitar,

E o cego pode a glória contemplar,  
O mudo em mistério vai falar,  
O coxo vai poder sapatear,  
O morto ele vai ressuscitar,  
O endemoniado achará libertação,  
Mas no caminho de Damasco  
Se encontrando com o varão

Seja batizado, seja batizado pelo Espírito de Deus (4x)  
Aonde há o Espírito de Deus há liberdade,  
A casa é do Teu Pai, ó meu irmão fique à vontade.  
Não use a liberdade para dar lugar à carne,

Tem mulher de Deus neste lugar (5x)  
Mas aonde ela chega o Diabo sai  
Aonde ela chega a macumba cai,

Aonde ela chega o alguidar vai quebrar

Tem mulher de Deus aqui neste lugar

O nome Dele o nome Dele é Jeová... (7x)  
É nessa carruagem que Ele vai te levar,  
É nessa carruagem que a vitória virá  
É nessa carruagem que Deus vai trabalhar  
É nessa carruagem que meu Deus vai operar

Olha a carruagem (4x) olha a marcha...  
Mas olha a marcha do varão  
O nome Dele é Jeová.

Nesta canção, há um discurso que indica que o “fogo pentecostal” teria dois objetivos: curar enfermos (coxos e mudos) e recrutar os crentes para o combate ao “Diabo” e à “macumba”. Há que se destacar, aqui, a clara intenção de demonizar as religiões afro-brasileiras, associando-as ao mal. Outro ponto interessante que gostaria de ressaltar é a presença da figura da “mulher de Deus”, ou “mulher de oração”, que receberia uma capacidade sobrenatural, por meio da dedicação à oração, para combater os “espíritos malignos”, associados pelos crentes às entidades afro-brasileiras. Há os que entendem que, de alguma forma, algumas mulheres, principalmente as que lideram as reuniões dos “Círculos de Oração”<sup>66</sup>, teriam mais sensibilidade para as “coisas espirituais”, sendo, por isso, mais usadas por Deus para profetizarem ou terem revelações. Fajardo resalta a importância dos Círculos de Oração, apontando o destaque das mulheres assembleianas nestas reuniões e o “perigo” que elas poderiam representar aos pastores mais conservadores. O autor analisa um artigo do jornal assembleiano *Mensageiro da Paz* (MP) de 1970, em que o pastor Francisco Assis Gomes cita o caso das mulheres que profetizavam sem serem profetas, enfatizando que tais reuniões não deveriam ser de “consultas” às mulheres para quaisquer assuntos, como casamento, viagem ou outros temas. De acordo com o pastor, caso isso seja feito, a mulher consultada no Círculo de Oração seria colocada como “pitonisa ou macumbeira” (Fajardo, 2015: 269).

A preocupação com o “feitiço” e a “macumba” contra os crentes também é ressaltada em um corinho popularizado por Melvin, um antigo MC de Funk “convertido” ao pentecostalismo:

**A minha família é de Jeová  
(Intérprete: Melvin)**

O teu casamento não vai acabar,  
Pisa na farofa, chuta este alguidar,  
Pois não tem Orixá nem Iemanjá,  
A minha família é de Jeová,

A minha família é de Jeová (4x)

O teu casamento não vai acabar,  
O teu casamento não vai acabar,

---

<sup>66</sup> Reuniões que ocorrem nas ADs, geralmente no período da manhã ou da tarde em dias da semana, lideradas exclusivamente por mulheres.

Pisa na farofa, chuta esse alguidar,  
O teu casamento não vai acabar,

Mas não tem Orixá nem Iemanjá,  
Quem manda na minha casa é o meu Deus Jeová,  
Mas não tem Orixá nem Iemanjá,  
Mas quem manda na minha casa é o meu Deus Jeová

Mas o que Deus uniu ninguém vai separar,  
O marido é seu e ninguém vai tomar,  
Essa Pombagira vai sair de lá,  
Levante sua a mão para glorificar,

A mão de Deus está sobre o teu lar.  
A mão de Deus tá sobre o meu lar,  
Pisa na farofa, chuta esse alguidar  
A mão de Deus, A mão de Deus está nesse lugar,

Mas o teu casamento não vai acabar,  
O meu casamento não vai acabar,  
Pisa na farofa, chuta esse alguidar,  
O teu casamento não vai acabar

A mão de Deus está nesse lugar,  
A mão de Deus está nesse lugar,  
A mão de Deus está sobre o meu lar,  
Pisa na farofa, chuta esse alguidar

A mão de Deus está sobre o meu lar,  
A mão de Deus está sobre o teu lar  
A mão de Deus está sobre o meu lar,  
A minha família é de Jeová,

Algumas destas canções, portanto, apontam que a dissolução do ideal de família e monogamia, conforme a moral que eles seguem, é consequência dos trabalhos feitos nas religiões afro-brasileiras para atingi-los e lhes causar algum mal. Os trabalhos, então, precisariam ser desfeitos para que o fiel possa alcançar a “vitória” que, para eles, pode se referir à prosperidade financeira, manutenção do modelo familiar tradicional cristão, ascensão na hierarquia das igrejas em que eles participam, ou mesmo tornar-se conhecido no mercado evangélico da pregação e da música.

Como se nota, existe uma preocupação dos pentecostais em relação às suas famílias, no bojo da concepção de que seu casamento e familiares deveriam ser protegidos contra os males que, porventura, viessem contra eles. Neste caso, a proteção viria por meio da “mão de Deus”, sendo que se atribui às entidades de religiões afro-brasileiras os possíveis problemas familiares. Dessa maneira, estes pentecostais consideram que os “Orixás” e “Iemanjá” seriam causadores dos problemas que eles possam enfrentar no âmbito familiar. Ainda é digno de nota que a

canção parece incentivar os fiéis a se insurgirem contra símbolos de religiões afro-brasileiras, orientando-os a pisarem “na farofa” e chutarem “o alguidar”, demonstrando assim, uma postura intolerante contra os cultos afro, isto porque, eles entendem que os trabalhos realizados por fiéis destas religiões podem atingi-los de alguma forma, causando-lhes o mal.

**Macumba Não Mata Crente  
(Intérpretes: Zé Carlos e Rejane Fogo Puro)**

Eu vejo um anjo do senhor na tua porta,  
Ele vai trabalhar no teu lar  
Vai tocar no teu esposo,  
Libertar todos os teus filhos,  
Dar vitória pra você

Oh abre a porta e deixa o anjo entrar!  
Oh abre a porta e deixe o anjo entrar  
Deixa Deus trabalhar lá dentro do teu lar,  
Oh abre a porta e deixa o anjo entrar

Meu irmão preste atenção,  
Não tenha medo de ninguém,  
Já fizeram tantas coisas para me matar também  
Mas porque eu sou protegida, revestida de poder,  
Podem até fazer macumba, mas quem fez é quem vai morrer  
Macumba não mata crente,  
Macumba não mata crente,  
Se o crente é crente quente  
Macumba não mata crente!

Olha tem manto, mistério se liga vaso,  
Entra nesse manto e não fica parado

Eu te convido pro manto!  
Do pai do filho e do Espírito Santo!  
Olha esse tapete de fogo está neste lugar,  
Esse tapete de fogo Jesus te convida para você marchar

Na marcha, tum dum, dum dum dum, dum  
Eu marcharei, eu marcharei, eu marcharei  
Na presença de papai  
Eu marcharei, eu marcharei, marcharei  
Igreja na presença de papai...

Oh marcha, igreja, na presença de papai  
Oh marcha, terra, na presença de papai  
A terra não se manda, quem manda na terra é Deus  
Pisa na cabeça da serpente pra matar  
A semana inteira ela tentou te derrubar,  
Pisa na cabeça da serpente pra matar  
Quem tem autoridade pisa na cabeça dela  
Pisa na cabeça da serpente pra matar.

Pisa na cabeça da serpente pra matar  
A semana inteira ela tentou te derrubar,  
Pisa na cabeça da serpente pra matar!  
Quebra tudo, quebra tudo, quebra tudo Deus  
Quebra barreira do inimigo e da vitória ao povo seu!  
Quebra tudo, quebra tudo, quebra tudo Deus...

**A vitória é da igreja**  
**(Intérprete: Thiago Negrão)**

Pode vir com lança, com espada e armadura  
Contra ti eu vou, em nome do senhor

Agora pode levantar e por terra cairá  
Agora pode levantar e por terra cairá  
Essa guerra não é minha, é de Jeová  
Agora pode levantar e por terra cairá  
Essa guerra não é minha, é de Jeová  
Agora pode levantar e por terra cairá

A vitória é da igreja, a vitória é da igreja  
Vem comigo dando glória, vitorioso na peleja

Ele é poderoso e o seu nome é santo  
Ele peleja por você no seu cavalo branco

Ele peleja, ele peleja, ele peleja no teu lar  
Guerreia no trabalho ele vai te honrar  
Ele peleja, ele guerreia, ele peleja no teu lar  
Levante a tua mão para glorificar

Ele entrou na catacumba pro teu nome arrancar  
Ele foi lá no cemitério pro teu nome tirar  
Ele abriu a boca do sapo tirou o teu nome de lá  
Levante a tua mão ele vai guerrear

Ele entrou na catacumba pro teu nome arrancar  
Ele guerreia, ele guerreia, no teu lar

Vem comigo dando glória vitorioso na peleja  
Vem comigo dando glória vitorioso na peleja

**Emanuel, guerreiro do céu**  
**(Intérprete: Wellington Júnior Filho do Fogo)**

Emanuel, ele é guerreiro do céu,  
Emanuel, ele é guerreiro do céu  
Emanuel, ele é guerreiro do céu

Não veio da lua, não veio do mar  
Ele não veio  
Ele não veio do Saravá  
Ele não veio

Ele não veio dos Orixás  
Ele não veio  
Ele não veio pra te matar

Não veio da lua, não veio do mar  
Ele não veio  
Ele não veio do Saravá  
Ele não veio  
Ele não veio dos Orixás  
Ele não veio  
Ele não veio pra te matar

E veio do terceiro céu  
Mas ele veio  
veio do terceiro céu  
Mas ele veio  
veio do terceiro céu  
Mas ele veio

O nome dele é Emanuel  
O nome dele  
O nome dele é Emanuel  
O nome dele  
O nome dele é Emanuel  
O nome dele

**Raça de víboras**  
**(Intérprete: Giovanny Brasa Viva)**

Cada pisada que tu dá o Diabo cai  
Cada pisada que tu dá a macumba cai  
Cada pisada que tu dá a feitiçaria cai  
Cada pisada a Pombagira cai  
Oh pisa forte, pisa forte pra matar

Nestes corinhos, fica patente o espírito guerreiro que, cada vez mais, parece caracterizar o pentecostalismo. Ricardo Mariano (2005: 125) considera que existe um “léxico”, que é de uma “beligerância extrema”, pertinente à guerra espiritual dos neopentecostais. Isso está presente nos corinhos de fogo acima citados, no qual observamos termos bastante semelhantes aos apontados por Mariano, como “guerreia”, “vitória”, “vitorioso”, “peleja”, “guerra”, “marcha”, “inimigo” e “matar”. Nesse sentido, minha análise se aproxima mais uma vez do que é tratado por Albuquerque Jr (2014), que considera que as letras beligerantes dos corinhos de fogo potencializam a dinâmica do culto pentecostal.

Esta linguagem beligerante é compartilhada por diversos grupos pentecostais. Christina Vital da Cunha (2008: 34), ao tratar do crescimento pentecostal no Rio de Janeiro e do caso de “traficantes evangélicos”, aponta que há uma “gramática da guerra” “comum aos moradores e

aos salmos”. De acordo com a autora, a noção de que a vida seria permeada por lutas, guerras e conflitos e de que seria necessário recorrer a um ser superior para vencer tais embates é compartilhada entre os “traficantes evangélicos” e os evangélicos, que muitas vezes fazem uso de uma “gramática pentecostal”, expressão cunhada por Novaes (2003: 36) e utilizada por Vital da Cunha para se referir à forma como os traficantes evangélicos estudados por ela expressam suas “crenças, pedidos e aflições” (2009: 250). Contudo, cabe lembrar que os salmos, base a partir da qual os crentes elaboram esta linguagem guerreira, não são uma invenção pentecostal, mas um texto produzido pela tradição judaica que, ao ser apropriado e ressignificado nestes contextos, potencializa conceitos que passam a fazer sentido na realidade desses crentes.

Além disso, outras canções referem-se às concepções populares de “feitiço” que, não necessariamente, seriam praticados nas religiões afro-brasileiras, mas que lhes são atribuídos pelos pentecostais:

**O sapo morreu**  
**(Intérprete: Wellington Jr. Filho do Fogo)**

Costuraram o meu nome na boca do sapo,  
Eu vou te dizer o que aconteceu  
O Senhor me abençoou e o sapo morreu,  
E o sapo morreu,  
E o sapo morreu,  
Antes ele do que eu.

Costuraram o teu nome na boca do sapo,  
Eu vou te dizer o que te aconteceu,  
O Senhor te abençoou e o sapo morreu.  
Costuraram o meu nome na boca do sapo,  
Eu vou te dizer o que aconteceu e o sapo morreu  
E o sapo morreu,  
E o sapo morreu,  
Antes ele do que eu.

Pode acender vela pra tentar me derrubar  
Macumba, feitiço não vai me parar  
Pode acender vela pra tentar me derrubar  
Macumba, feitiço não vai me parar  
Abriu boca do sapo pro feitiço desmanchar  
Agora nessa terra ele convida pra marchar

A música cantada por Wellington Jr. reforça as concepções populares sobre o tema do “feitiço” e a ideia de que, quem tem seu nome posto na boca do sapo, que é costurada, morre

“seco”. De acordo com a matéria publicada no blog da Associação Cultural Axé e Luz<sup>67</sup>, feitiços utilizando sapos podem ser realizados de várias maneiras, entretanto, uma das maneiras mais comuns é escrever o nome da pessoa a ser atingida em um papel e colocá-lo na boca do animal. De acordo com o texto, postado pelo presidente desta associação, o ritual pode trazer “desgraças” para quem foi alvo do trabalho. Desse modo, a solução seria realizar um trabalho específico com o intuito de desmanchar o “feitiço”.

Amaral e Silva (2006) citam uma música composta, em 1979, por João Bosco e Aldir Blanc que remete a esta concepção de feitiço e também aponta uma associação com as religiões afro-brasileiras:

**Boca de sapo**  
**(Compositores: João Bosco e Aldir Blanc)**

Costurou na boca do sapo um resto de angu  
A sobra do prato que o pato deixou  
Depois deu de rir feito Exu Caveira:  
Marido infiel vai levar rasteira.

E amarrou as pernas do sapo  
Com a guia de vidro que ele pensava que tinha perdido.  
Depois deu de rir feito Exu Caveira:  
Marido infiel vai levar rasteira.

Tu tá branco, Honorato, que nem cal,  
Murcho feito o sapo, Honorato, no quintal.  
Do teu riso, Honorato, nem sinal.  
Se o sapo dança, Honorato, tu, babau.

Definhou e acordou com um sonho  
Contando a mandinga,  
E falou pra doida: meu santo me vingá.  
Mas ela se riu feito Exu Caveira:  
Marido infiel vai levar rasteira.

E implorou: “Patroa, perdoa.  
Eu quero viver.  
Afasta meus olhos de Obaluaiê”.  
Mas ela se riu feito Exu Caveira:  
Marido infiel vai levar rasteira.

Tás virando, Honorato, varapau,  
Seco feito o sapo, Honorato, no quintal.  
Figa, reza, Honorato, o escambau.  
Nada salva o sapo, Honorato, desse mal.

---

<sup>67</sup> Instituição fundada em 2008, que se intitula como uma associação fundada com o objetivo praticar, estudar e divulgar a “doutrina da religião Umbanda e a cultura afro-religiosa brasileira”. Disponível em: <http://acaluz1.blogspot.com.br/2010/10/feitico-com-sapo-cururu.html>. Acesso em 19 outubro de 2015.

Honorato, o personagem da música de Bosco e Blanc, foi jurado de morte através do feitiço feito por sua mulher e passou a implorar para que seus olhos sejam afastados do filho de Nanã e Oxalá, o Orixá Obaluàyé, conhecedor dos segredos da vida e da morte, no Candomblé. No entanto, as risadas da mulher traída, semelhantes às do Exu Caveira, indicariam que não haveria perdão ao marido infiel e que não teria jeito. Ele morreria por causa do “feitiço” feito na boca do sapo.

Comparando a música popular com o corinho entoado na *Celebrai*, embora não se saiba o motivo do “feitiço” feito contra o pastor pentecostal, a música interpretada por ele indica que tanto o seu destino quanto o daqueles que cantam o corinho contra o feitiço não será o mesmo daqueles que não estão protegidos pelo “Senhor”. Para eles, mesmo que alguém tenha feito alguma “macumba” ou “feitiço” para derrubá-los, pará-los ou matá-los, isso não surtiria efeito. Do contrário, ele entende que o sapo é que iria morrer em seu lugar. Cabe ressaltar que outro corinho citado, cantado por Zé Carlos, é ainda mais taxativo, quando ele afirma: “Podem até fazer macumba, mas quem fez é quem vai morrer”, o que indica que, se tratando de disputas, macumbas e feitiçarias, os pentecostais do “reteté” transitam facilmente entre os temas do “perdão” e da “vingança”. De um lado, os crentes do “reteté” parecem constrangidos pelas exigências de certa “ética cristã”, que os orienta a amar e orar pelos inimigos. Dessa maneira, em contraposição ao espírito vingativo de alguns pentecostais, existem pregadores e cantores que, em suas falas e músicas, exortam os crentes a pararem de dizer que “a vizinha” ou “a macumbeira” vai morrer, mas que eles deveriam orar para que elas se convertam. De outro, o espírito vingativo parece aflorar em uma parte das pessoas que participam desses ritos e que, alheias aos constrangimentos éticos e doutrinários, fazem preces, desejando a derrota de seus inimigos, sejam eles “espirituais”, os demônios que compõem seu imaginário, ou “carnais”, ou seja, as pessoas de sua convivência.

O repertório prático-discursivo do “reteté” e a suposta proximidade com as religiões afro-brasileiras não ficam sem questionamentos. Incomodados com o caráter supostamente “sincretico” destes rituais, seus opositores acabam fazendo diversas críticas aos que deles participam, considerando que tais rituais não poderiam estar inscritos no que eles concebem como um “evangelho verdadeiro”. No próximo capítulo, trataremos destas disputas discursivas.

## CAPÍTULO 2

### Entre críticas e justificações: o caso de Leandra Nascimento

Neste capítulo, meu objetivo será analisar os debates, entre fiéis evangélicos, acerca do que seria o “pentecostalismo legítimo”, a partir das críticas sobre as práticas do “reteté”. Minha intenção é problematizar tais disputas, que ocorrem em diversas igrejas evangélicas, principalmente pentecostais, sobre os tipos de manifestações corporais que poderiam ter lugar em seus rituais. Relacionadas a estes debates, conforme tentarei apontar, emergem as afirmações de que os ritos do “reteté” representariam um “falso evangelho”, enquanto os que deles participam se defendem e se justificam, reclamando para a si as manifestações dos poderes divinos. Ao analisar as críticas sobre as manifestações ocorridas no “reteté”, procurarei identificar a produção de categorias acusatórias, as quais procuram associar estes cultos a espetáculos de teatro e circo ou aos rituais de religiões afro-brasileiras, ao mesmo tempo em que pretendo analisar as justificações dos crentes dos “reteté”, identificando os argumentos que eles produzem em contraposição aos seus críticos.

A exposição pública dos ritos, inclusive das vigílias da *Celebrai*, por meio de vídeos divulgados na internet, parece potencializar e dar visibilidade às disputas existentes no universo evangélico acerca do “reteté”, na medida em que envolve tanto os que já conhecem este tipo de ritual quanto outros que, ao tomarem ciência do que se passa nestes ritos, passam a criticá-los de maneira veemente. Assim, a postagem e a reprodução dos vídeos das vigílias na internet, pelos próprios organizadores da *Celebrai*, por adeptos do “reteté” ou por seus críticos, contribui para que um número considerável de pessoas, mesmo as que não têm o hábito de frequentar os eventos nos quais acontecem estes rituais, passe a conhecê-los, se sintam à vontade para criticá-los e apontar elementos tidos por impertinentes em um culto evangélico.

Por conta disso, selecionei comentários, em resposta aos vídeos publicados no site *YouTube*, atentando para as críticas e justificações que os atores mobilizam para combater ou defender o “reteté”. Além disso, apresento dados colhidos no trabalho de campo, em entrevistas realizadas com participantes do *Vigilhão da Celebrai*, a fim de comparar as críticas aos rituais com as justificações oferecidas pelos que participam deste evento. Para ilustrar estes debates, descreverei um momento específico dentro de um ritual pentecostal, isto é, a pregação da missionária Leandra Nascimento em um vigilhão.

#### 2.1 Missionária Leandra, a esposa do varão

Em seu perfil, na rede social *twitter*, Leandra Nascimento se apresenta como missionária, diz que é casada, mãe de duas filhas, pregadora e contratada da *Celebrai* e destaca sua “chamada”, modo como os evangélicos definem o momento em que se sentem vocacionados para exercerem determinadas atividades eclesiais, como pregação e música. De acordo com ela, sua “chamada” seria “forte e marcante”, o que denota seu intuito de se apresentar como uma pregadora/cantora diferenciada dos demais. Assim como muitos cantores e pregadores, Leandra é oriunda de uma região periférica do Rio de Janeiro. Moradora do município de São João de Meriti, localizado na Baixada Fluminense, ela afirma que se “converteu” aos 14 anos de idade. Aos 15, começou a pregar e, cerca de um ano depois, a fazer viagens missionárias. Algum tempo depois, Leandra teria começado a cantar, entretanto, as pessoas teriam insistido em convidá-la para realizar pregações, fazendo com que ela se tornasse uma “pregadora itinerante” há, mais ou menos, 11 anos.

Em 2013, Leandra assinou contrato com a *Celebrai Music* para gravar e divulgar DVDs de suas pregações. Desde então, a missionária alavancou sua carreira, ou “ministério”, como ela prefere chamar. A partir daí os materiais audiovisuais com suas pregações, entremeadas por corinhos de fogo, passaram a ser divulgados por todo o Brasil, tornando-a conhecida entre os pentecostais que apreciam os cultos do “reteté”. Sua agenda aumentou consideravelmente, incluindo aproximadamente 20 ou 25 apresentações mensais, em diversos estados brasileiros, sobretudo nas regiões sudeste e nordeste. Para ela, seu “ministério” pode ser dividido entre “antes” e “depois” da *Celebrai*.

Com a divulgação de suas apresentações na internet, Leandra se tornou alvo de inúmeras críticas, expressas no mundo virtual, por meio de publicações em blogs evangélicos e em comentários de redes sociais. Ela reconhece que é objeto dessas críticas e, em algumas ocasiões, por meio de seus perfis em redes sociais, responde aos que a criticam. Em sua página no *Facebook*, utilizada para publicar suas apresentações e falar de sua vida pessoal, a missionária divulgou um vídeo abraçando crianças, que estariam se “convertendo” através de sua pregação. O material repercutiu bem menos do que suas *performances* polêmicas, o que foi suficiente para que ela “alfinetasse” seus opositores, ao considerar que os tais estariam mais interessados em criticá-la do que em ressaltar momentos como aquele, em que a missionária tentou publicizar sua atitude “cristã”.

Ao se referir às críticas que recebera, ela considerou principalmente as falas de seus opositores em relação à sua forma de se vestir e a um corinho cantado por ela em uma de suas

apresentações. Ocorre que Leandra é criticada por usar roupas consideradas por seus opositores como “inadequadas” ou ter posturas “sensuais”, em suas apresentações nas igrejas, assunto sobre o qual discorreremos de forma pormenorizada mais adiante, ao longo deste capítulo. As demais críticas mencionadas por ela dizem respeito a um corinho, conhecido na internet como “Varão da missionária” e “O marido é meu”, entoado em uma de suas apresentações, cuja letra reproduzo:

**Varão da missionária ou O marido é meu  
(Intérprete: Leandra Nascimento)**

O meu marido é bonito, mas é todo meu  
Se está querendo um varão, peça pra Deus o seu.  
Esse vaso é casado e não têm condições  
De você ficar com ele, pois é meu varão

Esse vaso é bonito e tem algo diferente,  
É varão da missionária e também é crente,  
É pai de duas filhas, é marido exemplar  
Se der em cima dele, Jeová vai te cobrar

Esse vaso é bonito, mas é todo meu  
Se está querendo um varão, peça pra Deus o seu.  
Esse vaso é casado e não têm condições  
De você ficar com ele, pois é meu varão

Esse vaso é bonito e tem algo diferente,  
É varão da missionária e também é crente,  
É pai de duas filhas, é marido exemplar  
Se der em cima dele, Jeová vai te cobrar

Oh Jeová vai te cobrar  
Oh Jeová vai te cobrar  
Se der em cima dele Jeová vai te cobrar,  
Pula fora, Dalila  
Senão vou te pegar<sup>68</sup>



Figura 18: Leandra Nascimento e esposo  
Fonte: Página Miss [abreviatura de missionária] Leandra Nascimento

<sup>68</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mGG1HTTrAMI>. Acesso em 27/12/2015.

Ao fim da música, Leandra ainda dá o recado, dizendo que ela estava dando uma resposta “na classe, sem chamar ninguém de Pombagira, sem chamar ninguém de prostituta. Só um recadinho”. De acordo com sua explicação, o corinho teve como inspiração uma história pessoal, envolvendo seu marido e ela.

Segundo explicou, após ter feito uma página no *Facebook* para divulgar as atividades de seu esposo, como técnico de manutenção de vídeo games<sup>69</sup>, Leandra teria recebido mensagens de algumas mulheres que, sem saberem que ela seria a administradora da página, faziam elogios ao seu marido. Dentre as quais, Leandra afirma que havia uma “varoa” “bem assanhada”, também evangélica, que ela afirmou ter “estereótipo de santidade” por causa do “roupão”<sup>70</sup> que vestia, na foto de sua página pessoal. O corinho, gravado em um vídeo caseiro<sup>71</sup> e publicado em sua página pessoal, seria uma resposta a esta mulher.

Segundo ela, por insistência de outras mulheres, o corinho acabou sendo cantado em um congresso feminino, em uma igreja em que ela estava pregando. Todavia, a missionária explicou que o corinho seria apenas uma brincadeira e que ela não tinha intenção de gravar aquela música e, tampouco, desejaria causar qualquer polêmica, ao entoá-la. Por esse motivo, Leandra entrou em contato com administradores de alguns sites, explicando as consequências das postagens:

Na verdade sou pregadora da Palavra, neste dia do episódio eu já tinha ministrado a palavra... nunca pensei em gravar esse corinho. [...] Até agora não sei explicar o porquê da reação negativa, não tem nada de agressão ou palavras de racismo ou heresia na música, acho que alguns equivocados tiraram suas conclusões precipitadas sem conhecer de fato as verdades. [...] Os comentários mexeram muito comigo, pois sou mãe de duas filhas e tenho uma vida íntegra, fui xingada, como se estivesse cometido um crime, mesmo no meio de tanta podridão dentro e fora da Igreja (Leandra Nascimento).<sup>72</sup>

Àquela altura, os vídeos nos quais Leandra aparece cantando o corinho, inspirado nesta situação, já haviam viralizado no *YouTube*, em sites evangélicos<sup>73</sup> e não evangélicos, alcançando milhares de visualizações.

---

<sup>69</sup> Em outro vídeo, Leandra afirma que se tratava da divulgação de um “pequeno comércio” dela e de seu esposo.

<sup>70</sup> Traje usado por fiéis de algumas igrejas pentecostais, tais como Obra da Restauração e ADUD.

<sup>71</sup> De acordo com o que informou Leandra Nascimento, em sua página no *Facebook*, o vídeo teria, até o momento, mais de 11 milhões de visualizações.

<sup>72</sup> Disponível em: <http://webevangelista.blogspot.com.br/2014/01/nunca-quis-gravar-aquele-corinho-diz.html>. Acesso em 27/12/15.

<sup>73</sup> Os sites de fofoca evangélica “O fuxico gospel” e “Genizah” são dois dos principais críticos de Leandra. Além destes blogs, autodenominados de “apologética”, outros blogueiros também fizeram pesadas críticas à Leandra, por causa desta música. O site “Gospel Prime”, foi mais comedido ao noticiar o vídeo da missionária. Disponível em: <https://noticias.gospelprime.com.br/nao-varao-da-missionaria-leandra-nascimento/>. Acesso em 09/12/2015.

Além da versão original, outras pessoas fizeram versões do corinho, em ritmos como pagode<sup>74</sup> e funk<sup>75</sup>. Alguns sites humorísticos, cujas piadas enfocam personagens e símbolos religiosos, começaram a comparar Leandra às cantoras de funk. Tal comparação se deu, provavelmente, em decorrência do conteúdo da letra do corinho, já que algumas composições de funk, como as das MCs Katia e Nem, na equipe de som *Furacão 2000*, ressaltavam os duelos entre a “fiel” e a “amante”, em que a primeira dizia: “O marido é meu, porra!”. O blog “jesusmanero” afirmou que a missionária deveria ser comparada à cantora de funk Valeska Popozuda, apelidando Leandra de “Valeska Gospelzuda”, e que a composição “deixaria qualquer funkeira com inveja”<sup>76</sup>. Os responsáveis pelo site de cunho humorístico “Não salvo”, cujo *layout* inicial possui uma caricatura de Jesus, com um *mouse* no peito, ao invés do “sagrado coração”, como na tradicional imagem católica, ao postarem o vídeo com a *performance* de Leandra, comentaram:

Nooooooossa, que mulher apaixonada em nome de Jesus. O que é isso agora? **O gospel universitário? Funk gospel? Valesca Popogospel...** Com letras sobre relacionamento e recalçadas? É... vcs estão indo longe demais. Melhor ficar esperto com Jeová irmãs, deu em cima do varão da Missionária cês já sabem pra quem vão prestar contas...<sup>77</sup> [negrito no original]

Alguns blogs evangélicos diziam que o corinho teria levado a música gospel “ao fundo do poço”, outros afirmavam que ela estaria “expondo os pentecostais” e que o objetivo dela, ao cantar o corinho, seria apenas conseguir fama e um número maior de convites para se apresentar nas igrejas. Entre os comentários ao vídeo de Leandra, alguns afirmaram: “Que horror! Esse marido é meu? Perdeu o foco do evangelho? Vergonha para o povo de Deus. Vai orar e virá a inspiração de Deus e não essa totalmente carnal”<sup>78</sup>. Outros diziam que isso seria uma “baixaria” e que ela estaria em uma “macumba pentecostal”, mandando recados para a “Pombagira”. Portanto, segundo seus críticos, esse tipo de letra musical seria um absurdo e jamais poderia ser entoado em um culto evangélico.

Assim sendo, as polêmicas em torno de suas *performances* se multiplicam. Além desses, há inúmeros vídeos com suas apresentações em cultos e vigílias que acabaram se tornando alvos de críticas. Apesar disso, as críticas feitas à Leandra parecem ter um efeito contrário, entre os

---

<sup>74</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-xtPlsOR9OY>. Acesso em 27/12/2015.

<sup>75</sup> De acordo com a informação de Leandra Nascimento.

<sup>76</sup> Disponível em: <http://jesusmanero.blog.br/pastora-faz-musica-mandando-as-pirigospel-do-culto-ficarem-longo-de-seu-marido/>. Acesso em: 27/12/2015.

<sup>77</sup> Disponível em <http://www.naosalvo.com.br/missionaria-nao-quer-que-fieis-deem-em-cima-do-seu-varao/>. Acesso em 12/12/2015.

<sup>78</sup> Disponível em: <https://noticias.gospelprime.com.br/video-marido-da-missionaria/>. Acesso em 30/03/2015.

admiradores e adeptos do “reteté”, tornando-a cada vez mais popular. Nos cultos e vigílias da *Celebrai*, ela é, certamente, um dos destaques.

## 2.2 O discurso performático e a *performance* do discurso

Uma das pregações de Leandra Nascimento ocorreu na 18ª edição do *Vigilhão da Celebrai*, que aconteceu na Assembleia de Deus da Família (AD Família), igreja pastoreada pelo Bispo Edinaldo Silva, na cidade caxiense<sup>79</sup>.

O templo desta igreja comporta cerca de 2 mil pessoas sentadas e um bom número em pé, distribuídas entre as colunas e corredores laterais e central, sendo que a plataforma principal, ou o púlpito, onde também são acomodados instrumentos musicais, é ocupado exclusivamente pelos músicos, cantores, pastores e missionários que se apresentam durante toda a madrugada, dentre os quais, Leandra Nascimento.



Figura 19: Fachada da AD Família  
Fonte: Foto de Clayton Guerreiro, dezembro de 2014

<sup>79</sup> Existem, ao menos, três postagens de vídeos com o rito a que se refere este capítulo. Um deles possuía 195.218 visualizações e 513 comentários até as 15:34h do dia 30/01/15. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WTfkaQbfByg>. Durante o mês de fevereiro, tentei visualizar novamente o vídeo, mas ele havia sido removido. O segundo vídeo tinha sido visualizado 15.877 vezes e recebido 114 comentários, até o dia 06/01/15. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-hobPzuC3Us>. O terceiro, postado recentemente, está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GBmVWewWDOA> e possui apenas 828 visualizações e 2 comentários.



Figura 20: Nave do templo da AD Família  
Fonte: Foto de Clayton Guerreiro, dezembro de 2014

Ao tratar da *performance* da missionária, considerarei que, nos viglhões, ela é uma das que exerce um importante papel na condução dos rituais, tornando-se o “centro” do evento durante o tempo que lhe é outorgado para a realização de sua pregação e apresentação musical. Tal afirmação reflete a proposição de Roberto DaMatta, de que em “todos os ritos sempre encontramos um centro, uma zona focal, geralmente controlada por um sacerdote ou por quem faz a vez dele” (1997: 31, 32). É bem verdade que, durante os “viglhões”, há alternância dentre aqueles que fazem o papel do sacerdote, pois, como apontamos no primeiro capítulo, inúmeros pastores, cantores e missionários se apresentam e conduzem as diferentes partes do evento, mantendo-se a posição do “sacerdote”, mesmo que se mudem os que irão ocupar tal lugar. Dessa maneira, é possível considerar Leandra como o núcleo de um dos momentos do ritual, haja vista que, durante sua apresentação, é ela quem “profetiza” e levanta sua mão “poderosa pra Deus bradar”, reivindicando para si a ligação com os poderes do alto, a fim de compartilhá-los com os demais participantes do ritual.

Esta reivindicação do poder divino é feita pela maioria dos pregadores pentecostais que, em muitas ocasiões, se proclamam detentores do poder do Espírito Santo, buscando se diferenciar dos demais religiosos. Muitos deles, quando se comparam a outros pregadores, especialmente não pentecostais, os apontam como “frios” e sem “poder”, declarando-se mais poderosos do que seus concorrentes, pois, de acordo com as concepções correntes nesse meio,

o culto pentecostal não deve ser “frio” ou “gelado” e referências ao “fogo” e ao “poder do Espírito Santo” são partes importantes dos ritos<sup>80</sup>.

Ao iniciar sua pregação, antes de explicitar a reivindicação do poder divino, Leandra cumprimentou seus ouvintes, fez os agradecimentos e as saudações usuais e realizou a leitura bíblica<sup>81</sup>. Até este instante, o comportamento da missionária, nos momentos iniciais do rito, se mostrou bastante semelhante ao modo como age a maioria dos pregadores pentecostais itinerantes, principalmente aqueles ligados às ADs, especialistas em “levar a palavra” nos cultos, congressos e conferências pentecostais por todo o Brasil e no exterior.

Contudo, Leandra se diferencia de alguns dos seus pares ao alternar sua fala por meio de uma *performance* marcada por danças e execuções de corinhos de fogo. Leandra tem ciência da importância dos corinhos em suas apresentações, pois, em um dos momentos de sua pregação, a pregadora argumentou que o corinho de fogo também anima<sup>82</sup> e traz a “presença” divina, apesar de repetir o clichê evangélico de que a pregação seria o “momento mais importante do culto”.

Na prática, porém, é possível perceber que a execução dos corinhos envolve os participantes de maneira muito mais intensa do que a pregação propriamente dita, o que demonstraria a superação, por parte dos pentecostais, do “conflito cúllico” que seria observado entre os protestantes históricos, em que a música deve ser submetida à prédica (Dolgie, 2007: 298). Quando perguntei à Márcia, uma de minhas entrevistadas, se os corinhos auxiliavam nas manifestações espirituais, ela afirmou que não, mas, de certa forma, admitiu a importância dos corinhos, ao dizer que eles fariam com que os crentes sintam “algo forte”:

Já senti a presença de Deus ouvindo louvores do Diante do Trono<sup>83</sup>. Com certeza sentimos algo forte com corinhos. Mas não só com eles, louvores de

---

<sup>80</sup> Ao se referirem às denominações históricas, muitos desses pregadores pentecostais, às vezes, fazem trocadilhos com os nomes das igrejas de seus concorrentes, criticando-os por conta da formalidade de seus rituais. Os presbiterianos são chamados por eles de “sorveterianos” ou “cemiterianos” e os congregacionais de “congelacionais”. Embora isto seja feito em tom de brincadeira, é uma forma pejorativa de marcar diferença em relação aos seus concorrentes e de reivindicar uma espécie de monopólio do poder do Espírito Santo.

<sup>81</sup> Fajardo considera que “o momento da leitura bíblica é uma das poucas ocasiões em que se tem a impressão de não se estar em um culto pentecostal. Não há gritos de “glórias e aleluias” durante a leitura. Busca-se o silêncio e a atenção. Não há movimentação no templo e quem está à porta deve esperar o fim da leitura para poder entrar. Tal aspecto da liturgia remeteria às origens protestantes do pentecostalismo com seu apego à centralidade das Bíblia (2015: 221, 222).

<sup>82</sup> A prática pentecostal de realizar pregações “animadas” remonta ao início deste movimento no Brasil. O jornal assembleiano Mensageiro da Paz, de 1931, traz a seguinte orientação aos pastores: “Ter pregações não que moleste aos ouvintes e os canse, mas que os alegre e os anime. Não sermos demasiados em nossas pregações, pois, muitas vezes, isto, cansa os ouvintes e o culto fica frio -, o pregador perdeu o controle” (Jornal Mensageiro da Paz, 15 de setembro de 1931, mantida a grafia original).

<sup>83</sup> Um dos mais famosos grupos musicais do mercado gospel. Sobre este grupo musical, ver o artigo de Nina Rosas (2015).

adoração também. Há muita presença de Deus a ponto de falar em línguas, pular ou rodar (Márcia, entrevista).

Notemos que, para os pentecostais, mais especialmente aqueles do “reteté”, a presença divina, por meio do Espírito Santo e dos anjos, é rotineiramente sinalizada pelo movimento e pelo barulho, pois, mesmo ouvindo “louvores” voltados para a “adoração” e negando a associação entre os corinhos e os movimentos corporais executados, há o reconhecimento de que a “presença de Deus” se faria notar pela pronúncia de “línguas estranhas”, pelos pulos e rodopios ou pelo barulho.

Com efeito, não faltam movimentos e barulhos nos cultos pentecostais, afinal, como diz Marco Feliciano, ídolo de muitos pregadores do “reteté”: “pentecostal que não faz barulho está com defeito de fabricação”. Ora, se o movimento e o barulho são valorizados, dentre os pentecostais, o silêncio e a inércia corporal são concebidos como sinônimos da ausência divina na vida do fiel. Alencar (2012) e Fajardo (2015) observam esta característica do culto pentecostal nas ADs. O primeiro autor afirma que, para os assembleianos, quando mais barulhento for o culto maior será a indicação de espiritualidade e unção (Alencar, 2012: 192). Fajardo argumenta de forma semelhante, ao dizer que “o ato de glorificar a Deus em voz alta é a chancela do auditório ao que se está sendo pregado ou cantado” (2012: 215). Lembro também, que além do barulho, podem existir frases de incentivo ao pregador. Nos cultos menos frequentados, em contextos um pouco distintos da *Celebrai*, é possível ouvir frases de aprovação do público presente, ao dizerem “Fala, Deus!”, “Vai falando, papai!”, “É isso aí”, “É desse jeito”. Em contrapartida, como observam Alencar e Fajardo, podem ocorrer discordâncias por meio de manifestações orais, em frases como “Misericórdia do teu povo, Jesus!”, “Ajuda teu servo, Senhor!” ou “Meu Jesus” (Alencar, 2012: 192; Fajardo 2015: 216). Além disso, os autores entendem que, quando há silêncio no culto, pode ser um indicativo de que o público está discordando do que está sendo falado ou mesmo resistindo à liderança de quem está de posse da palavra.

Tendo em vista este quadro, os dirigentes e pregadores da *Celebrai*, incluindo Leandra Nascimento, esperam que a postura do espectador da vigília seja substituída por uma participação mais efetiva, por meio dos gritos e gesticulações, pois, somente assim, os que, porventura, ainda se encontrarem inertes ou estiverem se movimentando de forma comedida, poderão sentir a presença de “Jeová” que estaria a “passear” no meio da *Celebrai*. Tal concepção parece estar tão cristalizada no imaginário pentecostal que, mesmo em um evento que pode se estender até por 12 horas ininterruptas, caso algum fiel esteja dormindo durante o

rito, isto pode ser um sinal de que a “presença” de Deus ainda não chegou à vida dele, como advertiu a missionária Leandra Nascimento. Seus ouvintes parecem aprovar este tipo de concepção, pois esta afirmação foi sucedida, imediatamente, por aplausos e brados pentecostais.

Desse modo, Leandra estaria superando o simples uso da comunicação oral, como é característico nos sermões pregados entre os protestantes mais tradicionais<sup>84</sup> e, até mesmo, em muitos pregadores pentecostais. Com isto, pretendo afirmar que a atuação de Leandra, a partir de uma gesticulação peculiar, com a impositação da voz e a alternância da pregação com execuções musicais são capazes de atrair seus espectadores, para que eles também se envolvam no ritual.

Após iniciar sua exposição, Leandra argumentou ser uma “pequena profeta” e afirmou diversas vezes que teria o compromisso de pregar uma mensagem “dada por Deus”, ainda que fosse considerada rígida demais. De acordo com ela, sua fala não seria um “belo discurso”, mas deveria ser “comida” pelos crentes que estavam na vigília naquela madrugada. Por este motivo, seus ouvintes não deveriam “escolher palavra” para começarem a “pular” ou “bradar”, mas deveriam se “alimentar” da palavra, isto é, aprovar sua fala, já que, naquele momento, ela estava na posição de porta-voz de Deus.

A “dureza” do discurso pareceu agradar a maioria dos seus ouvintes, que gritavam e pulavam, enquanto ouviam sua pregação. Alguns minutos depois, simultaneamente à aprovação dos fiéis, empolgada, Leandra girou sobre o sapato preto de salto “agulha” e passou a entoar um corinho de fogo, aparentemente espontâneo, sendo acompanhada pela banda da *Celebrai*, em ritmo de forró

Ai, ai, ai, ai, eu já tô sentindo o negócio mudar,  
A dimensão é outra,  
Foi só Jeová chegar.  
A dimensão já tá mudada  
Ele vai andar  
No meio da Celebrai,  
Ele vai passear. Cadê você?

Todavia, ao cantar o corinho, a missionária colocou uma das mãos na cintura, movimentando os braços para trás, sendo acompanhada por praticamente todos os fiéis que se colocaram de pé, levantaram as mãos e começaram a aplaudir, enquanto um grupo menor se envolveu “no mistério”, girando com movimentos muito semelhantes aos dela.

---

<sup>84</sup> Refiro-me, às igrejas históricas, tais como Luterana, Anglicana, Metodista, Congregacional, Presbiteriana e Batista.

Esse tipo de *performance* parece, de fato, sobrepujar o “jogo de poder” que existiria entre pastores e músicos, já que, de acordo com Dolghe, estes seriam os “agentes principais para a realização do culto” (2007: 298). No caso de Leandra, ela é, ao mesmo tempo, pregadora, profeta, cantora e coreógrafa do público, além de desafiar o Diabo e dizer como os fiéis devem “dar lugar” ou “sapatear”.

Mas vai correr assim,  
Vai dar glória assim,  
Vai dar lugar assim,  
Vai sapatear assim,  
Olha a Celebrai vindo aí!  
Abra a boca agora!

Sua apresentação é, portanto, mais do que um simples discurso, mas uma *performance* que une aspectos bastantes próximos aos que Langdon (2006: 17), ao propor qualidades compartilhadas pelas abordagens analíticas de *performance*, chamou de *participação expectante* e *experiência multissensorial*. Isto porque, na medida em que, em meio aos ritmos, luzes, músicas, sons e movimentos corporais, Leandra interage com os demais participantes do ritual de forma intensa. Com efeito, seus espectadores são mais do que meros ouvintes e a interação entre eles e ela parece fazer surgir uma “força retórica” que transforma momentaneamente a experiência de cada um que se faz presente ao ambiente (Langdon, 2006: 175).

Contudo, a *performance* de Leandra está longe de ser considerada uma unanimidade entre os fiéis evangélicos, inclusive pentecostais, decorrendo-se inúmeras disputas em torno da legitimidade de sua apresentação e, por conseguinte, das *performances* dos pentecostais do “reteté”.

### **2.3 Do “circo” à “macumba” pentecostal: sobre categorias acusatórias e justificações**

O ritual protagonizado pela missionária Leandra Nascimento ilustra um debate que ocorre diariamente em milhares de igrejas pentecostais ao redor do Brasil. As críticas aos rituais pentecostais, via de regra, se relacionam com as acusações de que os ritos do “reteté” não seriam “verdadeiramente” evangélicos ou não representariam o “evangelho puro”. Os argumentos mobilizados giram em torno de algumas questões principais, decorrendo-se a produção de determinadas categorias com a conotação de crítica aos adeptos do “reteté”.

Considerando o que foi proposto por Boltanski e Thévenot (1999) acerca das disputas públicas, considero que as discordâncias acerca da *performance* da missionária podem ser entendidas como *momentos críticos*. De acordo com os autores, existiriam situações na vida social, em que as pessoas, ao fazerem coisas juntas e procurarem coordenar suas ações, se dão conta de que algo está errado entre elas e, por isso, a convivência já não seria possível. Os autores citam como exemplo destas atividades a política, o trabalho e o sindicalismo.

Entretanto, considero que, sendo a atividade religiosa algo pertinente para as sociedades atuais, este suporte teórico pode ser utilizado para realizar a análise que estou propondo, entendendo que as recorrentes disputas sobre o “reteté” possam ser compreendidas como *momentos críticos*. Além disso, os autores entendem que este momento pode ser identificado como o instante em que as pessoas passam a discordar acerca do estado de *grandeza* de alguma pessoa (Boltanski e Thévenot, 1999). Para eles, a partir dos *momentos críticos*, os atores em disputa - tanto os que criticam quanto os que são criticados - devem dar suporte às suas ideias com argumentos que sejam válidos, isto é, que sejam aceitáveis para ambos (Boltanski e Thévenot, 1999). Os autores ainda afirmam que, em momentos de disputas públicas, não é possível sustentar as críticas ou justificações sem que se faça alusão a regras de aceitabilidade. Neste tipo de disputa, os argumentos não seriam considerados legítimos se os atores envolvidos derem a entender que as discordâncias entre eles se relacionam às questões de simpatia pessoal (Boltanski e Thévenot, 1999).

Como afirmei no início, estou supondo que os desacordos acerca da legitimidade do “reteté” se inscrevem em um quadro de disputas mais amplo, no qual estaria em questão a concorrência para determinar qual seria o “verdadeiro” pentecostalismo. Considerando que, conforme Boltanski e Thévenot, o que está em jogo sempre está relacionado a uma questão de justiça, é possível entender que o justo, para os evangélicos, coincide com um acordo pela definição do que seria o “pentecostalismo legítimo”. Porém, para que o consenso ocorra, é necessário que os atores envolvidos nas disputas abram mão de suas individualidades, tendo um princípio específico em evidência. Ao ver de Boltanski e Thévenot, para que se chegue a um acordo ou para que as críticas e acusações sejam consistentes, seria necessária certa habilidade para que as operações espalhadas e heterogêneas sejam postas em equivalência, por meio de um *princípio superior comum*, formado, conjuntamente, pelas noções de *grandeza* e de *bem comum* (Boltanski e Thévenot, 1991: 100), com o intuito de determinar a legitimidade ou não de uma determinada justificação.

Conforme tenho percebido, ao analisar os dados disponíveis, é possível supor que, em um arquétipo ideal relacionado ao pentecostalismo, seria operacionalizado o que chamarei de *princípio da pureza e da diferença*, visto que, para os evangélicos, o “evangelho” deve ser “puro”, sem qualquer tipo de conexão, atravessamento ou mistura com outras religiões e, portanto, “diferente” das demais. Cecília Mariz fornece pistas sobre este princípio, ao sugerir que determinados grupos pentecostais “escondem” o “sincretismo” que lhes seria próprio, adotando o “mito de ‘uma pureza de fé’” (Mariz, 1999: 38-39). De acordo com ela, trata-se de uma “depreciação da mistura e a valorização da pureza” (Mariz, 1999: 39), elementos que estariam presentes na análise de Peter Fry (1991) sobre a “cultura anglo-saxônica protestante”, que valorizaria o “exclusivismo da identidade religiosa”, em consonância com a ênfase na doutrina e com o processo de racionalização religiosa, conforme encontrado em Max Weber (Mariz, 1999: 39). Já Marcelo Camurça aponta que a manutenção da “‘pureza da fé’ e uma identidade religiosa exclusiva” seria uma característica das religiões emergentes no cenário religioso do Brasil, principalmente dos pentecostais e carismáticos (2009: 179).

Ora, nas disputas sobre o “reteté”, os críticos destes rituais apontam que o pretense entretenimento teatral e circense e a suposta incorporação de elementos das religiões afro-brasileiras nos cultos do “reteté” afetariam a “pureza” do evangelho, passando a não existir mais “diferença” entre os cultos evangélicos e as demais religiões, o que, segundo eles, tornariam ilegítimas tais manifestações. Ciente deste tipo de crítica, alguns cantores e pregadores buscam justificar suas práticas durante os rituais. A missionária Leandra, por exemplo, pareceu fazer uma justificação de suas práticas durante sua pregação no vigilhão. Ao se dirigir aos seus ouvintes e alertá-los de que aquele não seria o recinto adequado para brincadeiras, mas para “ouvir algo de Deus”, a missionária usou os seguintes termos:

Você veio aqui para brincar? Eu não vim aqui para brincar não. Eu vim aqui porque eu quero ouvir algo de Deus. Aleluia! Sabe por que eu quero ouvir algo de Deus? Porque eu entendo que isso aqui não é um palco. E a Bíblia diz que o altar é de Deus (Leandra Nascimento).

Por outro lado, entre os que não consideram o “reteté” como um culto evangélico “puro” e criticam os participantes dos rituais deste tipo de pentecostalismo, há os que associam estas reuniões a espetáculos teatrais ou circenses<sup>85</sup>. Segundo eles, tais rituais não passariam de “entretenimento”, “representação” ou “palhaçada”.

---

<sup>85</sup> É importante destacar que os debates em torno da legitimidade dos ritos podem ocorrer nas próprias igrejas, em conversas informais entre os fiéis, ou mesmo em referências (in)diretas nas pregações de pastores que criticam os rituais. Recentemente os irmãos Ubirajara e Ubiratan Bragança, pastores de igrejas evangélicas independentes em

Ao relacionarem os cultos do “reteté” a espetáculos de teatro e circo, estes críticos demonstram que consideram os rituais como espaços apropriados para brincadeiras e diversões. Nesse sentido, deixam a impressão de que, para eles, o que está sendo feito não é algo “sério” ou “verdadeiro”, e de que aquele não é um espaço composto por pessoas “maduras na fé”. Nas críticas, é constante a presença de algumas categorias, como “circo pentecostal”, “circo dos horrores”, “circo dos evangélicos pentecostais”, “circo de loucos” ou ainda “meninice espiritual”, procurando desqualificar os rituais, por meio de uma linguagem depreciativa<sup>86</sup> para nomear tais ritos. Vale lembrar que a categoria “meninice” encontra-se presente entre os pentecostais pelo menos desde a década de 1950. Fajardo (2015) cita um artigo escrito pelo teólogo assembleiano Antonio Gilberto, no *Mensageiro da Paz* de 1958, em que ele criticava a desarmonia no culto pentecostal e dizia que os gritos de “aleluia” e “glória a Deus” em momentos inadequados seriam sinônimos de “meninice e falta de maturidade espiritual” e não de “fervor”. Além disso, rememoro outro artigo citado por Fajardo (2015) e publicado no MP, ao qual aludi no primeiro capítulo, em que Joanyr Oliveira criticava o uso de certos ritmos na igreja, censurava os sorrisos e pulos, considerando que, assim, os cultos estariam se tornando “shows” e a igreja estaria se transformando em “circo”.

Concernente à *performance* de Leandra e, ao contrário do que ela procura afirmar, seus críticos procuram desconstruir a ideia de que sua apresentação seria uma pregação evangélica “séria”, apontando que ela estaria apregoando um “evangelho sem noção”, ao protagonizar um espetáculo em um “palco” ou “picadeiro”. Trata-se, aqui, de uma demanda acerca da *grandeza* da missionária, em que se questiona a legitimidade de sua pregação, já que suas atitudes, segundo seus críticos, demonstrariam que ela faria daquele local um “picadeiro”. Dito de outra forma, seus críticos estão acusando Leandra de não ser digna de estar no local que deveria ser destinado à “pregação da palavra de Deus”, pois sua *performance* tornaria aquele local um espaço profano, ao procurar divertir os que a ouvem e a assistem. Esta afirmação a desqualificaria para estar no “altar”, já que alguns pentecostais o consideram como um “lugar santo”, no qual só sobem os que estiverem “em santidade”.

De acordo com eles, a missionária não estaria comprometida com o altar divino, que deveria ser “no coração” do homem, aberto para a “Palavra de Deus”, que estaria longe dali.

---

São Gonçalo, Rio de Janeiro, lançaram o livro “Respeitável público, o show vai começar: as ilusões do grande circo neopentecostal brasileiro”, no qual eles criticam as igrejas neopentecostais, comparando suas práticas àquelas vistas em espetáculos circenses.

<sup>86</sup> Contudo, em conformidade com o que propuseram Boltanski e Thévenot (1999), é possível afirmar que tais disputas não seriam apenas uma questão de linguagem. Conforme os autores, parte-se da ideia de que as disputas públicas envolvem seres humanos e objetos e, nesse sentido, o quadro de análise deve atentar para a descrição sobre a maneira pela qual as disputas associam pessoas e coisas.

Neste aspecto, vale a pena aludir ao fato de que, entre os evangélicos, há certa disputa sobre o significado do termo “altar”. No judaísmo, no qual o cristianismo tem parte de suas raízes, o termo refere-se ao local do templo onde eram feitos os sacrifícios rituais de animais, daí os pentecostais falarem constantemente sobre a necessidade de se ter “fogo no altar”. Atualmente, alguns evangélicos associam o altar à plataforma de onde as pregações são realizadas, enquanto outros costumam dizer que o maior sacrifício já foi feito, referindo-se à morte de Jesus Cristo. Para estes últimos, o coração humano seria tido como o altar divino, existindo, inclusive, uma música evangélica bastante cantada nas igrejas cuja letra “Vem Espírito de Deus, o meu coração é o teu altar”, invoca a presença divina ao “coração” do fiel.

Possivelmente os críticos de Leandra partem da segunda perspectiva e procuram diferenciar o “altar” do “palco”, que seria o local em que o espetáculo das “caras e bocas” estaria sendo encenado, ao som de “música de péssima qualidade”.

Me desculpem, mas o negócio é que o palco é palco e o altar é no coração... Palavra de Deus está longe disso aí... autoafirmação, caras e bocas, música de péssima qualidade, enfim... não dá pra dizer ALELUIA vendo e ouvindo essas coisas (Carlos Alberto Monteiro da Silva, *YouTube*).

Um verdadeiro espetáculo... Acho que ela está no lugar errado, pois está parecendo um circo e ela, um palhaço (Antonio Tavares Gonçalves, *YouTube*).

Tal acusação é grave para os pentecostais, já que de acordo com os valores propalados por Leandra e pelos crentes do “reteté”, bem como para os pentecostais e demais grupos evangélicos, representar seria sinônimo de falsidade e de falta de “maturidade espiritual”, haja vista que, segundo eles, os crentes “maduros” não representariam, mas seriam “verdadeiros” em suas atitudes.

Diante disso, os fiéis pentecostais se defendem e argumentam que a “meninice espiritual” seria um assunto de menor importância, quando comparada com “pecados mais graves”. O Ministério Ardendo em Fogo tem em seu repertório um corinho de fogo, cuja letra fora elaborada com o claro intuito de justificar os movimentos corporais dos “crentes meninos” pentecostais:

**Crete menino**  
**(Intérprete: Ministério Ardendo em Fogo)**

Eu posso ser crete menino  
Mas não adúltero  
Eu posso ser crete menino

Mas eu não me vendo  
Eu posso ser crente menino  
Mas deixa eu adorar  
Pelo amor de Deus pregador  
Então deixa o menino rodar

Deixa o menino rodar  
Deixa o menino rodar  
Deixa o menino rodar  
Então deixa o menino rodar

Aqui, ao ser, supostamente, admitida a condição de “meninice espiritual” esses atores parecem estar, na realidade, contrapondo-se aos que se dizem “maduros na fé”. Thiago Pereira, o autor da música, lembra que a compôs quando estava cantando em uma igreja. Segundo ele, o pregador estaria criticando os crentes que rodam e argumentava que este tipo de atitude demonstraria certa “meninice” daqueles que estariam se expressando desta forma. No entanto, após a pregação, estando de posse do microfone e, portanto, detendo o poder da fala, ele teria tomado a mão do pregador e, dirigindo-se diretamente a ele, começou e entoar os versos da música, justificando os movimentos corporais dos “meninos” que praticam o “reteté”.

Tal justificação segue os argumentos dos que defendem o “reteté”. Para eles, muitos dos que não aceitam suas práticas rituais, praticariam o “adultério” e/ou negociariam a condição espiritual. Minha inferência é que, sendo assim, os fiéis do “reteté” querem dizer que os seus críticos é que estariam em desconformidade com o *princípio da pureza e da diferença* que deveria nortear a ação dos evangélicos.

Ademais, Thiago faz outra acusação. Ele argumenta, cantando, que não adiantaria demonstrar uma pretensa maturidade espiritual, caso o fiel se “venda”. Nesse sentido, há outro corinho de fogo cantado e teatralizado pelo Ministério Ardendo em Fogo, que alude a uma metáfora bíblica sobre as “negociações de valores espirituais”:

**Rei Acabe**  
**(Intérprete: Ministério Ardendo em Fogo)**

Rei Acabe, estou aqui pra te dizer  
Eu não troco, não vendo e nem negocio  
É herança que papai me deu  
Já chorei demais para chegar aonde cheguei

Rei Acabe eu te pergunto:  
Tu suportaria tudo que suportei?  
Passei noites em claro quase me desesperei  
Meus irmãos me venderam só porque eu sonhei

Fui jogada entre as cinzas por Deus não negar

Rei Acabe a minha vinha tu não vai levar  
As afrontas foram tantas que eu até adoeci  
Fui chamada de adúltera mais não me esmoreci  
É Deus que me sustenta e hoje eu vou falar  
Rei Acabe a minha vinha tu não vai levar

Nabote me vende? Não vendo  
Então troca? Eu não troco  
Então me dá? Tu só leva a minha vinha se tu me matar.  
Oh! Jezabel manda matar ele

Esta negociação, quando aplicada aos evangélicos, possivelmente relaciona-se com as disputas entre os pastores e pregadores sobre posições e hierarquias, que busquei analisar no primeiro capítulo. Aqui, faço referência à troca de acusações e ao jogo de interesse entre pastores e cantores que, para conseguirem “agenda”, isto é, mais apresentações em igrejas, acabariam por negligenciar determinados assuntos, que lhes são caros, como a pregação contra o “adultério”, que provavelmente é o pecado considerado mais grave entre eles. Além destas negociações, a canção parece referir-se à comercialização de “valores espirituais”, o que, na gramática evangélica, sugeriria deixar a igreja em troca dos “prazeres mundanos”.

Ainda sobre a questão da “meninice”, lembro que a missionária Márcia me disse que, de fato, para os críticos do “reteté”, “ser menino é pular e rodar”. Entretanto, segundo ela, “há muitos que dizem ter caráter e ser o tal e vivem uma vida inadequada como um homem e uma mulher de caráter”. Quando questionei se ela estaria fazendo uma referência aos críticos do “reteté”, Márcia me respondeu que a maioria dos que fazem estas críticas seria assim: sem caráter. Entretanto, ela emendou imediatamente que não poderia julgar os autores de tais críticas.



Figura 21: Idoso participando do “reteté”  
Fonte: Foto de Clayton Guerreiro, dezembro de 2014

Desse modo, ser “crente menino” não é visto, necessariamente como um problema, desde que não se pratiquem coisas “mais pecaminosas”. Ou seja, a admissão da “meninice espiritual” implica em utilizar-se da capacidade de se afastar das disputas, refletir sobre as críticas e respondê-las, transformando categorias negativas em positivas. Assim, deve ser permitido que o “menino” rodopie sem ser importunado pelos que os criticam, haja vista que a “meninice” seria irrelevante diante dos pecados daqueles que praticam o adultério, ou seja, têm relações extraconjugais, ou dos que se vendem, isto é, que fazem negociações de determinados valores monetários e “espirituais”. Portanto, para os defensores do “reteté”, os movimentos corporais praticados por eles não seriam indícios de imaturidade, quando comparados com os que praticam tais transgressões.

Além do exposto, as críticas aos fiéis do “reteté” prosseguem e se desdobram nas associações deste ritual com aqueles executados em religiões afro-brasileiras. Para seus críticos, o “reteté” não somente seria um “falso evangelho”, por causa dos presumidos elementos cômicos ou de entretenimento presentes nestes cultos, mas pela presença de determinados elementos, associados aos cultos afro-brasileiros, nas vigílias. Assim sendo, caso os acusadores do “reteté” consigam manter a crítica diante de seus interlocutores, fazendo valer, por meio de *provas* argumentativas, suas percepções acerca da presença de dispositivos discursivos e gestuais das religiões de matriz africana nestes rituais<sup>87</sup>, comprovariam a violação do *princípio da pureza e da diferença*, haja vista que, segundo eles, o “evangelho puro” estaria sendo maculado.

Retomando minha análise, noto que, ao compararem os rituais pentecostais do “reteté” aos cultos afro-brasileiros, em comentários feitos aos vídeos com a *performance* de Leandra, estes críticos perguntam “Onde fica esse terreiro?” e, referindo-se a ela, questionam se ela seria “Pastora ou mãe de santo?”. Além disso, produzem outras categorias acusatórias, tais como “macumba evangélica”, “macumba gospel”, “macumba pentecostal”<sup>88</sup> ou “macumgospel”. Este

---

<sup>87</sup> A disputa em torno da presença de símbolos afro-brasileiros em outras denominações religiosas foi abordada por Sanchis (1999), de forma muito interessante, em uma análise sobre a postura de certos monsenhores católicos diante da Missa do Morro, em Salvador-BA. Segundo ele, por volta de 1965, os jornais soteropolitanos anunciavam as polêmicas em torno da celebração inculturada, na qual a apresentação musical, por meio da utilização de instrumentos musicais como os atabaques, emprestados de um terreiro, e as melodias inspiradas no Candomblé, geraram debates, a ponto dos sacerdotes católicos rejeitarem a forma como a missa fora celebrada. Todavia, em uma celebração posterior, a sublimação dos símbolos afro-brasileiros fez com que a apresentação coral fosse elogiada. Em tal análise, o autor procura demonstrar que as críticas à missa inculturada, naquele momento, estavam diretamente relacionadas à rejeição de símbolos africanos, tidos pelos sacerdotes católicos como incivilizados ou demoníacos.

<sup>88</sup> O site “Genizah” publicou um artigo em que critica as práticas de certos grupos pentecostais, cujo título é: “Reteté: a macumba pentecostal”. Vale lembrar que, além desta matéria, o site, vez ou outra, realiza algum tipo de postagem criticando os participantes do “reteté” fazendo, inclusive, referência ao *Vigilhão da Celebrai*. Disponível em: <http://www.genizahvirtual.com/2013/04/retete-macumba-pentecostal.html>. Acesso em 08/07/2014.

tipo de associação, feita pelos críticos do “reteté”, é admitida por alguns integrantes de religiões afro-brasileiras, que consideram a incorporação dos “caboclos” em eventos do “reteté”, mas rejeitados por outros, que apontam a suposta “bagunça” dos cultos pentecostais como uma ofensa aos cultos citados.

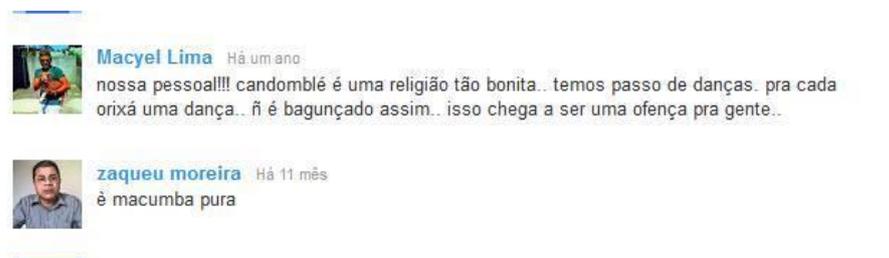


Figura 22: Comentários sobre a comparação entre “reteté” e Candomblé  
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=oUJ9ft3tO9E>

A elaboração destas categorias, de certo, se constitui em uma forma de questionamento da *grandeza* dos ritos e de seus participantes.

Quando criança, por problemas financeiros, morei um tempo na casa dos meus tios que são espíritas. E hoje as igrejas entram num transe como o que eu via que acontecia nas sessões espíritas (Ricardo Gomes, *YouTube*).

Tais apontamentos, grosso modo, estão relacionados aos ritmos, instrumentos musicais utilizados nos rituais, à forma como os fiéis pentecostais – e, no caso em análise, a Missionária Leandra – gesticulam, dançam, se vestem ou impostam a voz.



Figura 23: Fiel rodando no “reteté”  
Fonte: Foto de Clayton Guerreiro, dezembro de 2014

A discussão sobre a semelhança de alguns rituais pentecostais com cultos afro-brasileiros, bem como as disputas em torno da possessão dos fiéis pentecostais pelo Espírito

Santo, também foi abordada por Miriam Rabelo (2005). No artigo “Rodando com o Santo, queimando com o Espírito”, a autora realizou um estudo de caso bastante interessante, no qual ela compara rituais do Candomblé, na Bahia, a duas igrejas pentecostais: Deus é Amor e Obra de Mistério Filadélfia Pentecostal. Na análise de ambos os rituais, Rabelo problematiza o sentido de “rodar com o santo” e “queimar no Espírito”, demonstrando as aproximações e os atravessamentos de elementos entre o candomblé e os pentecostais<sup>89</sup>. Segundo ela,

No calor os fiéis são tomados por línguas estranhas e chegam mesmo a bailar, rodopiando velozmente no espaço entre os bancos e o púlpito ou ao interior de um círculo formado pelos adeptos em oração. Nos movimentos e uivos, alguns se assemelham a filhos de santo do candomblé, possuídos por seus caboclos, o que parece sugerir a incorporação de elementos deste universo religioso no quadro pentecostal (Rabelo, 2005: 25, 26).

Em sua pesquisa, Rabelo (2005) constatou que, dentro das próprias igrejas, existiriam aqueles que apoiavam e praticavam os ritos, mas também quem os criticava. Para ela, as críticas poderiam ter surgido, em decorrência da linha tênue entre a “entrega de si”, quando o fiel se deixa envolver pelo Espírito Santo, que o batiza, lhe dá o dom de línguas e usa o corpo do fiel como “vaso”, e a “perda de si”, quando o crente deixa de ter o controle sobre seu próprio corpo e, por isso, pode ser acusado de estar exposto a forças demoníacas que “ameaçariam a ordem e a respeitabilidade pregadas na igreja” (2005: 26).

Assim, parece haver uma constante tensão entre a “perda de consciência e do controle de si” e a ordem do culto. Observo que, assim como na pesquisa de Rabelo (2005), os fiéis do “vigilhão” parecem perder o controle de seus corpos, quando entram no “reteté”. Entretanto, diferentemente do que a autora constatou em seu campo de pesquisa, a perda da consciência não impediria os fiéis do “reteté” de testemunharem sobre as “maravilhas” operadas pelo Espírito Santo ou acerca do poder divino. Ao contrário, eles entendem que, quando o poder é muito grande, pode haver um “arrebato de sentidos”, que possibilita que o crente adentre com maior desenvoltura no “mundo espiritual”, fazendo visitas “em espírito” ao céu ou ao inferno, como me relataram meus informantes e como já ouvi diversas vezes em testemunhos pentecostais.

No entanto, em decorrência desta “perda de si”, os críticos insinuam, ou mesmo afirmam, que os crentes do “reteté” podem estar possuídos por espíritos malignos. No caso de Leandra Nascimento, há evidentes insinuações desta possessão.

---

<sup>89</sup> Assunto também tratado por Birman (1997), Almeida (2006), Silva (2006) e Camurça (2009), dentre outros autores.

Quem realmente está no comando do corpo dessa mulher? O Espírito Santo de Deus com certeza não é, pois os frutos do Espírito não condizem com tal conduta (Ricardo Gomes, *YouTube*).

De outro modo, os praticantes do “reteté” se defendem de seus críticos e, para afirmarem a legitimidade dos rituais, apresentam argumentos que justificariam seus atos. Com o intuito de responderem às críticas que recebem, argumentam que suas práticas seriam uma continuidade do que ocorrera no Dia de Pentecostes. Ao remeterem suas práticas ao episódio do capítulo 2 do livro bíblico de Atos dos Apóstolos, texto chave para o embasamento da doutrina pentecostal, tais pessoas estão buscando justificar suas práticas e, ao mesmo tempo, responder aos seus críticos.

A Bíblia diz, em Atos capítulo 2, versículo 1 ao 4, sobre a descida do Espírito Santo de Deus e alguns da época achavam que estavam embriagados [os cristãos que falavam em línguas]. Mas as críticas não são de hoje e sim de anos atrás, desde Atos capítulo 2 (Márcia, entrevista).

Nesse sentido, há alguns adeptos do “reteté” que acreditam que o fato de haver um registro bíblico em que os cristãos são criticados por causa das manifestações do Espírito Santo justificaria tanto suas práticas quanto a “perda de si” durante os rituais. Segundo eles, se os primeiros cristãos foram criticados por suas práticas e comparados a pessoas embriagadas, é porque eles não conseguiam controlar seus corpos, que estariam entregues ao Espírito. Tal argumento é recorrente entre os pentecostais do “reteté”. Em diversas ocasiões, ouvi pregadores justificarem os movimentos corporais dos crentes, aparentemente descontrolados, a partir do argumento de que a acusação de embriaguez no Dia de Pentecostes demonstraria certo descontrole corporal, o que justificaria a execução de certos movimentos na atualidade.

Ao “dar lugar” ao Espírito Santo que “toma” o seu corpo, o fiel se sujeita a realizar gesticulações que parecem escapar ao seu controle, tais como girar, fazer movimentos circulares com as mãos, movimentar a cintura e os pés, correr, imitar animais, cair no chão, pular ou rodopiar com os braços abertos. Segundo Pedro, a quem citei anteriormente, é “Deus quem dá o mistério”, fala com a pessoa e toma seu corpo. Marcos, o rapaz de roupão marrom que o acompanhava, também indicou esta dificuldade em controlar o próprio corpo e me relatou que tais movimentos podem ser feitos em qualquer lugar, me dando o exemplo de uma ocasião, em que ele estava no ponto de ônibus, com um fone de ouvido, possivelmente ouvindo alguma música evangélica ou pregação e, ao mesmo tempo, orando, quando foi tomado pelo Espírito

Santo. Com um sorriso de satisfação decorrente de tal experiência, ele me relatou que não conseguiu se controlar e começou a rodopiar, “entrando no mistério”<sup>90</sup> ali mesmo.

Muitos pentecostais, adeptos do “reteté”, relatam a dificuldade de controlarem seus corpos quando são “tomados” pelo Espírito Santo, pois, de acordo com eles, quando o “vaso”<sup>91</sup> “é tomado, “entra no mistério” ou “se envolve no manto”, o poder do Espírito deve fluir livremente por seu corpo, sendo vedado ao crente reclamar ou questionar tal circunstância. No entanto, tal opinião não é unanimidade entre os pentecostais, conforme demonstrou Rabelo (2005). De um lado, existem os que argumentam que o “Espírito está sujeito ao profeta”, pressupondo-se a possibilidade do “vaso”, ou “profeta”, controlar a ação do Espírito Santo. Por outro lado, há os que discordam de tal afirmação e dizem que esta é uma interpretação equivocada da sentença bíblica de que “O espírito do profeta está sujeito ao profeta”<sup>92</sup>. Para estes, o crente teria a possibilidade de manter o controle sobre seu corpo, apesar da ação do Espírito Santo.

Ainda sobre a ação do Espírito no corpo dos fiéis, Albuquerque Junior argumenta que os fiéis, “adornados pelo formalismo e recato dos ternos e dos vestidos compridos”, acabam vivenciando o “‘paradoxo’ da dança desmedida, regida sob o compasso da experiência religiosa e carismática”. Ao ver deste autor, “é a alteridade sagrada do Espírito Santo” que, supostamente, rege “as expressões gestuais do crente que louva (e baila), fazendo do corpo – e no corpo – um instrumento vivo de significação da presença divina” (2014: 87). Tal descrição coincide com o que geralmente consigo perceber durante os “vigilhões”, pois alguns fiéis, ao entrarem em transe, parecem “sair de si”, ao serem “tomados pelo Espírito Santo”, que usaria seus corpos como um “vaso” ou “instrumento”, conforme Leandra e outros pregadores costumam ressaltar, impulsionando-os a gesticularem de uma maneira que comumente não se observa nas reuniões protestantes.

Ainda sobre a observação de tais movimentos e as justificativas dadas pelos fiéis, lembro que, em uma das vigílias de que participei, vi três fiéis que me chamaram muito a atenção. Eram duas mulheres de aproximadamente 35 anos de idade, com longos vestidos brancos rodados e

---

<sup>90</sup> Para Ricci, “entrar no manto com Jesus, ou entrar no mistério” seriam categorias de interpretação que sugerem uma adesão espiritual ao Pentecostalismo” (2007: 60), mas podem servir ao cientista social como uma hermenêutica do imaginário, dentro do conjunto de símbolos próprios do pentecostalismo.

<sup>91</sup> Para os pentecostais, baseados em passagens bíblicas como no livro do profeta Jeremias, capítulo 18, qualquer pessoa “usada por Deus” é entendida como um receptáculo da unção ou do poder divino, através dos quais este agente estaria capacitado para operar eficazmente no mundo espiritual, falando em línguas, entregando revelações e palavras proféticas. No caso dos crentes do “reteté”, o simples ato de rodar, envolvido na “unção do Espírito”, indicaria a vitória sobre forças malignas e a distribuição das benesses divinas aos que recebem estas manifestações e aos que os acompanham.

<sup>92</sup> Cf. I epístola de Paulo aos Coríntios, capítulo 14, versículo 32.

um rapaz trajado de terno e gravata, que as acompanhava. Confesso que fiquei impressionado com o desempenho corporal daqueles três fiéis, pois notei que a maioria dos crentes, ainda que se movimentassem no “reteté”, o faziam por poucos minutos e, em seguida, sentavam-se em suas cadeiras, como que se refazendo do esforço que tais gesticulações demandavam. Todavia, o ritmo frenético com que eles se movimentavam e os poucos intervalos entre um ou outro movimento, desde cerca de 22:30h até por volta de 06:30h, os diferenciava dos demais. Quando tive a oportunidade de abordá-los, descobri que eram fiéis de uma igreja AD, em Juiz de Fora-MG e que haviam se deslocado em uma van fretada, da cidade mineira, com um grupo de mais ou menos 15 fiéis, exclusivamente para participarem do vigilhão. Ao entrevistar uma destas fiéis, que chamarei de Ana, perguntei o que ela teria a dizer em relação à acusação de que o “reteté” seria uma “macumba pentecostal”. De pronto, ela me respondeu:

Olha, eu posso te responder isso muito bem, porque eu sei do que se trata. Antes de me converter, eu frequentei Umbanda, Quimbanda e Candomblé. E posso te dizer que o que acontece aqui é bem diferente do que acontece lá. Porque aqui nós cultuamos ao Deus verdadeiro, lá eles cultuam ao Diabo. Acontece que lá é falado o Iorubá e essa língua é demoníaca, enquanto aqui é o Espírito Santo que faz o movimento. A linguagem aqui é diferente. Aqui é a língua dos anjos. Porque geralmente as coisas acontecem assim. Tudo o que Deus cria o Diabo tenta copiar. Estes movimentos foram criados por Deus e o Diabo é que imitou as coisas de Deus e faz com que as pessoas da macumba se movimentem tipo a gente se movimenta. O que acontece aqui é verdadeiro. Lá é tudo falsidade e imitação das coisas de Deus (Ana, entrevista).

Ora, a fala de Ana não somente procura desconstruir a noção de que o “reteté” é uma falsificação de rituais das religiões afro-brasileiras, mas ao mesmo tempo procura incorporar a noção de que os movimentos que ela e outros fiéis da vigília estariam executando seriam legítimas gesticulações produzidas a partir da atuação do Espírito Santo. Para ela, os imitadores seriam sempre os “outros”, seus diferentes, produzindo-se assim uma alteridade radical que a diferenciaria dos religiosos aos quais seus críticos procuram associá-la, apesar das supostas semelhanças entre os movimentos corporais destes atores.

Além de Ana, outros crentes utilizam argumentos bastante semelhantes. Marcos também não negou a suposta semelhança com as religiões afro-brasileiras, mas procurou justificá-la, usando as seguintes palavras:

O próprio Lúcifer desceu do céu e lá tinha isso. Ele copiou os movimentos e levou para os centros. Eles que nos copiam. Se hoje ou amanhã eu faço um movimento diferente. Se eu ponho a mão no chão, por exemplo, depois eu posso ver alguém fazendo a mesma coisa lá, porque a Bíblia fala que ele vive em nosso redor (Marcos, entrevista).

Seu amigo Pedro, também me deu explicações sobre a suposta similaridade:

O Diabo era um anjo, mas a sua rebelião, querendo ser igual a Deus, fez ele virar um demônio. Ele queria ser igual a Deus, mas não podia. Hoje em dia ele quer fazer igual, mas não faz igual. No centro é parecido. Tipo, o que a gente faz aqui, o Diabo quer fazer igual. O inimigo fica vigiando até quando você tá dormindo. Por isso, os Iemanjás que colocam as pessoas pra desviar (Pedro, entrevista).

Assim, ao contrário do que fazem os críticos do “reteté”, que aludem às semelhanças entre estes rituais e as religiões afro-brasileiras, procurando demonstrar que não existe nenhuma diferença entre ambos, os crentes do “reteté” buscam se defender e argumentam que seus rituais seriam “puros” e “diferentes” daqueles aos quais estes críticos buscam associá-los. De acordo com eles, as “cópias” seriam feitas pelos outros.

Sobre as diferenças entre os pentecostais e as religiões afro-brasileiras, Márcia, minha interlocutora, relatou-me que não lhe cabia a função de “julgar” os fiéis de outras religiões e nem mesmo os que relacionam o “reteté” aos rituais de matriz africana. Todavia, fui mais além, questionando-a sobre as alusões negativas às religiões afro-brasileiras nos corinhos de fogo e sobre determinados corinhos que, ao tocarem na questão moral e criticarem as religiões afro-brasileiras, poderiam ter o propósito de diferenciar os pentecostais das demais religiões. Respondendo ao meu questionamento, a missionária de Duque de Caxias usou os seguintes termos:

Não falo sobre diferença. Somos todos iguais, só com cor e religiões diferentes. E respeito todas. Quero que respeitem a minha. Acho que quem escreveu a letra pode falar melhor. Como disse, não julgo religião de ninguém (Márcia, entrevista).

Apesar destas palavras, não me convenci de que realmente a questão da “pureza” e da “diferença” fosse de menor importância e insisti com ela, lembrando-a das alusões aos Exus e Pombagiras durante os rituais do “reteté”. Em relação às referências às entidades afro-brasileiras nos rituais pentecostais, ela disse que seria indiferente em relação a isso e que não era “contra nem a favor”. Entretanto, afirmou que sabia da existência de um mundo espiritual onde estas entidades estariam atuando. Minha informante sugeriu, inclusive, a possível presença dos Orixás afro-brasileiros nas vigílias, ainda que disfarçados.

Ainda no tocante às semelhanças e diferenças entre os rituais do “reteté” e as religiões afro-brasileiras, Márcia me explicou que poderia ocorrer de certas pessoas fingirem receber o Espírito Santo, mas, na verdade estarem possuídas por “espíritos” que não seriam próprios

destes cultos. De acordo com ela, para que isso fosse identificado, seria preciso “buscar em Deus discernimento de espírito”. No entanto, a missionária justificou esta situação generalizando-a e dizendo que o “fingimento” e a “farsa” poderiam acontecer em quaisquer lugares:

Mas, como no Centro Espírita também acontece de pessoas ficarem fingindo ter pego santo, também pode acontecer no meio pentecostal. Mas, uma igreja edificada na palavra de Deus e na oração isso não acontece e se acontecer vai ser revelada a farsa. Há ocasiões que nem precisa ter discernimento. Mas, farsantes temos em todos os lugares, na política etc. A igreja pentecostal não está livre disso. Alguns casos sim, mas como disse em uma igreja de oração e palavra não acontece. Se acontecer é revelado (Márcia, entrevista).

Quando rememorei o argumento de outros pentecostais, que ressaltavam o fato do “reteté” ser um culto “puro” e “verdadeiro”, imitado pelas religiões afro-brasileiras, ela admitiu o argumento dos pentecostais acerca da “imitação” de seus rituais e, de forma direta, me disse: “posso te falar do que conheço, se imitam é porque acham bom ou interessante”. Sobre as críticas de outros evangélicos ao “reteté” e acerca da acusação de “macumba pentecostal”, ela respondeu que tinha ciência e me explicou que “não concorda” com isso, pois “é cada um com a sua religião”. Neste caso, a expressão “cada um” aponta para a construção de uma alteridade, embora com menos ênfase do que na fala de Ana.

Quando conversamos sobre as críticas do bispo Macedo ao “reteté”, assunto que será tratado no capítulo 3 desta dissertação, Márcia me disse que os demônios poderiam se manifestar nas vigílias, de forma sutil. Ao mesmo tempo, devolveu as acusações do bispo da IURD, ressaltando sua discordância sobre a suposta semelhança do “reteté” com as religiões afro-brasileiras:

Não concordo simplesmente. Ele não pode falar do que ele não conhece e é o último a poder criticar. Já foi muito criticado de usar arruda em seus cultos e foi comparado diversas vezes de fazer trabalho parecido com o dos espíritas e de pagar pessoas para se manifestar nos próprios cultos. Não posso afirmar se foi verdade ou não. Só posso dizer do que conheço (Márcia, entrevista).

Segundo fui informado por ela, as experiências do “reteté” variam de acordo com o fiel, pois ao “sentirem a presença de Deus”, muitos falariam “em mistérios”, referindo-se à glossolalia, enquanto outros chorariam, pulariam ou rodariam.

Uma alegria no coração, uma força inexplicável que nos alegra de forma que dependendo do momento sinto vontade de chorar, às vezes de pular e falamos outras línguas que só nós e Deus entendemos a não ser que Deus revele a um dos seus filhos que tenha o dom específico (Márcia, entrevista).

Segundo tenho observado, além de ser visto como um instrumento de louvor a Deus e de combate aos “espíritos malignos”, os pentecostais também apontam que as gesticulações servem como sinais da presença divina no corpo do fiel. Tal “presença” deveria ser demonstrada durante a pregação e na execução das músicas, sobretudo dos corinhos que, como já disse, incentivam os fiéis a executarem os diversos movimentos corporais aos quais me referi anteriormente. Assim, o que é “macumba” para os críticos, é sinônimo de “louvor” e de “alegria” para os pentecostais do “reteté”.

#### **2.4 Espírito Santo ou Pombagira: gestos, roupas e voz**

Muitos admiradores de Leandra ressaltam que a missionária é uma mulher “cheia da unção”, isto é, dotada de um poder extraordinário para operar no mundo “espiritual”. No entanto, apesar de Leandra reclamar para si a manifestação da presença divina, seus críticos contestam seus giros e rodopios e a “unção” que ela teria. De acordo com eles, existiriam indícios suficientes de que Leandra, ao se apresentar no *Vigilhão da Celebrai*, estaria possuída pela Pombagira. Basicamente, três elementos apontariam tal possessão: seus movimentos corporais, sua voz e suas roupas.

Ao se manifestar, a Pombagira estaria enganando os crentes do “reteté”, que pensavam que a pregação de Leandra seria resultado da “unção” do Espírito Santo, mas que, na verdade, seria a manifestação da Pombagira:

Profeta erótica? Pombagira? O que é não sei... mas está crescendo nas igrejas (Jacques Gonçalves, *Facebook*).

Isso aí, meu irmão, não representa a ação do Espírito Santo. Se você notar, verá que ela **fala como a Pombagira** [grifo meu] e ainda faz **gestos obscenos**, [grifo meu] só somos usados por Deus, amado, com unção de Deus para transformar vidas e não para fazer repleplé na igreja de forma tão ridícula. [...] Não há julgamento e sim uma análise do repleplé gospel, gestos obscenos e gritos [que] não tem nada a ver com evangelho meu amado. Estou alertando aqui às pessoas para não cair nessa armadilha religiosa, o espírito aí é Pombagira meu irmão, acorda, leia a bíblia e o evangelho e verá que Paulo falava de ordem no culto, falava sobre espiritualidade e sobre o que deveria se dar o valor na reunião na Igreja. Nenhum dos apóstolos de Jesus ficava incentivando ou criando celeumas no culto como um "MISTÉRIO". Eles falavam dos ensinamentos de Jesus e sobre os aspectos da liberdade em Cristo Jesus e criticavam o judaísmo (Religião), por isso acorda irmão, isso aí tá mais pra Pombagira do que pra unção do Senhor. E ainda digo mais, o espírito do profeta está sujeito ao profeta, quando essa mulher alude um mistério aí não há nada, somente palavras vazias (Carlos Alberto Monteiro da Silva, *YouTube*).

A acusação de que Leandra estaria incorporando a Pombagira é algo grave para os evangélicos, pois, segundo suas concepções doutrinárias, um cristão não pode ser possuído por outras entidades, que não sejam o Espírito Santo. Ainda assim, o comentário de Carlos Alberto insiste que, devido à falta de “ordem no culto”, Leandra estaria sendo motivada pela Pombagira e não pela “unção do Senhor”.

Reginaldo Prandi (1996) argumenta que a Pombagira é um Exu feminino que teria se originado no Candomblé e pode se apresentar (ou ser percebido) em várias versões. Ao assumir uma posição mais generalizante e talvez mais próxima das concepções populares<sup>93</sup>, Prandi aponta que, na Umbanda, por causa da influência kardecista, a Pombagira pode aparecer como

[...] o espírito de uma mulher (e não o orixá) que em vida teria sido uma prostituta ou cortesã, mulher de baixos princípios morais, capaz de dominar os homens por suas proezas sexuais, amante do luxo, do dinheiro, e de toda sorte de prazeres (1996: 140).

Segundo ele, na Quimbanda, as Pombagiras são tidas como mulheres “perdidas” e aparecem como “prostitutas, cortesãs, companheiras bandidas dos bandidos amantes, alcoviteiras e cafetinas, jogadoras de cassino e artistas de cabaré, atrizes de vida fácil, mulheres dissolutas, criaturas sem família e sem honra” (Prandi, 2001: 54). O autor também descreve as roupas das Pombagiras nos seguintes termos:

As Pombagiras [usam] trajes escandalosos nas cores vermelho e preto, sua rosa vermelha nos longos cabelos negros, seu jeito de prostituta, ora do bordel mais miserável ora de elegantes salões de meretrício, jogo e perdição; vez por outra é a grande dama, fina e requintada, mas sempre dama da noite.<sup>94</sup>

Nas casas que comercializam estas imagens elas aparecem “com frequência idealizadas com roupas sumárias, se não escandalosas, lembrando mulheres de vida fácil no imaginário popular” (2001: 57). De acordo com ele, estas associações, podem ser explicadas pela influência católica e, por conseguinte, em decorrência da ligação, feita pelos cristãos, entre sexualidade e pecado.

---

<sup>93</sup> É preciso ressaltar que as concepções sobre os integrantes do panteão das religiões afro-brasileiras variam de acordo com o entendimento e prática de cada Ilê ou casa. Reitero, portanto, que tomo do autor os argumentos que se referem às perspectivas populares sobre estas entidades.

<sup>94</sup> Disponível em: [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_26/rbcs26\\_07.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_07.htm). Acesso em 03/01/2014.



Figura 24: Imagem da Pombagira

Fonte: <http://comunidadeumbanda.blogspot.com.br/2009/04/pomba-gira-rosa-caveira.html>

Para Prandi, as representações<sup>95</sup> da Pombagira estariam, então, em desacordo com um suposto “[...] código de ética e moralidade embasado em valores da tradição ocidental cristã” (Prandi, 1996: 140). Tal código, a meu ver, é oposto aos valores morais das Pombagiras e dos Exus que, conforme o autor, poderiam atender quaisquer desejos que lhes são dirigidos. Não existiria, portanto, qualquer aspiração que não pudesse ser atendida, ou mesmo fantasias consideradas reprováveis, diferentemente do que pressupõem certos princípios da tradição ocidental cristã.

Assim como Prandi, Kelson Gérison de Oliveira Chaves (2010 e 2011), ao pesquisar casos de “trabalhos de amor” em terreiros de Umbanda, sustenta que as Pombagiras teriam uma “moralidade autônoma” e que, no que tange aos casos amorosos, tudo seria permitido para estas entidades. Para ele, os dilemas morais e interditos só teriam lugar na relação das entidades com os médiuns que as incorporam. Do mesmo modo que os autores acima citados, Patrícia Birman sugere que, no imaginário popular, a Pombagira é muitas vezes associada a uma “sexualidade desabrida” e “sem limites” (2005: 411).

Assim, enquanto uma figura que encarna um tipo bem específico de moralidade no qual as atividades sexuais das mulheres não estariam sujeitas ao controle de uma figura masculina,

---

<sup>95</sup> Ao tratarmos de representação, é importante observarmos o que diz Chartier. Ao ver deste autor, um primeiro tipo de representação indicaria que o objetivo de quem representa algo seria substituir o objeto ausente ou simbolizá-lo. Neste caso, há “uma relação decifrável” que é “postulada entre o signo visível e o referente significado – o que não quer dizer, é claro, que é necessariamente decifrado tal qual deveria ser” (Chartier, 1991: 184). Sendo assim, Chartier entende que certo objeto possibilita múltiplas interpretações em relação ao seu significado. Estas dependeriam, essencialmente, das apropriações de quem lê ou interpreta este objeto. Em uma segunda acepção do conceito, o signo poderia substituir o significado. Assim, a imagem acabaria por ser entendida como a verdade do objeto. Desse modo, existiria uma falta de compreensão do objeto e do que ele quer representar ligado à dois aspectos: falta de preparação do leitor ou arbitrariedade entre signo e significado. Quando isto ocorre, os signos acabam produzindo ilusão em quem os lê.

a Pombagira seria o oposto do ideal da figura feminina concebida, de modo geral, pelos evangélicos pentecostais. Isso pode ser percebido, por exemplo, em pregações realizadas nos púlpitos ou cantadas nos corinhos. Em um corinho, intitulado “Seriedade”, cuja letra é uma paródia da música “Fugidinha”, interpretada pelo sertanejo Michel Teló e pelo grupo de pagode Exalta Samba, o cantor pentecostal Thiago Negrão proclama:

**Seriedade**  
(Intérprete: Thiago Negrão)

O povo de hoje em dia não quer mais seriedade  
Jogou tudo pro alto só quer a carnalidade  
Os jovens já não falam mais em casamento  
Dá uma saidinha é a onda do momento

O jeito não é dá uma fugidinha com você  
O jeito não é dá uma saidinha com você  
O jeito não é dá uma fugidinha com você  
O jeito é orar pra você se converter

Servir a Deus está um pouco complicado  
Até os homens estão ficando afeminados  
E as mulheres estão vestindo igual varão  
Meu Deus eu não entendo porque tanta confusão

Homem com homem não se deitará  
Roupa de mulher não se vestirá  
Essa palavra é para o povo de Israel  
Quem revelou foi o senhor que está no céu

Abominado aos olhos do senhor  
Abominado aos olhos do senhor

O jeito não é uma fugidinha com você  
O jeito não é uma saidinha com você  
O jeito não é uma fugidinha com você  
O jeito é orar pra você se converter

Em outros versos de corinho de fogo, os pentecostais acompanham Giovanny Brasa Viva, na *Celebrai*, cantando:

**Agora quer divorciar**  
(Intérprete: Giovanny Brasa Viva)

Disse que era de Deus  
Agora quer o divórcio  
Meu Deus não é palhaço  
Ele não está nesse negócio

Disse que era de Deus

Agora quer divorciar  
Foi Deus quem te deu  
Tu não pode largar

Perguntei à Márcia, minha entrevistada, sobre o motivo destes corinhos enfatizarem algumas questões ligadas à moralidade, ao adultério, à homossexualidade, ao divórcio e ao sexo antes do casamento. Sua resposta foi bem econômica. Segundo ela, simplesmente os corinhos relatam “o que está na Bíblia”. A meu ver, tais canções parecem sugerir a reafirmação de princípios morais pertinentes a um determinado modo de ser dos pentecostais. Na teoria<sup>96</sup>, a maioria das igrejas evangélicas possui interditos relacionados a um determinado código moral, baseados em interpretações literalistas do texto bíblico, que inclui a proibição de relações sexuais entre pessoas não casadas e entre pessoas do mesmo sexo, dentre outras expressões da sexualidade. Desta maneira, a ética e a moralidade evangélica, pelo menos para as igrejas que possuem mais afinidade com o fundamentalismo cristão, como é o caso da maioria das denominações pentecostais, relaciona-se, mormente, com as exigências de monogamia e da heterossexualidade.

A meu ver, isto coincide com o suposto “código de ética e moralidade” anteriormente referido, em oposição às entidades afro-brasileiras, como a Pombagira que, na perspectiva de Prandi seriam “personagens de duvidosa moralidade” (1996: 139), e na visão de Lísias Negrão, seria a “estereotipia da prostituta ou de mulheres de conduta moral condenável” (1996: 223).

Desse modo, a Pombagira, por ser uma entidade de religiões afro-brasileiras e receber, nas concepções populares, o estigma da imoralidade, de forma alguma poderia se fazer presente em um culto evangélico. Durante os cultos, deveriam estar presentes apenas os anjos e o Espírito Santo, cujas manifestações coletivas “são altamente desejadas, pois renovam os vínculos entre homens e Deus [...]” (Mafra, 2011: 148). Assim, se aquela estiver presente, estes estarão ausentes, pois o desejo dos fiéis deve ser sempre espiritual e não voltado para a “imoralidade”, com a qual as entidades afro-brasileiras não se importariam.

Aqui parece haver uma tensão latente entre os anseios pelo Espírito Santo e os desejos do corpo. Muitos pentecostais consideram que um culto só deve ser considerado “espiritual” quando existirem manifestações visíveis do “mover” do Espírito na vida dos fiéis, tais como as gesticulações já descritas anteriormente. Estas experiências são compartilhadas por diversos pentecostais, mas permanece sempre a indefinição sobre os movimentos corporais, ou seja, se eles são espirituais ou “carnais”. Por isso, o testemunho sobre as manifestações experimentadas

---

<sup>96</sup> Na prática, nem sempre os fiéis cumprem todas estas regras. Quando as infringem e confessam seus “pecados”, são disciplinados ou excluídos do rol de membros das igrejas.

no corpo dos fiéis pode ser acompanhado de justificção de suas ações, no que concerne a questões morais e doutrinárias, como no comentário feito por Jefferson à *performance* de Leandra, um pentecostal de Itaperuna, cidade do interior do Rio de Janeiro:

Quero falar que nem todos nós somos como muitos falam, baderneiros, nós também sempre firmamos na palavra de Deus. Mas, têm cultos aqui que Deus desce a presença do Espírito Santo e, como você falou, eu também fui abençoado por Deus com dons e, às vezes, contemplo anjos trabalhando e operando maravilhas em nosso meio e, às vezes, danço em mistério como Miriam dançou, depois do grande livramento, e não é assim uma coisa que escandaliza. Davi, quando trazia a arca do senhor, dançou, salteou no mistério, mas creio que não foi escandalizante. Eu já bailei com anjos e não tenho palavras pra expressar o que eu senti dentro de mim, quão maravilhoso foi. Eu quero explicar que existem pessoas com doutrinas ainda que pregam o verdadeiro ide (Jefferson Campos Dutra de Souza, *YouTube*).

Assim, paradoxalmente, os gestos que indicariam a presença do Espírito acabam gerando tensões entre os próprios fiéis ou entre os crentes e aqueles que assistem aos seus ritos. Isto se dá porque certos movimentos corporais executados pelos adeptos do “reteté” causariam escândalo, por apresentarem uma suposta “carnalidade” ou por estarem em desacordo com a “verdadeiro evangelho” que, no comentário de Jefferson foi substituído pelas expressões “ide”, que indica o ato da evangelização, e “doutrinas”, em uma referência ao corpo sistematizado das crenças pentecostais.

Além do mais, as tensões se dão em decorrência da acusação de que certos “espíritos malignos” estariam presentes nos cultos pentecostais. No caso em apreço, os comentários criticam especialmente as posturas corporais de Leandra baseados na ideia de que, ao colocar as mãos na cintura, movimentar os quadris e girar sobre seu próprio corpo, a missionária demonstraria estar possuída por entidades que não deveriam se fazer presentes em um culto evangélico, exceto para serem expulsas de lá.<sup>97</sup>

Primeiramente, como afirmei, os críticos de Leandra sustentam que a *performance* corporal da missionária/cantora seria um forte indicativo desta possessão. De acordo com eles, sua postura corporal, com a mão direita na cintura, flexionando os cotovelos para trás indicaria que a Pombagira estaria se manifestando.

---

<sup>97</sup> De acordo com Vágner Silva (2005: 157), Exus e Pombagiras são as entidades afro-brasileiras que aparecem com mais frequência no neopentecostalismo.



Figura 25: Leandra Nascimento com as mãos na cintura  
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=GBmVWewWDOA>

Este tipo de percepção provavelmente se relaciona com as concepções populares acerca da manifestação desta entidade afro-brasileira. Segundo Brumana e Martinez (1991: 63), as entidades que “baixam” nas cerimônias da Umbanda teriam uma estrita codificação corporal, gestual e verbal, existindo um repertório gestual, mais ou menos estável, que permitiria a identificação da manifestação da Pombagira. A partir da leitura das descrições de diversos autores, como Marielle Barbosa e José Bairrão (2008) e Luiz Assunção (2010), é possível observar que a Pombagira, de fato, possui um repertório de gesticulações que inclui a “mão na cintura” e a flexão dos cotovelos. Barbosa e Bairrão (2008) consideram que, entre as entidades que eles estudaram na Umbanda, a Pombagira seria a que demonstra maior prazer em dançar durante suas manifestações. Os autores fazem uma descrição minuciosa e bastante interessante acerca dos movimentos corporais destas entidades:

Em seus rostos, há constantemente uma expressão de alegria e divertimento, sorriem e dão gargalhadas enquanto dançam. Elas dão gargalhadas, movendo o tronco e a cabeça para trás. Flexionam os joelhos um pouco para possibilitar o movimento do tronco, com as **mãos apoiadas na altura dos ossos pélvicos.** [...] **A pomba-gira anda rebolando, com as mãos apoiadas na altura do quadril, o que deixa os braços dobrados.** [grifo meu] Seu caminhar é lento no que tange ao fator de movimento tempo. Porém, quando dança pode girar em uma velocidade maior. Apoia, para caminhar, os pés inteiros no chão. O quadril mexe junto com os passos e **os braços apoiados no quadril movem-se também,** [grifo meu] sem resistir ao movimento natural do corpo todo. Seu andar transborda sensualidade explícita, que parece não perder nenhum espaço do corpo em que possa apresentar-se. [...] Seus ombros podem tanto mover-se acompanhando o movimento dos **braços, que se movem por estarem apoiados nos quadris que se mexem pelo caminhar,** [grifo meu] quanto fazer-se acompanhar de movimentos mais fortes, quando, por exemplo, dão gargalhadas. [...] Quando elas param, por exemplo, param “molinho”. O quadril se ajeita sobre uma perna, **os braços no quadril,** [grifo meu] o ombro de acordo com os braços e, assim, o corpo todo se acomoda, parecendo obedecer à lei de mínimo esforço. Nem suas mãos, apoiadas pelo dorso no quadril de forma a encaixarem-se, fazem força.

Almeida (2009), comparando os transe nas religiões afro-brasileiras e na IURD, diz que na igreja neopentecostal a Pombagira “costuma manifestar-se sempre rindo, rebolando e com as mãos na cintura”, enquanto os exus se manifestariam com as mãos para trás e com voz grave. Contudo, o autor ressalta que outras atitudes dos que estão possuídos se diferenciam das incorporações observadas nos terreiros (Almeida, 2009: 120, 121).

Assim, cientes de que estas seriam formas de manifestações corporais da Pombagira, conforme as descrições acima, os críticos de Leandra consideram que poderiam identificá-las na apresentação da missionária, o que, obviamente, não é aceito por Leandra e seus admiradores. Entretanto, para além dos movimentos corporais, os opositores do “reteté” sugerem outro indício da presença da Pombagira no ritual: as “vestes” usadas por Leandra.

Geralmente Leandra participa dos cultos pentecostais usando roupas com cores variadas, longas saias rodadas e blusas que dificilmente têm mangas curtas. Em outras ocasiões, ela usa vestidos compridos ou abaixo dos joelhos. Seu estilo é copiado por muitas de suas seguidoras nas redes sociais, que sempre ressaltam a admiração pelo jeito de se vestir de Leandra. A imagem abaixo foi postada pela missionária antes de sua apresentação em Feira de Santana, na Bahia:



Figura 26: “Aqui em Feira de Santana pronta para o culto”  
Fonte: <https://web.facebook.com/MissLeandraNascimento/>

Há uma página na internet, na rede social *Facebook*, que seria mantida pela missionária Leandra Nascimento ou feita por alguma de suas fãs, na qual eram postadas fotos de roupas e

acessórios que ela usava em suas apresentações nas igrejas e dava dicas de modas para mulheres evangélicas<sup>98</sup>.



Figura 27: Acessórios de Leandra Nascimento  
Fonte: Página do Facebook “Estilo Missionária”.

A *fan page*, que foi retirada do ar, se chamava “Estilo missionária” e foi descrita nos seguintes termos:

Estilo Miss... Uma página só pra você mulher de DEUS que gosta de andar bem vestida, elegante sem vulgaridade. Dicas de moda evangélica da Miss Leandra.

Em outro *post*, há uma advertência sobre o propósito da página:

Nós, mulheres de Deus, podemos nos arrumar sim. Desde o momento que estejamos na obediência com Deus, você pode ser linda sem ser vulgar, ser elegante sem mostrar o corpo. Sou casada, mãe de 2 filhas, gosto de me vestir bem, não uso brinco, não uso calça, mas não sou contra quem usa, cada um com seu cada um. Se cuide mulher, você que tem seu esposo cuide de sua casa e seu casamento, nem sempre a culpa é da tal Pombagira que tirou o marido de casa. Às vezes, falo também de mim, a nossa falta de sabedoria destrói a nossa aliança.

Tal descrição, feita pela própria missionária ou por alguma de suas seguidoras, busca justificar as vestimentas que Leandra usa em suas apresentações, defendendo assim, suas escolhas, gostos e preferências. Além disso, me chamaram a atenção, nestas descrições, a

---

<sup>98</sup> De acordo com “O fuxico gospel”, Leandra estaria se preparando para montar sua própria grife. No entanto, não consegui confirmar a veracidade de tal informação.

afirmação da elegância e do vestir-se bem e, ao mesmo tempo, a tentativa de se prevenir contra a “vulgaridade”, da qual Leandra é acusada.



Figura 28: Roupas e acessórios de Leandra Nascimento  
Fonte: Página do *Facebook* “Estilo Missionária”.

Ora, considerando que as disputas sobre o “pentecostalismo legítimo” podem se inscrever em uma disputa na qual o *princípio da pureza e da diferença* é constantemente aludido, pode-se afirmar que Leandra e seus defensores teriam que alcançar a legitimidade de seus argumentos, oferecendo *provas* de que a missionária não estaria incorporando a Pombagira. Uma boa forma de fazê-lo seria demonstrar a oposição a esta entidade, ao enfatizar a “pureza”, que, para ela, estaria evidente em suas roupas, em oposição à noção oposta de vulgaridade, que ela e suas seguidoras buscam negar, quando afirmam que ela se veste com “elegância sem ser vulgar”. Por outro lado, seus críticos deveriam provar que a entidade estaria se manifestando através de Leandra e que essa manifestação estaria evidente na suposta sensualidade demonstrada em seus movimentos corporais, no suposto “duplo sentido” de sua pregação e nos objetos a ela associados. Aqui, estão em jogo diversos objetos<sup>99</sup>, como roupas, púlpito, circo, teatro, os quais, associados à Leandra e aos seus pares, são manipulados na disputa acerca do estado de *grandeza* da missionária. Nesse sentido, tanto os críticos quanto os crentes do “reteté” apresentam e justificam suas posições, enaltecendo certos seres, objetos e práticas.

---

<sup>99</sup> Ao tratar da busca pelo acordo entre as partes envolvidas nas disputas, no bojo dos regimes de justificação, Boltanski e Thévenot entendem que as críticas e esclarecimentos devem estar concatenados com a reunião de diferentes tipos de pessoas e objetos, conectando-se eventos e detalhes que, retirados do passado, exibam características inerentes aos atores que estão em disputa.

Tal descrição possibilita a inferência de que os que comparam Leandra às entidades das religiões afro-brasileiras não o fazem baseados em uma suposta similaridade com as roupas que os médiuns das religiões afro-brasileiras utilizam quando incorporam a Pombagira ou com as representações desta entidade. Para alguns deles, Leandra poderia ser considerada uma falsa missionária, pois suas roupas chamariam mais atenção do que a pregação, pois revelariam uma suposta sensualidade. Dessa maneira, as roupas usadas por ela reforçariam a tese, segundo os comentários mapeados, de que Leandra poderia estar incorporada pela Pombagira.

Espírito da pombagira e de Jesabel, sai dela em nome de Jesus. Bando de guias cegos, vocês não estão vendo os jeitos que esse espírito do mal faz? Prestem atenção. Que negócio é esse de ai e ui? Quer sambar, vai pro carnaval com esse teu salto de pombagira (Neuza Silva, *YouTube*).



Figura 29: Apresentação de Leandra Nascimento  
Fonte: Página do *Facebook* “Admiradores da Miss Leandra Nascimento”

No comentário feito por Neuza, além de ser associada à Pombagira, Leandra é acusada de estar incorporada pelo “espírito” de Jezabel”. Aqui é interessante perceber que a associação de Leandra com ambas as personagens aponta para a acusação de sensualidade e vulgaridade. Sobre a segunda, conforme a história descrita no livro bíblico de II Reis, trata-se de uma princesa fenícia, esposa de Acabe, rei de Israel, no século IX a.C. No imaginário evangélico, a rainha Jezabel (ou Jezebel) aparece como a personificação de um espírito maligno, associado à sedução, ao uso de roupas e maquiagens consideradas escandalosas e/ou vulgares, ao adultério, à magia, à feitiçaria, dentre outras práticas tidas por pecaminosas. Ouvi de alguns crentes, em conversas informais, ou mesmo em pregações, que as mulheres que são influenciadas pela

Pombagira ou por Jezabel exercem um poder de atração sobre os homens casados. Estas entidades, portanto, teriam uma espécie de “poder mágico” que “enfeitiçaria” os homens, fazendo com que eles sejam seduzidos por determinadas mulheres e cometam o pecado do adultério.

Além disso, a crítica de Neuza aponta o “jeito” de Leandra e o “ai e ui”, referindo-se às interjeições ditas por ela durante a pregação. A crítica ao “reteté” indica que a postura da missionária seria inadequada e insinua que, ao fazer suas danças durante a pregação, Leandra estaria sambando e, portanto, deveria estar no “Carnaval”, com o “salto de pombagira”. Cabe lembrar que, apesar da recente relativização do tipo de roupa que seria adequada às mulheres evangélicas, ainda persiste a concepção de que as crentes deveriam ser discretas em sua forma de se vestir. Esta ausência de padronização parece tornar a discussão ainda mais complicada, o que favorece as discordâncias e os embates quanto ao uso de roupas consideradas curtas, decotadas ou coladas ao corpo, persistindo a tensão sobre as roupas adequadas. Em casos mais radicais, há os que consideram que o uso de sapatos com salto alto poderia ser inadequado, pois favoreceria o balançar dos quadris e evidenciaria uma sensualidade feminina, o que iria de encontro às concepções morais às quais me referi anteriormente.

Há ainda outros comentários que prosseguem criticando a missionária Leandra, como o que segue abaixo:

Ela tá se achando, é seca, sem unção e parece tá baixando um pombal nela em cima do púlpito. Olha que roupa justa (DESNECESSÁRIO) (Sérgio Silva, *YouTube*).

Quer se parecer tão espiritual, com essa roupa de prostituta... não tem vergonha nem cabimento. Pastor direito não aceita isso não (Isacely Bastos, *YouTube*).

Cuidado com a saia muito apertada... pensei que ia rasgar... (Celita W., *YouTube*).

Vai te vestir com honra, isso sim, minha querida, esse vestido coladíssimo no corpo fazendo os irmãozinhos pecarem... vai te converter que Jesus Cristo está voltando e não vamos nos enganar irmãos, Deus Todo Poderoso jamais age desta forma... vamos ler a Bíblia, voltemos ao Evangelho puro!! (Diomar Ortigosa, *YouTube*).

Notemos que, nestes comentários, as críticas a Leandra partem, mais uma vez, das associações de suas roupas com as da Pombagira, pejorativamente chamada de pombal. Para eles, a possessão da Pombagira no corpo de Leandra faria com que ela estivesse vestindo as roupas que eles consideram como “roupa de prostituta”.

Há, inclusive, um dos comentários que parecem reconhecer esta distinção, quando se refere à Leandra como uma “Pombagira Cigana [que] está à paisana”, ou seja, que não está vestida com as roupas que a Pombagira geralmente costuma vestir.



Figura 30: Pombagira Cigana

Fonte: <https://www.pinterest.com/pin/392798398723585247/>



Figura 31: Pombagira Cigana Najara

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=cmIqdqgXOHs>

Assim, os trajes usados por Leandra seriam associados à Pombagira por conta de uma suposta sensualidade apontada pelos seus críticos. Nesse caso, eles entendem que o vestido preto com comprimento abaixo dos joelhos seria considerado como “muito justo”, “sensual” e “vulgar”.

A sensualidade da Pombagira, ou de Jezabel, é algo que preocupa bastante alguns crentes. Alguns deles consideram, por exemplo, que o Diabo usaria estas entidades para tirar os líderes do caminho da fé evangélica. Pedro, um dos frequentadores da *Celebrai*, me disse o seguinte:

Tem gente que tem experiência e é arrebatada. Um cara que foi arrebatado ao inferno, viu o Diabo fazendo reunião. Disse que ia mandar o espírito da Pombagira para derrubar os pastores. A Pombagira usa roupa curta. É o demônio que faz as pessoas se prostituírem e que “atenta” os casados (Pedro, entrevista).

De acordo com ele, esta interpretação foi aprendida na igreja. Ademais, a informação teria sido confirmada pessoalmente, com o próprio Deus, além de ele considerar que isto seria perceptível no cotidiano.

Voltando ao caso de Leandra, é possível afirmar que até mesmo alguns adeptos do “reteté” seriam contrários à indumentária utilizada pela missionária:

Na minha igreja não tem essas roupas, as mulheres usam saias longas e os varões... Eu também só uso calça e medito bem na palavra. Procuo sempre me santificar, tenho pouco tempo de que assumi um compromisso sério com Jesus, ainda tenho que aprender muito e vou levar em consideração o que o senhor falou. E quero afirmar existem sim muitos que escandalizam o evangelho de Cristo, mas existem alguns de nós que andamos segundo a bíblia e dançamos sim, no mistério, mas não a ponto de escandalizar. Usamos vestes de acordo e muitas vidas foram transformadas aqui como a minha foi. Eu era desviado, aí Deus usou um profeta pra me chamar para a obra e, graças a Deus, estou firme. Falo aqui de uma igreja, no interior, perto de Itaperuna e aqui não promovemos homens, só promovemos o nome de Jesus. Sou pentecostal, mas não faço, e os outros membros daqui não fazem, como vemos nesses vídeos, fazemos tudo conforme o Espírito de Deus concede. Eu só quero que o senhor entenda o que eu quero expressar que alguns pentecostais não escandalizam a obra de Deus (Jefferson Campos Dutra de Souza, *YouTube*).

O que está em questão, para esse ator, não é a legitimidade dos gestos corporais, pois para ele, “dançar em mistério” ou participar do baile com os anjos não é nenhum problema. Afinal de contas, Miriam e Davi, personagens bíblicos importantes, teriam dançado sem trazer escândalo. Importa ressaltar, aqui, que as disputas sobre a dança nas igrejas evangélicas podem remeter às discussões em torno desses dois personagens do Antigo Testamento. Miriam era irmã de Moisés, tido como um libertador dos hebreus do jugo dos egípcios. Segundo o relato bíblico, após a fuga do Egito e a travessia do Mar Vermelho, Miriam teria cantado, tocado tamborim e dançado, expressando sua alegria. Além dela, os pentecostais costumam justificar suas danças apontando para Davi, tido como o mais notável dos reis de Israel. Após retomar a Arca da Aliança, objeto que simbolizava a presença divina entre os israelitas, Davi teria se despido de suas vestes reais e dançado diante dos seus súditos, recebendo pesadas críticas de uma de suas mulheres, Mical. Alguns versos de um corinho entoado por Giovanny Brasa Viva lembram este episódio:

**Deixa Davi bailar**  
**(Intérprete: Giovanny Brasa Viva)**

Mical sai da janela que eu vou te falar,  
É melhor Davi bailar do que adular,  
Mical sai da janela que eu vou te falar,  
É melhor Davi bailar do que adular.

Deixa Davi bailar, deixa Davi bailar,  
É melhor Davi Bailar do que adular,  
Deixa Davi bailar, deixa Davi bailar,  
É melhor Davi Bailar do que adular.

Ô deixa, deixa, ô deixa, deixa...

Se o corinho cantado pelo contratado da *Celebrai* lembra que Davi tinha sido alvo de críticas e, ao mesmo tempo, rebate as críticas que os crentes do “reteté” recebem, Jefferson parece não se lembrar que a *performance* do rei tinha sido criticada. Assim, ele argumenta que, como os personagens bíblicos haviam dançado, os crentes também poderiam fazê-lo, desde que não escandalizem o evangelho. O que Jefferson quis dizer exatamente com escandalizar fica em suspenso, mas a sugestão de que as mulheres, em sua comunidade de crentes, usam “saías longas” e “vestes de acordo” parece servir, para ele, como um indício de que nem todos os pentecostais são baderneiros, trazem escândalo ou usam roupas “em desacordo”, pois o uso de vestimentas adequadas permitiria que elas “entrem no mistério” sem escandalizar aqueles que observam seus rituais.

Cabe lembrar que, durante as vigílias das quais participei, observei inúmeros tipos de roupa. Vi homens trajando calças jeans e camisas polo ou camisetas, assim como outros que se vestiam de maneira mais formal, com terno e gravata. Entre as mulheres, as roupas são bem variadas, pois, enquanto umas se maquiam, vestem calças e blusas sem manga e outros acessórios, muitas delas trajam vestidos e saias compridas. Outras, comparecem às vigílias vestindo os “roupões” sem estampas e um véu cobrindo suas cabeças, trajes específicos de algumas igrejas evangélicas:



Figura 32: Fiel vestida com o “roupão” no *Vigilhão da Celebrai*  
Fonte: Foto de Clayton Guerreiro, dezembro de 2014



Figura 33: Fiel trajando “véu” no *Vigilhão da Celebrai*  
Fonte: Foto de Clayton Guerreiro, setembro de 2014



Figura 34: Rapaz trajando “roupão”  
Fonte: Foto de Clayton Guerreiro, dezembro de 2014

Como já indiquei, existem discordâncias sobre as roupas adequadas, e a multiplicidade de igrejas e denominações resulta em regras variadas acerca da pertinência das vestimentas para os fiéis. Assim, as perspectivas do que seria se vestir “decentemente”, “com honra” ou “de acordo” variam sobremaneira, conforme com a igreja à qual a/o fiel pertence, até mesmo nas mesmas denominações.

No caso das ADs e das igrejas que delas são oriundas, geralmente os templos localizados em regiões centrais ou em capitais são mais liberais no tocante aos “usos e costumes”<sup>100</sup>. Já no

---

<sup>100</sup> Para Mariano, “Usos e costumes é a expressão utilizada pelos pentecostais para se referir ao rigorismo legalista, às restrições do vestuário, uso de bijuterias, produtos de beleza, corte de cabelo e a diversos tabus comportamentais existentes em seu meio religioso” (2005: 187).

interior ou nas periferias, como é o caso da Baixada Fluminense, onde estão concentrados os eventos da *Celebrai*, são maiores os interditos em relação à forma como as mulheres devem se vestir. Por este motivo, há distintas percepções sobre as roupas adequadas para a participação nos rituais<sup>101</sup>. A meu ver, tais concepções variam conforme o senso de “moralidade” envolvido na escolha desta ou daquela roupa, o que torna os julgamentos sobre as vestimentas algo bastante subjetivo, haja vista que o padrão de moralidade, para algumas delas<sup>102</sup>, será sempre o “olhar-se no espelho” e perguntar ao Espírito Santo se ele “se agrada” da roupa que deverá ser vestida ou não. Assim, se o Espírito Santo responder que se agrada da roupa, a fiel não irá ser acusada de estar “dando lugar” ao espírito da Pombagira ou de Jezabel.

Ao atentar para as justificações que os atores envolvidos nestas disputas dão às suas ações, percebi que alguns dos que defendem a legitimidade da *performance* ritual de Leandra procuram rechaçar a ideia de “incorporação demoníaca” que, segundo seus críticos, estaria evidenciada na roupa usada pela missionária, ao apontarem que Deus não estaria preocupado com “a aparência”, mas sim com “o coração”. Tal concepção coincide com um provável afrouxamento dos “usos e costumes de santidade pentecostais”, para usar a expressão de Ricardo Mariano (2004: 124; 2005: 187). Para este autor, os pentecostais eram reconhecidos, tradicionalmente, pelos seus usos e costumes, em geral associados a um determinado tipo de moralidade. Esta identificação costumava ser tão forte - pelo menos até as décadas de 1980 e início da década de 1990, quando o pentecostalismo sofreu fortes alterações em sua configuração - que os usos e costumes eram tratados como “doutrinas” e existiam cultos específicos em que se ensinava aos fiéis sobre as roupas que deveriam usar, sobre as proibições no uso de cigarros e bebidas, sobre a frequência a determinados ambientes, tais como bailes ou festas consideradas profanas como o carnaval, além da proibição do uso de TV. Recorrendo às minhas memórias, lembro de ter visto, algumas vezes, “irmãos” serem “excluídos” ou advertidos, por deixarem as barbas crescidas ou assistirem TV. Todavia, o maior patrulhamento e, por conseguinte, a maior frequência das exclusões, era com as mulheres, por cortarem os cabelos, pintarem as unhas, usarem maquiagem, brincos, colares, pulseiras ou vestirem calças compridas, conforme apontei em outro trabalho (Guerreiro, 2015: 61).

Atualmente, porém, o Deus dos novos pentecostais parece não se importar tanto com os usos e costumes quanto o Deus dos pentecostais clássicos a ponto de não salvá-los por causa

---

<sup>101</sup> É relativamente comum que alguns evangélicos façam distinção entre as roupas que devem ser usadas no cotidiano e outras que são adequadas à participação nos rituais.

<sup>102</sup> No pentecostalismo, quase que invariavelmente, as cobranças sobre o uso de determinadas roupas recaem sobre as mulheres.

de suas roupas, pois, conforme apontou Fajardo (2015: 207), a relação entre a “pureza da igreja” e a preservação das tradições pentecostais assembleianas parecem estar próximas do esgotamento. Nesse sentido, a suposta associação entre sensualidade e possessão por entidades do panteão afro-brasileiro, como os críticos da missionária fizeram, acabam sendo descartadas, por parte de outros pentecostais da atualidade<sup>103</sup>. Se, como estou supondo, as disputas em torno do que seria o “pentecostalismo legítimo” se baseiam no *princípio da pureza e da diferença* - perspectiva pentecostal sobre a necessidade de não quebrar determinados princípios morais e não ter práticas rituais semelhantes às outras religiões para se destacar em relação a elas - e se, em muitas situações os críticos do “reteté” e seus defensores fazem referência a ele, pode permanecer a indefinição do que seria essa “pureza” e a “diferença” do crente em relação ao “mundo”.

Isto pode ser observado no comentário de Bia Oliveira Lima, ao considerar que “roupa” não leva para o céu, no bojo das concepções dos novos pentecostais, em contraposição às perspectivas mais conservadoras do pentecostalismo clássico:

A roupa dela não vai levar ela pro céu, também canto e prego. Uso roupa quase igual da missionária e nem por isso sou prostituta que nem uns comentários aí. Tem gente que fala tanto e é pior (Bia Oliveira Lima, *YouTube*).

Do lado oposto, quando os críticos de Leandra a acusam de usar uma roupa “sensual” - que indicaria a presença da “Pombagira”, entidade estranha ao protestantismo - estariam tentando afirmar a não conformidade da missionária como representante do “pentecostalismo legítimo”. Ao se vestir desta forma, ela não estaria fazendo a “diferença” em relação ao “mundo” e abandonando a “pureza”, que seria própria do “pentecostalismo legítimo”.

Contudo, as roupas e os gestos de Leandra não são os únicos motivos das críticas que lhes são direcionadas. Seus críticos insinuam que a forma como Leandra imposta sua voz, tornando-a mais grave, também indicaria tratar-se de um caso de possessão da Pombagira.

É fácil perceber que, de fato, a voz da pregadora se altera durante o rito. Desde o momento da leitura bíblica, no início da pregação, há uma alternância na forma como ela imposta a voz, tornando-a gradativamente mais gutural e agressiva. Curiosamente, porém, este

---

<sup>103</sup> Boltanski e Thévenot sugerem que, em momentos de disputas, a pessoa envolvida na crítica deve ser capaz de transitar de uma forma de justificação para outra, embora ela necessite se manter fiel ao mesmo requerimento de justificação (Boltanski e Thévenot, 1999: 13). Assim, o ator envolvido na disputa deve saber fazer referência a diferentes tipos de *princípio superior*. No entanto, deve-se levar em conta que esses princípios podem ser incompatíveis entre si e, por isso, quando as pessoas se envolvem em alguma disputa, “devem ter a habilidade de ignorar, ou esquecer, os princípios nos quais basearam suas justificações quando estiveram envolvidas em outras situações” (Boltanski e Thévenot, 1999: 11).

é um recurso muito comum entre pastores neopentecostais em suas pregações ou em atos de exorcismo, conforme é possível observar nas descrições etnográficas feitas por autores como Oro (2001), Reinhardt (2006). Além disso, Almeida (2009) ressalta que nas sessões de libertação das igrejas neopentecostais, protagonizadas por pastores e entidades que eles associam aos Orixás afro-brasileiros, ouvem-se vozes distorcidas e gritos estridentes, por parte do exorcizado. Assim sendo, ao associarem os “brados” da missionária aos sons emitidos pelas entidades que eles denominam como demoníacas, os debatedores virtuais supõem que as forças malignas teriam se apossado do corpo da protagonista do rito.

Engraçado são os timbres de voz que o povo do reteté usa, são todos iguais. Acho que se sentem mais poderosos nessa hora [...]. É triste ver como as pessoas se enganam facilmente (Anderson Emídio, *YouTube*).

Ela tá cantando que nem uma vocal de Black Metal. Kkkkkkkkkk... ela tem a voz mais grave que a minha. Tá mais é incorporada e não é por Deus, nem Jesus e muito menos o Espírito Santo. Porque desse jeito aí ela tá querendo é chamar a atenção. Isso chega a ser ridículo e passa uma péssima visão pra quem é leigo e achar que todas as Igrejas são assim por causa de pessoas despreparadas pra pregar a palavra de Deus (Léo Franclin, *YouTube*).

Essa mulher não fala coisa com coisa nenhuma, tem gestos horrorosos que não condizem com sua condição feminina, a voz está totalmente transformada pela impostação colocada para ministrar tal palavra, que uma mulher em uma condição normal não teria esse tipo de timbre fantasmagórico (Ricardo Gomes, *YouTube*).

Tentando com sua voz rouca a tirar glórias, ou melhor, risadas do povo sem noção nenhuma. Explanação da palavra dentro de uma hermenêutica... nada!!! (Antonio Tavares Gonçalves, *YouTube*).

Essa voz “estranha” tentando forçar a barra para mostrar poder não me engana. As coisas de Deus são maravilhosas e o Espírito Santo não usa pessoas para trazer dúvidas (Celita W., *YouTube*).

Portanto, para estes atores, parece estar muito claro que a voz de Leandra indicaria que ela estaria incorporada, mas não pelo Espírito Santo, pois para eles, se fosse mesmo a terceira pessoa da trindade cristã, não existiriam dúvidas sobre sua ação. Nesse sentido, lembro que os evangélicos, mesmo os pentecostais, argumentam que a atuação do Espírito Santo jamais iria contradizer os versículos bíblicos que orientam as ações dos crentes, em relação aos princípios da “ordem” e da “decência”, embora Fajardo (2015: 212) aponte que, entre os pentecostais, caso se entenda que o nível de êxtase no culto esteja superando o que foi estabelecido anteriormente, a “desordem” passa a receber a “chancela divina”, tornando-se parte da “essência do culto”. Entretanto, os críticos de Leandra entendem que a ação do Espírito Santo

seria imediatamente identificada como tal por todos os crentes, pois, de acordo com eles, os que “são do Espírito entendem as coisas do Espírito”. Assim, os críticos de Leandra estão considerando que o fato de sua *performance* deixar margem para dúvidas e discussões seria um indício que não seria o Espírito Santo a agir por seu intermédio, mas sim a Pombagira.

Por outro lado, os que defendem o “reteté” argumentam que o Espírito Santo teria múltiplas formas de atuação e que deveria haver um respeito às diversas formas de recepção do Espírito, inclusive em relação à voz:

Cada um tem sua maneira de dar vazão ao Espírito Santo! Deus não precisa de voz bonita e muito menos está preocupado com sua roupa. Quem somos nós pra julgar ou apontar? Se meter naquilo em que não fomos chamados, ou seja, salvação é individual. O tempo que se preocupa se o irmão tá incorporado ou não deveria se preocupar em fazer a obra. Pra poder falar do irmão dessa forma deve ter vida no altar com Deus né? (Vanessa Viana, *YouTube*).

Para estes, portanto, a presença do Espírito Santo, a experiência de “bailar com anjos”, “dançar em mistério” e “entrar no reteté” seria mais importante do que a emissão de juízo de valor. Assim sendo, como o julgamento seria uma prerrogativa divina, a impostação de voz de Leandra não poderia ser objeto de julgamento. Este argumento busca desconstruir as críticas dos que questionam a *grandeza* da missionária e a legitimidade do “reteté”. Há aqui um paralelo entre a ação do Espírito Santo e a noção de que a salvação é individual, que nos remete imediatamente às concepções da Reforma Protestante sobre o indivíduo que possui autonomia para relacionar-se com Deus. Assim, segue-se a lógica de que, se a salvação é individual, a ação do Espírito Santo também deveria ser, bem como a forma como ele fala e usa a voz do ser humano para tal.

Assim, os crentes “do manto” defendem que seus críticos deveriam se santificar, “fazer a obra” e “ter a vida no altar!”. Para os tais, os que criticam deveriam fazer como Leandra, considerada por eles como “mulher de Deus”, qual seja, deveriam pregar, ao invés de fazerem julgamentos do “reteté” ou apontar incoerências no que eles consideram como legítimas manifestações do poder pentecostal, sinalizado pelo barulho.

Tem-se aqui um impasse, pois, de um lado, os críticos de Leandra buscam denunciar a ilegitimidade da religião dos crentes do “reteté” principalmente a partir do argumento de que o rito protagonizado por Leandra em nada seria diferente do que pode ser notado em locais de diversões, como teatro e circo, e nas religiões afro-brasileiras, o que confrontaria o *princípio superior comum da pureza da diferença* dos evangélicos. Todavia, considero que as disputas

sobre o “pentecostalismo legítimo” ainda se inscrevem em um nível mais amplo, qual seja, entre alguns dos principais líderes do pentecostalismo brasileiro. No próximo capítulo, pretendo apresentar um debate virtual entre alguns dos principais líderes pentecostais do Brasil concernente a este assunto.

## CAPÍTULO 3

### **“Aqui têm desavenças”: as disputas de líderes pentecostais pela definição do “pentecostalismo legítimo”**

As disputas em torno do “pentecostalismo legítimo”, a partir dos rituais do “reteté”, não se restringem ao que pensam os fiéis pentecostais, mas abrangem polêmicas maiores, envolvendo conhecidos pastores e líderes das maiores denominações pentecostais do Brasil. Neste capítulo, procurarei realizar uma análise que aborde estas disputas, dividindo-as em três momentos distintos. Em um primeiro momento, procurarei apresentar ao leitor divergências históricas sobre a legitimidade do pentecostalismo. Minha intenção é demonstrar que o *princípio da pureza e da diferença* já era mobilizado pelos pentecostais assembleianos naquele momento. Posteriormente, apresentarei as críticas de pastores assembleianos aos rituais “reteté”, ainda que tais manifestações sejam vistas, mormente, no interior das ADs. Por fim, tentarei problematizar as disputas sobre o “pentecostalismo legítimo” entre bispos iurdianos e pastores assembleianos, tomando como ponto de partida um *escândalo virtual* que se iniciou com as críticas do bispo Edir Macedo Bezerra e de seus auxiliares aos cultos do “cai cai” ou rituais do “reteté”.

#### **3.1 As disputas históricas dos pentecostais por legitimidade**

Tratar da construção do universo religioso brasileiro pressupõe compreender a participação hegemônica do catolicismo neste processo. Conforme Paula Montero (2006), com o advento da República e do processo de separação entre Igreja e Estado, a partir da Constituição de 1891, ocorreu um processo histórico que possibilitou a definição de “religião” que contou com a participação determinante da Igreja Católica. Em diálogo com Giumbelli, Schritzmeyer e Maggie, a autora busca analisar o percurso de definição dos critérios adotados para regulamentar rituais e enquadrar ou não tais práticas como “religião”. Neste aspecto, também é digno de nota os esforços dos agentes do Estado em combater os cultos mediúnicos, cujos integrantes eram acusados de charlatanismo. Montero ainda afirma que as forças policiais reprimiam especialmente as práticas associadas aos negros, denominando-as como “macumba”, “magia negra” e “feitiço”. Durante o processo de institucionalização, considerava-se que, por serem “centradas em possessão, batuques e danças” diabólicas, tais práticas não deviam ser consideradas como “ritos religiosos” (2006: 55). Por outro lado, essas organizações,

denominadas como entidades de sociedade civil e não como associações religiosas, deveriam provar ao Estado que suas práticas eram “religiosas”, apesar das “curas, danças e batuques”, que eram entendidas, até então, como “ameaça à saúde e à ordem pública” (2006: 52).

Em geral, os pesquisadores enfatizam que as disputas pela concorrência entre as religiões, na primeira metade do século XX, envolviam, sobretudo, o catolicismo e os cultos mediúnicos. Concernente aos pentecostais, parece haver um entendimento de que eles passaram a fazer parte de tais disputas somente a partir do ganho de visibilidade do neopentecostalismo nos anos 1980. Todavia, pretendo aventar a possibilidade de que, desde a chegada dos primeiros pentecostais ao Brasil, nos anos 1910, os atores do pentecostalismo, embora fossem numericamente inexpressivos, já se envolviam em disputas sobre a legitimidade de suas práticas.

Em outro trabalho (Guerreiro, 2015), procurei realizar uma abordagem histórica, tendo como recorte a primeira metade do século XX e tentei demonstrar como se deram, naquele período, as disputas entre os pentecostais, católicos, cultos mediúnicos e demais igrejas protestantes acerca da legitimidade religiosa. Encontrei narrativas dos próprios assembleianos nas fontes, periódicos publicados entre as décadas de 1910 e 1950 e diários dos missionários que fundaram o assembleianismo, em que eles criticavam práticas e símbolos do catolicismo e publicavam “testemunhos de conversão” de católicos que, antes, estariam praticando uma “religião falsa”. Além disso, são narradas ocasiões em que os assembleianos eram atacados fisicamente por “padres” e “multidões” que buscavam combater a nova “seita”.

Quando o monumento do Cristo Redentor foi inaugurado, na década de 1930, Sylvio Brito, articulista do jornal assembleiano *Mensageiro da Paz*, criticou severamente o erguimento da imagem, por entender que ela seria o símbolo de que o mundo estaria dormindo e cego pela “lethargia catholica romana”. De acordo com ele, isto poderia ser comprovado pela observação das “sarchasticas festas” católicas, consideradas por ele como “cerimonias fúnebres, tristes profanas, como os seus adeptos!”. Para ele, o Cristo Redentor seria apenas uma “inutil imagem de cimento armado”, que não merecia ser festejada, pois seria um indicativo de “idolatria” e sacrifício aos “demônios” (Brito, 1931).

Além dos artigos escritos contra os símbolos católicos, observei inúmeros relatos de perseguição dos católicos contra os assembleianos. No *Mensageiro da Paz* e em seu diário, publicado pelo seu filho, Ivar Vingren, o missionário sueco Gunnar Vingren, um dos fundadores das ADs no Brasil ao lado de Daniel Berg, faz relatos de perseguições em Itajahy (SC) e Rio das Flores (RJ):

Chefiados por um padre, uma multidão de homens, apedrejaram a casa de culto, dos crentes, no momento em que estes se achavam reunidos, louvando o Senhor! Os inimigos, jogaram montões de tijolos, paus, que tiraram da cerca do quintal da igreja, e garrafas quebradas, porém, nada disso atingiu os crentes, que tinham ao seu redor, o anjo do Senhor, com sua espada desembainhada! E assim, nenhum dos remidos do Senhor, saíu ferido! Deus guardou o nosso irmão André de fôrma, que, firme, continuou na tribuna dirigindo a palavra santa do Senhor, sendo que também, não foi atingido por nada! Alguns, que não eram crentes, saíram feridos. O irmão André, permanecia na tribuna, mas por causa da fúria dos inimigos, os crentes o esconderam debaixo de uma mesa, num quarto atrás do salão de culto, até que chegaram as autoridades, retirando-o dali.

Logo após, o delegado fez um discurso, em favor dos crentes, fazendo sentir aquele povo, o grande mal que haviam cometido. Desta fôrma, o povo acalmou-se. Deus estava conosco e o delegado, deu garantias para os cultos evangélicos que o nosso irmão dirigia. O referido padre foi depois, substituído por outro, pois como disseram, queriam, um padre, que viesse civilizar o povo, e não torná-los selvagens (Vingren, 1931).<sup>104</sup>

Quando o padre católico viu que o povo começava a seguir o Evangelho, começou a atacar com palavras, dizendo que um dragão havia chegado e roubado as ovelhas de Jesus. Dessa forma ele levantou o povo contra os crentes. Quando o evangelista Manoel dos Santos veio pela terceira vez para efetuar um batismo, encontrou seis homens armados de grandes paus para impedi-lo de realizar o trabalho do Senhor. Eles tinham ouvido falar que os crentes arrastavam as mulheres para dentro d'água, e as seguravam debaixo d'água por muito tempo. Porém, tiveram a oportunidade de ver como o batismo era realizado na realidade. Debaixo de ameaças, o evangelista batizou cinco novos convertidos e Deus os guardou de todo o mal [...]. Em outra oportunidade, o padre quis impedir o culto, mas o chefe de polícia ficou do lado dos crentes e levantou-se contra o padre. Os católicos espalharam tremendos boatos e mentiram contra o irmão Manoel dos Santos. Um dia fizeram um boneco bem grande e parecido com o irmão Manoel, e lhe deram o nome de Judas. Depois queimaram o boneco.

O nosso irmão necessitava de muita coragem para falar nos cultos, pois muitas vezes vinham pessoas armadas de facões, foices e paus para feri-lo, mas o Senhor guardou seu servo (Vingren, 2000: 186, 187)

Conforme observou Fajardo (2015: 276, 277) já existia uma animosidade entre católicos e protestantes<sup>105</sup> que foi potencializada com a chegada dos pentecostais. Segundo o autor, os relatos de perseguição dos católicos aos pentecostais, nos jornais assembleianos, tratavam de apedrejamentos aos templos, principalmente no interior e compunham o que ele e Alencar (2010: 83, 84) consideram como uma “teodiceia do sofrimento”, mobilizada para produzir a “identidade assembleiana”, contrapondo-se à Igreja Católica. Embora ressalte a “perseguição” dos católicos aos cultos pentecostais, Vingren deixa escapar que também havia uma

---

<sup>104</sup> Em todas as transcrições das fontes históricas, mantive a grafia original.

<sup>105</sup> Sobre as disputas entre católicos e protestantes, entre 1890 e 1960, ver a tese de Edilson Soares de Souza (2012).

animosidade por parte dos assembleianos, ao ponto de citar o caso de um pregador assembleiano que quebrava símbolos e imagens católicas.

Num outro lugar chamado Macaé acontecerem coisas muito interessantes. Um irmão foi para lá e testificou de Jesus a seus parentes. Na primeira vez foram 11 pessoas que creram no Evangelho. Esse irmão teve oportunidade de quebrar nada menos que setenta imagens de santos. E ficou depois conhecido como o —quebrador de imagens.

Do lado de fora da casa reuniram-se várias pessoas que o ameaçavam a de toda maneira. Ele subiu então na sua canoa e seguiu viagem, mas foi apedrejado e quase se afogou. Mas o Senhor o salvou. Pela terceira vez esse irmão voltou ao mesmo lugar para realizar um batismo. O povo ali tinha ficado com muito medo dele, pois criam que só vinha para quebrar os santos nas casas. Para evitar isso, começaram a guardar os seus dentro da própria igreja católica.

Uma família ajuntou num caixão todos os seus santos e os enviou para a igreja. Depois disto, tanto o pai da família como o filho aceitara Jesus como Salvador e não necessitavam mais dos santos, os quais ficaram abandonados na igreja.

Numa casa de uma família descrente tinham tanto medo do evangelista que quando ele chegou ali para dormir uma noite, tiraram todos os santos das paredes para salvá-los da destruição. Sim, assim era a situação naquele lugar. Aconteceu como diz a Bíblia – que se convertiam dos ídolos para servir ao Deus vivo e verdadeiro (Vingren, 2000: 189).

Diante de tais disputas, considero que os assembleianos buscavam se denominar como uma religião “legítima”, ao tentarem se diferenciar dos demais religiosos, apontando-os como idólatras e seguidores de uma religião que os levaria à destruição. Os primeiros crentes das ADs tinham por certo que esta diferenciação se dava pelo acento no que chamei de “padrão assembleiano de santidade”, constituído pela ênfase nos chamados “usos e costumes” e na ação do Espírito Santo (Guerreiro, 2015). Este segundo aspecto foi fundamental para o desenvolvimento do pentecostalismo, mas, também, servia para dar impulso ao debate, entre os assembleianos e seus críticos. O batismo com o Espírito Santo seria um fator de fundamental importância para marcar a diferença entre os pentecostais e seus concorrentes protestantes: batistas, congregacionais, presbiterianas e metodistas<sup>106</sup>. Conforme aponte, esta diferença poderia ser percebida nitidamente em seus rituais, pois “o barulho pentecostal se contrapunha a uma suposta formalidade das demais igrejas cristãs, coisa que os pentecostais brasileiros faziam questão de enfatizar, ao se representarem como fervorosos” enquanto enfatizavam que seus concorrentes seriam “frios e formais” (Guerreiro 2015: 81).

---

<sup>106</sup> Não encontrei referências às igrejas do protestantismo de imigração: anglicanos e luteranos.

Portanto, na perspectiva destes agentes, ainda no início do movimento pentecostal no Brasil, o culto deveria ser controlado pelo Espírito Santo. Sendo ele o responsável pelo controle, ele faria como quer, afinal, de contas, como dizem os pentecostais, “o vento do Espírito sopra onde quer”. Ainda assim, estaria em jogo a autoridade para definir sobre a manifestação correta do Espírito Santo, isto é, o que é dele, o que é da “carne” e o que é “diabólico”. Isto porque os pentecostais entendem que o que não for proveniente do Espírito Santo pode ser considerado como simples manifestação emocional dos crentes, expressão da “carne”, ou, no limite, como uma atuação diabólica, o que coincide com as acusações aos cultos mediúnicos sobre “possessão demoníaca”. Em muitas ocasiões, o “povo barulhento” era associado às práticas dos cultos mediúnicos, porém, os pentecostais não aceitavam esta suposta semelhança, ressaltando as diferenças entre eles e seus concorrentes, o que já desenhava a proposta pentecostal de assinalar diferenças em relação às demais religiões, acentuando o que chamo de *princípio da pureza e da diferença*.

Antes de tais episódios, ainda na década de 1910, Vingren relatou que, certa vez, os pentecostais teriam recebido a visita de um jornalista no templo da Missão da Fé Apostólica, primeiro nome das ADs.

Naquele tempo escreviam-se muitos artigos contra os crentes, mas havia também jornais que nos defendiam. As ondas de discussão iam bem altas. Um dia o redator de um jornal de Belém veio à nossa igreja para pesquisar o assunto. Porém, para alegria de todos nós, o redator nos defendeu contra os que nos **criticavam** [grifo meu]. Entre outras coisas, esse redator escreveu: “Os que pertencem a esta Missão de Fé Apostólica [Era o nome da igreja naquele tempo] só permitem manifestações do Espírito Santo. Não têm nenhum contato com os **espíritos de falecidos!** [grifo meu]” (Vingren, 2000: 65).

Portanto, a ida do homem ao local de culto dos pentecostais tinha o objetivo de investigar as supostas acusações contra os assembleianos. Isto porque os assembleianos eram acusados de se assemelharem aos cultos mediúnicos, principalmente aqueles de matriz africana. Ao argumentarem sobre a falta de legitimidade dos cultos pentecostais, os demais protestantes, mui especialmente os batistas, ressaltavam uma suposta similaridade dos pentecostais com os espíritas. Tal situação, assim como na analisada por Montero (2006: 50), faz parte de um “processo histórico de alianças e conflitos entre atores religiosos e não-religiosos”, sendo possível observar a interferência de personagens que não pertenciam ao meio religioso, dentre os quais jornalistas e delegados, mas eram evocados para intermediarem a relação entre os pentecostais e demais religiosos, sobretudo católicos e batistas.

Outro episódio exemplar, neste caso, é relatado em uma edição do jornal assembleiano *Boa Semente*, de 1925, e refere-se ao artigo escrito por José Munguba Sobrinho (1895-1972), e publicado nos jornais *Correio Doutrinal* e *O Baptista Amazonense* que circulavam, respectivamente, em Recife e em Manaus. No texto, Sobrinho critica os pentecostais e aponta uma suposta semelhança com os espíritas:

Não ha menção alguma nas Escripturas de que os apóstolos e discípulos primitivos, ao receberem o Espirito Sancto, gritassem como loucos; berrassem; falassem tanto que lhes engasgassem a língua e ficassem doentes; assoviassem; (achamos melhor: assobiassem), soltassem gargalhadas hystericas; tremessem da cabeça aos pés; tivessem convulsões espamodicas; quebrassem moveis: chorassem e pranteassem como os que teem um defuncto em casa ou vão leval-o ao cemitério; fossem acommetidos de ataques hystericos e de loucura: causassem medo; estabelecessem desordem, confusão e escândalo, **como fazem os pentecostaes e os espiritas, seus mestres** [grifo meu] de maneira que, ás vezes, a pedido da vizinhança alarmada e escandalizada com taes christãos bulhentos e gritadores, faz-se necessaria a intervenção energica da policia para aplacar-lhes o fervor, como por mais de uma vez tem acontecido aqui em Manaus e em toda a parte onde esse hereticos proliferam (Sobrinho apud *Boa Semente*, 1925).

A partir desse texto é possível inferir que a referência para a comparação entre os pentecostais seria, de fato, os cultos de matriz africana. A alusão ao barulho seria, provavelmente, um indicativo de que, ao usarem o termo “espírita” para acusar os pentecostais, os batistas associavam seus cultos às manifestações religiosas que, atualmente, designamos como cultos afro-brasileiros. Nesse sentido, cabe lembrar a ponderação de Montero (2006: 53) de que “espiritismo” seria a “rubrica genérica” que abarcava as ações de curandeirismo. Entretanto, a autora ressalta que as práticas associadas aos negros agravariam o ilícito, podendo incidir em crime ou dolo.

Em resposta à acusação de Sobrinho, que também fora presidente da Convenção Batista Brasileira, o pastor assembleiano José Estumano de Moraes defendeu os pentecostais, através de um texto, originalmente publicado em 1925 no jornal amazonense *O Libertador* e, posteriormente, no *Boa Semente*, procurando demonstrar que a informação dada pelo pastor batista seria mentirosa e que os episódios de intervenção policial seriam fantasiosos. Ademais, segundo Moraes, os assembleianos em nada se assemelhavam aos espíritas.

Em outra disputa, já nos anos 1930, outros três personagens entrariam em cena: o batista Pedro Tarsier, o assembleiano Nils Kastberg e um terceiro articulista pentecostal, que se identifica apenas com a inicial “C”. O primeiro autor, embora tenha escrito uma obra em que acusava os católicos de perseguirem os protestantes, a ponto de dizer que a história dos católicos teria sido escrita com tintas de sangue (Souza, 2012), enxergava o desenvolvimento do

pentecostalismo como um impedimento para o prosseguimento da obra batista, onde ele trabalhava, entre imigrantes russos em Porto Alegre (RS). Seu opositor, o sueco Kastberg, o acusava de atacar os pentecostais e se posicionava contra a suposta afirmação de Tarsier de que o pentecostalismo seria “anticristão” e “diabólico”. Mais uma vez, um batista utilizou o termo “espírita” como uma referência para desferir críticas contra os pentecostais. Porém, o missionário sueco respondera, dizendo que os assembleianos não estavam salvando pessoas através do Diabo, mas recebiam em suas igrejas diversos pecadores, entre os quais feiticeiros e espíritas, fazendo com que eles tivessem uma vida que se encaixasse nos padrões de santidade e pureza exigidos pelos pentecostais

Nas “Assembléas de Deus”, centenas, ou melhor, milhares de peccadores têm sido salvos. Temos visto bêbados, **feiticeiros** [grifo meu], mentirosos, enganadores, **espíritas** [grifo meu], enfim, toda qualidade de peccadores, transformados em nosso meio. Presenciamos depois, o seu viver **santo, puro** [grifo meu] e agradável, diante de Deus e dos homens. Quem salvou estas almas, pergunto eu ao Sr. Tarsier – Christo ou o Diabo? (Kastberg, 1931: 2)

C., por sua vez, buscou corroborar o argumento de Kastberg, rechaçando a ideia de que os pentecostais seriam diabólicos e anticristãos e, acusando Tarsier de propagar o ódio através de seus escritos, procurou desqualificá-lo, inclusive buscando desmerecer seu título de “Dr”.

No mez de dezembro de 1930, apareceu nas columnas do jornal baptista, o senhor Pedro Tarsier que, se propoz - segundo declarações suas - arrasar a obra pentecostal no Brazil. Prometteu, esse senhor, argumentar tão fortemente contra nós que, qualquer que lesse o seu primeiro artigo teria a impressão de estar deante de um adversario profundo em doutrina, douto em argumentar, e leal na peleja. Ficamos á espera aos prometidos argumentos. Qual não foi, porém, nossa surpresa ao depararmos com grosseiras calumnias assacadas contra nós, numa linguagem impropria de quem assigna artigos com o titulo de “Dr.”. O estylo de escrever, vasado de odio com que o senhor Tarsier nos alvejou, obrigou-nos a mudar de opinião quanto a lealdade e talento de S. Ex. Esse senhor provocou a luta que o deixará mal até mesmo entre sua propria denominação. Entrou na peleja com atitudes quixotescas que nos fazem ter dó de S. Ex.

O dr. Tarsier mimoseu-nos com estas expressões preguiçosos, falsos, incapazes, fanáticos;

E negou mesmo, (coisa incrível, saída da pena de um homem que se diz doutor) que possuíssemos o espirito dos racionaes ou humanos; disse que tinhamos o espirito de Satanaz, anti-Christo, etc. (C., 1932: 8,9)

Além disso, C. fez referência à Kastberg que, em outro texto sobre o assunto, acusou Tarsier de mentiroso e afirmou que suas “egrejas” seriam como “dispensas de gelo” e “as suas

orações, pregação e artigos como palha”. Novamente, há uma clara tentativa de desqualificar o poder de fala e a ineficiência de suas palavras.

Além das disputas com seus concorrentes, os assembleianos também concorriam entre si e isto incluía as disputas sobre a legitimidade de certos movimentos corporais em seus cultos. Em minha pesquisa, não foi possível comprovar a existência de rituais semelhantes aos que hoje são designados como “reteté”. Contudo, tive a oportunidade de entrevistar um pastor assembleiano, com alto cargo na CPAD, que me narrou a ocorrência de manifestações semelhantes às do “reteté” pelo menos desde a década de 1940. Em seu relato, ele afirmou que tais manifestações seriam perceptíveis principalmente em regiões interioranas do Rio de Janeiro e que, segundo seu pai, também pastor assembleiano, em certos cultos, as pessoas faziam “rodas”, cantavam e faziam “muitas danças”. No entanto, ele ressalta que havia certos setores das igrejas ADs que rechaçavam tais manifestações, pois associavam as danças às práticas “mundanas”. Além disso, ele afirma que não seria possível determinar uma continuidade entre os movimentos corporais executados desde os anos 1940 até os dias atuais, exceto no que tange à “permissão” ou não dos pastores. Ou seja, assim como naquela época, as práticas rituais das igrejas são permitidas ou não pela liderança das igrejas. Por fim, ele disse que, a seu ver, os movimentos corporais executados no “reteté”, de fato, lembrariam aqueles observados nas religiões afro-brasileiras.

No diário de Vingren, há diversos relatos, entre os anos 1913 e 1930 de que os cultos assembleianos eram marcados por manifestações corporais que, atualmente, são criticadas pelos opositores do “reteté”. Há diversas citações de manifestações compulsivas de risos e choros em cultos e vigílias pentecostais. Nas narrativas, tanto ele quanto outras pessoas experimentavam manifestações tão intensas, ao ponto de quase perderem as forças e terem que se recompor, sentando-se, para a continuação do culto. Vingren e os demais assembleianos acreditavam que tais práticas seriam sempre resultantes da ação do Espírito Santo e do poder de Deus e quase sempre eram acompanhadas de glossolalia, visões e profecias. Apesar disso, os assembleianos que criticam o “reteté” buscam a todo custo diferenciar tais manifestações daquelas que ocorrem nos ritos criticados por eles.

Apesar disso, o próprio Vingren criticava determinadas manifestações. Em 1920, ele teria feito uma viagem à Santa Catarina. Na cidade de Criciúma, diz ter encontrado alguns fiéis lituanos e relata o episódio nos seguintes termos:

Todos aqui são da Lituânia. Receberam-me muito bem. De noite foi realizado um culto, mas como era no idioma lituano, eu não compreendi nada. Primeiro cantaram um hino. **Depois todos**

**tiraram os sapatos e se deitaram no chão, formando um círculo. Depois que todos haviam orado, começaram a pular e a dançar durante mais ou menos meia hora. Depois se puseram de joelhos outra vez e oraram. Eu os exortei a que deixassem essa coisa de dançar,** [grifo meu] pois isto não está escrito no Novo Testamento, e era uma bobagem que eles deviam abandonar (Vingren, 2000: 166).

Mesmo após a “exortação”, os lituanos teriam continuado suas danças no dia seguinte, o que fez com que Vingren se sentisse enganado por eles, deixando a cidade. Porém, curiosamente, ele parece ter passado por uma espécie de conflito interior, ao dizer que Deus e o Espírito Santo o teriam feito prometer que ele “nunca falaria mal de seus filhos”. Segundo ele, mesmo contrariado e ciente da dificuldade de cumprir a promessa, teria aceitado o desafio com a ajuda de ambos.

Isael de Araújo (2009), pastor e historiador oficial da CGADB, em artigo no *Mensageiro da Paz*, analisa o episódio vivenciado por Vingren em Criciúma. De acordo com ele, a postura do missionário sueco evidenciaria o “equilíbrio e a firmeza bíblico-doutrinária” que caracterizariam as ADs, ao longo dos anos. Além disso, ele associou tais rituais ao movimento dos Quacres (tremedores), surgido na Inglaterra no século XVII, embora tenha ressaltado que Vingren não fez tal associação. De acordo com ele, as danças dos Quacres tinham o propósito da “adoração”, mas também serviam para sacudir o pecado e pisotear o mal, libertando os fiéis do desejo sexual, da ganância e do orgulho. Segundo ele, os Quacres tinham visões e profecias que associavam ao Dia de Pentecostes. Observo que, ainda que Araújo (2009) não ressalte tal semelhança, tal descrição se parece, em alguns aspectos, com o repertório prático-discursivo dos pentecostais do “reteté”.

Três anos depois da viagem à Criciúma, Gunnar Vingren teria tomado ciência de outras manifestações rituais entre alguns crentes de Santa Catarina e novamente se deslocado para aquele estado. Contudo, ao chegar ao local em que o culto era realizado e observar os rituais, ele teria criticado as práticas corporais que observou e concluído que “não se tratava de pentecostes, mas feitiçaria e baixo espiritismo”. Wesley Américo Bergamin Granado de Paula (2013: 42) também afirma que, na época do missionário sueco, “em algumas comunidades [assembleianas] havia manifestações corporais e linguagens que tinham semelhanças com os rituais populares e culturais” e também lembra que, no diário de Vingren, existem referências ao “cair no chão” e ao “arrebato em espírito”. Para este autor, as expressões corporais dos pentecostais daquele tempo eram influenciadas por outras manifestações religiosas, como as africanas e indígenas.

Um artigo publicado no *Boa Semente* também indica tais disputas e adverte aos seus leitores para tomarem cuidado com certas manifestações, pois, segundo eles, nem tudo o que acontecia nas reuniões pentecostais seriam provenientes da ação divina. Também identifiquei o relato de viagem missionária de um pregador assembleiano que toca neste assunto, revelando a tensão entre receber o poder de Deus e a movimentação do corpo, após este recebimento:

Achando-se todos no culto a noite desceu o poder de Deus sobre o seu povo e ouvia-se aquelles servos humildes baterem palmas de alegria enquanto outros glorificavam o nome do Senhor. Ao principio chamei atenção dos irmaos para a ordem no culto, mas foram em vão as minhas palavras porque aquella alegria tambem se communicou a mim e durante trez horas ouviu-se o nome do Senhor ser glorificado por seus servos, verificando-se que Jesus baptisara dez crentes no Espirito Santo [...]” (Jornal *Boa Semente*, 1925).

Destarte, ao abordar estes fatos históricos, quero demonstrar que os pentecostais brasileiros sempre estiveram envolvidos em disputas por legitimidade, sendo incluídos temas como as manifestações corporais devidas nos rituais e a relação entre pentecostalismo e religiões de referência africana que aparece, vez ou outra, como um referencial que é manipulado no jogo de acusações entre os atores associados ao pentecostalismo e seus concorrentes.

### **3.2 As disputas sobre o “reteté” continuam**

Se nos primórdios do pentecostalismo no Brasil já existiam disputas acerca das práticas adequadas nos cultos religiosos, inclusive pentecostais, atualmente não é diferente. Décadas após as disputas apresentadas anteriormente, líderes religiosos continuam a debater sobre a pertinência de movimentos corporais, tais como cair, pular, rodopiar, sorrir ou gargalhar, nos cultos evangélicos. Os líderes mais comedidos insistem nas categorias “meninice” e “carnalidade”, enquanto os mais taxativos defendem que os crentes do “reteté” estariam possuídos pelo Diabo, sendo que alguns deles chegam a afirmar que eles nem deveriam ser considerados evangélicos, por não serem “diferentes” das demais religiões.

Como já afirmei, entre os pastores assembleianos, também há os que criticam o “reteté”. Os integrantes desta ala, mais conservadora, tecem críticas aos pentecostais que aderem a tais rituais, por meio de suas pregações, artigos e livros. Cito, entre eles, Geremias do Couto, Elienai Cabral, Ciro Sanches Zibordi e Isael de Araújo.

Geremias do Couto, ao falar de sua opção pelo calvinismo<sup>107</sup> e comentar a suposta identidade das ADs, disse que o “reteté” teria “expressões culturais estranhas ao genuíno pentecostalismo”.<sup>108</sup>

Em uma de suas pregações<sup>109</sup>, Elienai Cabral teceu duras críticas a certas práticas de pregadores pentecostais e citou episódios em que pregadores cometeriam exageros, fazendo “palhaçada” e “meninice”, ao transformarem o púlpito em “brincadeira de circo” e zombarem da “inteligência das pessoas”. Afirmando que seria preciso manter o “equilíbrio” e a “racionalidade”, Cabral disse que até aceitaria “10% de meninice em um culto que” ele pudesse controlar do que “nenhuma meninice e um monte de crente formal e frio”, pois os radicalismos seriam perigosos, mas ressalta que os pastores deveriam manter o controle sobre o que ocorre nos cultos e tomar cuidado com as emoções, pois, segundo ele, no pentecostalismo se viveria no “limiar entre a emoção e a razão”.

Zibordi dedicou boa parte das mais de 200 páginas de seu livro, “Mais erros que os pregadores devem evitar”, para criticar pregadores e adeptos do “reteté de Jesus” que, segundo ele, seria mais uma expressão “esdrúxula” e “esquisita” pronunciada no meio pentecostal, tal como “segura a bola de fogo”, “contempla o varão de branco com a espada na mão” (2007: 41, 129). O pastor segue uma linha argumentativa semelhante à de Geremias do Couto e, ao tentar definir o que seria o pentecostalismo “genuíno”, aponta que o “reteté” não estaria entre as práticas aceitáveis entre os pentecostais.

Uns dizem “reteté”, e outros, “repleplé”. Ninguém sabe ao certo o que significam essas expressões onomatopaicas — que devem ter se originado de uma brincadeira de péssimo gosto com as línguas estranhas —, usadas para identificar **pretensos cultos pentecostais**. Isso mesmo, pois, nos **cultos genuinamente pentecostais**, há exposição bíblica e manifestação do poder de Deus, e não brincadeiras com os dons espirituais e mau uso deles (Zibordi, 2007: 43).

Zibordi prossegue e relata suas experiências sobre o “reteté”:

Já estive em várias reuniões do reteté. Os “hinos” são apresentados em ritmos como axé, com batuques que lembram reuniões de candomblé, e muito forró. Pura carnalidade! Pessoas rodopiam, caem, riem, berram, etc. E alguns obreiros tolerantes, frouxos, ainda dizem que isso se trata apenas de meninice. Ah, se o reteté fosse apenas meninice! Bastaria ensinar os “meninos” no caminho em que devem andar, não é mesmo? (Zibordi, 2007: 44)

---

<sup>107</sup> Movimento religioso e sistema doutrinário oriundo da Reforma Protestante do século XVI, que remonta ao nome do teólogo francês João Calvino.

<sup>108</sup> Disponível em: . Acesso em 14/01/2016.

<sup>109</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jEFqt94f8iI>. Acesso em 01/01/2016.

Ao falar de seu descontentamento sobre o “reteté”, Zibordi também trata da categoria “meninice”, mas ressalta que, em sua opinião, tais práticas seriam mais do que “falta de amadurecimento”, pois expressariam a “carnalidade”, “falta de temor a Deus” e “apostasia”. Para ele, a ideia de que um culto só é pentecostal quando as pessoas marcham, pulam, contorcem, caem ou rodopiam seria ilegítima e os demais crentes, que não se portam desta forma, não deveriam ser considerados inferiores aos que agem assim (Zibordi, 2007: 44).

Isael de Araújo (2008), em artigos publicados no *Mensageiro da Paz*, também critica manifestações que seriam estranhas ao pentecostalismo clássico. No texto intitulado “As principais tentações do pentecostalismo hodierno” ele enfatiza que a prática do “pentecostalismo original, bíblico e equilibrado” sempre teria sido um desafio para as igrejas pentecostais. Prosseguindo, ele alude a outras manifestações do pentecostalismo, citando um artigo do escritor assembleiano Joseph L. Castleberry para criticar o que denomina como “adoração louca” que, de acordo com Araújo (2008), teria sua faceta brasileira: “reteté” ou “repleplé”. Araújo (2008) defende que “o verdadeiro pentecostalismo se sustém no equilíbrio” e possui afirmações bastante semelhantes às de Zibordi (2007) no tocante ao “reteté”, embora não cite o nome do colega assembleiano:

Nos cultos “reteté”, pessoas marcham, pulam, contorcem, caem, riem, berram, ficam rodopiando pra lá e pra cá num verdadeiro reboliço. Geralmente, essa desordenada movimentação se dá enquanto hinos são cantados em ritmos como forró ou axé, com batuques e pandeiros que lembram reuniões do candomblé. Para os crentes do “reteté” só os seus cultos são verdadeiramente pentecostais e têm o mover de Deus. Mas esses cultos ultrapassam os limites da meninice e muitas vezes são pura expressão de carnalidade e falta de temor a Deus. Seus dirigentes são obreiros neófitos que não estimulam o povo a ler mais a Bíblia e ser mais equilibrados (Araújo, 2008: 27).

Outros artigos no jornal *Mensageiro da Paz* costumam enfatizar o pioneirismo da AD como precursora do movimento pentecostal no Brasil<sup>110</sup>. Um deles, publicado em 2009 na seção “Matéria de capa”, pretendeu destacar as “deturpações do pentecostalismo” na atualidade, ressaltando que certos movimentos, como “neopentecostalismo”, “pós-pentecostalismo”, “deuteropentecostalismo” e “pseudopentecostalismo” seriam divergentes do “pentecostalismo clássico” e “nocivos para saúde do Movimento Pentecostal”. De acordo com Valdinei Ramos

---

<sup>110</sup> Cabe ressaltar que há registros históricos de outras manifestações semelhantes ao pentecostalismo antes das ADs, principalmente no sul do Brasil (Guerreiro, 2015: 28). Além disso, Louis Francescon, fundador da Congregação Cristã do Brasil (CCB), pregou a mensagem pentecostal em São Paulo e no Paraná antes da chegada de Gunnar Vingren e Daniel Berg ao Brasil. Talvez esta concorrência e pretensão de pioneirismo explique o fato de a AD considerar a CCB como seita, propagando isso em suas revistas de EBD.

Gandra e Euler Renato Westphal (2013), a AD/CGADB/CPAD têm se apropriado da noção de pentecostalismo clássico, conceito sociológico utilizado para classificar as igrejas conforme o pioneirismo histórico, mas que não pressupunha “distinções de valor”. De acordo com os autores, a utilização desse conceito parece ter o objetivo de distinguir as ADs de outras formas religiosas, além de tentar ressaltar que a igreja seria a principal representante do movimento pentecostal. Além disso, os líderes assembleianos estariam tentando instrumentalizar o “patrimônio cultural da Assembleia de Deus”, através da criação do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal (CEMP), um centro de preservação de documentos históricos das ADs dirigido por Isael de Araújo.

Além das ADs, as críticas ao “reteté” também ocorrem em outras igrejas pentecostais. No bojo das acusações de “meninice”, “carnalidade” e da suposta semelhança com religiões afro-brasileiras, algumas denominações, como a Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA), chegam a proibir estas manifestações em seus templos.

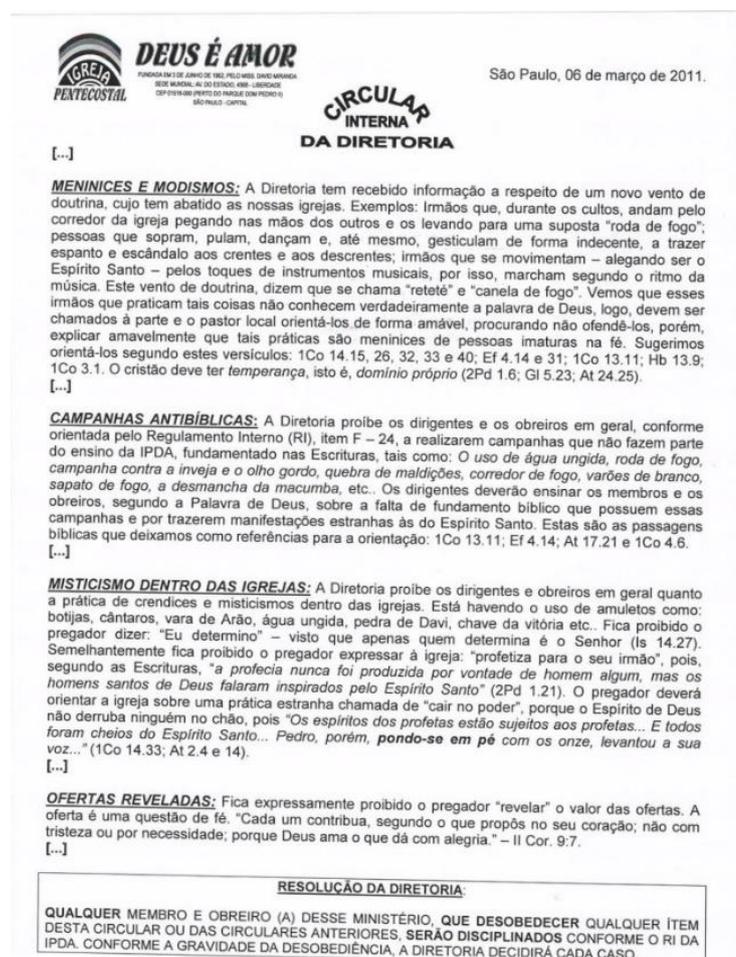


Figura 35: Circular interna da diretoria da IPDA (p. 1).  
Fonte: sidneimoura.blogspot.com

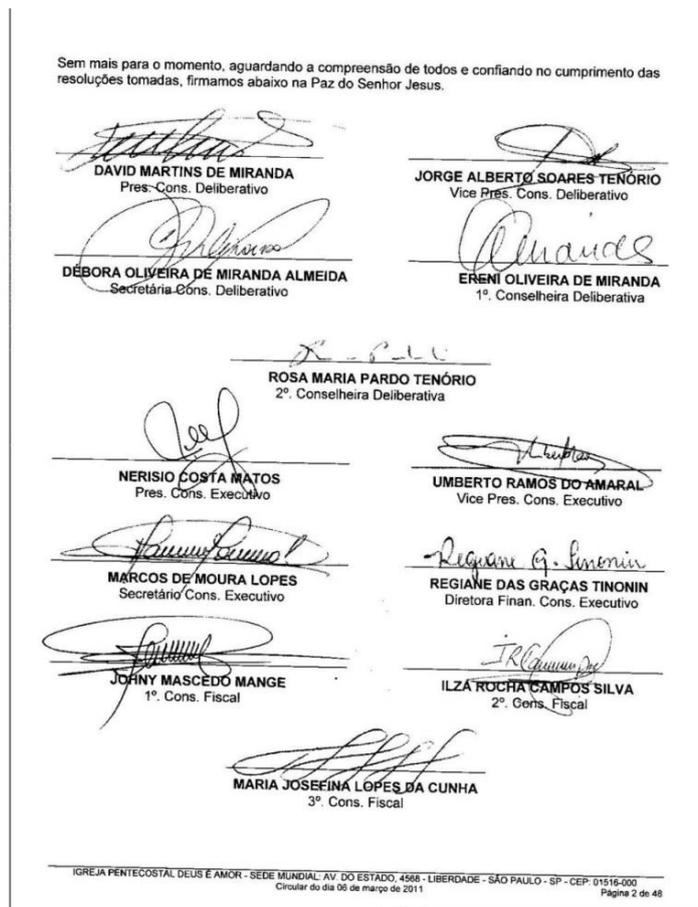


Figura 36: Circular interna da diretoria da IPDA (p. 2).  
Fonte: sidneimoura.blogspot.com

Esta igreja teria proibido as manifestações do “reteté” em suas reuniões, por meio desta circular interna da diretoria da igreja, datada de 06 de março de 2011. Vários blogs evangélicos noticiaram esta proibição e alguns deles publicaram o documento, assinado por David Miranda, fundador e líder da denominação até sua morte, em 21/02/15, e por outros membros da diretoria da igreja.

Como se pode observar, o ofício demonstra que os líderes da IPDA teriam julgado como inadequadas as práticas de fiéis que “sopram, pulam, dançam e, até mesmo, gesticulam de forma indecente” nas “rodas de fogo”. Segundo o documento, que considera tais práticas como “meninices e modismos”, existiriam irmãos que dizem se movimentar impulsionados pelo Espírito Santo, através dos “toques de instrumentos musicais, por isso, marcham segundo o ritmo da música”. A circular ainda nomeia o tipo de culto proibido e diz que se trata de “vento de doutrina, [que] dizem que se chama ‘reteté’ e ‘canela de fogo’”. Esta circular ainda teria determinado que, caso fiéis e pastores persistissem em realizar as manifestações do “reteté”,

poderiam sofrer sanções disciplinares, observando-se as punições previstas no Regimento Interno da referida denominação religiosa.

### **3.2 Bispos iurdianos contra pastores assembleianos**

As divergências sobre a pertinência das manifestações do “reteté”, entre os líderes pentecostais, não se restringem às pregações, livros, periódicos e ofícios internos das denominações, mas, assim como acontece entre os fiéis, ultrapassam os frágeis limites denominacionais e tornam-se publicizadas por meio da internet. Nesse sentido, tomarei um episódio exemplar, ocorrido em 2011, envolvendo líderes de duas igrejas pentecostais brasileiras: Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e Assembleia de Deus (AD). Dentre os principais personagens desta disputa estão, de um lado, os bispos Edir Macedo, Romualdo Panceiro, Márcio Carotti, Clodomir Santos e Sérgio Corrêa e de outro, os pastores Silas Malafaia e Marco Feliciano. Conforme tentarei demonstrar, as disputas entre eles envolvem diversos aspectos - comercial, financeiro, político -, porém, pretendo me ater às divergências em torno da definição acerca do que eles entendem como “pentecostalismo legítimo”, a partir das disputas em torno dos rituais do “reteté”.

De acordo com Boltanski e Thévenot (1999), o instante em que os atores se dão “conta” de que algo está errado pode ser nomeado como no *momento crítico*. Este momento tem um significado duplo, pois pode apontar para um movimento reflexivo interior e, ao mesmo tempo, para uma *performance* no mundo exterior. Quando isto ocorre, a percepção sobre algum equívoco nas relações sociais faz com que a pessoa envolvida na crítica tome distância do presente e volte-se para o passado. Assim, coisas, palavras e atos do passado retornariam à mente da pessoa envolvida no *momento crítico*, por meio de um processo seletivo, com vistas à produção de uma narrativa que faça sentido. A retrospectiva, então, interromperia o curso da ação (Boltanski e Thévenot, 1999: 4).

No entanto, esta interrupção momentânea não seria caracterizada pelo silêncio, pois, segundo Boltanski e Thévenot, é raro que alguém permaneça quieto quando passa a entender que algo não está funcionando adequadamente<sup>111</sup>. Desse modo, esta pessoa passa a expressar seu descontentamento com seus pares tornando públicas as críticas, queixas ou acusações

---

<sup>111</sup> Ao fazer uma releitura das ideias de Boltanski, a partir de Margareth Archer, e propor uma “Sociologia Crítica da Crítica”, Luiz Augusto Campos defende que o silêncio também pode ser uma forma de crítica. Nas palavras do autor, “é plausível imaginar que o indivíduo se dê conta de que algo não está funcionando e ainda assim permaneça em silêncio” (Campos, 2009: 10).

Pretendo explorar mais um desses momentos críticos, buscando entender as disputas de pastores pentecostais pelo que eles consideram como “pentecostalismo legítimo”, a partir das práticas do “reteté”.

### 3.3 “Qual a diferença?”: as críticas do bispo Macedo ao pentecostalismo

As críticas do bispo Macedo e seus auxiliares à execução de certos movimentos corporais em cultos pentecostais não é recente, sendo possível encontrar pequenas críticas à prática de “cair pelo poder de Deus” ou “fanerose”, na Folha Universal<sup>112</sup>. Apesar das críticas, as breves alusões parecem não ter surtido muito efeito entre os crentes que praticam tais movimentos. Mais recentemente, outros episódios podem ser identificados. Estes, entretanto, não ficariam sem resposta.

De acordo com Nina Rosas (2013: 179), o primeiro, de uma série de episódios de acusações dos bispos da IURD aos demais pentecostais<sup>113</sup> se deu em setembro de 2011, quando o bispo Romualdo Panceiro, um dos principais auxiliares de Macedo, transmitiu um vídeo do Congresso de Louvor e Adoração da Igreja Batista da Lagoinha (IBL), criticando Ana Paula Valadao<sup>114</sup> por ela ter caído “pelo poder de Deus” durante o culto que estava sendo exibido. No mesmo mês, Macedo criticou as atuações de cantoras e cantores evangélicos e, juntamente com o bispo Márcio Carotti, buscou argumentar sobre a falta de legitimidade destes cantores, tentando convencer os que os ouviam e assistiam acerca das consequências nefastas de escutar as músicas cantadas por determinados cantores evangélicos.

---

<sup>112</sup> Periódico da IURD que, segundo Rothberg e Dias (2012) chega a atingir tiragens de 2,5 a 3,5 milhões de exemplares.

<sup>113</sup> A análise de Rosas, embora pertinente, dá ênfase apenas às críticas de Macedo à Ana Paula Valadao, líder do grupo gospel “Diante do Trono”, sem tocar nas repercussões das declarações de Macedo entre outros líderes evangélicos, como Malafaia e Feliciano. Para a autora, as críticas de Macedo estariam relacionadas às disputas entre suas empresas, Rede Record e *Line Records*, com a Rede Globo, Som Livre, *Sony Music* e *Mk Music*. Isto em decorrência do patrocínio da Rede Globo ao Festival Promessas, evento musical exclusivamente gospel, e devido ao sucesso da *Mk Music* e dos selos gospel da Som Livre e da *Sony Music*. De acordo com Rosas, “a busca pujante pelo lucro que o público evangélico pode proporcionar” seria uma explicação central acerca dos episódios. No entanto, a autora admite que isto explica “apenas uma faceta do fenômeno apresentado” (2013: 184).

<sup>114</sup> Cabe ressaltar que a vocalista do “Diante do Trono” já foi criticada em outras ocasiões por algumas de suas ideias e por episódios de “adoração extravagante”. Em uma de suas falas, a pastora afirmou que havia recebido “palavras proféticas” sobre a existência de um “principado”, denominado Exu Boiadeiro, que atuaria principalmente em Barretos (São Paulo), Madri (Espanha) e Dallas (EUA). Vale lembrar que Ana Paula morou em Dallas em três ocasiões: 1997, 2009 e em 2015. Em julho de 2010, o DVD do ministério que ela lidera foi gravado na cidade de Barretos, onde ocorre a mais famosa festa de rodeio do Brasil. Para combater o Exu, Ana Paula teria recebido orientação do Espírito Santo para comprar uma bota de couro de cobra Python. Com o novo (e caro) acessório, ela poderia realizar “atos proféticos” em seus shows e pisar nos “principados e potestades” para vencer o demônio. Disponível em: <http://www.portaldotrono.com/ana-paula-valadao-voltara-a-morar-nos-estados-unidos-com-sua-familia/>. Acesso em 20/09/2015.

Além das críticas feitas nos programas de Macedo e de seus bispos, transmitidos na IURD TV, a Rede Record também foi utilizada para criticar determinados grupos pentecostais. O programa Domingo Espetacular<sup>115</sup>, apresentado pelos jornalistas Paulo Henrique Amorim e Janine Borba, exibiu uma reportagem de cerca de 40 minutos sobre as igrejas que possuem práticas que Macedo designa como “unção cai cai”, “cair no espírito” ou “doutrina do cai cai” e que os pentecostais, de modo geral, nomeiam como “reteté”. Além dos episódios descritos por Rosas (2013), identifiquei outro programa, apresentado pelo bispo Clodomir Santos, pela sua esposa, D. Fátima, e pelo bispo Sérgio Corrêa, em que os cultos do “cai cai” eram criticados. Em todos os episódios, é possível observar uma linha argumentativa que sugere a prévia combinação do que é dito pelos bispos da IURD e repórteres da Record, embora, obviamente, os programas apresentados pelos bispos tenham um conteúdo de teor religioso e a reportagem tente demonstrar “isenção” jornalística, ao buscar especialistas que apontam o “descontrole” que balizaria os cultos que eles investigaram.

Tal prática parece ser relativamente comum nos programas da IURD, exibidos na Rede Record de Televisão e noutras emissoras. Em sua dissertação, Leonardo Siqueira Antonio (2012) realizou um mapeamento da posição dos atores que participam de tais programas. Dentre os quais, ele identificou a figura do especialista, definindo-o como “um ator que supostamente possui um conhecimento especializado sobre o assunto da narrativa jornalística”, cuja função pode ser o de “ratificar ou referendar o que foi dito ou mobilizado” (2012: 24, 25).

Nas falas de Macedo e dos demais bispos são desenvolvidos argumentos com o intuito de deslegitimar as igrejas evangélicas que praticam o “cai cai”, considerando que estas não seriam “igrejas” verdadeiras. Na medida em que os ritos de igrejas pentecostais e de cultos mediúnicos eram apresentados no vídeo, alternadamente, os bispos conversavam entre si:

bispo Macedo: Olha lá. O que que é isso aí?

bispo Márcio Carotti: Isso é ma... um terreiro.

bispo Macedo: Olha aí, isso aí é na igreja. Isso é que é igreja, olha só.<sup>116</sup>

O tom com que Macedo pronunciou as frases acima e o fato de ele dizer que os fiéis das igrejas do “reteté” praticavam movimentos corporais semelhantes ao carnaval e aos rituais que se praticam em terreiros seria um forte indicativo de seu questionamento acerca da legitimidade

---

<sup>115</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w5U0ILxW7Xo>. Acesso em 13/10/2015.

<sup>116</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I3QD0oOlgpY>. Acesso em 20/02/2014.

de tais cultos. Além disso, na reportagem do Domingo Espetacular, com a orientação de Macedo, é possível ouvir frases que questionam a legitimidade dessas igrejas, considerando que se trataria de uma “prática misteriosa”, característica de uma “seita”, termo também utilizado por eles:

Que movimento evangélico é esse? Afinal, por que esses homens e mulheres desabam na igreja? E quem são os pregadores da queda?

A falta de legitimidade destas igrejas, bem como de seus pastores, cantores e frequentadores, estaria evidenciada em algumas práticas rituais, principalmente nas músicas e movimentos corporais, como os atos de “rir”, “cair, de rodar, de ficar pregado na parede” e do “dente de ouro”<sup>117</sup>. Macedo considera que tais práticas seriam motivadas pela emoção ou pela ação do Diabo. Com efeito, conforme buscarei demonstrar adiante, ambos os elementos parecem se imbricar nos argumentos dos bispos iurdianos.

Primeiramente, as críticas de Macedo e de seus auxiliares foram direcionadas às músicas entoadas por cantores evangélicos não ligados à IURD, cujas canções serviriam para emocionar pessoas.

Você ouve a música o dia inteiro, aí o que acontece? Como é que tá a sua vida? Uma porcaria. Por quê? Porque você se embriagou de emoção. Essa é a realidade (Edir Macedo).

Mesmo se esforçando para demonstrar que não estaria generalizando, ao afirmar que existiriam exceções a tais críticas e que uma delas seria o cantor Paulo Cezar, vocalista do Grupo Logos<sup>118</sup>, Macedo e seus auxiliares argumentaram que certas músicas evangélicas fariam com que as pessoas que as ouvem percam a razão e tenham consequências negativas em suas vidas. De acordo com ele, as músicas do vocalista do Grupo Logos seriam um exemplo de música que teria “uma mensagem” e “conteúdo”. Mas, segundo Macedo, este seria um caso raro, pois a maioria das músicas evangélicas não seguiria este padrão.

Macedo também recorre à velha estratégia de demonização iurdiana (Oro, 2007; Mariano, 2007) e chega a afirmar que “99% dos cantores evangélicos” seriam endemoniados e que, por isso, suas músicas não deveriam ser ouvidas. Nesse sentido, ele não atinge apenas os

---

<sup>117</sup> Durante a década de 1990 existiram alguns movimentos em igrejas pentecostais nos quais alguns pregadores prometiam realizar milagres não muito comuns no pentecostalismo. Alguns deles oravam pelo emagrecimento instantâneo, outros faziam surgir dentes de ouro ou aparecer ouro em pó nas mãos das pessoas. Outros, entretanto, diziam transferir a “unção do riso”, pois quando diziam algumas palavras de ordem, certos fiéis começavam a rir de forma descontrolada.

<sup>118</sup> Grupo musical evangélico fundado em 1981, após o término do Elos, conjunto citado no capítulo 1 deste trabalho, do qual Paulo Cezar fazia parte.

pentecostais, mas os evangélicos de modo geral. De acordo com ele, assim como o Diabo ajudaria *pop stars* a fazerem sucesso, faria o mesmo com os cantores evangélicos, pois suas músicas carregariam mensagens subliminares de cunho diabólico.

Apesar das críticas violentas, em nenhum momento Macedo citou os nomes dos cantores que estariam possuídos pelo demônio. Isso, entretanto, coube a um de seus auxiliares, o bispo Márcio Carotti. Após pedir permissão ao seu líder, Márcio citou o caso de Ana Paula Valadão, assim como Romualdo Panceiro já havia feito, lembrando a ocasião em que a cantora “caiu com o poder de Deus”. De acordo com eles, os crentes deveriam tomar cuidado com o que ouviam, porque as músicas cantadas por certos cantores evangélicos teriam o intuito de “acalmar” o demônio, fazendo com que ele não seja identificado. Para apoiar seu argumento, Macedo citou o episódio bíblico em que Davi teria sido convidado a tocar harpa para acalmar o “demônio” que acometia o rei Saul. De acordo com Macedo, o demônio ficava tranquilo, enrustido e camuflado, ao ouvir a música entoada por Davi, enquanto Márcio Carotti sugeriu que o demônio “até dançava” e ficaria “bonzinho”, ao som da harpa.

A reportagem do Domingo Espetacular também põe acento na música como um fator determinante nos movimentos corporais. Buscando dar um ar de cientificidade à sua argumentação sobre a função da música nos cultos, a fala do locutor da Record foi sucedida pela explicação do doutor em psicologia Jacob Goldberg, comentando os vídeos dos cultos mostrados no programa:

O movimento de corpo é exasperado. Tudo fica vizinho da histeria. E a histeria ela faz diminuir o senso crítico. O indivíduo não usa mais a razão. Ele se entrega. É uma entrega passiva. [...] A multidão ela funciona de maneira uníssona, repetindo os gestos. E essa repetência dá uma sensação de onipotência, de muita força (Jacob Goldberg).

Na reportagem do Domingo Espetacular que, de acordo com Rosas (2013: 181) foi realizada em um “tom depreciativo”, Ana Paula Valadão também foi criticada. Em um congresso na IBL, um pastor finlandês, sem por as mãos em Ana Paula, a derrubou. Depois dela, Márcio Valadão, pastor da IBL e pai de Ana Paula, foi lançado ao chão. Enquanto a filha tremia, Márcio continuava inerte e o “ministério de louvor” assumia o microfone e começava a cantar e a pular. Além disso, o locutor da reportagem lembrou outro episódio, que demonstraria o suposto “descontrole” de Ana Paula. Trata-se de uma cena, que também gerou muita polêmica na época em que foi publicada na internet, em que a líder do Ministério Diante do Trono se ajoelhou e engatinhou no palco, imitando um leão. De acordo com ela, o “ato

profético”, ocorrido em 2007 na cidade de Anápolis (GO), seria baseado na noção de que Jesus seria o “Leão da Tribo de Judá”. Assim, de acordo com Macedo e seus auxiliares, ao receber a “unção do leão”, Ana Paula seria um dos exemplos de que o demônio atuaria entre os cantores evangélicos.



Figura 37: Ana Paula Valadão engatinhando no palco  
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=JTFhmMMpuF8>

Além das críticas aos cantores e às músicas, tanto Macedo quanto seus funcionários (bispos auxiliares e jornalistas da Rede Record) fizeram pesadas críticas às igrejas pentecostais, por conta das gesticulações executadas por seus fiéis e pastores. Em todos os episódios mapeados, os atores buscaram indicar que os movimentos corporais teriam uma genealogia e que seriam resultantes do movimento conhecido como “cair no Espírito”. Porém, a maior ênfase na tentativa de demonstrar uma semelhança entre os movimentos de Toronto<sup>119</sup> e as práticas corporais de igrejas brasileiras foi na reportagem do Domingo Espetacular. De acordo com eles, haveria uma ligação entre os movimentos corporais executados nas igrejas brasileiras e as práticas da “igreja do aeroporto”.

Esta suposta ligação também é feita no livro, já citado, do pastor assembleiano Ciro Sanches Zibordi, que chama o movimento canadense de “reteté de Toronto”, pois para ele, existiria uma semelhança entre ambos os movimentos. As práticas do Canadá seriam as mesmas “heresias, modismos e manifestações” experimentadas nas igrejas brasileiras. A única diferença entre elas seria a designação que recebem. Tanto a reportagem da Rede Record quanto Zibordi

---

<sup>119</sup> De acordo com Rosas (2013: 176), na prática do “cair no Espírito”, o pastor, ou profeta, “toca ou sopra a cabeça ou alguma parte do corpo das pessoas, promovendo a queda numa espécie de desmaio”. A pesquisadora entende que o mito de origem do movimento seria a “Bênção de Toronto”, iniciado em 1994, na igreja *Toronto Airport Vineyard* e caracterizado por algumas práticas corporais específicas, como a queda, “unção do riso” e imitação de animais. Durante toda a reportagem, apesar de o termo “reteté” não ser citado, são exibidos vídeos tanto com as práticas de Toronto quanto de diversas igrejas brasileiras, em que os fiéis e pastores pulam, rodopiam e fazem movimentos circulares com os braços.

ênfatizam o arrependimento de um dos fundadores do movimento, o pastor canadense Paul Gowdy, que teria abandonado tais práticas e passado a pregar contra elas<sup>120</sup>. Ao apontar os equívocos do movimento, Zibordi cita uma carta escrita por Gowdy:

Devoramo-nos uns aos outros com fofocas, falando mal pelas costas, com divisões, partidarismo, críticas ferrenhas uns dos outros, etc. Depois de três anos “inundados” orando por pessoas, sacudindo-nos, rolando no chão, rindo, rugindo, rosnando, latindo, ministrando na igreja Internacional do Aeroporto de Toronto, fazendo parte de sua equipe de oração, liderando o louvor e a adoração naquele local, praticamente vivendo ali, tornamo-nos os mais carnais, imaturos, e os crentes mais enganados que conheci (Zibordi, 2007: 52).

Além disso, o pastor brasileiro alude a um pedido de perdão de Gowdy aos cristãos, sobretudo aos carismáticos e pentecostais, e afirma que o pastor canadense teria comparado tais experiências a uma cegueira, que o teria levado à irreverência e à blasfêmia:

Gowdy também pergunta, num trecho da carta: “Como fiquei tão cego assim?” Ele diz isso, ao descrever como pessoas imitavam cachorros, faziam de conta que urinavam nas colunas da igreja, latiam, rugiam, cacarejavam, “voavam” e se comportavam como bêbadas. Hoje, ele não tem dúvidas de que tudo aquilo era algo irreverente e blasfemo ao Espírito Santo (Zibordi, 2007: 53).



Figura 38: Fiéis imitando animais em Toronto  
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=oVuHbRud9z4>

---

<sup>120</sup> A reportagem do Domingo Espetacular apontou que os responsáveis pelo movimento seriam os fundadores da igreja do Aeroporto, os pastores canadenses John Arnott e Carol Arnott. De acordo com Jonathan Menezes (2009), a Bênção de Toronto teve um alcance global, mas também ocorreu a partir de intercâmbios entre líderes evangélicos pelo mundo. O casal Arnott teria sido influenciado pelo ministério de John Wimber, fundador das igrejas Vineyard, sediada em Anaheim (Califórnia), pelo pregador argentino Claudio Freidzon, por Benny Hinn e Randy Clark, que já realizaram cruzadas no Brasil. Antes do “avivamento” de Toronto, John e Carol teriam ido a uma conferência de Hinn, sendo estimulados a buscarem a bênção pregada por ele. Clark teria aprendido sobre a “unção do riso” com o evangelista sul-africano Rodney Howard-Browne. Seu testemunho teria sido o estopim do movimento em Toronto, em 20 de janeiro de 1994 (Menezes, 2009: 89-92).

Ao analisar a carta, Zibordi cita a perturbação pela qual Gowdy teria passado ao receber uma profecia em que, após uma experiência de arrebatamento, a esposa de um dos líderes da igreja teria afirmado que a experiência que tivera “foi muito melhor que sexo” (Zibordi, 2007: 53). Além disso, ele enfatiza que o que mais lhe chamou a atenção foi o reconhecimento, por parte do pastor canadense, de que “os demônios agiam livremente em meio a todo aquele reteté” (Zibordi, 2007: 53). Em certa ocasião, enquanto rolava no chão, Gowdy teria cantado uma música infantil e, imediatamente, sentido que um demônio havia entrado em seu corpo.

A repórter Heloísa Vilela participou de uma conferência na igreja do aeroporto, que atualmente se chama *Catch The Fire*. Em mais de um momento, a repórter chama a igreja de “seita” e afirma que a observação do que estava acontecendo seria suficiente para explicar porque o movimento no Brasil teria sido denominado de “cai cai”, sem explicar que este tipo de designação seria feita na IURD e pouco conhecida em outras igrejas pentecostais. Além disso, Vilela entrevistou um professor de teologia da Universidade de Toronto, que diz que um dos fundadores da igreja, John Arnott, jamais teria caído em público, embora Menezes (2009: 92) afirme, baseado na matéria escrita pelo pastor presbiteriano Augustus Nicodemus Lopes, que John também teria passado pela experiência de cair.

Ainda no intuito de apontar a suposta genealogia, a reportagem aponta que existiram variações deste tipo de ritual e que uma delas seria o “paletó de fogo”, que consiste na passagem de um paletó sobre a cabeça de outra pessoa, fazendo com que ela caia. Além da explicação psicológica e teológica, a matéria sugere que haveria uma explicação médica para as quedas e demais movimentos corporais. O responsável pelo diagnóstico neurológico foi Marcelo Sogabe, que a partir da observação do vídeo de um pregador derrubando pessoas pela “unção do paletó”, concluiu tratar-se de um caso de pareidolia que, segundo ele, ocorre quando o cérebro é condicionado a agir conforme a observação das atitudes das pessoas ao redor.

Se a reportagem busca a origem do “reteté” em Toronto, Macedo não se importa tanto com a localização geográfica dos fenômenos, mas, considerando que os movimentos corporais seriam resultantes da emoção proporcionada pela música e por meio da ação do demônio, o líder da IURD entende que as gesticulações também seriam semelhantes a danças populares ou mesmo copiadas de religiões afro-brasileiras.

Em outro momento, no programa transmitido pela IURD TV, Macedo dialoga com o bispo Márcio Carotti e sugere a semelhança dos cultos pentecostais do “reteté” com as religiões afro-brasileiras, considerando sempre o suposto caráter “irracional” desses cultos, que permitiria a ação diabólica em ambos. Para fazer isso, num primeiro momento o bispo iurdiano

colocou, ao fundo, um áudio com os cantos e sons do culto da Umbanda, ainda que o som não correspondesse ao que se via nas imagens transmitidas, que foram extraídas da internet. Depois, ele inseriu o mesmo áudio, só que com imagens de um culto pentecostal. Enquanto mostrava esses vídeos, o mandatário da IURD apresentou uma pergunta retórica: “Qual a diferença?”. Além disso, há outra versão do vídeo em que a tela está dividida, sendo apresentados simultaneamente cultos umbandistas e pentecostais, enquanto a pergunta retórica persiste, ressaltando que seria difícil distinguir ambos os cultos e que a única maneira de fazê-lo seria por meio da identificação das roupas utilizadas. Ao comentar sobre o vídeo, Macedo utiliza termos, interjeições e assovios que seriam próprios das entidades de religiões afro-brasileiras, ironizando os pentecostais. Um dos personagens que aparecem nas imagens é Marco Feliciano.



Figura 39: Moser, Marco Feliciano e “Centro Espírita”  
Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=V\\_UvdLbQyas](https://www.youtube.com/watch?v=V_UvdLbQyas)

Ao comentar com o bispo Márcio que esteve “do lado de lá”, ou seja, que já frequentou alguma religião mediúnica, ele afirma que sabe o que ocorreria naquelas religiões. Em seus comentários sobre o vídeo, Macedo argumenta sobre a suposta semelhança dos movimentos corporais com aqueles executados nas religiões afro, apontando que tais práticas seriam semelhantes às observadas nos terreiros, mas que também pareciam danças populares associadas ao carnaval, como “samba”, “sapateado” e “frevo”:

Epa! Ô, ô misi fio. Olha só. Ihh... É um sapateado parece que tá no trevo [sic] lá... lá em Pernambuco, né verdade? Na dança do trevo, né? Olha só. É um sapateado. Olha só [assovio de Macedo]. Olha, rodou. Ihh, malandro. Que coisa horrorosa, sô (Edir Macedo).

O resto é tudo lá, rá, rá, lá, lá, lá. É igual o carnaval... lá, laiá, lá, laiá. Todo mundo começa a se mexer. Todo mundo começa a bater palma. Todo mundo

entra na emoção, de repente tá todo mundo caindo pelo poder do Diabo. Essa é a realidade. Caindo por conta daquela onda do cai cai (Edir Macedo)

Ao argumentar sobre a falta de legitimidade de certas igrejas, Macedo procura associar o “reteté” aos movimentos corporais executados em religiões afro-brasileiras e no carnaval. Isso também pode ser observado nos assovios de Macedo e no uso de interjeições que seriam próprias dos cultos afro, como “Epa!” e “Ô, ô misi fio”, no momento em que eram apresentados ritos pentecostais. Tal concepção busca atingir as igrejas pentecostais, decorrendo-se as insinuações de que os lugares nos quais se realizam tais movimentos não deveriam ser chamados de “igreja”, mas sim de “terreiro” ou de “carnaval”. Em outras palavras, o líder da IURD considera que determinadas igrejas pentecostais, principalmente aquelas nas quais se pratica o “reteté”, não poderiam ser consideradas como igrejas legítimas.

Pode-se afirmar, então, que tais concepções se coadunam, novamente, com as perspectivas pentecostais sobre “pureza” e “diferença”, o que pode ser observado na insinuação de Macedo sobre a suposta semelhança das práticas rituais do “reteté” com as religiões afro-brasileiras. A similaridade que ele sugere faria com que estas igrejas não sejam consideradas como igrejas “puras” e demonstraria que elas não seriam distintas dos cultos afro e, portanto, não legítimas.

Na base de tais comparações, estariam presentes mais uma vez o *princípio da pureza e da diferença*. A partir da crítica oferecida por Macedo aos demais pentecostais, pode-se afirmar que, para ele, a suposta semelhança com as religiões afro-brasileiras e a ausência de sinais diacríticos que diferenciem os pentecostais dos religiosos concorrentes estariam evidenciadas, principalmente, na execução de determinados movimentos corporais. A pretensa similaridade, que seria notada na corporalidade dos crentes, teria duas evidências: ausência de racionalidade e possessão demoníaca. Em outras palavras, Macedo considerou que certos cultos, não iurdianos, seriam semelhantes aos “terreiros” e tal semelhança indicaria emocionalismo e possessão diabólica, em oposição à razão e à inteligência que seriam próprios da “fé verdadeira”.

Em outro programa, há um momento em que, enquanto o bispo Sérgio Corrêa falava contra as práticas rituais das demais igrejas pentecostais, Clodomir impunha a mão sobre a cabeça de um homem, de costas para a câmera, exorcizando-o, no intuito de demonstrar que sua possessão demoníaca seria resultado da frequência às igrejas do “reteté”, ou como eles dizem, de “seitas”, “movimento” ou “doutrina do cai cai”.

Na explicação dada por Macedo, isto teria relação com o “espírito da emoção”, que faria com que as pessoas se tornassem embriagadas, permitindo que o Diabo assuma o controle de seus corpos. Para ele, tais reuniões não passariam de um “delírio espiritual”.

O Diabo através desses movimentos emocionais, emocionantes tem levado às pessoas a um delírio espiritual pensando que tem alguma coisa a ver com Deus (Edir Macedo).

A atuação do Espírito Santo e os movimentos corporais, especialmente as quedas, seriam antagônicos, pois indicariam uma emoção que não se coaduna com o agir do Espírito.

Não é inteligente você receber o Espírito de Deus e cair no chão, porque o Espírito Santo ele levanta. Ele não faz a pessoa cair. Onde já se viu o Espírito Santo fazer a pessoa cair? Isso não tem sentido. Isso não é inteligente. Só as pessoas estúpidas é que acham que o Espírito Santo faz cair. Só quem é burro, desculpe a expressão. Só quem é burro aceita o fato de receber o Espírito Santo e cair no chão. Só quem é burro, quem não pensa. Porque quem é inteligente jamais vai aceitar receber o Espírito Santo e cair no chão. Essa é a realidade. Você é o que? Você é gente ou é burrinho? Ou cavalo? Ou aparelho? O que você é? Eu sou ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus que veio sobre a minha vida e me levantou (Edir Macedo).

As práticas rituais dos outros pentecostais são vistas por Macedo como provas de uma falta de inteligência. Empolgado, o bispo iurdiano chega a ser ofensivo, demonstrando um tom de agressividade tanto em suas palavras, ao tratar os demais crentes como “estúpidos” e “burros”, quanto em sua expressão facial. Para eles, a fé dos que “caem” não seria inteligente, isto é, seriam desprovidas de racionalidade. Nas entrelinhas, ele associa os crentes aos fiéis de religiões afro-brasileiras, visto que, nos testemunhos de ex-fiéis destas religiões, quando se tornam pentecostais, é comum que eles digam que quando participavam destas religiões eram considerados como “cavalos” ou “aparelhos”. Outrossim, ele se refere a dois mitos bíblicos: da criação do ser humano e o episódio de ressurgimento do vale de ossos secos, através do profeta Ezequiel. Ambos os casos são usados por ele para demonstrar que a possessão do Espírito Santo não redundaria em quedas, mas em erguimento. Desta maneira, Macedo entende que, além do Diabo e da suposta semelhança com as religiões afro-brasileiras, a emoção e o aparente descontrole corporal dos crentes entrariam em choque com o que ele considera como uma “fé inteligente”.

Esta expressão é analisada por Teixeira (2012). A autora aponta que, para Macedo, a fé inteligente é também uma fé consciente. Cabe lembrar, aqui, que a análise de Teixeira se baseia no livro escrito por Macedo, *Fé Racional*, em que ele sintetiza seu pensamento no tocante à

oposição entre fé racional e fé emocional. Com efeito, para ele, a racionalidade estaria relacionada com a atuação do Espírito Santo, cuja atuação teria o efeito de disciplinar o corpo. Apoiada em Max Weber, Teixeira entende que o fiel iurdiano é orientado, de forma pedagógica, a se tornar racional, ou cheio do Espírito, vivendo uma vida de ascese caracterizada pela disciplina e pelo sacrifício. De acordo com ela, este suposto balizaria, inclusive, certas práticas rituais da IURD (Teixeira, 2012: 70).

Portanto, sendo Macedo defensor de uma “fé inteligente”, ele parece propor que o corpo do fiel que recebe o Espírito Santo seja disciplinado, em contrapartida com a suposta falta de coordenação dos movimentos corporais observadas nos ritos das igrejas pentecostais que ele critica.

Caso não sejam disciplinados ou contidos, Macedo entende que a presença do demônio e a ausência de racionalidade poderiam trazer consequências negativas na vida de quem experimenta as manifestações pentecostais. Exemplo disso seria o ex-líder de Macedo. Mesmo sem citar nomes, ele também direcionou suas críticas a Walter Robert McAlister, falecido em 1993.

Eu me lembro que o meu pastor [...] quando eu estava na outra igreja aonde eu nasci. O meu pastor, ele chegou para mim e falou assim... Depois de muitos anos, a Igreja Universal já existia e tal... Ele vinha um dia me visitar lá em Nova York. [...] Estávamos falando sobre esse negócio do cai cai [...] Eu não vou dizer o nome porque não fica bem, mas esse pastor disse assim: é rapaz, você sabe que eu fui nesse movimento e caí. Eu falei: “eu não acredito, eu não acredito bispo, o senhor caiu?” [...] Pera aí, bispo, o senhor me ensinou, o senhor foi meu professor, o senhor foi meu pastor, o senhor foi meu bispo, o senhor se deixou levar por esse praga desgraçada?” Ele me olhou com os olhos assim meio reticentes e desconfiado e não gostou de eu ter falado aquilo. Dito e feito. Mais tarde, esse pastor, coitado, tava totalmente destruído, totalmente fracassado, fracassado, fracassado aos montes. Eu não vou falar os fracassos dele porque tampouco me interessa, mas é um pastor, coitado, fracassado, por conta de ter dado vazão a este espírito (Edir Macedo).

“Bispo Roberto”, como o fundador da Igreja Pentecostal de Nova Vida era conhecido entre os brasileiros, é considerado o precursor do movimento neopentecostal no Brasil. Missionário canadense, Robert chegou ao Brasil no fim da década de 1950 e começou a realizar reuniões no centro da cidade do Rio de Janeiro. Nesse período, a família de Macedo frequentava um centro espírita no bairro de São Cristóvão, buscando a cura de sua irmã mais velha, Elcy que, não sendo curada da enfermidade da qual era acometida, resolveu frequentar a Igreja de Nova Vida (Teixeira, 2012: 78). A partir daí, todos passaram a acompanhá-la, inclusive seu irmão Edir. Elcy se casou com Romildo Resende Soares que tempos depois deixaria a Igreja de

Nova Vida. Segundo Campos (2004: 162) e Mariano (2005: 56), em 1975, R. R Soares, Edir Macedo, Roberto Augusto Lopes Soares e os irmãos Samuel e Fidélis Coutinho fundariam uma nova igreja, nomeada como “Salão da Fé – Cruzada do Caminho Eterno”<sup>121</sup>. Em 1977, houve um rompimento no quadro dos fundadores e o grupo original passou a seguir os irmãos Coutinho, enquanto os demais abririam, em 9 de julho daquele ano, a Igreja Universal do Reino de Deus, em uma antiga funerária no bairro da Abolição, na capital fluminense. Na disputa pelo novo empreendimento pentecostal, Macedo se sairia melhor e assumiria a liderança da IURD, pois R. R. Soares se transferiu para São Paulo para se dedicar à Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), em 1980. Em 1986<sup>122</sup>, Roberto Augusto Lopes se elegeu deputado constituinte e, depois, por discordar dos métodos de Macedo, retornou à Nova Vida. Dessa maneira, Macedo ficaria como o único dirigente daquela que seria a igreja mais promissora do novo pentecostalismo (Campos, 2004: 162).

Voltando à fala de Macedo, é digno de nota sua argumentação acerca dos supostos fracassos pelos quais McAlister teria passado. Aliás, a ameaça de que as práticas pentecostais associadas ao “cai cai” seriam destrutivas perpassam as argumentações dos bispos da IURD e podem ser observadas também na reportagem jornalística do Domingo Espetacular, nos depoimentos de John Gowd e de pessoas que teriam frequentado igrejas brasileiras que praticam tais rituais.

No entanto, as críticas de Macedo não ficariam sem resposta e se iniciaria, então, uma disputa discursiva que envolveria outros líderes pentecostais. Durante a programação da IURD TV, os bispos Clodomir Santos, Sérgio Corrêa e D. Fátima, esposa de Clodomir, selecionavam comentários de ouvintes que, em sua maioria, eram favoráveis aos seus argumentos. Ao receberem a notícia de que pastores e cantores estavam expressando indignação no *twitter* por causa das críticas às demais igrejas pentecostais, os bispos argumentaram que aquele seria um espaço “democrático”. Para tentar demonstrar que estavam realizando um programa que permitia que as falas contrárias fossem ouvidas, citaram as reações de pessoas que eram contra os seus argumentos e os do bispo Macedo. Para Antonio (2012), certos programas religiosos supõem que, ao apresentarem a argumentação de atores que possuem posições diferentes em relação a um mesmo assunto, estariam formando uma arena de debate. Nesse sentido, o autor entende que os programas desse gênero são montados com “a aparência de debate público”, contudo, nem todas as opiniões seriam expressas livremente (2012: 20).

---

<sup>121</sup> De acordo com Teixeira (2012), a IURD também teve o nome de Igreja da Bênção.

<sup>122</sup> Siepierski afirma que antes disso, em 1981, Edir Macedo e Roberto Augusto Lopes “sagraram-se bispos mutuamente” (2001: 64).

Ao mesmo tempo, porém, ressaltavam que seu líder seria diferente dos demais pastores, pois seria corajoso e não hipócrita, como outros, que estariam tentando convencer os membros da Igreja Universal a deixarem-na.

O fato é que algumas das afirmações de Macedo e de seus auxiliares foram verdadeiras contundentes. Exemplo dessa radicalidade, ou “coragem”, conforme afirma Clodomir Santos, está na afirmação de que a maioria absoluta dos cantores evangélicos e todos os pastores e líderes evangélicos que “caem pelo poder de Deus” estariam possuídos pelo demônio. Nesse momento, com uma expressão facial que tentava demonstrar sua “coragem” para enfrentar o “demônio”, ele considerou que, ao movimentarem seus corpos, os fiéis, cantores e pastores estariam possuídos, até o extremo de caírem ao chão.



Figura 40: Edir Macedo criticando os cultos do “cai cai”  
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=I3QD0oOlgpY>

De repente tá todo mundo caindo pelo poder [pausa] do Diabo. Essa é a realidade. Todo mundo caindo por causa daquela onda do cai cai. Porque isso é diabólico, isso é satânico, mas tão diabólico, tão desgraçado. E todos os pastores, líderes que caem pelo poder de Deus estão endemoniados. Se vierem na IURD vão cair (Edir Macedo).

Portanto, a ousadia de Macedo o fez ir mais longe em seus argumentos, pois segundo ele, caso estes líderes participem de alguma reunião da IURD, igreja especializada em exorcismos, iriam cair, demonstrando que o demônio realmente havia se apossado dos corpos destes líderes. De acordo com ele, se estes líderes quisessem, ele estaria disposto a participar de um desafio que consistiria em uma espécie de “troca de orações”. A ideia seria se submeter à imposição de mãos por parte dos pastores que “caem pelo poder de Deus” e, posteriormente, impor as mãos sobre eles. Ao final, o pastor que “caísse endemoniado” teria perdido a disputa.

### 3.4 “Aqui vai a resposta pra ele”: Marco Feliciano entra na disputa

A “coragem” de Macedo, de seus auxiliares e dos jornalistas da Record não despertou somente a indignação de pastores anônimos, como os que se expressaram nas redes sociais durante o programa de Clodomir Santos e Sérgio Corrêa, mas suscitou a “raiva” de líderes de expressão do pentecostalismo, tais como Marco Feliciano. Ocorre que, em pelo menos duas ocasiões, os vídeos utilizados para críticas mostram imagens das *performances* de Feliciano em cultos do “reteté”. Durante a reportagem exibida no programa semanal da Rede Record, uma das cenas era do congresso de Camboriú, o GMUH. As imagens retiradas da internet mostravam uma pregação de Marco Feliciano, sendo interrompida por uma profecia. Junto do pregador, estava outro homem que, em entrevista<sup>123</sup>, Feliciano disse ser Moser, um cantor gospel que teria falecido em 2011. Em um dado momento, Moser põe as mãos nos ombros do pregador e começa a “profetizar” para ele e a falar em línguas estranhas. Ao fim da profecia, o cantor começa a rodopiar em um ritmo deveras intenso. O vídeo, então, se tornou um viral entre os evangélicos, sendo que, dentre os blogueiros evangélicos que criticam o “reteté”, Moser foi apelidado de “pastor pião”.

A narração do programa Domingo Espetacular descreve a cena entre Feliciano e Moser:

Nesta outra igreja, o pastor tem um comportamento ainda mais intenso. Depois da unção, ele começa a rodopiar pelo altar. Este homem de terno fica assustado com a cena. Com tantos rodopios fica tonto (locutor).

Desde 1999, Feliciano é uma das principais atrações do GMUH, congresso no qual se pratica intensamente o “reteté”. Oriundo da cidade de Orlândia (SP), onde lidera a Catedral do Avivamento – Assembleia de Deus<sup>124</sup>, Feliciano se tornou conhecido nacionalmente no ano de 2013, quando, na condição de Deputado Federal pelo PSC-SP, assumiu a presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Câmara dos Deputados. Ocorre que a atuação política de Feliciano jamais se pautou pelas causas relacionadas aos Direitos Humanos

---

<sup>123</sup> Este episódio já foi comentado por Feliciano, em entrevista foi concedida a Danilo Fernandes, proprietário do site Genizah, durante a feira evangélica ExpoCristã. Dirigindo-se à Feliciano, Danilo perguntou: “Naquele vídeo, que aquele camarada fica rodando feito um pião, tem pra homem aquela unção? [risos] Aquela Pombagira... é o que aquilo?”. Depois disso, após dar risadas junto com o blogueiro e explicar que o movimento corporal executado ocorreu depois de uma profecia, Feliciano respondeu à Danilo que não seria a Pombagira, pois ela estaria longe dali, sugerindo que seria difícil a entidade estar em um local em que também se encontravam “2 mil pastores cheios do Espírito Santo”. De acordo com ele, foi “uma coisa esquisita, mas não [foi] do Diabo não”. Sendo perguntado se o movimento teria sido “da carne”, ele respondeu que, se foi, “veio do coração”. Disponível em: <http://www.genizahvirtual.com/2010/09/bomba-na-gospelandia-danilo-fernandes.html>. Acesso em 24/01/16.

<sup>124</sup> Disponível em: <http://catedraldoavivamento.com.br/presidente/>. Acesso em 14/12/2015.

e tampouco pelas reivindicações das chamadas minorias. Diante disso, o pastor-deputado começou a receber uma série de críticas e, por ter diversas de suas pregações espalhadas pela internet, vários vídeos com suas falas e algumas de suas afirmações no mundo virtual passaram a ser exibidos pelos seus críticos. Certa vez, por meio de sua conta no *Twitter*, Feliciano teria declarado que os descendentes dos africanos seriam amaldiçoados, em decorrência da história bíblica de Cam. Outra polêmica envolvendo seu nome refere-se à uma declaração sua, durante uma pregação, de que as mortes de alguns dos cantores não evangélicos, como John Lenon, vocalista da banda de rock *The Beatles* que morreu assassinado, e os integrantes da banda brasileira Mamonas Assassinas, mortos em um desastre aéreo, teriam sido uma espécie de vingança divina contra essas pessoas. Em outra feita, após pedir oferta em um culto, Feliciano recebeu de um cadeirante um cartão de crédito e replicou dizendo que não adiantaria dar o cartão como oferta se não fosse revelada a senha. Noutra pregação<sup>125</sup>, ao falar das críticas que recebera ao presidir a CDHM, ele disse ter recebido a visita, em seu gabinete em Brasília, de um “baita dum afrodescendente” de “dois metros de altura, o cabelo *black power*, vestindo roupa branca e um monte de trem pendurado no peito”. De acordo com ele, mesmo estando apavorado ao receber o homem, teria sido tranquilizado por ele, que dizia ter ido em paz. Feliciano conta que o homem, que se identificou como babalorixá e disse representar “600 terreiros de macumba”, teria se deslocado desde o Rio de Janeiro para dizer-lhe que ele também representaria a instituição que o havia enviado. Feliciano ainda disse que, como sinônimo do apoio dos terreiros, o personagem enigmático, que ele sequer cita o nome, teria lhe oferecido uma “espada de São Jorge” para protegê-lo, sendo que ele a devolveu. O homem ainda teria dito que a partir daquele dia, “toda sexta-feira 600 terreiros” iriam bater tambor para que as entidades protegessem Feliciano que teria pensado em replicar, mas teria ouvido Jesus falar com ele que quando “a igreja não se levanta e não pode”, ele levantaria “até demônio” para ser seu “guarda costas”.

No entanto, as entidades afro-brasileiras que ele acredita terem sido usadas por Jesus para guardá-lo, em 2013, seriam alguns dos motivos da revolta de Feliciano, ao tomar ciência das críticas dos iurdianos contra os pentecostais do “reteté”. Sua indignação se deu em decorrência da estratégia de Macedo de transmitir as imagens de cultos pentecostais ao lado de rituais afro-brasileiros e de usar as imagens de Feliciano e Moser (ver figura 39), comparando-os a estes ritos.

---

<sup>125</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4NFjnCY849I>. Acesso em 13/12/2015.

A resposta de Feliciano ao líder da IURD veio em forma de pregação e foi transmitida em seu programa de TV, *Tempo de Avivamento*.

Mandaram um vídeo para mim especialmente. Quem mandou não foi o povo que postou, veio direto do blog do querido bispo Macedo e o vídeo que ele me mandou fez dá um pulo da cadeira. E que raiva! Que vontade de quebrar o computador! No vídeo, ele coloca um culto pentecostal e quem é o pregador do culto? Eu. Não, eu vou falar de novo para ver se você entendeu a minha cólera. O pregador do culto era eu. E no culto Jesus tá derramando a glória e a unção dele. Os crentes pulam, falam em línguas, saltam. E do lado ele abre um outro vídeo de um terreiro de macumba. E ele põe no vídeo do terreiro de macumba um monte de gente pulando também. Tudo o que acontece no culto de cá ele arruma uma cena no terreiro de macumba e põe de cá. O povo tá pulando aqui no culto que eu estou pregando e ele põe gente pulando no terreiro de macumba. O povo tá rodando e ele põe gente rodando no terreiro de macumba. O povo tá caindo no chão e ele põe gente caindo no chão. E ele lança a pergunta: qual a diferença do culto pentecostal para o terreiro de macumba? (Marco Feliciano)<sup>126</sup>

Após dizer tais palavras, Feliciano fez silêncio por alguns segundos. Virou o pescoço para o lado e tirou o paletó, como que estivesse se preparando para uma luta corporal. Nesse momento, é possível ouvir diversos gritos dos crentes, aprovando sua atitude. Avisando ao pastor da igreja em que pregava que iria enviar aquela gravação para ser transmitida em seu programa de TV, ele passou a discursar, buscando confrontar virtualmente o bispo iurdiano e responder às suas críticas, demonstrando qual seria a diferença entre os pentecostais e as religiões afro-brasileiras e, ao mesmo tempo, justificando suas práticas.

Seus argumentos podem ser divididos em dois aspectos: 1) o apontamento de que o Diabo, que atuaria nas religiões afro-brasileiras, teria copiado os cultos do “reteté”; 2) a falta de legitimidade do bispo Macedo para criticar os demais pentecostais. No primeiro caso, a diferença não estaria necessariamente nos movimentos corporais, mas no poder que seria demonstrado por ambas as forças: o Diabo, que ele diz estar presente no “terreiro de macumba” e o Deus dos pentecostais, sendo que o segundo seria mais poderoso do que primeiro. O segundo aspecto de sua argumentação está ligado ao questionamento da *grandeza* do bispo Macedo e, por conseguinte, de sua capacidade e autoridade para determinar quais os movimentos corporais seriam adequados em rituais pentecostais, que ele considera “originais”.

Observa-se, então, que ele admite a necessidade de apontar as diferenças entre os pentecostais e as religiões afro-brasileiras, demonstrando que, consoante à Macedo, ele entende que deve existir uma distinção entre os pentecostais e as demais religiões, sobretudo no tocante

---

<sup>126</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vRXoRpH6g40>. Acesso em 05/10/2015.

àquelas que eles acusam de praticar “macumba”. Assim, é possível afirmar que ambos compartilham do *princípio da pureza e da diferença*.

Ao assumir a “diferença” como um *princípio superior comum*, ou seja, como ordenador de um universo ideal entre os pentecostais, e buscar demonstrar esta suposta distinção, sua argumentação, inicialmente, girou em torno da separação entre as pessoas que ele considera de “tipos” distintos. De acordo com ele, existiria uma distinção entre seres humanos “naturais, carnis e espirituais”. Nessa linha argumentativa, os naturais seriam os que “não nasceram de novo”, isto é, seriam pessoas que iriam à igreja, após serem convidadas por outras, ou mesmo por curiosidade, mas que ainda não haviam aderido ao pentecostalismo. Segundo ele, esses teriam o direito de questionar o que ocorre nos cultos pentecostais. Reproduzindo os argumentos hipotéticos, de críticos do pentecostalismo, ele afirma:

“O seu Deus é surdo porque vocês gritam demais”. Eles têm direito de falar que nós somos loucos, desequilibrados, que temos problema mental, porque eles não conhecem a salvação e nem o poder pentecostal (Marco Feliciano).

O segundo grupo de pessoas seria composto dos carnis e o último pelos espirituais. Para ele, os que estiverem “na carne” não podem entender o que acontece nestes momentos, pois esta compreensão estaria restrita ao grupo dos “espirituais”. Vale lembrar que, entre os evangélicos pentecostais, o crente “carnal” pode ter ao menos três acepções. Primeiro, pode se referir ao que comete “pecados” ligados às questões morais. Depois, trata-se de um termo também usado para designar aqueles que, ao participarem de “movimentos espirituais”, como danças, pulos, alocação de profecias ou línguas estranhas, não estariam sendo impulsionados pelo Espírito Santo e sim pelos impulsos do corpo, ou seja, pela vontade de dançar, pular ou dar vazões aos seus impulsos emocionais. Por fim, o sentido dado por Feliciano a esta categoria parece ser a de que Macedo e os demais críticos do “reteté” seriam carnis porque não podem entender o que ocorre em uma dimensão metafísica “espiritual” e, por isso, criticam aqueles que participam deste “mundo espiritual”.

Lembro ainda que, em uma das minhas incursões ao campo de pesquisa, em um *Vigilão da Celebrai* na quadra da Grande Rio, abordei uma senhora e, ao explicitar minha condição de pesquisador, afirmando minha intenção em conversar com ela sobre os rituais do “reteté”, fui surpreendido por sua resposta. Segundo ela, eu não poderia compreender o que estava acontecendo, pois “só quem é espiritual entende. Quem for carnal e quiser entender isso aqui, morre”. Para ela, eu seria um carnal e jamais poderia compreender o que ocorrera naquela

madrugada de vigília. Para Feliciano, os carnais seriam seus críticos e, no caso em especial, “o querido Bispo Macedo”.

Seguindo esta mesma perspectiva, ele alude à um argumento bastante conhecido entre os crentes do “reteté”. Ao dizer que estaria dando um recado para Macedo, Feliciano prossegue:

O primeiro recado que eu mando pra ele “qual é o maior sonho do Diabo?”. Querendo o Diabo ser igual a Deus, ele veio no nosso culto pentecostal assistir o culto. Aí ele foi e criou um culto pra ele. Ou seja, aqui tudo é original. Lá no terreiro de macumba, tudo é imitação barata (Marco Feliciano).

Além disso, ele se referiu a diversas histórias bíblicas que demonstrariam que o Diabo imitaria as “coisas de Deus”, semelhantemente ao que ouvi diversas vezes entre meus informantes durante o trabalho de campo. Para ilustrar seu argumento, ele tomou como exemplo o mito bíblico do confronto entre Arão e os “macumbeiros de Faraó” e fez comparação entre forças e poderes de diversos personagens bíblicos com o intuito de demonstrar a diferença entre as manifestações pentecostais e o que ocorre nas religiões afro-brasileiras.

Seu argumento é o de que a realidade seria dividida em diversas “dimensões”. Para ele, os seres humanos estariam em uma dimensão natural, enquanto Deus, o Espírito Santo, o Diabo, os anjos e os demônios integrariam outra dimensão. Ele retoma seu argumento inicial de que o sonho do Diabo seria imitar Deus e pondera que sempre que houver um encontro do sobrenatural e do natural, coisas sobrenaturais acontecem. Dito de outro modo, Feliciano defende a ideia de que haveria um constante embate de poderes que extrapolaria a esfera humana entre as forças de Deus e do Diabo. Nesse sentido, ambas as forças tocariam determinadas pessoas, fazendo com que estas se manifestem, extrapolando os limites da dimensão natural. Tais manifestações não seriam possíveis de serem explicadas naturalmente, pois resultariam da influência de forças sobrenaturais nos corpos dos seres humanos, que se manifestariam gestualmente de diversas maneiras.

Em sua resposta, o pastor assembleiano também toca na questão da música e cita dois exemplos: Lázaro, que se apresenta contando testemunhos como ex-integrante do grupo baiano Olodum e a cantora Shirley Carvalhaes. Segundo ele, o fato de Lázaro ter alcançado um sucesso maior no mercado gospel do que em sua carreira pregressa indicaria a proeminência da ação divina, contrapondo-se ao poder do Diabo. Ao continuar as comparações entre o sucesso de cantores gospel, o pregador assembleiano exagera bastante e chega ao ponto de comparar o sucesso de Lady Gaga à carreira da cantora pentecostal Shirley Carvalhaes, que se encontrava presente ao culto, assentada na plataforma atrás de Feliciano. Em resumo, ele admite que seus

opositores teriam poder, mas considera que a diferença é que o Deus dos pentecostais seria mais poderoso do que os demais, o que justificaria as práticas do “reteté”. Seria preciso, entretanto, compreender as coisas do Espírito para entender os movimentos corporais dos crentes.

Eu quero dizer pra você que o Diabo é um grande imitador e quem não compreende as coisas do Espírito vai ficar escandalizado mesmo. Quem não compreende as coisas do Espírito vai olhar pra algumas pessoas como eu vi acontecer aqui nesse culto. Eu vi lá atrás uma irmã que começou a dançar, a rodar, ela empinou pra cá, pra cá. Algumas do lado foram incendiadas na hora. Mas em compensação eu olhei dos outros lados, eu vi gente olhar, rir, abaixar a cabeça, chacoalhar, como que dizendo: que coisa horrível, eu nunca quero ser daquele jeito. Fique tranquilo, você nunca vai ser. Pode ficar tranquilo. O Espírito Santo nunca obriga ninguém a nada. O Espírito Santo é um cavalheiro. Quando ele encontra alguém que dá lugar ele pega a pessoa e mostra que ele é Deus. Ele não vai se manifestar na sua vida nunca. Também pudera. A pessoa que eu vi murmurar tava com uma lixa na mão lixando a unha. Alguém avisa a essa pessoa que isso aqui não é um salão de beleza, isso aqui é uma igreja (Marco Feliciano).

De acordo com Feliciano, o que estaria acontecendo com esses críticos (e com Macedo) seria o mesmo que ocorre com diversos assembleianos ao redor do Brasil. Para ele, os que criticam os pentecostais de dentro do pentecostalismo o fazem porque “não sofreram”, pois quando chegaram ao “evangelho já estava tudo pronto”, diz ele. O pastor alega que o conforto dos templos faria com que as pessoas se sentissem no direito de julgar as “coisas do Espírito”. O extremo dessas críticas seriam os que argumentam que poderiam apontar o que seria “de Deus” ou “do Diabo”, de acordo com a posição do corpo do fiel no momento em que este é possuído por alguma entidade espiritual. Em sua perspectiva, tais críticos não teriam autoridade para definir os limites das manifestações corporais aceitáveis em um culto evangélico. Sem qualquer cerimônia, ele busca desconsiderar os argumentos de seus críticos, reforçando sua autoridade para discursar em nome de Deus:

Eu queria saber que escola eles estudaram. Qual foi a faculdade de teologia que estudaram para serem juízes espirituais? [...] Eu queria saber quem são esses homens e mulheres que acham que estudaram o suficiente. Olha, eu li a Bíblia de capa a capa mais de trinta vezes. A primeira vez que eu li esse livro de capa a capa eu tinha nove anos. E não foi esse livro. Foi um livro que tinha 73 livros. Esse nosso tem 66. Foi a Bíblia Católica versão Ave Maria. Eu li essa Bíblia mais de trinta vezes. Eu escrevi dezoito livros acerca dela e uma enciclopédia de setecentas páginas e estou terminando uma agora de mais de mil e duzentas páginas. Tendo estudado esta Bíblia e feito mais de seis faculdades de teologia e um mestrado que me deu esse anel de formatura que eu tenho no dedo e dissertando em três idiomas eu não tenho coragem de ver uma coisa que eu não entendo e abrir a boca para falar (Marco Feliciano).

Certamente o pastor Marco Feliciano não é um teólogo de renome entre os pentecostais e tampouco entre os demais protestantes. Buscando entender a trajetória acadêmica e teológica de Feliciano, tentei confirmar a veracidade das afirmações sobre os supostos títulos acadêmicos que ele diz possuir, mas não consegui encontrar dados relevantes no que tange à este aspecto. Neste ponto, a narrativa de Feliciano parece estar carregada de autoelogios, ao procurar fornecer elementos que ressaltem seu estado de *grandeza*, ao dizer que teria escrito uma enciclopédia, feito seis faculdades de teologia e ter “um mestrado que [lhe] deu [um] anel de formatura” que ele mostra ao público enquanto cita seu currículo.

Considerando que a proposta metodológica deste trabalho é de seguir os atores, tomarei a fala de Feliciano como uma forma de desconstruir a fala do líder da IURD e de tantos outros críticos do “reteté”. Assim ele parece defender a ideia de que a posição alcançada por ele o capacitaria mais a fazer certos julgamentos do que seus críticos. No entanto, ainda assim, ele se eximiria de fazer este tipo de crítica.

Nesse sentido, é preciso perceber que, no modelo proposto por Boltanski e Thévenot, a posição dos atores é constantemente negociada e disputada. De acordo com a leitura que Diogo Corrêa faz dos autores, a *grandeza* de um ator ou de sua prática jamais seria dada de antemão, mas precisaria ser provada em diversas ocasiões. Neste modelo teórico, não haveria, portanto, uma posição fixa, estável ou mesmo um consenso duradouro sobre a *grandeza* de algum ser ou objeto, o que foi ressaltado pelo próprio Thévenot (2006). Comparando a proposta dos autores com as teorias de Bourdieu, Corrêa afirma que “no mundo bourdieusiano o agente era dotado de uma grandeza inerente, oriunda da posição por ele ocupada no espaço social” (s/d: 13), entretanto, na proposta de Boltanski e Thévenot, a posição dos atores sempre estaria sujeita a *provas*. Há que se considerar que as *provas* podem durar algum tempo, mas sempre que ocorre alguma crítica é necessário que os que são questionados sobre sua *grandeza* as ofereçam novamente a fim de confirmá-la ou não.

Ao denunciar que, supostamente, haveria uma ação diabólica e falta de racionalidade nos rituais do “reteté”, Macedo está colocando em dúvida tanto a legitimidade desses cultos quanto a *grandeza* dos atores pertencentes a estes ritos. Por outro lado, quando Feliciano busca desconsiderar os argumentos de Macedo, o faz reclamando para si um estado de *grandeza* que se relaciona à sua reputação. Assim, quando Feliciano alude aos seus títulos e afirma que mesmo tendo autoridade para criticar, não ousaria fazê-lo, estaria considerando sua *grandeza* como um elemento que o tornaria capaz de legislar sobre o “pentecostalismo legítimo”.

Ao mesmo tempo em que se considera portador de uma capacidade tal, que o habilitaria a fazer determinadas afirmações, Feliciano busca desmerecer os argumentos de seu opositor, dizendo que ele teria blasfemado contra o Espírito Santo que, na perspectiva cristã, seria o único pecado que jamais teria perdão, portanto, o mais grave de todos. Segundo Feliciano, este pecado consiste na atribuição, ao Diabo, da obra realizada por Deus.

Ao comentar as críticas de Macedo, Márcio Valadão também insinuou que ele tivesse cometido o pecado sem perdão, além de acusá-lo de “assassino” por defender o aborto.<sup>127</sup> Segundo o site *The Christian Post*<sup>128</sup>, André Valadão, filho de Márcio Valadão, teria saído em defesa da irmã, Ana Paula e, em sua conta no *twitter*, além de afirmar que a IURD não seria uma igreja evangélica, disse que Macedo não teria aprendido com McAlister, enquanto Ana Paula se limitou a dizer que não se deixaria se intimidar pelas críticas recebidas, segundo ela, por se render de “corpo e alma em adoração”.

Citando Macedo, Feliciano afirma que ele teria perdido o bom senso e que jamais teria autoridade para julgar o que ocorre nos cultos pentecostais:

É um espírito do Diabo que se manifesta no culto pentecostal e faz os crentes fazerem trejeitos iguais ao que acontecem no terreiro de macumba. Eu não sou juiz do meu irmão, mas a pessoa que fala uma asneira dessa perdeu o bom senso. Ela chegou num ponto em que ela acha que ela é Deus. Não, não, ela tem certeza que ela é Deus. Porque pra julgar uma igreja como a nossa, que é pentecostal há cem anos só nesse país, que tem mais de cento e sessenta mil templos, que tem mais de quinze milhões de crentes que transbordam do Espírito, que transpiram azeite (Marco Feliciano).

Sua insinuação é de que Macedo teria cometido o pecado da blasfêmia contra o Espírito Santo. Para Feliciano, Macedo teria dito que haveria “um anti-espírito operando nas igrejas pentecostais”. Rechaçando os argumentos de Macedo, ele tenta provar aos seus ouvintes a *grandeza* das ADs, denominação onde mais se observa os ritos do “reteté”.

### **3.5 “Então quer dizer que você é macumba também?”: o discurso de Malafaia**

Além de Feliciano, outro personagem do mundo evangélico brasileiro esteve envolvido na disputa com Macedo. Trata-se de Silas Lima Malafaia<sup>129</sup>, pastor da Assembleia de Deus

<sup>127</sup> Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/portal/noticia-old.php?c=245973&e=34>. Acesso em 04/01/2016.

<sup>128</sup> Disponível em: <http://portugues.christianpost.com/news/edir-macedo-diz-que-cantores-gospel-sao-endemoniados-ana-paula-valadao-responde-2900/>

<sup>129</sup> Malafaia pertence a uma tradicional família de pastores assembleianos no Rio de Janeiro. Seu pai, Gilberto Malafaia, falecido em 12/01/2016, já fez parte da cúpula da CGADB. Sua mãe, Albertina Malafaia, escrevia conteúdos para revistas de Escola Bíblica Dominical (EBD) da CPAD.

Vitória em Cristo (ADVEC) e televangelista conhecido por sua postura radical e suas aparições públicas performáticas. De acordo com o site da Associação Vitória em Cristo, que administra seu “ministério”, Malafaia é um dos pioneiros entre os evangélicos pentecostais, no que concerne ao uso dos meios de comunicação. A vocação para utilizar a mídia viria desde a juventude, iniciando com um programa de rádio.<sup>130</sup> O relato do site sobre a trajetória de Malafaia põe acento nos desafios enfrentados por ele no início de sua jornada como pastor e comunicador, ressaltando as dificuldades financeiras e o pioneirismo de Malafaia na utilização da TV para a evangelização no Rio de Janeiro<sup>131</sup>. Atualmente, ele se orgulha de dizer que é o maior vendedor de CDs e DVDs evangélicos com suas pregações e palestras. Seu programa, além de cobrir boa parte do território nacional, é dublado em inglês e transmitido em mais de 200 países.

Com este destaque entre os evangélicos, a partir dos anos 2000, o pastor passou a ser constantemente convidado a dar entrevistas para os meios de comunicação com o intuito de opinar sobre assuntos que seriam do interesse dos “evangélicos”. Até então, quando algum veículo de comunicação buscava a opinião de algum líder evangélico, em muitas ocasiões se reportava ao pastor presbiteriano Caio Fábio. No entanto, na segunda metade da década de 1990, Caio deixaria o cenário eclesiástico. De acordo com Livian Chiroma, esse declínio se deu entre 1994 e 1998 e dois eventos seriam cruciais para que isso ocorresse: “um relacionamento extraconjugal, ‘pecado abjeto’ entre os evangélicos” e seu envolvimento com questões políticas, vide o caso do “Dossiê Cayman”. Este suposto documento, segundo Chiroma, citando a reportagem da Folha de São Paulo de 12/12/2011, seria um “conjunto de papéis” elaborados com o intuito de apontar movimentações financeiras e remessas de dólar de políticos brasileiros para um paraíso fiscal no Caribe: as Ilhas Cayman<sup>132</sup>. O objetivo seria incriminar candidatos do PSDB nas eleições de 1994 (2014: 96, 102, 103).

Cabe lembrar que Caio esteve envolvido em algumas polêmicas e disputas públicas com Malafaia, também por conta da IURD. Em sua página pessoal na internet, em um texto escrito

---

<sup>130</sup> Disponível em: [http://www.vitoriaemcristo.org/\\_gutenweb/\\_site/hotsite/avec-30anos/historia.cfm](http://www.vitoriaemcristo.org/_gutenweb/_site/hotsite/avec-30anos/historia.cfm) Acesso em 13/11/2015.

<sup>131</sup> Campos (2004: 159) considera que as primeiras tentativas de inserção dos evangélicos na mídia televisiva acabavam não sendo tão bem sucedidas por conta do alto custo de se manter um programa de TV. O autor cita algumas destas tentativas, lembrando os empreendimentos da Igreja Presbiteriana Independente, nos anos 1960, e do pastor batista Nilson do Amaral Fanini, nos anos 1980. De acordo com ele, tal situação começou a se modificar quando as igrejas começaram a comprar suas próprias emissoras. Seguramente, como lembra Campos (2004), a IURD é o maior exemplo de sucesso empresarial na gestão dos meios de comunicação, ao controlar uma das grandes emissoras do Brasil, a Rede Record, e tantos outros empreendimentos.

<sup>132</sup> Ver também a matéria da revista Época de 25/05/2010. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI142786-15223,00-LUCROS+E+PERDAS+DO+DOSSIE+CAYMAN.html>. Acesso em 22/01/2015.

em 2009, Caio responde aos seus leitores sobre Malafaia, ao argumentar ironicamente sobre a “evolução” do pensamento de seu opositor, e mostra uma série de vídeos que demonstram que Malafaia, em diversas ocasiões, havia defendido a IURD, diante das disputas de Macedo com a Rede Globo de Televisão, em meados dos anos 1990:

Os que seguem, todavia, mostram a tal “evolução” de boy da IURD a paladino da defesa da fé...; fé que hoje pode ser uma..., amanhã outra; ontem pôde ter sido anti-prosperidade..., e hoje pode ser mais que prosperidade, pode ser até a unção dos 900 reais... (Caio Fábio)<sup>133</sup>

Além da acusação de que Malafaia seria “boy da IURD”, Caio faz outras críticas ao pastor assembleiano. O trecho a seguir foi escrito por Caio, após a entrevista de Malafaia à jornalista Marília Gabriela, quanto o líder da ADVEC foi apontado pela revista Forbes como um dos pastores mais ricos do Brasil.

O que ele diz que tem já é “fortuna” para quem diz que vive do e para o Evangelho. O Filho do homem não tinha onde reclinar a cabeça. Paulo diz aos Coríntios que trabalhava com as próprias mãos. Aos Tessalonicenses ele diz do que deva ser um “ministro do Evangelho” tudo aquilo que o Silas não é. Leiam. E mais: Tudo que ele tem está em nome de “laranjas”. Manda ele me processar. Eu sei como funciona o “esquema”. No fim tudo é dele. O avião é da “igreja”, mas, no fim, a “igreja” é dele. Aprendeu com Macedo. A escola é velha. Num país sério estaria na cadeia. Estelionatário e mentiroso. Para mim esse gonococo falante não levantaria os olhos. Mas tem a coragem de mentir descaradamente para quem não conhece o "esquema". Outro dia eu o vi dizendo que nunca ganhou dinheiro da IURD. Meu Deus! Mandem ele dizer isso para mim. Ele dizia: *“Por favor, Caio, não denuncie a IURD, pois, se você o fizer, terei que bater em você, e não quero, pois sei que você é um homem de Deus. Mas não posso deixar de ganhar os 40 mil dólares [às vezes ele dizia 45] que eles me dão por mês. Eu terei que defendê-los”* [grifo original]. E muito mais... (Caio Fábio)

Além de acusar Malafaia em relação ao seu suposto enriquecimento, Caio aponta que haveria uma relação entre seu opositor e Macedo. De acordo com ele, Malafaia ganharia uma quantia mensal para defender a IURD, tornando-se presença constante no programa 25ª hora, da Rede Record, e fazia coro com Macedo e outros bispos da IURD, ao dizer que a Globo estaria perseguindo os evangélicos (Mariano, 2005). Por outro lado, quando Caio Fábio era convidado a se pronunciar sobre a IURD, jamais a defendia, como apontam Giumbelli (2002) e Rosas (2013).

---

<sup>133</sup> <http://www.caiofabio.net/conteudo.asp?codigo=05150>

Com o declínio da figura de Caio, Malafaia ascenderia entre os evangélicos e passaria a se apresentar como se os representasse. Assim, as disputas atuais parecem reacender embates que já perduram, pelo menos, desde a década de 1990.

No entanto, se na época do *25ª hora*, Silas Malafaia argumentava em favor de Edir Macedo e este se servia das *performances* do pastor assembleiano para defender sua igreja<sup>134</sup>, atualmente o clima parece não ser dos melhores entre eles. Ao tomar ciência das críticas de Macedo aos pentecostais, Malafaia dedicou boa parte de seu programa, *Vitória em Cristo*<sup>135</sup>, exibido na TV e na internet, para defender os pentecostais e rebater as acusações de seu concorrente.

Olá meus amigos, meus amados. O programa aqui hoje é um pouco diferente. Aqui pela internet eu dou nome. Eu vou falar aqui sobre declarações do bispo Macedo e do bispo Romualdo. O assecla imita o chefe com acusações sobre... comparando qual é a diferença de igreja pentecostal, de gente que cai pelo poder de deus e centro de macumba. E a acusação de que 99% dos cantores da música evangélica são endemoniados. Eu não vim aqui e não vou falar de Igreja Universal. A igreja é de Jesus, eu não toco na igreja. Tem gente séria, gente honesta, gente de Deus. Eu não toco na igreja. Ué, mas como é que pode ter líder picareta? A igreja é de Jesus. Aprenda isso, igreja eu não toco, tá ok? Mas de liderança aí a conversa muda. Eu tenho a Bíblia. Preste atenção na resposta que eu vou dar ao senhor bispo Macedo e ao senhor bispo Romualdo. Segura aí (Silas Malafaia).<sup>136</sup>

É digno de nota que, ao buscar defender os pentecostais das acusações de Macedo e Panceiro, Malafaia ressalta diversas vezes sua opção por não falar da “igreja”, mas sim de sua liderança. Em outros momentos, ciente de que poderia ser criticado por se envolver na disputa discursiva como Macedo, ele argumenta que suas respostas e “denúncias” seriam resultantes de seu compromisso com ser “luz” e trazer à tona o que estaria debaixo do “tapete”. De acordo com ele, “pode ter o maior picareta na frente da igreja” e ainda assim ele não “toca na igreja”.

Para sustentar ser argumentos, Malafaia reproduziu o vídeo das críticas de Macedo, quando este apontava que todos os movimentos corporais executados nos cultos pentecostais seriam provenientes da emoção ou resultado da ação de demônios em seus corpos. Indignado,

---

<sup>134</sup> Durante a pesquisa, encontrei um debate nos anos 1990, apresentado por Silvia Poppovic, no SBT, em que a maior discussão girava em torno das acusações contra a IURD. De um lado, estavam Silas Malafaia, Edir Macedo e Helena Brandão (ex-atriz conhecida como Darlene Glória), que defendiam os evangélicos. De outro, estavam um padre, um delegado, um rabino e um babalorixá, além de pessoas da plateia, que acusavam Macedo e a IURD. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JKqOyPZMw-A>. Acesso em: 05/05/2015.

<sup>135</sup> Na parte em que o programa foi ao ar na TV, isto é, no decorrer das respostas de Malafaia, o nome de Macedo não foi citado por ele.

<sup>136</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=43Kd3WpKaHM>. Acesso em 24/07/2014.

Malafaia pretendeu responder a Macedo sobre a suposta semelhança entre os cultos pentecostais:

Ele disse qual é a diferença. Ele colocou uma imagem de um pastor na manifestação do Espírito Santo, gente caindo pelo poder de Deus e colocou um no centro de macumba... nêgo caindo e pegando lá espírito que... é... demônios como nós classificamos e ele diz assim: qual a diferença? [...] (Silas Malafaia)

Em nenhum momento, Malafaia questiona que não deveria haver uma diferença entre os cultos pentecostais e as religiões afro-brasileiras, ou seja, o *princípio da pureza e da diferença* também não é negado por ele. Contudo, ele tenta demonstrar que não seriam os demais pentecostais a quebrarem este princípio, mas sim a IURD, dirigida por Macedo, que estaria acusando outras igrejas quando suas práticas é que seriam incoerentes com as acusações que seu líder estaria fazendo à IURD.

Minha gente, é pra rir se não é pra chorar. Eu disse: não, não, não, não, não... isso deve ser alguma pegadinha. Não, não, não, não, não. Pera aí, quem tá falando isso? Não, não. Isso deve ser piada. Quem é que tá falando? Não, não, eu não acredito. Meu filho, vocês nem telhado de vidro tem. Vocês não tem nem telhado, porque de vez em quando alguém taca pedra no telhado dos outros, mas é de vidro aí faz barulho (Silas Malafaia).

Antes de prosseguir, com o intuito de desmontar as acusações de Macedo, Malafaia explica sua perspectiva sobre o “cair pelo poder de Deus”. Segundo ele, até os idos de 1992, 1993 teria dificuldade de acreditar e aceitar que os crentes caíssem pelo poder de Deus. Até que, junto com seu colega Jabes de Alencar, da AD Bom Retiro, foi a uma cruzada de Benny Hinn, em Toronto, Canadá. De acordo com o pastor canadense, não deveria ser explicado porque as pessoas caem, mas sim o que ocorria após as quedas. De acordo com ele, as pessoas caíam e levantariam curadas, restauradas e falando em línguas estranhas. Segundo ele, quando Benny Hinn estendeu suas mãos, 95% das pessoas, das 20 mil que estavam no estádio, caíram em sequência, como um “dominó”. Porém, apenas as pessoas que estavam na direção das mãos do evangelista canadense caíram, o que não ocorreu com Malafaia e Jabes de Alencar, pois estavam fora do raio de ação.

Retomando seu argumento, para responder à Edir Macedo, ele também se serviu de argumentos bíblicos, pondo acento na autonomia do Espírito Santo. De acordo com ele, apoiado no texto bíblico, o Espírito sopra onde quer e como quer. Depois, Malafaia mobilizou dois argumentos bastante utilizados pelos pentecostais do “reteté” para justificarem suas práticas.

Ao remeter mais uma vez ao mito de fundação do pentecostalismo, em Atos 2, Malafaia afirma que naquela ocasião as pessoas acharam que os crentes estavam bêbados ao receberem o Espírito Santo. Todavia, ele defende que parecer estar bêbado não é o mesmo que estar bêbado. Em seguida, ele reforça mais uma vez a demonização das religiões afro-brasileiras, baseado no argumento de que o Diabo seria imitador dos movimentos corporais executados nos rituais pentecostais, levando tais práticas àqueles cultos.

Porque o Diabo usa alguma coisa que se parece não significa que é dele. Porque o maior macaco de imitação que tem no universo é o Diabo. Ele só criou uma coisa que é a mentira. O resto ele imita (Silas Malafaia).

Em tom enérgico, como é de costume em suas falas, Malafaia prossegue

Quem é que introduziu a credice, o sincretismo religioso? Quem é que introduziu o misticismo no sentido negativo no meio evangélico? Eu vou usar as palavras desse líder, desse bispo. Qual é a diferença? Qual é a diferença da arruda da tua igreja pro centro de macumba? Qual é a diferença do sal grosso da tua igreja pro centro de macumba? Qual é a diferença da rosa unguida da tua igreja pro centro de macumba? Então quer dizer que você é macumba também? Qual é a diferença dos teus pastores vestidos de branco dando passe nos outros, ok? E com rosa e vela na mão? Eu queria que tu me respondesse amigo. Qual é a diferença? Rapaz, você é tão trouxa na tua argumentação. É tão fraco, porque teologicamente vocês são zero. Sabe? Eu digo até que vocês entendem um pouco de fé. Eu sou bem realista aqui. Não tem negócio de ódio, de odiar. Eu digo até que vocês entendem um pouco de oração. Eu digo até que vocês entendem um pouco de trabalho, agora de teologia meu irmão, vocês são analfabetos, não estão nem no mobral pra querer vir dar lição de moral em igreja pentecostal. Quem são vocês? Vocês perderam juízo? É vassoura unguida pra varrer casa, é sabonete unguido. É um monte de pataquada e credice que não tá na Bíblia. Que moral vocês têm para falar de igreja pentecostal e de cair pelo poder de deus? Eu não faço disso... num não sou adepto de cair pelo poder de Deus... e tem que cair... Mas se o Espírito Santo quer derrubar alguém, quem é você e quem são vocês para falar? Quem sou eu para determinar o Espírito Santo se o camarada chora, dá gargalhada, cai, fica em pé ou rodopia? Quem sou eu? Vocês agora viraram donos do Espírito Santo? Eu tenho que rir (Silas Malafaia).

De um lado, apesar de dizer, no início de seu programa que não falaria de igreja, Malafaia recorre ao argumento de que a IURD utilizaria elementos de outras religiões em seus rituais, o que também foi dito por Márcia, minha entrevistada. Malafaia cita os rituais da IURD, em que pastores se vestiriam de branco para darem passes nas pessoas, utilizando-se de elementos comumente associados aos cultos mediúnicos, como rosa, vela, arruda, sal grosso, e outros objetos, como vassouras e sabonetes, os quais unguidos pelos pastores passariam a ter

poderes especiais. Para Malafaia, estas práticas seriam “crendices”, “misticismos” e “sincretismo religioso” e os responsáveis por introduzir tais elementos entre os evangélicos seriam, justamente, os iurdianos. Conforme estou defendendo, a tentativa de definir o “pentecostalismo legítimo” passa, mais uma vez, pela alusão ao *princípio da pureza e da diferença*, visto que a noção de sincretismo parece pressupor a existência de uma religião que, para ser verdadeira, não deve articular elementos de outras religiões.

Por outro aspecto, o argumento de Malafaia vai ao encontro do que defendeu Marco Feliciano, em sua pregação, questionando a *grandeza* do bispo Edir Macedo, haja vista que ele também entende que os líderes iurdianos não teriam “moral” para criticarem igrejas pentecostais. Aqui, o suposto “analfabetismo teológico” dos líderes da IURD é usado como uma forma de tentar deslegitimar seus argumentos. Assim, semelhantemente ao que afirmou Marco Feliciano, Malafaia parece entender que se os bispos da IURD não têm preparo teológico suficiente, não podem definir como o Espírito Santo deverá agir e quais os movimentos corporais adequados, em consonância com esta ação. Além disso, Malafaia rebateu as acusações de que os cantores e igrejas pentecostais seriam influenciados pelo demônio. Ainda buscando sustentar a falta de “moral” da IURD, ele rechaçou a demonização das igrejas pentecostais.

Agora eu vou dizer uma verdade aqui. Queridos, preste atenção. Ai meu Jesus, me ajuda, eu não aguento com um troço desses. Vocês pensam que vocês são experts em demônios. Então, eu vou acabar com essa história aqui. Porque vocês expulsam demônios, é uma ênfase na igreja de vocês. Vocês estão pensando que vocês entendem de Diabo. Então, eu vou mostrar que vocês não entendem nada. Os demônios que incorporam em pessoas que são demônios violentos [...]. No máximo, os demônios que incorporam pessoas, o demônio no mais alto grau de poder e hierarquia no reino de Satanás, eles comandam legiões. Agora em Efésios seis a partir do versículo dez diz que Satanás tem principados e tá lá, no plural, príncipes das trevas, príncipes. Tá falando de demônios que comandam principados. Esses não incorporam em pessoas, esses... sabe o que fazem? Comandam a programação de rede de televisão de vocês [risos]. Esses demônios... vocês pensam que entendem de Diabo? Esses principados que influenciam cidades, nações e que são antítese contra a igreja fazem o que vocês fazem, isto é, atuam nessa área. Pega dízimo e oferta do povo de Deus, compra uma emissora de TV que, ao invés de glorificar a Deus, é o santo financiando o profano e o poder. É gente que faz a cabeça em centros para terem sucesso e que vocês pagam altos salários com oferta e dízimo dos crentes e tem um príncipe de Satanás dando gargalhada da cara de vocês. [risos]. É meu irmão, é duro o que eu estou falando, mas é a verdade. Eles pensam que entendem de mundo espiritual porque expulsam demônios. Esses demônios vocês não expulsam, é os que comandam sistemas e estão lá dentro da emissora de vocês comandando esse lixo moral financiado com dízimos e com ofertas do povo de deus. O Diabo tá dentro da casa de vocês e vocês não veem. Tá na cara de vocês, dando gargalhada de vocês, dizendo assim: “esses

demônios aí vocês podem expulsar, agora um príncipe de Lúcifer, que tá no comando, esse vocês não tocam” e que tá fazendo graça na cara. O lugar que era sítio de pastor virou fazenda, ok? Tá certo? Eu sei o que é que eu estou falando aqui. Entendem? O lugar que era sítio de pastor, para recreação de pastor virou fazenda. Precisa dizer mais alguma coisa? Vocês têm moral para falar de alguém, de alguma igreja? (Silas Malafaia)

Portanto, Malafaia defende que, ao contrário do que pensam os pastores daquela igreja, eles não seriam “*experts*” em demônios, pois o Diabo estaria agindo na emissora pertencente à Macedo. A ação do demônio na Record seria evidenciada na programação da emissora, nos salários pagos aos artistas que “fazem cabeça em centro” e no “lixo moral” que seria a programação daquela rede de TV, exemplificado no programa “A Fazenda” que, segundo Malafaia, anteriormente teria sido um local utilizado para recreação dos pastores da IURD.



Figura 41: Malafaia respondendo à Edir Macedo no Programa Vitória em Cristo  
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=8rv3AgVW5K8>

Em outro momento, ele saiu em defesa de Ana Paula Valadão e dos demais cantores evangélicos. Malafaia, que é também dono da gravadora *Central Gospel Music*, fundada em 2005<sup>137</sup>, rebate os argumentos de Macedo nos seguintes termos:

Como é que um cara desses vai para a rádio dizer que 99% dos cantores da música evangélica são endemoniados? Irmãos, deixa eu dizer uma coisa aqui para vocês. Deixa eu falar uma coisa. E o cara ainda cita o nome da Ana Paula Valadão. Eu já tive discordâncias com a Ana Paula, discordâncias que ela pode ter comigo e eu com ela e um crente pode ter com outro. Só no céu vai haver perfeita harmonia de pensamento e inteireza total de coração. Aqui têm desavenças. Agora pera aí, desavença para dizer que o outro é endemoniado, desavença para dizer que o outro é do Diabo? Isso não é desavença, isso é acusação, isso é calúnia, isso é difamação. Mas sabe por que ele tá falando

<sup>137</sup> Disponível em: <http://novo.centralgospelmusic.com.br/site/quem-somos.cfm> Acesso em: 13/11/2015.

isso? Porque o povo não percebe o que está por trás... É porque a gravadora dele não tá com nada<sup>138</sup>. A gravadora deles tá dando prejuízo há anos e Ana Paula gravou por essa grande gravadora dessa grande emissora de TV [risos]. Vocês tão entendendo o jogo? O jogo é comercial. É... você tem que fazer a leitura. É para o povo deles não comprarem os CDs, porque os CDs... A Ana Paula é uma das que mais vendem... Dizer que uma menina dessas é do Diabo, rapaz. A garota crente, de uma família crente. A garota casada com um pastor, menina de Deus [tapa na Bíblia]. Eu tenho desavença. Eu já critiquei a Ana Paula aqui, mas verdade tem que ser dita meu Deus do céu. Dizer que 99% dos cantores são endemoniados. Então vamos fazer uma coisa. Você, que tem uma rede de rádios FM não vai botar mais música nenhuma, senão você é pior do que ímpio, você é hipócrita, é fariseu, faz acusações levianas e dentro da rádio onde vocês estão, tá tocando música gospel. 99% é endemoniado. As emissoras FM de vocês e AM não vão mais tocar música evangélica para, no mínimo, você ser coerente. Mas como vocês não são e eu já sei disso, não são. Falam bobagem. Você sabe o que eu tô desconfiado? Eu tô desconfiado que, de tanta fogueira santa, acho que queimou os neurônios dele. Eu tô desconfiado, meu irmão. De fazer tanta fogueira santa, eu acho que o neurônio do cara foi para o espaço (Silas Malafaia).

Ao buscar defender Ana Paula Valadão e os demais cantores evangélicos, Malafaia procurou mais uma vez, desconstruir a legitimidade de Macedo. Enquanto o bispo da IURD argumenta que sua preocupação é de cunho espiritual, buscando apenas ajudar as pessoas ao alertar sobre o perigo de determinados rituais, Malafaia afirma que as acusações sobre a demonização dos cantores e movimentos corporais nos rituais pentecostais teriam motivação “comercial”, buscando desconsiderar as intenções religiosas de Macedo.<sup>139</sup> É curioso notar que Malafaia, assim como Feliciano, se mostraram extremamente indignados com as acusações de Macedo, quando o líder da IURD considerou que crentes, pastores e cantores adeptos do “cai cai” (ou “reteté) seriam possuídos pelo Diabo. No entanto, nenhum deles sequer hesitou em usar termos como “Diabo”, “demônio” e “macumba” quando se referiram às religiões afro-brasileiras e seus integrantes.

No fim de seu programa, o pastor assembleiano ainda tentou mostrar que não tinha problemas pessoais com Macedo e que estaria preocupado com as denúncias do Ministério Público (MP) contra a IURD. De acordo com ele, o MP teria acusado a IURD de estelionato, mas tais acusações seriam perigosas. Citando o jornalista Ricardo Boechat, que tempos depois se tornaria seu desafeto, ele afirma:

---

<sup>138</sup> Segundo informações da jornalista Vera Magalhães, publicadas em 2012, Macedo pretendia encerrar as atividades da gravadora. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/economia/o-fim-da-gravadora-de-edir-macedo/>. Acesso em 13/12/2015.

<sup>139</sup> Para Boltanski e Thévenot (1991 e 1999), as reivindicações dos atores podem ser apresentadas em forma de denúncia à injustiça social, como as críticas às relações de poder, ou podem ter o objetivo principal de desvelar as razões ocultas de seus adversários.

Eu ouvi o Boechat, que diz que é ateu, um jornalista famoso de credibilidade. Pera aí, eu não tenho nada a ver com fé e com religião. Quer dizer então que todo mundo que está numa religião há anos está sendo enganado, dando dinheiro ou oferta? (Silas Malafaia)

Segundo ele, não falaria sobre “divisa” ou “remessa de dinheiro”, mas sua preocupação seria a de que, ao acusarem a IURD, estaria sendo aberto um precedente para a perseguição religiosa e, caso uma igreja seja atingida, as demais também poderiam ser. Conforme ele argumentou, caso “toquem” em igrejas evangélicas, o mesmo deveria ser feito com a igreja Católica, pois lá também existiria a prática de campanhas e utilização de objetos como “medalhinhas de bênção”. Nesse sentido, ele entende que mesmo que a unção de objetos na IURD seja indício de “sincretismo religioso”, tais práticas seriam garantidas constitucionalmente.

Após a transmissão deste programa, foi ao ar a reportagem do Domingo Espetacular, a que já me referi. Houve nova reação de Malafaia.<sup>140</sup> O tom, aparentemente conciliador, do fim de seu programa, deu lugar a novas e pesadas crítica à Macedo. Segundo ele, seria uma resposta à “nova palhaçada” de Edir Macedo na Record. Desta vez, ele disse que não iria falar novamente sobre o assunto dos movimentos corporais, que ele já havia se dedicado a rebater. Sua argumentação se inicia a partir da suposta base bíblica para falar contra outros crentes. Segundo ele, a Bíblia o proibia de interagir com “aquele que dizendo-se irmão” tenha atitudes ímpias. Esquecendo-se de sua indignação com a demonização de Ana Paula Valadão e de 99% dos cantores evangélicos, ele prossegue dizendo que o próprio Jesus teria chamado o apóstolo Pedro de Diabo.

Algumas destas constatações seriam suficientes para autorizá-lo a repreender Macedo. Em seus argumentos, ele se dirige diretamente aos membros da IURD e cita que a igreja teria investido nos últimos quatro anos, até 2011, um montante de mais de um bilhão de reais na Rede Record, por meio dos dízimos e ofertas. A indignação dele se devia, então, ao fato de a emissora ter sido utilizada para “ridicularizar” a igreja. Segundo ele, no bojo das regras morais que balizariam as práticas evangélicas, a TV Record propagaria apenas “lascívia, homossexualismo, adultério, prostituição, safadeza, roubalheira, mau-caratismo, violência”, promoveria práticas de “indecência”, mostrando “imoralidade”, fazendo propagandas de “bebidas”. Sem se preocupar com os termos utilizados e, a despeito das acusações de homofobia que recebe em decorrência de suas afirmações polêmicas sobre homossexualidade, ele demonstrou indignação pelo fato de a emissora, supostamente, ser utilizada para “difundir e

---

<sup>140</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LySlsey21XA>. Acesso em 03/01/2015.

promover homossexualismo”. Sua preocupação, naquela ocasião, era questionar as doações dos fiéis para financiar a emissora de televisão que, segundo ele, seria utilizada para promover “imoralidade” para “glória de Satanás” e “denegrir a igreja”. Apesar de dizer que estava fazendo uma análise fria e que não estaria fazendo espetáculo, Malafaia vociferava contra o líder da IURD e afirmou que a preocupação de Macedo teria como motivação a concorrência entre igrejas.

Sabe por que ele fez isso? Aqui eu encerro. Sabe qual é a maior prova? Ela tá desesperado. Ele fez isso na tentativa de frear a saída do povo dele pras igrejas neopentecostais e pentecostais, porque a porta de saída tá maior do que a de entrada. Macedo não é inocente não. Ele não é bobinho não. Ele é calculista. Ele fez isso porque tá tendo uma evasão monstruosa de gente que tá se despertando, entendendo a Bíblia lá dentro da igreja. Vendo o que que eles estão fazendo, a utilização do dinheiro e tão dando o pé e é uma maneira de travar. Mas que vergonha. [...] Horário nobre da Rede Record não é pra glorificar a Deus, mas pra esculhambar com crentes e com a igreja. Que Deus tenha misericórdia. Deus abençoe vocês (Silas Malafaia).

Portanto, Malafaia entende que a intenção de Macedo, ao desferir as críticas e usar o aparelho midiático que possui, seria superar a concorrência das igrejas neopentecostais e pentecostais, impedindo a saída dos membros de sua igreja para outras denominações. Afinal, o “pentecostalismo legítimo” deveria ser “puro”, “diferente” e sobrepujar todas as demais religiões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta dissertação, procurei abordar as disputas pela delimitação do “pentecostalismo legítimo”, envolvendo evangélicos, especialmente pentecostais, a partir das discordâncias sobre os rituais do “reteté”.

Busquei apresentar ao leitor o que são os rituais do “reteté”, atentando principalmente ao evento *Vigilhão da Celebrai*. Para isso, realizei primeiramente uma descrição etnográfica, apresentando falas, músicas e fotografias da vigília. Iniciei minha descrição pelos momentos de preparação para a vigília, enfocando a “consagração” da quadra da Escola de Samba Acadêmicos da Grande Rio, local no qual são realizadas as vigílias promovidas pela gravadora evangélica *Celebrai Music*, em sua maior parte, mostrando como um espaço no qual, geralmente, de acordo com as concepções dos evangélicos, se praticam “pecados” abomináveis, é utilizado para os momentos de “adoração” dos pentecostais.

Nesses eventos, me chamaram a atenção as apresentações de pregadores e cantores e as disputas por visibilidade entre os que conduziam os rituais. Segundo observei, tais personagens são de fundamental importância para o andamento do evento, pois são eles os maiores incentivadores das práticas que ocorrem durante as madrugadas de celebração.

Ao mesmo tempo que apresentei personagens conhecidos entre os pentecostais, também procurei dar espaço e voz a alguns frequentadores dos vigilhões, que expressaram suas perspectivas acerca dos rituais do “reteté”, ou seja, me deram explicações sobre os significados de suas próprias práticas e *performances*<sup>141</sup>. Segundo as conversas que tive com participantes dos rituais, que eram integrantes de igrejas evangélicas da Baixada Fluminense, do interior do Rio de Janeiro e até de outros estados, os movimentos corporais executados são momentos nos quais eles “adoram” a Deus juntamente com os anjos, sempre presentes aos eventos, ou seja, se envolvem e experimentam sensações e emoções que, para eles, parecem fazer todo o sentido, pois seriam as mesmas experiências vivenciadas no evento de Pentecostes.

Ao longo deste trabalho, também enfatizei a importância dos corinhos de fogo na condução das vigílias, não sem antes percorrer a trajetória de mudanças na musicalidade evangélica, considerando que tais transformações têm sido profundamente influenciadas pelos pentecostais. Utilizando-se de diversos ritmos de origem brasileira, os crentes tornam seus ritos espaços dinâmicos de movimentação corporal. Embora seja possível observar gesticulações

---

<sup>141</sup> No sentido atribuído por Langdon (2006), principalmente quando a autora enfatiza a “participação plena” dos presentes ao evento, destaca a “experiência multissensorial” e o engajamento de pessoas que se envolvem em *performances*, utilizando seus corpos, sentidos e emoções.

corporais durante as pregações e cânticos com ritmos musicais mais lentos, é durante a execução dos corinhos de fogo que se notam as manifestações mais animadas. O preconceito de certos evangélicos com a dança se dissipa, então, em meio aos giros e saltos durante o “reteté”. Além da “explosão de poder” do Espírito Santo em tais momentos, observei que os corinhos de fogo expressam, de certa maneira, o cotidiano vivenciado pelos crentes. Tais canções mostram a ênfase dos pentecostais em certas questões morais e os conflitos nos quais eles se envolvem no dia a dia, por meio do “discurso da feitiçaria” (Geschiere, 2006). Ao tocarem nesse tema, eles exprimem suas perspectivas sobre os cultos afro-brasileiros, muitas vezes discursando com beligerância e com palavras pouco amistosas em relação a essas religiões.

Após apresentar o contexto de uma vigília do “reteté”, dei enfoque a uma personagem do *Vigilhão da Celebrai*: a missionária Leandra Nascimento, que é pregadora e cantora de corinhos de fogo. Em minha análise, destaquei a existência de um jogo de críticas, acusações e justificações que envolveram defensores e acusadores de Leandra, a partir dos comentários sobre os vídeos com suas *performances*, publicados na internet, além de demonstrar que a própria missionária procura justificar suas práticas durante suas apresentações. Nestas disputas, observei que os acusadores de Leandra produziram categorias acusatórias com o propósito de questionar a *grandeza* dos rituais e da missionária. De acordo com os críticos, suas *performances* não deveriam ser “verdadeiramente evangélicas”, mas seriam semelhantes a espetáculos de entretenimento, como aqueles realizados em teatros e circos. Além disso, eles afirmaram que os momentos protagonizados por Leandra nas vigílias da *Celebrai* não seriam “cultos evangélicos”, mas sim uma “macumba pentecostal”, argumento bastante presente entre os críticos do “reteté”, que apontam uma suposta semelhança deste com as religiões afro-brasileiras. Na esteira deste argumento, a missionária foi acusada de estar incorporada pela Pombagira, por causa de suas roupas, suas gesticulações e sua voz, durante os rituais, o que é prontamente rechaçado pelos que a seguem e admiram.

Posteriormente demonstrei que as disputas pelo “pentecostalismo legítimo” também envolveram pastores e líderes de denominações evangélicas e que tais disputas podem ser observadas historicamente, já nos primeiros anos da AD no Brasil. Demonstrei ainda que as críticas aos ritos do “reteté” também advém de pastores das ADs, denominação a que pertencem ou são oriundas a maioria das igrejas que praticam o “reteté”.

Além disso, enfoquei uma disputa específica envolvendo líderes da IURD e da AD, que se iniciou com as críticas do bispo Edir Macedo e de seus auxiliares, em decorrência da suposta

semelhança do “reteté” com religiões afro-brasileiras, e despertou a indignação e posterior defesa, por parte de Marco Feliciano e Silas Malafaia. Considerei também que tais disputas abarcavam questionamentos acerca da *grandeza*, ou seja, da importância das pessoas envolvidas nas disputas sobre o “pentecostalismo legítimo”, a partir do “reteté”.

Ressalto ainda minha percepção de que em ambos os episódios, isto é, aquele sobre a *performance* de Leandra Nascimento e o que incluiu os bispos da IURD e pastores assembleianos, as argumentações envolviam a alusão ao que chamei de *princípio da pureza e da diferença*. Nesse sentido, sempre que algum ator envolvido buscava questionar a legitimidade de determinadas práticas rituais e, por conseguinte, tentava impor seu ponto de vista sobre o que seria o “pentecostalismo legítimo”, ressaltava elementos que apontavam para a “pureza” e a “diferença” que deveriam balizar as igrejas pentecostais.

Destarte, considero que a proposta de Boltanski e Thevenót (1991, 1999) me ajudou a perceber como os atores se posicionam e defendem suas preferências, de acordo com o que aprenderam por meio da convivência social, justificando assim suas ações. Se, por um lado, os críticos do “reteté” apontam que a suposta semelhança destes cultos com aqueles observados nas religiões afro-brasileiras seria incompatível com o “evangelho verdadeiro”, por outro, os atores que participam destes eventos se defendem, argumentando que não são eles que “copiam” o que ocorre nas religiões afro-brasileiras, mas eles é que são imitados pelos adeptos destas religiões.

Finalmente, destaco que as disputas também envolveram a competência dos atores para a determinação do que seria o “pentecostalismo legítimo”. Para eles, tal capacidade diz respeito ao cumprimento dos *princípios da pureza e da diferença* e à autoridade para a deliberação acerca do que seria o “pentecostalismo legítimo”. Nesse sentido, percebi que, em momentos de disputas, os atores faziam referência à necessidade de se manter o acento em questões morais ou de terem práticas rituais distintas das demais religiões, com o intuito de “fazerem a diferença”, destacando-se das demais. Assim, tanto os que são criticados quanto os que acusam concordam com esta necessidade, mas discordam a respeito da competência para julgar quais ritos religiosos estariam em consonância com tais perspectivas. Minha proposta foi justamente ouvir as falas que ecoam do campo de pesquisa e deixar que os atores deem explicações sobre suas próprias disputas, críticas e justificações acerca do tema, a partir de suas práticas rituais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. Artigos, livros, dissertações e teses:

ALBUQUERQUE JUNIOR, Valdevino. “**Dá glória e receba!**”: expressão mítico-ritual nos “corinhos de fogo” no culto [neo]pentecostal. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Juiz de Fora, 2014.

ALENCAR, Gedeon Freire. **Protestantismo tupiniquim**: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. São Paulo: Arte editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. **Assembleias de Deus**: Origem, implantação e militância [1911-1946]. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. **Assembleias Brasileiras de Deus**: teorização, história e tipologia – 1911-2011. Tese (Doutorado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, São Paulo, 2012.

ALMEIDA, Ronaldo. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Igreja Universal e seus demônios**: um estudo etnográfico. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

ALVES, Rubem. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Ática, 1979.

AMARAL, Rita e SILVA, Vágner. Foi contra todo canto: as religiões afro-brasileiras nas letras do repertório musical popular brasileiro. **Afro-Ásia**, 34, p. 189-235, 2006.

ANTONIO, Leonardo Siqueira. **Há controvérsias? A religião na televisão**: Uma análise etnográfica do programa Fala que eu te escuto da Igreja Universal do Reino de Deus. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, Guarulhos, 2012.

ARAÚJO, Melvina. **Das ervas medicinais à fitoterapia**. São Paulo: Ateliê editorial, 2002.

ASSUNÇÃO, Luiz. A transgressão no religioso: Exus e mestres nos rituais da umbanda. **Revista Antropológicas**, ano 14, vol.21(1): 157-183, 2010.

BAGGIO, Sandro. **A revolução da música gospel**. São Paulo: Êxodus, 1997.

BAKKE, Raquel Rua Baptista. Tem orixá no samba: Clara Nunes e a presença do candomblé e da umbanda na Música Popular Brasileira. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 27(2): 85-113, 2007.

BARBOSA, Marielle Kellermann; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Análise do Movimento em Rituais Umbandistas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 24 n. 2, p. 225-233, 2008.

BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. **Música sacra evangélica no Brasil**: contribuições à sua história. Rio de Janeiro: Kosmos, 1961.

BIRMAN, Patrícia. Transas e transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevôo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(2): 256, maio-agosto/2005.

\_\_\_\_\_. Feitiçarias, territórios e resistências marginais. **Mana** 15(2): 321-348, 2009.

BIRMAN, Patrícia e MACHADO, Carly. A violência dos justos: evangélicos, mídia e periferias da metrópole. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 27, nº 80, outubro/2012.

BLOCH, March. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOLTANSKI, Luc. Sociologie critique et sociologie de la critique. **Politix**. Vol. 3, N°10-11. Deuxième et troisième trimestre 1990.

\_\_\_\_\_. A moral da rede? Críticas e justificações nas evoluções recentes do capitalismo. In: **Fórum Sociológico**. Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica, Número 5/6, IIª Série, 2001.

\_\_\_\_\_. Nécessité et justification. **Revue économique**. Volume 53, n. 2, 2002.

\_\_\_\_\_. Uma crítica para o presente: entrevista com Luc Boltanski [2014]. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.21.1, p.217-230. Entrevista concedida a ROSATTI, Camila Gui; BONALDI, Eduardo Vilar; FERREIRA, Mariana Toledo.

BOLTANSKI, Luc e THÉVENOT, Laurent. **De la justification**: les économies de la grandeur. Paris : Galimard, 1991.

\_\_\_\_\_. A sociologia da capacidade crítica. Tradução: Marcos de Aquino Santos. In: **European Journal of Social Theory**. Sage Publications: London, Thousand Oaks, CA and New Delhi, 1999.

BOURDIEU, Pierre. Participant Objectivation. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 9,n. 2, p. 281-294, 2003.

\_\_\_\_\_. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BRAGANÇA, Ubirajara; BRAGANÇA, Ubiratan. **Respeitável público, o show vai começar**: as ilusões do grande circo neopentecostal brasileiro. Rio de Janeiro: Contextualizar, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Festa do Santo de Preto**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore; Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985.

\_\_\_\_\_. **Os Deuses do Povo:** Um estudo sobre a religião popular. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. **Festim dos bruxos:** estudos sobre a religião no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Ícone, 1987.

BRUMANA, Fernando; MARTINEZ, Elda. **Marginália Sagrada.** Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

BURITY, Joanildo. Religião, política e cultura. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 20, n. 2: p. 83-113, 2008.

CALVELLI, Haudrey Germiniani. Um olhar antropológico sobre as benzedeadas, cartomantes e videntes na Zona da Mata mineira. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 359-373, jul./dez. 2011.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva. **Revista USP**, nº 61: 146-63, 2004.

CAMPOS, Luis Augusto. Por uma Sociologia Crítica da Crítica: Relendo Lüc Boltanski a partir de Margareth Archer. **Conferência da Associação Internacional para o Realismo Crítico (IACR)**. UFF, Niteroi, 2009.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre sincretismos e “guerras santas”: dinâmicas e linhas de força do campo religioso brasileiro. **Revista Usp**, São Paulo, n.81, p. 173-185, março/maio 2009.

CARDOSO, Douglas Nassif. **Robert Reid Kalley:** médico, missionário e profeta. São Bernardo do Campo, SP: Ed. do Autor, 2001.

\_\_\_\_\_. **Sarah Kalley:** missionária pioneira na evangelização do Brasil. São Bernardo do Campo, SP: Ed. do Autor, 2005.

CASANOVA, José. **Public religions in the modern world.** Chicago, Chicago University Press, 1994.

CEFAÏ, Daniel. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. **Dilemas**, v. 2, n. 4, P. 11-48, abr/mai/jun 2009.

CELIKATES, Robin. O não reconhecimento sistemático e a prática da crítica: Bourdieu, Boltanski e o papel da teoria crítica. **Novos Estudos - CEBRAP**, São Paulo, n. 93, 2012.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**. 11(5), 1991.

\_\_\_\_\_. Crítica Textual e História Cultural: o Texto e a Voz – Século XVI e XVII. In: **Leitura: Teoria e Prática** - Associação de Leitura no Brasil. Campinas/Porto Alegre: ALB/Mercado Aberto, nº30, p.67-75, 1997.

CHAVES, Kelson Gérison de Oliveira. **Os trabalhos de amor e outras mandingas: a experiência mágico-religiosa em terreiros de Umbanda**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Natal, 2010.

\_\_\_\_\_. **Moralidade e Magia: o caso dos “trabalhos de amor” nos terreiros de umbanda**. **35º Encontro Anual da Anpocs**, 2011.

CHIROMA, Livian. **Igrejas Orgânicas – Mobilidade e reconfiguração religiosa: o caso do “Caminho da Graça”**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, São Bernardo do Campo, 2014.

CORRÊA, Diogo. **Sociologia crítica ou sociologia da crítica: mero jogo de palavras ou autênticas distinções?** Sem data.

COSTA, Jefferson Magno et al. **A mensagem oculta do Rock**. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. **As raízes da Congada: a renovação do presente pelos filhos do rosário**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de Brasília - UnB, Brasília, 2006.

COUCEIRO, Luiz Alberto Alves. **Magia e Feitiçaria no Império do Brasil: o poder da crença no Sudeste e em Salvador**. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro: 2008.

COUTO, Patrícia Brandão. **Festa do Rosário: iconografia e poética de um rito**. Niterói: EdUFF, 2003.

CUNHA, Magali do Nascimento. **“Vinho novo em odres velhos”**. Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2004.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história, Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

DOLGHIE, Jacqueline Ziroldo. **Por uma sociologia da produção e reprodução musical do presbiterianismo brasileiro: a tendência gospel e sua influência no culto**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, São Bernardo do Campo, 2007.

DOUGLAS, Mary. Os Lele revisitados, 1987: Acusações de feitiçaria à solta. **Mana** 5(2):7-30, 1999.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Distanciamento, reflexibilidade e interiorização da pessoa no ocidente. **Mana** 2(2): 163-176, 1996.

EVANS-PRITCHARD, E.E. [1937] **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2005.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. **“Onde a luta se travar”**: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980). Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis, 2015.

FAUSTINI, João Wilson. **Música e adoração**: noções históricas e práticas sobre música e sua função no culto de adoração, orientações de técnica vocal, de canto e de regência e de outros assuntos relacionados. São Paulo: Soemus, 1996.

FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. **Neopentecostalização do pentecostalismo clássico**: mudanças na concepção escatológica das Assembleias de Deus. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Juiz de Fora, 2014.

FORSYTH, William B. **Uma Jornada no Império**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2006.

FRY, Peter. Politicamente Correto num Lugar, Incorreto Noutro. **Estudos Afro-Asiáticos**, 21, p. 167-178, 1991.

FRAZER, James G. **O ramo de ouro** [1890]. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. **A seleção de cantos para o culto cristão**: critérios obtidos partir do estudo da tensão entre tradição e contemporaneidade na história da música sacra cristã ocidental. Tese (Doutorado em Teologia). Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1998.

GANDRA, Valdinei Ramos; WESTPHAL, Euler Renato. Assembleia de Deus: Questões identitárias na criação do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal – CEMP. **Estudos teológicos**, vol. 52, n. 2, 2013.

GESCHIERE, Peter. Feitiçaria e modernidade nos Camarões: alguns pensamentos sobre uma estranha cumplicidade. **Afro-Ásia**, 34, p. 9-38, 2006.

GIUMBELLI, Emerson. **O fim da religião**: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. São Paulo: Attar Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. O baixo espiritismo e a história dos cultos mediúnicos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 247-281, julho de 2003.

\_\_\_\_\_. A presença do religioso no Espaço Público: modalidades no Brasil. **Religião e Sociedade**, vol. 28, n.2: 80-100, 2008.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais**: um estudo sobre a cura através da palavra. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

GUERREIRO, Clayton. **“À Assembleia de Deus vem comigo”**: as disputas dos assembleianos no campo religioso brasileiro na primeira metade do século XX. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, Rio de Janeiro, 2015.

HADDEN, Jeffrey K. **Parachurch Organizations**. New Religious Movements Lectures. Department of Sociology, University of Virginia, 1999.

JOÃO DO RIO (Paulo Barreto). **As religiões no Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

KERR NETO, Guilherme. **Música e Adoração**: princípios para afinar o seu Louvor. In: HORRELL, J. Scott. *Ultrapassando Barreiras*. São Paulo: Vida Nova, p. 29-46, 1995.

LANGDON, Jean. Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: A Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs. **Ilha - Revista de Antropologia**, 2006.

LIMA, Éber Ferreira Silveira. Reflexões sobre a “corinhologia” brasileira atual. **Boletim Teológico**, n. 14. Porto Alegre: Fraternidade Teológica Latino-Americana, 1991.

MAFRA, Clara. Distância Territorial, desgaste cultural e conversão pentecostal. In: ALMEIDA, Ronaldo; MAFRA, Clara. (Orgs.). **Religiões e cidades**: Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo: Editora Terceiro Nome, p. 69-89, 2009.

\_\_\_\_\_. O problema da formação do “cinturão pentecostal” em uma metrópole da América do Sul. **Interseções**, Rio de Janeiro, v. 13 n. 1, p. 136-152, jun. 2011.

MAGGIE, Yvonne. **Medo do feitiço**: relações entre magia e poder no Brasil, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1992.

MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg. **A grande onda vai te pegar**. Marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church. 1. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

MARASCHIN, Jaci Correa. O canto e a expressão da vida: música popular brasileira e culto evangélico. **Cadernos de Pós-graduação**, n. 2, São Bernardo do Campo, fev. 1983.

MARRA, Cláudio. **Bíblia de estudo de Genebra**. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos avançados**. vol.18, n.52, p. 121-138, 2004.

\_\_\_\_\_. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola. 2005.

\_\_\_\_\_. Pentecostais em Ação: a Demonização dos Cultos Afro-Brasileiros. In: SILVA, Vágner Gonçalves da (org). **Intolerância Religiosa**: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-Brasileiro. São Paulo: Edusp, p. 119-148, 2007.

MARIZ, Cecília. Teologia da Batalha Espiritual: Uma Revisão da Bibliografia. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. n. 47, 1, p. 33-48, 1999.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, Pajés, Santos e Festas**: Catolicismo popular e controle eclesial. Belém: CEJUP, 1995.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo [1935]. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo, EPU/EDUSP, vol. 2, p. 209-234, 2003.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir**. A inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.

MENEZES, Jonathan. **As metamorfoses do sagrado no protestantismo brasileiro**: o caso da Igreja Presbiteriana Independente Filadélfia Londrina (1972-2008). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, Paraná, 2009.

MONTERO, Paula. **Da doença à desordem**: a magia na Umbanda. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. Religião, Pluralismo e Esfera Pública no Brasil. **Novos Estudos, Cebrap**, nº 74: p. 47-65, 2006.

\_\_\_\_\_. Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil. **Etnográfica**, vol. 13 (1), 2009.

\_\_\_\_\_. “Controvérsias Religiosas e Esfera Pública: repensando a religião como discurso”. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 32(1): 167-183, 2012.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Brasil**, Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a Cruz e a Encruzilhada**. São Paulo: Edusp, 1996.

NEVES, Talita Viana. **Congados, capitães e curadores**: males, proteções e práticas de cura em Itapeverica – MG. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2014.

NOVAES, Regina. Errantes do novo milênio: salmos e versículos bíblicos no espaço público. In: BIRMAN, Patrícia; LEITE, Márcia (orgs.). **Religião e espaço público**. São Paulo: Attar, 2003.

\_\_\_\_\_. Ouvir para crer: os Racionais e a fé na palavra. **Religião e Sociedade**, 20(1): 65-92, 1999.

\_\_\_\_\_. Juventude, religião e espaço público: exemplos “bons para pensar” tempos e sinais. **Religião e Sociedade**, vol. 32, n. 1, 2012.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e Afro-brasileiros: Quem Vencerá Esta Guerra?. **Debates do NER**, n. 1. PPGAS, Porto Alegre, p. 10-37, 1997.

\_\_\_\_\_. Neopentecostalismo: dinheiro e magia. **Ilha** - Florianópolis, vol. 3, a.1, p. 71-83, novembro de 2001.

\_\_\_\_\_. Intolerância Religiosa Iurdiana e Reações Afro no Rio Grande do Sul. In: SILVA, Vágner Gonçalves da (org). **Intolerância Religiosa**: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-Brasileiro. São Paulo: Edusp, p. 29-70, 2007.

PAULA, Wesley Américo Bergamin Granado de. “**Assembleia de Deus avante vai!?**”: Transformações e tensões na construção da identidade da igreja evangélica Assembleia de Deus no Brasil (1911-1980). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, 2013.

PEREIRA, Reinaldo Arruda. **Igreja Batista da Lagoinha**: trajetória e identidade de uma corporação religiosa em processo de pentecostalização. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, São Bernardo do Campo, 2011.

PINHEIRO, Márcia Leitão. Música, religião e cor – uma leitura da produção de Black Music Gospel. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 27(2): 163-180, 2007.

PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do Axé**. São Paulo, Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. **Revista Usp**, São Paulo, n.50, p. 46-63, junho/agosto 2001.

RABELO, Miriam. Rodando com o Santo e queimando no Espírito: possessão e a dinâmica de lugar no Candomblé e Pentecostalismo. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 7, n. 7, p. 11-37, setembro de 2005.

REINHARDT, Bruno M. N. **Espelho ante espelho**: a troca e a guerra entre o neopentecostalismo e os cultos afro-brasileiros em Salvador. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2006.

RICCI, Maurício. Glossolalia, iniciação e alteridade no pentecostalismo. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 16, 2007.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil**: uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis: Vozes, 1985.

ROSAS, Nina. Religião, mídia e produção fonográfica: o Diante do Trono e as disputas com a Igreja Universal. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 33(1): 167-194, 2013.

SANCHIS, Pierre. Inculturação? Da cultura à identidade, um itinerário político no campo religioso: o caso dos agentes de pastoral negros. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 20(2): 55-72, 1999.

RODRIGUES, Nina. **O animismo fetichista dos negros baianos** (org. MAGGIE, Yvonne; FRY, Peter). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Editora UFRJ, 2006.

ROTHBERG, Danilo; DIAS, Mariane Bovoloni. Religião, política e eleições na Folha Universal. **Intertexto**, n. 27, 2012.

SANTOS, Lyndon de Araújo. **Os Mascates da Fé**: Contexto e Cotidiano da Igreja Evangélica Fluminense (1855-1900). Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, São Bernardo do Campo, 1995.

SCHELIGA, Eva Lenita. **Educando sentidos, orientando uma práxis** – etnografia das práticas assistenciais de evangélicos brasileiros. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2010.

SCHRITZMEYER, Ana Lucia Pastore. **Sortilégios de saberes**: curandeiros e juízes nos tribunais brasileiros. São Paulo: Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, 2004.

SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. **“De bem com a vida”**: O sagrado num mundo em transformação. Um estudo sobre a Igreja Renascer em Cristo e a presença evangélica na sociedade brasileira contemporânea. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2001.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica. **Revista Usp**, São Paulo, n.67, p. 150-175, setembro/novembro 2005.

\_\_\_\_\_. Continuidades e Rupturas entre Neopentecostalismo e Religiões Afro-brasileiras”. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). **As Religiões no Brasil**: Continuidades e Rupturas, p. 207-228. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. Exu do Brasil: tropos de uma identidade afro-brasileira nos trópicos. **Revista de Antropologia**, v. 55, n. 2, 2012.

SOARES, Luiz Eduardo. “A Guerra dos Pentecostais contra o Afro-brasileiro: Dimensões Democráticas do Conflito Religioso no Brasil”. **Comunicações do Iser**. n. 44, p. 43-50, 1993.

SOUZA, Edilson Soares de. **Cristãos em confronto**: discórdias entre intelectuais religiosos num Estado não confessional (Brasil 1890-1960). Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2012.

SOUZA JUNIOR, Milton Rodrigues de. **Cantai e multiplicai-vos...**: Estudo da Harpa Cristã como instrumento de expansão da missão no pentecostalismo no Brasil (1910-1970). Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, São Bernardo do Campo, 2011.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. **Da controvérsia às práticas**: conjugalidades, corpo e prosperidade como razões pedagógicas na Igreja Universal. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2012.

THÉVENOT, Laurent. **L’action au pluriel**: sociologie des régimes d’engagement. Paris: Éditions La Découverte, 2006.

VANDENBERGUE, Frédéric. Construção e crítica na sociologia francesa. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 315-366, mai/ago. 2006.

VELLOSO, Mônica Pimenta. As tias baianas tomam conta do pedaço. Espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 6, p.207-228, 1990.

VICENTE, Eduardo. **Música e disco no Brasil**: a trajetória da indústria nas décadas de 80 e 90. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2001.

VICENTINI, Erica de Campos. **A produção musical evangélica no Brasil**. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2007.

VITAL DA CUNHA, Christina. “Traficantes evangélicos”: novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas. **PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v.15, p. 23-46, 2008.

\_\_\_\_\_. Da macumba às campanhas de cura e libertação: a fé dos traficantes de drogas em favelas no Rio de Janeiro. **Tomo**. São Cristóvão-SE. Nº 14. jan./jun. 2009.

WACQUANT, Loïc. Seguindo Pierre Bourdieu no campo. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 26, p. 13-29, jun. 2006.

ZALUAR, Alba. Milagre e castigo. **Religião e Sociedade**, v. 5, Rio de Janeiro: Editora Tempo e Presença, 1980.

VINGREN, Ivar. *Diário do pioneiro*. 5 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

ZIBORDI, Ciro Sanches. **Mais erros que os pregadores devem evitar**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

## 2. Periódicos:

Jornal *Boa Semente*. Rio de Janeiro (RJ), 1925.

Jornal *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro (RJ). 1931, 1932, 2008 e 2009.

## 3. Sites e blogs:

Anpocs: <http://www.anpocs.org.br>

Associação Cultura Axé e Luz: <http://acaluz1.blogspot.com.br/>

Associação Vitória em Cristo: <http://www.vitoriaemcristo.org/>

Blog Edir Macedo: <http://www.bispomacedo.com.br/>

Caio Fábio: <http://www.caiofabio.net>

Catedral do Avivamento: <http://catedraldoavivamento.com.br/>

Celebrai Music: [www.celebraimusic.com.br](http://www.celebraimusic.com.br)

Central Gospel: [centralgospelmusic.com.br/](http://centralgospelmusic.com.br/)

Christian Post: <http://portugues.christianpost.com>

Comunidade Umbanda: <http://comunidadeumbanda.blogspot.com.br>

CPAD: [www.editoracpad.com.br](http://www.editoracpad.com.br)  
Facebook Joel da Celebrai: <https://web.facebook.com/joel.celebrai>  
Facebook Leandra Nascimento: [web.facebook.com/leandranascimentocasadissima](https://web.facebook.com/leandranascimentocasadissima)  
Facebook Vigilhão da Celebrai: <https://web.facebook.com/vigilhaodacelebrai>  
Gazeta: <http://gazetaweb.globo.com>  
Genizah: <http://www.genizahvirtual.com>  
Gospel Prime: [www.gospelprime.com.br](http://www.gospelprime.com.br)  
Instagram Joel da Celebrai: <https://www.instagram.com/joelcelebrai/>  
Instagram Leandra Nascimento: <https://www.instagram.com/leandranascimento34/>  
IURD: <http://sites.universal.org/tvuniversal/>  
Jesus Manero: <http://jesusmanero.blog.br/>  
Jornal Extra: <http://extra.globo.com/>  
Line Records: [www.linerecords.com.br/](http://www.linerecords.com.br/)  
Marco Feliciano: <http://www.marcofeliciano.com.br/>  
Mk Music: [www.mkmusic.com.br/](http://www.mkmusic.com.br/)  
Não Salvo: <http://www.naosalvo.com.br/>  
O fuxico gospel: <http://www.ofuxicogospel.com/>  
Página do Facebook: Eu sou do Reteté, dos Mantos e dos Mistérios.  
Pinterest: <https://www.pinterest.com>  
Portal do Trono: <http://www.portaldotrono.com>  
Revista Época: <http://revistaepoca.globo.com/>  
Sidnei Moura: [sidneimoura.blogspot.com](http://sidneimoura.blogspot.com)  
Teologia Pentecostal: <http://www.teologiapentecostal.com>  
Twitter Leandra Nascimento: <https://twitter.com/leandranas34>  
Twitter Marco Feliciano: <https://twitter.com/marcofeliciano>  
Twitter Silas Malafaia: <https://twitter.com/pastormalafaia>  
Vereador Mazinho: <http://mazinhoatitude.blogspot.com.br>  
Web Evangelista: <http://webevangelista.blogspot.com.br>  
Youtube: [www.youtube.com](http://www.youtube.com)

#### **4. Vídeos:**

DVDs da Celebrai. Diversas edições.